

Chimera

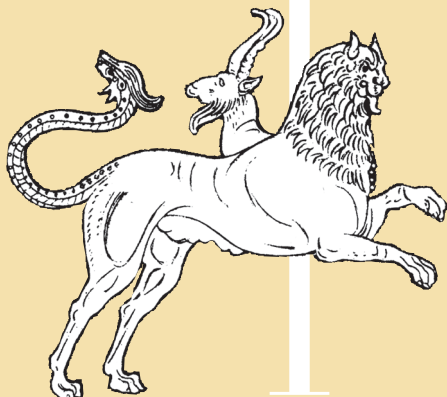
Textos

Henry Fielding

Jonathan Wild, o Grande

Introdução, tradução e notas

João M. de Sousa Nunes



University of Lisbon Centre for English Studies
Centro de Estudos Anglisticos da Universidade de Lisboa

TEXTOS
CHIMAERA



TEXTOS CHIMAERA

DIRECÇÃO

João Almeida Flor
Isabel Fernandes
Teresa Malafaia

TÍTULO

História da Vida do Falecido Sr. Jonathan Wild, o Grande

INTRODUÇÃO, TRADUÇÃO E NOTAS

João M. de Sousa Nunes

DESIGN, PAGINAÇÃO E ARTE FINAL

Inês Mateus – kimail@ip.pt

EDIÇÃO

Centro de Estudos Anglísticos
da Universidade de Lisboa

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

Textype

TIRAGEM 500 exemplares

DEPÓSITO LEGAL 191 400/03

PUBLICAÇÃO APOIADA PELA

FUNDAÇÃO PARA A CIÊNCIA E A TECNOLOGIA

HISTÓRIA DA VIDA DO FALECIDO SR. JONATHAN WILD, O GRANDE

Henry Fielding

Introdução, Tradução e Notas

João M. de Sousa Nunes

Centro de Estudos Anglísticos da Universidade de Lisboa

2002

Índice

Introdução	9
Relação de Livros e Capítulos	29
História da vida do falecido sr. Jonathan Wild, o Grande	35
Notas	215
Bibliografia breve	247

Introdução

O crescente interesse, na Europa do século XVIII, por factores determinantes de uma expansão do crime paralela à de muitas cidades encontra naturais incidências no romance moderno, que conhece decisivo surto na primeira metade desse século. Com a sua apetência por personagens diferenciadas, designadamente de anti-heróis, por temas actuais e por técnicas narrativas largamente inspiradas na epistemologia empirista, alguns pioneiros da *novel* optaram mesmo, amiúde, não só por situar personagens fictícias em cenários verídicos, mas também por fundir numa mesma focagem ‘biografista’ dados reais e faccionais de determinados protagonistas – nomeadamente quando estes se apresentam com perfil de delinquentes. Defoe é o exemplo mais acabado dessa opção, que o leva, inclusive, a autenticar como ‘*histories*’, ou como biografias de ostensivamente apregoado método histórico, duas narrativas, hoje pouco divulgadas, sobre Jonathan Wild, publicadas no mesmo ano em que este foi condenado à forca (1725).¹ O título completo da segunda, a mais relevante e também mais inequivocamente de sua autoria, é significativo na sua extensão acentuadora de um directo valor testemunhal. Nela, como já fizera, por exemplo, em *A Journal*

¹ Respectivamente *The Life of Jonathan Wild from his Birth to his Death*, assinada com as iniciais H. D. (mas por vezes atribuída ao autor de *Robinson Crusoe* e de *General History of the Pirates*), e *Account of the Life and Actions of the Late Jonathan Wild, Not Made up of Fiction and Fable, but Taken from His Own Mouth and Collected from Papers of His Own Writing*. Na respectiva edição indicada na Bibliografia, David Nokes refere em apêndice dezassete publicações sobre Wild (entre ensaios, biografias, memórias confessionais, panfletos, baladas e diversas composições em verso, além de relatos mais ou menos verdadeiros do julgamento de Wild), saídas entre Abril e Julho de 1725. Mas muitas outras foram depois produzidas. Algumas apregoavam exclusiva autenticidade, outras tinham índole satírica com foros de crónica historiográfica, outras ainda inseriam-se numa perspectiva sociológica alargada. Neste último caso se podem incluir quatro artigos de *Philanthropus* (Bernard Mandeville) no *British Journal* de 27-II a 27-III, depois desenvolvidos no panfleto *An Inquiry into the Cause of the Frequent Execution at Tyburn* (Abril de 1725). O retrato de Defoe incluído na ed. de Nokes não escapa a certa ambiguidade, por exemplo ao caracterizar as acções de Wild como ‘eminentes’, sem que tal linguagem pareça irónica ou condizente com o teor do título (cf. p. 229). Tal ambiguidade decerto contribuiu para as reservas de Fielding ao aludir ao texto do seu contemporâneo no Prefácio *Miscellanies*. Cf. Introdução de Bertrand A. Goldgar, *op. cit.* na Bibliografia, pp. xxiv e xxv.

of the Plague Year e *Memoirs of a Cavalier*, o autor prossegue a deliberada miscigenação memorialista de factos com ficção. Perspectiva diferente, contudo, é a de Fielding ao tratar da mesma figura de Wild, o primeiro notório organizador de crimes na capital inglesa e um dos mais mal-afamados criminosos britânicos de todos os tempos. O qual viria a ser executado, depois de alegada confissão das suas acções a Defoe e de uma assombrosa carreira em que adoptara a máscara de *'tief-taker General of Great Britain'* para melhor conviver com a então incipiente polícia de Londres. Como faz empenho em esclarecer no seu Prefácio da primeira edição (1743) e se mantém no *'Advertisement from the Publisher to the Reader'* da segunda (1754), saída meses antes da sua morte em Lisboa, Fielding rejeita enfaticamente qualquer pretensão historicista em *History of the Life of the Late Mr. Jonathan Wild, the Great*. E, com efeito, logo no título da obra (menos extenso do que o de Defoe e sem as típicas preocupações explicativas, veristas e defensivas deste), aflora o tom irónico, de burlesca simulação historiográfica: ao mesmo tempo que o anti-herói é colocado ao nível dos 'Grandes', a adulação de certos biógrafos e historiadores oficiais ou oficiosos é deflacionada por via da implícita degradação desses 'Grandes', ao serem julgados pelo autor, desde o início e ao longo da narrativa, companhia adequada ao 'Sr. Wild'. Não que Fielding desprezasse o papel e o rigor da histografia. Muito pelo contrário: era o seu apreço por ambas as coisas que em parte o levava à sátira contra o pseudo-histórico e a subserviente atribuição de valor heróico a figuras como Alexandre da Macedónia e Júlio César, entre os antigos, ou Carlos XII da Suécia e Luís XIV de França, entre os modernos. No seu *Diário de uma Viagem a Lisboa*, por exemplo, confessa mesmo maior preferência por sóbrias narrativas históricas em relação até às epopeias de Homero, que tanto estimava, o que não é desmentido pelo catálogo da sua biblioteca, recentemente publicado.² Mesmo nos romances, tal preferência emerge obliquamente quando os

² Cf. Henry Fielding, *Journal of a Voyage to Lisbon*, ed. A. R. Humphreys, 'Everyman Library', Dent, Londres, 1973, reimp. 1976, pp. 185-86; e Frederick G. Ribble e Anne G Ribble, eds., *Fielding's Library: An Annotated Catalogue*, The Bibliographical Society of the University of Virginia, Charlottesville, 1996. Das cerca de seiscentas e oitenta obras da biblioteca de Fielding, a maioria (aproximadamente duzentas) cabe na área da historiografia, incluindo biografias, memórias e afins; é o caso da *História de Portugal* de Jerónimo Osório da Fonseca (na tradução de 1752 do arquitecto James Gibbs) e da

associa ao seu favorito paradigma ficcional moderno, *Don Quichote de la Mancha*, metaforicamente descrito como ‘história geral da humanidade’ em *Joseph Andrews* (anunciado este na página de rosto como ‘escrito à maneira de Cervantes’).³ Fiel à formação classicista de Augustano, consideravelmente distinta da matriz puritana de Defoe, o autor de *Tom Jones* deixa ocasionalmente perceber a sua repugnância pela confusão, eventualmente oportunista, dos gêneros literários e das modalidades de escrita. Essa, aliás, uma das razões porque faz intervir regularmente a voz do narrador naquelas suas obras, explicitando ou implicando limites na ilusão verista e abdicando resolutamente da possibilidade de buscar a verdade apenas através dos processos de mimesis empirista cada vez mais na ordem do dia.

Fielding não estava tão-pouco interessado numa pose de historiador aparentemente justificativa de novos contributos para a voga das crónicas que pareciam ampliar a auréola mítica de Wild. No seu Prefácio aos três volumes de *Miscellanies* (no terceiro do qual se inclui a sátira de simulação histórico-heróica que o toma por assunto), a afirmação de que não pretende competir com ‘esse excelente historiador’ (provavelmente Defoe) é decerto irónica em relação a este e aos ‘documentos e registos autênticos’ pelo mesmo apregoados. Pretextando ‘não ter as luzes necessárias’ para obter efeito idêntico, diz contentar-se com ‘certas crónicas chamadas jornais, mesmo que a respectiva autoridade tenha sido por vezes posta em dúvida’, e com o testemunho do capelão da prisão de Newgate – modo discreto de colocar reservas à autoridade dos auto-proclamados historiadores de Wild.⁴ A ironia do autor, neste caso, envolve ainda as alusões ao protagonista como ‘o meu herói’ ou

Histoire des Revolutions de Portugal, do Abade Vertot (Londres, 1730, reed. 1752, primeiro publicada em 1689 com o título *Histoire de la conjuration de Portugal* e depois alargada em edição de 1711). Também abundantes mas em menor número (cento e vinte e sete) são as obras de direito, jurisprudência e jurídico-políticas.

³ Cf. *Joseph Andrews*, ed. Martin C. Battestin, *Wesleyan Edition of the Works of Henry Fielding*, Oxford (U. Press), 1967, 111, i, p. 188. Este é o primeiro romance publicado pelo autor, em 1742.

⁴ Todas as referências ao Prefácio de Fielding em *Miscellanies* são por mim citadas e traduzidas do respectivo texto no *Volume One* da *Wesleyan Edition*, ed. de Henry Knight Miller, Oxford (U. Press), 1972, reimp. 1979, pp. 3-15. As pp. 8-10 e 11-15 incluem as passagens a seguir citadas.

‘grande homem’, assim como ao respectivo sofrimento neste mundo e no outro, inerente a uma ‘sublimidade’ partilhada com os seus pares, além de uma retórica de sinceridade que faz ressaltar a ignóbil verdade do visado, porventura obscurecida pela profusão de glosas historiográficas. Por sua parte, Fielding assume sem rodeios a dimensão ficcional, de poética especulação a partir de meras possibilidades e não a dimensão histórica, baseada em particulares conhecidos ou inéditos:

Para confessar a verdade, relato antes acções que ele [Wild] poderia, deveria ou gostaria de ter realizado, e não as que na realidade levou a cabo; acções hipotéticas mas que, de facto, não destoariam no currículo de qualquer outro grande homem, como não destoam no da pessoa que dá o título à minha narrativa.

Uma segunda advertência ao leitor é a seguinte: não sendo o meu retrato muito fiel ao Jonathan Wild da vida real, tão-pouco pretende ser o de qualquer outra pessoa. A patifaria, e não um patife em particular, eis o que me serviu de assunto. Longe andei de o conformar a um único indivíduo; bem ao invés, usei até todo o engenho de que fui capaz para evitar tal coisa. Por isso seria injusto o leitor, sobretudo se deste vasto mundo tem experiência, querer aplicar tal retrato a alguém em especial, pois, estou em crer, seguramente conhece mais de uma pessoa de quem a imagem resultante dá parecenças.

Em terceiro lugar, solenemente defendo não ter tido, de modo nenhum, a intenção de representar a globalidade da natureza humana através do meu herói... Alguns escritores sem escrúpulos têm considerado Newgate uma montra da Natureza, tal como esta é sem qualquer máscara ou disfarce, o que eu não faço nem faria por preço algum. Penso, todavia, que se desculpará a suspeita de os esplêndidos palácios dos Grandes muitas vezes não serem mais do que Newgate disfarçada por uma máscara de conveniência.

Esta passagem do Prefácio de *Miscellanies* é, a vários títulos, representativa de uma perspectiva ética e estética consistentemente explorada ao longo de toda a obra do autor. Vale a pena transcrevê-la por isso, tanto mais que, embora contribua para a compreensão de *Jonathan Wild*, o mesmo Prefácio é frequentemente omitido em edições da narrativa. A parte final tem também particular importância, não só por documentar preocupações centrais em Fielding, mas ainda por estas percorrerem, como tema dominante, a

presente sátira. O tema da grandeza, do heroísmo e da sublimidade é, aliás, debatido por diversos escritores setecentistas – a propósito, nomeadamente, das epopeias antigas. No referido Prefácio, o escritor toma então como pressuposto o facto de a grandeza não implicar necessariamente bondade e de muitos atingirem aquela afastando-se desta:

Nada me parece mais absurdo do que... procurarem os homens falsas honras, mesmo tendo de trilhar caminhos assim perversos e escabrosos; pois sendo tão fácil, segura e verdadeiramente honrosa a bondade, por que razão hão-de eles passar por tantas dificuldades, tantos perigos e verdadeiras infâmias para serem grandes ou, se usarmos um sinónimo, patifes?

Por um lado, a bondade traz não só mais honra como mais prazer e felicidade a quem prossegue na sua via, sendo a culpa e o medo o preço a pagar pelo desonroso engrandecimento: ‘Eis a doutrina que procurei inculcar através da presente história, ao mesmo tempo que mantive esta dentro dos limites da probabilidade’. Ponderação que terá pesado sobretudo em 1754, levando o autor a excluir da segunda edição a parte mais extensivamente burlesca da saga marítima da Sr.a Heartfree. Em relação a essa parte (IV, ix), de resto, já alertara no Prefácio de 1743: ‘Excepto num capítulo, creio não ter excedido esses limites, mas tal capítulo é claramente apresentado como burlesco, parodiando usuais relatos de viagens’. Reconhecendo embora que algumas pessoas obtêm honra e prazer na prossecução da ‘grandeza’, considera o escritor que essa obtenção é muitas vezes passageira e ameaçada. Por outro lado, nota que ‘grandeza’ e ‘bondade’ são palavras amiúde confundidas, o que explica a noção, cara aos Augustanos, de que corrupção linguística e cultural anda geralmente a par de corrupção política e civilizacional. Para ele, de facto, as características, expressas por tais palavras, não podiam ser mais distintas:

Assim como não se pode duvidar que benevolência, honra, honestidade e caridade formam um homem bom, e que inteligência associada a coragem é determinante de um grande homem, tão-pouco há que admitir alguma analogia entre os respectivos atributos.

Um indivíduo pode ter atributos de uma daquelas dimensões sem ter os da outra, ou pode distinguir-se por uma variável mistura dos primeiros com

os segundos, como acontece (exemplificação do autor) com Sócrates e Bruto. Quando a mistura se processa no mais elevado grau, estaríamos perante o ‘verdadeiro sublime’ da natureza humana. Alguém cuja grandeza é falha de bondade ilustrará o ‘falso sublime’; tal como é de supor que alguém cuja bondade carece de alguns atributos de grandeza poderá ser vítima de depreciação (o que acontece, injustamente, a Heartfree, em *Jonathan Wild*).

Fielding complementa depois a sua clarificação temática no Prefácio que vimos citando, nomeadamente a propósito de vulgares confusões de linguagem e conceitos de sublimidade. Em vários dos poemas reunidos no primeiro dos três volumes de *Miscellanies* (especialmente ‘Of True Greatness’ e ‘Of Good Nature’, com o que o mesmo começa), em *Vernoniad* e alguns dos seus artigos nos jornais que dirigiu, o tema da diferenciação entre grandeza e bondade torna-se também preponderante e articula-se naturalmente com a sátira a Wild e outros ‘notáveis’ ou falsos sublimes da história humana.⁵ Mas o debate sobre o heroísmo, a grandeza e a sublimidade, com referência, inclusive, à epopeia antiga e ‘pagã’, ecoa em todo o século XVIII. Apesar de persistir a veneração pelos épicos da Antiguidade (reflectida por Fielding, por exemplo, na genealogia que no Prefácio de *Joseph Andrews* apresenta este romance como epopeia cómica em prosa e descendente de *Margites*, de Homero), um número crescente de setecentistas reconhece a impossibilidade de então se escrever epopeias tradicionais, à maneira dos antigos, e de harmonizar paradigmas de heroicidade pagã com os valores cristãos, por muito apagados que estes estivessem. Problema já sentido por Milton, no século anterior, ao ponderar sobre possíveis assuntos para uma epopeia, e aflorado por outros escritores durante o Período Augustano. Precisamente por notarem esse apagamento e o que entendiam ser a degradação dos tempos, repetidamente vistos como uma ‘*leaden age*’, alguns deles consideram mais viável a sátira ou a tragédia, ainda que cada um destes dois modos

⁵ Cf., por exemplo, *The Champion* (dos quatro jornais em que exerceu funções de chefia, o único não publicado na ed. Wesleyan), 17-XI-1739 e 3-VI-1740; *The Vernoniad* (I-1741, p. 10); e *Dialogue between Alexander the Great and Diogenes the Cynic* (data de composição incerta e publicado no *Volume One* de *Miscellanies*, pp. 226-35). Nestes e noutros textos, Carlos XII surge associado a vários déspotas antigos e modernos, ávidos de prolongar os respectivos nomes à custa da paz e integridade de povos e países.

pudesse aparecer fundido, como de facto sucedeu, nos novos e maleáveis moldes do romance moderno.⁶

Fielding não tinha quaisquer dificuldades em conhecer os factos essenciais da vida de Wild, amplamente divulgados na imprensa, em brochuras e panfletos, ou através da conversação vulgar. Mas pelos motivos apontados, só um número restrito de aspectos básicos da respectiva *carreira* foi aproveitado, com manifestas liberdades ficcionais, na elaboração da sua sátira. Aqueles factos essenciais desenvolveram-se em duas fases principais. A primeira é localizável na cidade natal de Wolverhampton, no Staffordshire, onde Wild, nascido em 1683 de uma família pobre e respeitável, frequentou a *Free School* durante pouco tempo, antes de servir como aprendiz numa oficina de fivelas. Da sua cidade partiu para Londres, ao que parece fugindo à acusação de um crime e deixando a primeira mulher, Amy. A segunda fase decorreu na capital, onde seria preso pouco tempo depois da sua chegada, ao que se julga por vagabundagem ou dívidas. Durante os quatro ou cinco anos então passados na prisão de *Compter*, em *Wood Street*, formou uma parilha com Mary Milliner, ladra e prostituta com quem casou, dedicando-se já em plena cadeia a acções criminosas, entre as quais extorsão. O que lhe terá valido alguns proventos e até, paradoxalmente, o posto de responsável pelas chaves do cárcere assim como o livre trânsito nas respectivas dependências.

Uma vez em liberdade, a parilha prosseguiu na sua associação ilegal e lucrativa, sabendo-se que em 1708 Wild passara, sobretudo, a desempenhar funções de receptador, denunciante e chefe de quadrilha. Nessas funções parece ter prosperado até ser finalmente preso, julgado e executado em 1725. Os delitos contra ele invocados no julgamento constam de onze '*Informations*' noticiadas no *Political State of Great Britain*, que podem

⁶ Richardson, por exemplo, aborda a mesma questão no 'Postscript' de *Clarissa, or: The History of a Young Lady*, concluindo pela justificação deste seu romance e da sua patente índole trágica. Cf. ed. de John Butt, 'Everyman Library', n.º 885, Dent, Londres, 1932, reimp. 1968, quarto e último volume, pp. 552-56 e 558. Fielding, como é bem sabido, não poupou críticas ao primeiro romance de Richardson, *Pamela*, mas foi sincero admirador daquele segundo, o qual, aliás, não deixa de ter alguma afinidade com *Jonathan Wild*, na medida em que as duas narrativas, tão diversas em múltiplos aspectos, são estudos da malignidade humana, inclusive a alimentada por uma húbri de engrandecimento egocêntrico.

resumir-se assim: 1) estivera envolvido, durante muitos anos e até então, em associação criminosa com grande quantidade de salteadores, ladrões e vigaristas; 2) formara e dirigira uma espécie de corporação de ladrões, levando, no entanto, alguns deles à força se não partilhavam com ele o produto dos roubos, mas pretendendo que o fazia na qualidade de zeloso detective e amante da justiça; 3) dividira a capital e o país em áreas, distribuindo estas aos seus vários bandos, que regularmente lhe prestavam contas das suas operações, ocupando-se um dos bandos também das igrejas durante as celebrações religiosas, outro dos festejos na corte, outro ainda dos edifícios do Parlamento e havendo mesmo um que ‘fazia’ as feiras e os tribunais; 4) empregara principalmente gente com cadastro, especialmente pessoas fugidas dos campos de trabalhos forçados nas colónias, porque não podiam legalmente depor contra ele, que tinha até possibilidade, abusando da situação, de as privar de bens roubados e de as trazer à força quando e como lhe apetecesse; 5) fornecera ocasionalmente dinheiro e agasalho a tais pessoas, permitindo-lhes também que se escondessem em sua casa, particularmente quando procuradas por falsificação de moeda; 6) além do mais, participara frequente e directamente em roubos nos últimos quinze anos; 7) durante esse período, e para ganhar crédito junto da multidão, munira-se de um bastão de prata, exibindo-o como símbolo de autoridade alegadamente concedido pelo governo, até em acções de furto; 8) gerira vários armazéns nos quais guardava o produto dessas acções e objectos receptados, possuindo ainda um barco destinado a transportar tais bens para a Holanda, onde um antigo ladrão lhe servia de feitor; 9) mantivera vários artistas a soldo para alterarem ou transformarem relógios, anéis, caixas de rapé e outros objectos de valor, de modo a impedir que fossem reconhecidos depois de furtados, vários dos quais oferecia a pessoas que pensava poderem vir a ser-lhe úteis; 10) raramente devolvera notas, papéis ou documentos aos respectivos donos, a menos que estes fossem capazes de os descrever com exactidão, insistindo ele então em receber mais de metade do valor correspondente; 11) vendera frequentemente vidas humanas, arrançando depoimentos falsos e jurando a culpa de certas pessoas, inocentes ou não, para evitar que testemunhassem contra ele ou para obter a recompensa prometida pelas autoridades.⁷

⁷ Cf. Irwin, *op. cit.* na bibliografia, pp. 4 - 11.

A despeito do ódio popular e de uma lei, aprovada pelo Parlamento em 1718, provavelmente a pensar em Wild e que considerava crime receber recompensas por restituição de bens roubados, o visado conseguiu subtrair-se à justiça durante mais sete anos. Em vez de recompensas passou a receber ‘presentes’ – quer dos donos dos bens quer dos autores dos furtos. Os jornais continuaram a publicar listas dos objectos em falta (frequentemente por acção dos bandos de Wild), juntamente com anúncios de alvíssaras e a morada do *tief-taker* (inclusive a prisão de Old *Bailey*, quando ele aí esteve detido), considerado adequado recipiente da desejada informação. De vez em quando, eram também divulgadas listas de pessoas suspeitas de crimes e capturadas por Wild – não raro membros de bando rivais, ou rebeldes da sua própria quadrilha –, tarefa pela qual obtinha prémios chorudos. Por cada criminoso preso eram pagas quarenta libras, uma fortuna para a época.

O ressentimento da população atingiu o ponto culminante quando Wild deteve e originou a condenação de dois malfeitores algo populares, Joseph Blake, de alcunha *Blueskin*, e Jack Sheppard, famoso por sucessivas fugas de diversas prisões e várias vezes detido pelos bons oficiais ou por acção directa do ‘*tief-taker*’. O primeiro fizera parte da quadrilha de Wild, mas entrara em contencioso com ele por causa da partilha dos roubos; o segundo recusara a liderança de Jonathan. Um terceiro, elemento da quadrilha deste e de nome Roger Johnson, preso no início de 1725, foi libertado por força de um assalto à cadeia, conduzido por Wild, o que levaria finalmente a *Newgate* o também chamado ‘*tief-catcher*’. Este, não obstante, continuou a gerir os seus negócios e a aceitar ‘obséquios’ pela restituição de bens roubados; até que, por acumulação de flagrantes delitos, viu agravada a acusação contra si. Sem fiança e com encarceramento reforçado, aguardou julgamento, durante o qual invocou todos os ‘serviços’ prestados à justiça e ao estado na detenção de delinquentes. Ao que parece tal defesa acarretou-lhe mais prejuízo do que lhe granjeou atenuante; a pretensão de ver a pena substituída pelo degredo na América não foi satisfeita. Até morrer, em 15 de Maio, o condenado manteve conduta acobardada e desordeira. Na véspera da execução, terá perguntado se suicídio era crime e, no caso afirmativo, como se justificava ‘os nobres Gregos e os famosos Romanos’ terem passado à História com honra e glória. Depois de sobreviver a uma dose excessiva de láudano, viria a perecer perante a maior e mais hostil multidão que alguma vez assistira a uma execução em *Tyburn*. Defoe, que esteve presente, corrobora os

sentimentos dominantes de ódio e de alívio, já antes ventilados em baladas populares como a do poeta John Byrom.⁸

Ao elaborar não propriamente um alegórico encadeado de símbolos, mas uma história de intriga ironicamente sustentada e exemplificativa de vilania, que deliberadamente ultrapassava as circunstâncias específicas do Jonathan Wild da vida real, Fielding deixa transparecer, apesar do distanciamento burlesco, aqueles mesmos sentimentos. A sua satírica indignação, porém, percorre um espectro mais lato de matizes, que envolvem o protagonista, quase sempre falho de características positivas, oscilando em diversos graus de abominação, ridículo, sinistra ambição, pretensão, exibicionismo, impudor, crueldade e medo, por exemplo. Oscilação essa ampliada por repetidos insucessos, nomeadamente amorosos, e pela infeliz consciência do mal que o habitava. É certo que Fielding inseriu na sua história alguns pormenores verídicos, por exemplo relacionados com o ataque de Blueskin a Wild em *Newgate*, a tentativa do condenado para evitar a forca tomando láudano, certos incidentes no julgamento, uso de termos como ‘*prig*’ e passagens de discursos do *tief-taker* aos seus colaboradores, ou o registo da impressão nele causada por alguns ‘heróis’ da Antiguidade Clássica. Tais pormenores podiam-se encontrar em *Select Trials at the Old Bailey* (obra diversas vezes publicada, com extensão variável, em 1742 e já em anos anteriores), que se apresentava como fiel à realidade dos factos e de que Fielding possuía um exemplar.⁹ Da crítica implícita ou explícita a ‘grandes homens’ em narrativas como as de Gustavus Adlerfeld e de Voltaire sobre Carlos XII da Suécia, ou do corrente debate sobre o tema, tirou Fielding com certeza ensinamentos e sugestões.¹⁰ E de outras obras onde encontrava uma incisiva inversão burlesca

⁸ Cf. Nokes, *op. cit.*, pp. 259-60, em que se indica os nomes das sessenta e cinco pessoas (uma mulher e homens os restantes) referidos por Wild como tendo sido capturados e desterrados ou executados através da sua intervenção.

⁹ Cit. por Bertrand A. Goldgar na ‘General Introduction’ do volume terceiro de *Miscellanies* (cf. referências nas edições indicadas), p. XXIII e nota 4. Ver ainda ed. de Frederick e Anne G. Ribble já cit. (nota 2), pp. 286.

¹⁰ Carlos XII (1682-1718), a quem Pope alude em *Essay on Man*, IV, 11. 219-20 (*Heroes are much the same, the point's agreed, / From Macedonian's madman to the Suede*) também a par de Alexandre, ‘o Grande’, era uma versão contemporânea da antiga loucura de conquista. Fielding traduziu do francês o livro de Adlerfeld, *The Military History of Charles XII*,

de simulação heróica pôde ainda colher estímulo igualmente decisivo e harmonizável com a sua natural disposição de ironista, profundamente animado, aliás, por um apurado sentido de justiça e uma sólida formação jurídica. Basicamente, o autor toma como móbil uma figura de falsa grandeza e aplica-lhe o método tradicional, derivado de escritores logo de início citados (Plutarco, Nepos, Suetónio) e outros biógrafos de verdadeiros heróis ou de personagens como tal entronizadas. O que marca particularmente o burlesco dos primeiros capítulos, ao deter-se a narração, por exemplo, em antecedentes genealógicos, prodígios associados ao nascituro, fases típicas do processo educativo, incluindo um especial *grand tour* por colónias americanas, além de vários prenúncios do génio em capítulos posteriores exemplificados. A ironia burlesca assim prosseguida envolve alguns alvos ocasionais ou secundários e três alvos regulares ou principais. São estes o próprio biografado, cuja apoteose culmina na força; os implícitos biógrafos e historiadores que exaltam falsos heróis; e a espúria grandeza em que os mesmos falsos heróis históricos surgem irmanados com Wild. De passagem, vão aparecendo elementos colaterais de individualização satírica, geralmente exemplificativos de situações típicas ou de tipos humanos.¹¹ Por outro lado, as sequências de simulação heróica são frequentemente precedidas de, ou intercaladas com, observações e comentários não irónicos que se diria traduzirem directamente a voz do autor, ao mesmo tempo que funcionam como introdução ou charneira temática. Os dois parágrafos iniciais da narrativa, por exemplo, poderiam servir igualmente de introdução a um ensaio ou a uma obra não burlesca. Algumas passagens, apesar dos elementos burlescos noutros pontos recorrentes, prosseguem um debate não *verbalmente* irónico, o qual teria possibilidade de subsistir fora de qualquer tecitura ficcional: é o caso de I, xiv, que define ‘grandeza’ como ‘avidez que aumenta à medida em

e conhecia a tradução inglesa (1732) de *Historie de Charles XII* (1731), de Voltaire, tendo incluído passagens desta em notas da sua tradução (1740). Cf. Goldgar, *loc. cit.*, p. xx e notas 3, 4 e 5; e Frederick e Anne G. Ribble, *op. cit.*, pp. 5-6 e 286, onde vêm descritas, respectivamente, a versão francesa usada por Fielding para traduzir Adlerfeld e os quatro vols. de *Select Trials* da sua biblioteca.

¹¹ Um dos primeiros exemplos na narrativa é o de Titus Oates, o notório inventor perjurado da ‘Intentona Papista’ contra Carlos II e apropriadamente referido no terceiro parágrafo de I, iii como tendo baptizado Jonathan Wild.

que é saciada'. Outras passagens, menos dissociáveis da acção mesma da história, teriam cabimento num debate do mesmo tipo para desmitificar a noção de que tal saciamento traz a suprema felicidade: claro exemplo é o melancólico solilóquio de Wild em 11, iv. Noutras passagens ainda, o debate toma literal forma dialógica: é o que se pode ver em I, v, quando Wild e o conde La Ruse confrontam os méritos da 'grandeza' realizada em planos sociais distintos. Por vezes, emerge uma espécie de reverso do debate, quando não é a 'grandeza' que fica directamente em foco, mas a respectiva vítima – a qual pode reagir, como Heartfree em III, ii, com uma atitude filosófica identificável com a tradição consolatória. Porém, ocorrem também situações de virtualidades consolatórias para o 'herói', que resultam ironicamente frustradas, como nos diálogos matrimoniais de Wild ou na derradeira entrevista com o capelão de Newgate (III, viii; IV, li, e IV, xiv).

Ao longo da narrativa surgem ainda determinados enfoques nas vicissitudes da 'heróica' exaltação, a mais característica das quais será provavelmente o recorrente conflito entre facções. Este é ilustrado directamente através da contenda que opõe Wild a Blueskin (III, xiv) e das lutas pelo poder em *Newgate* (IV, iii), ou com recurso à simbologia alegorizante dos chapéus dos malfeitores (11, vi), análoga à dos sapatos da moda em Lilliput, na sátira de Swift.¹² Ocasionalmente, a ilustração simbólica da 'grandeza' toma a forma de um símile relativamente extenso, como em III, xi, em que os palcos do mundo político e do mundo do crime são equiparados. Noutros momentos, a ilustração pode processar-se por meio de amostras ou 'documentos' representativos que reflectem o carácter ignóbil da 'grandeza' e a envolvem numa comédia ridicularizante (por exemplo a carta de Wild a Laetitia, em 111, vi), ou que demonstram a hipocrisia frequente tanto em proeminentes como em obscuros espécimes da humanidade (cartas dos clientes de Heartfree, em 11, vii). Eventualmente, é suspensa a alternância dos capítulos, centrados ora no protagonista ora na sua vítima, dando lugar a uma espécie de interlúdio descompressor, preenchido por apontamentos susceptíveis de diversificar e generalizar os contornos de comédia. O mais flagrante exemplo disso é o capítulo xii do Livro II, quase completamente

¹² *Gulliver's Travels*, 1, iv (ed. de Peter Dixon e John Chalker, 'Penguin Books', Harmondsworth, 1967, reimp. 1985, p. 84).

ocupado com um conjunto de provérbios, dos quais só o primeiro e o último, aliás, se referem de modo directo ao tema dominante da ‘grandeza’.

Desde que Thomas Keighthy escreveu sobre Fielding no número 57 de *Frazer's Magazine* (em 1858) e, sobretudo, desde que J. E. Wells publicou (em 1913) o artigo citado na Bibliografia, tem sido geralmente aceite que a sátira de *Jonathan Wild* envolve o ‘grande’ homem da época, o primeiro-ministro Robert Walpole. A identificação do mundo do crime com o mundo político não era novidade em 1743; John Gay tirara amplo partido dessa identificação com *The Beggar's Opera* (1728) e, como vimos, Fielding prossegue-a genericamente em determinados passos de *Jonathan Wild*, nomeadamente em 111, xi. Após a execução de Wild e mesmo depois de Walpole ser afastado do poder, em 1742, os jornais retomam frequentemente a mesma analogia, colocando ambos no mesmo plano crítico.¹³ Por outro lado, como também observámos, o autor faz questão de sublinhar, tanto em 1743 como em 1754, que o seu protagonista não representa nenhum indivíduo em particular. O que me parece inegável; se o mesmo protagonista é essencialmente uma figura de ficção, embora se aproxime da realidade histórica em certos pormenores, ainda mais longe inevitavelmente está de constituir um retrato de Walpole do que de Wild. Reconhecer isto, porém, não significa anular automaticamente o paralelismo genérico a que se aludiu, reforçado, no caso dos dois homens, por um comum engrandecimento obtido à custa de notória corrupção. Fielding chega a nomear, de passagem, alguns déspotas que conseguiram tornar-se célebres por acções de grande ou criminosa violência; Walpole, cujos delitos são de outro tipo, nunca é referido pelo nome nem focado como alvo único e diferenciado. Por outras palavras: não sendo garantido que *Jonathan Wild* individualize especialmente o anterior primeiro-ministro, tão-pouco é possível excluí-lo da mira satírica implícita. De facto, toma-se difícil conceber que, optando por uma sátira genérica mas de ressonâncias previsíveis, Fielding quisesse de todo em todo evitá-las, ainda que o ‘grande’ homem da política inglesa recente pudesse estar, para o autor e para o comum dos leitores, numa categoria de delinquência menos extrema do que os alvos realmente individualizados e

¹³ Cf. Goldgar, ‘General Introduction’ em *Miscellanies, by Henry Fielding, Esq., Volume Three*, Wesleyan Edition, pp. xxvii e xxviii.

prioritários. Na segunda edição, mesmo um termo como *'prime-minister'* é generalizado para *'statesman'*.¹⁴ Uma passagem de 1743 (III, v) e mantida em 1754, de crítica à censura imposta aos escritores por certos 'grandes' homens, pode aplicar-se, mas não restringir-se, ao *Licensing Act* de 1737, com que o governo de Walpole pretendeu silenciar o teatro satírico de Fielding e dos seus contemporâneos. A mesma lata aplicação se poderá estender a outras possíveis observações, inclusive à resultante da frequente luta de facções ilustrada em diversos episódios já citados. Na medida em que aludam à prolongada contenda entre aquele governo e a oposição, nem um nem a outra saem airoso do confronto. Em 1743, de resto, Fielding podia não ter esquecido os aspectos negativos do primeiro, mas também podia ter visto dissipar-se a idealização que ajudara a projectar a segunda¹⁵. A dimensão política da sua sátira em *Jonathan Wild*, mesmo admitindo farpas a Walpole, será, pois, predominantemente genérica e não unilateral, nem tão individualizada como pareceu a J. E. Wells e àqueles que partilharam dos seus argumentos, nem tão partidária como em diversos textos antes escritos por Fielding, nomeadamente quando dirigia o jornal *The Champion*, da oposição.

De acordo com a interpretação de *Jonathan Wild* como obra especialmente hostil a Walpole tem sido usual dá-la por substancialmente concluída em 1741, antes de o autor manifestar claramente a sua desilusão com os adversários do primeiro-ministro na sátira *The Opposition*, surgida em Dezembro desse ano, e de passar a ver o 'grande' homem com mais tolerância. Aceitar a tendência recente para refutar essa especial hostilidade abre a possibilidade de o texto não ter sido iniciado ou corrigido antes da mesma data. Mas mesmo a primeira hipótese não é absolutamente afastada pela única certeza demonstrada quanto ao processo de composição: Fielding ainda se encontrava a escrever ou rever a narrativa na Primavera ou no Verão de 1742.¹⁶ Por esclarecer, fica, portanto, a por vezes alegada existência de

¹⁴ Sobre o conjunto de alterações introduzidas em 1754, ver o meu livro cit. na Bibliografia, cap. II, iii, pp. 39-46.

¹⁵ Cf. Goldgar, loc. cit, pp. xxxi c xxxii; e *Journal of a Voyage to Lisbon*, em que Fielding acaba por elogiar Walpole, ao que creio em boa parte como reacção contra o triste desempenho, no governo, dos anteriores opositores (23-VII-[18], p. 81 da minha tradução da obra, Ática, Lisboa, 1992, e nota 100, p. 133).

¹⁶ Cf. Goldgar, loc. cit, pp. xxxii-xxxviii.

várias versões antes de concluído o texto de 1743. Tal alegação tem procurado fundamento na teoria de que os episódios centrados no Sr. e a na Sr.a Heartfree foram desadequadamente justapostos à ‘biografia’ de Wild. Teoria assumidamente especulativa e que não invalida o reconhecimento de muitos críticos quanto à função estrutural do casal Heartfree, apesar de possíveis insuficiências na sua tipificação. A centralidade de um ‘great man’ destituído de bondade, como Wild, torna perfeitamente plausível, até para melhor ilustração contrastiva e na sequência da tipologia prefacial, a presença de um ‘good man’ isento de vários atributos de grandeza e maior vítima daquele. Além de que a interdependência dos percursos de Wild e do casal Heartfree é essencial para o desenrolar da intriga e da história. Outra coisa será admitir o carácter estereotipado das personagens, em parte contrabalançado, no caso do ‘herói’, pela imprevista ironia de múltiplas situações que, mais do que a sustentada ironia verbal do narrador, não deixa, aliás, de comprometer a respectiva e esperada ‘heroicidade’. Simultaneamente, mesmo se a coragem física e moral, a fortaleza de ânimo e o avolumar da desconfiança do Sr. e da Sr.a Heartfree em relação ao seu falso amigo parecem contradizer em parte o esquema que lhes atribui falta de grandeza, algumas deficiências de construção podem ter tornado as duas personagens algo previsíveis, como é o caso da reiterada expressão da ‘sensibilidade’ de ambos. Para além do maior ou menor insucesso na esquemática caracterização contrastiva das personagens, estas são determinadas por conceitos pré-fixados e inscritos nos objectivos globais, como é habitual numa sátira de reflexos alegorizantes. O que contraria o rótulo de romance, geralmente e por rotina aplicado à narrativa.

No caso da personagem do Sr. Heartfree, o excesso de simplicidade (só em parte explicável por uma bondade própria não predisposta a ver nos outros uma malícia ausente nele mesmo) é factor causativo na história. As aventuras da Sra. Heartfree, contudo, estendem-se bastante pelas margens da intriga, não sendo fácil atribuir-lhes uma plena justificação. Para além da exclusão de IV, ix na segunda edição, a já citada afirmação da probabilidade das restantes aventuras marítimas tem sido contestada por alguns críticos. Ora a sua interpretação como burlesco de fabulosas histórias de viagens e de romances onde a ameaçada castidade da heroína invariavelmente triunfa, põe em causa quer a dimensão positiva atribuída à personagem quer o propósito providencialista por ela enunciado em IV, xii. No entanto, até pela

repetição, sobressaem nas referidas aventuras dois aspectos convergentes: certa vaidade ‘feminina’, que leva a narradora a deter-se com alguma ênfase e comprazimento nos vários episódios em que é requestada, e a brutalidade dos pequenos ‘grandes’ homens que a assediam. Ora tais aspectos, com destaque para o segundo, não aparecem sem coloração satírica. A qual anda geralmente associada à índole burlesca predominante em partes consideráveis da história, nomeadamente quando esta foca a ‘grandeza’ com especial ironia. É possível que, mesmo excluindo o capítulo mais ostensivamente paródico, alguns restos do burlesco envolvente e da sátira principal ou secundária tenham sobrado nas aventuras marítimas, projectando efeitos redutores e paradoxais sobre a personagem da Sr.a Heartfree e o desígnio providencialista das suas viagens.

A sustentada ironia de inversão verbal em *Jonathan Wild* tem sido um aspecto abundantemente destacado, mas nem sempre o mais apreciado. É difícil, no entanto, justificar a articulação dessa ironia com um fundo ‘puramente anárquico’ ou de ‘apocalíptica anarquia’ que alguns críticos têm julgado distinguir na obra.¹⁷ Tal fundo parece-me, muito pelo contrário, caber bem dentro do seu alvo satírico, até porque os princípios de bondade e verdadeira grandeza de antemão propostos constituem a base fundamental da ironia presente. O que não invalida a global apreciação realista do autor, segundo a qual todas as ordens e todos os grupos sociais são vulneráveis aos princípios adversos ou contrários. Se Wild, La Ruse e os seus apaniguados expressam uma visão cínica ou niilista do mundo, isso não significa, naturalmente, que Fielding partilhe da mesma perspectiva. O mesmo se dirá quando essa visão é apregoada por algum dos seus narradores, nesta ou noutras obras. As dicotomias genéricas em que vários textos do autor aparecem a identificar paralelamente *high* e *low life*, ou ‘grandes’ homens em diversos extractos sociais e económicos, têm afinal mais a ver com a convicção de que a condição humana releva de uma certa identidade que se sobrepõe a convenções e distinções sociais ou culturais conquanto reforçadas por tradição, hábito ou conveniência. Usando a típica imagem alegorizante dos chapéus, saliente na narrativa, poder-se-ia convir com Fielding que a respectiva diferença não chega para garantir a diversidade de ambições nas

¹⁷ Cf. Goldgar, *loc. cit.*, p. xli, nota 1.

cabeças que os ostentam. Poder-se-ia igualmente admitir que a prolongada ironia verbal do narrador e as imagens-símbolos deste tipo não são especialmente subtis. Mais difícil seria negar o seu impacte literário e ético, embora se possa, ao mesmo tempo, admitir o carácter problemático da eficácia até das melhores sátiras.

Jonathan Wild permanece (tal como *A Journey from this World to the Next*) menos conhecida do que as restantes narrativas de Fielding, o que só por si convida a um trabalho de tradução e avaliação.¹⁸ Quando saíram as edições iniciais, a obra não deparou com vasta ressonância crítica, mas nunca, desde então, lhe faltaram referências positivas. Entre muitos outros leitores apreciativos e influentes, contam-se *Lady Mary Wortley Montague*, Arthur Murphy, *Lord Byron*, William Hazlitt, *Sir Walter Scott*, S. T. Coleridge (para quem *Jonathan Wild* é seguramente a melhor de todas as ficções que têm por protagonista um vilão'), George Meredith, Leslie Stephen, W. E. Henley, Ford Madox Ford, André Gide, Arnold Kettle, A. R. Humphreys e Rebecca West. Todos eles tiveram algo de favorável a dizer sobre *Jonathan Wild* como obra *sui generis* que é, mesmo quando reconheceram as suas facetas menos conseguidas, mais polémicas ou mais datadas.¹⁹

¹⁸ Agora apresentado pela primeira vez em Portugal.

¹⁹ Sobre a recepção das obras (designadamente *Jonathan wild*) e a fortuna crítica do autor, ver Ronald Paulson e Thomas Lockwood, eds., *Henry Fielding: The Critical Heritage*, Routledge, Londres, 1969; e Claude Rawson, ed., *Henry Fielding*, 'Penguin Critical Anthologies', Harmondsworth, 1973, pp. 140; 144; 162-63; 220; 232-33; 244; 257; 302; 309; 312; 326; 348; 352; 373; 379-83; 388-89; e 448-56.

Relação de Livros e Capítulos

Livro I

- Cap. I Em que se evidenciam salutareos usos apreendidos do registo dos feitos desses prodígios da Natureza chamados GRANDES HOMENS.*
- Cap. II Em que se faz um memorial tão completo dos antepassados do nosso herói quanto é possível coligir do lixo da Antiguidade, cuidadosamente joeirado para o efeito.*
- Cap. III Nascimento, índole e educação do Sr. Jonathan Wild, o Grande.*
- Cap. IV Primeiros tentames do Sr. Wild na alta sociedade e seu relacionamento com o conde La Ruse.*
- Cap. V Diálogo entre o jovem Wild e o conde La Ruse, desenrolado até à tréplica e concluído de modo mui temperado, gaimenho e natural.*
- Cap. VI Novos colóquios entre o conde e o jovem Wild, a par de outros assuntos de GRANDE substância.*
- Cap. VII O jovem Wild vai de viagem e regressa ao país. Capítulo assaz breve, abrangendo incomensuravelmente mais tempo e menos matéria do que qualquer outro em toda esta história.*
- Cap. VIII Aventura em que Wild, ao repartir o produto de uma pilhagem, revela surpreendente exemplo de GRANDEZA.*
- Cap. IX Uma visita de Wild à menina Laetitia Snap, com descrição desta jovem e amorosa criatura, assim como das infrutíferas abordagens do Sr. Wild à sua pessoa.*
- Cap. X Exposição de alguns assuntos respeitantes à casta Laetitia, os quais vão decerto fazer pasmar e talvez afectar o nosso leitor.*
- Cap. XI Em que se apresentam tão notáveis e tão nobres exemplos de humana GRANDEZA quanto é possível encontrar na história antiga ou moderna, concluindo com algumas tonificantes sugestões endereçadas àquele sector da Humanidade que é adepto de uma vida fácil e leda.*
- Cap. XII Em que se acrescentam pormenores sobre a menina Tixa, que talvez não causem grande admiração depois dos já referidos, juntamente com descrição de um excelente cavalheiro e um diálogo entre Wild e o conde, em que se alude, entre outros assuntos, à virtude pública.*
- Cap. XIII Capítulo de que nos sentimos extremamente ufanos e que consideramos mesmo a nossa obra-prima, contendo uma espantosa história relativa ao diabo, bem como uma questão de honra, mais subtil do que alguma vez houve notícia.*
- Cap. XIV Em que prossegue a história da GRANDEZA.*

Livro II

- Cap. I Tipos de gente tola e os designios a que se presta.*
- Cap. II Magnos exemplos de GRANDEZA em Wild, patenteados no seu comportamento com Bagshot, assim como na maquinação destinada primeiro a iludir Heartfree através do conde e, depois, a sacar o espólio deste.*
- Cap. III Em que se incluem cenas de brandura, amor e honra, todas elas em estilo GRANDIOSO.*
- Cap. IV Em que Wild, após muitos esforços malogrados para encontrar o amigo, extrai uma moral do seu infortúnio, num elóquio que pode aproveitar (se devidamente entendido) a alguns outros notáveis fazedores de discursos.*
- Cap. V Em que estão contidas muitas aventuras estupendas, protagonizadas com esplêndida GRANDEZA pelo nosso herói.*
- Cap. VI Em que se fala de chapéus.*
- Cap. VII Em que emergem os resultados das aventuras de Heartfree com Wild, todos eles inevitáveis e frequentes na vida de pobres diabos que negociam com GRANDES HOMENS; a que se aditam algumas cartas ilustrativas de precedentes nos diversos métodos usados para responder a um credor importuno.*
- Cap. VIII Em que o nosso herói leva a GRANDEZA a píncaros inusitados.*
- Cap. IX Outras manifestações de GRANDEZA em Wild e uma cena de baixo coturno entre a Sr^a Heartfree e as filhas, seguida de um plano do nosso herói, digno da maior admiração e mesmo estupefação.*
- Cap. X Mui modernas e inauditas aventuras marítimas.*
- Cap. XI O GRANDE e maravilhoso comportamento do nosso herói num escaler.*
- Cap. XII Capítulo repleto de um estranho e astuto saber, em que se trata de PROVÉRBIOS.*
- Cap. XIII O singular e todavia natural salvamento do nosso herói.*
- Cap. XIV Conclusão da aventura marítima do protagonista e final do livro segundo.*

Livro III

- Cap. I O objecto e deplorável comportamento de Heartfree, a que acresce a insensata conduta do seu aprendiz.*
- Cap. II Um solilóquio de Heartfree, prenhe de ideias grosseiras e vis, onde não perpassa uma centelha de Grandeza.*
- Cap. III Em que o nosso herói prossegue na via da GRANDEZA.*
- Cap. IV Em que um extraordinariamente prometedor e heróico jovem surge pela primeira vez, numa narração que envolve ainda muitos outros ASSUNTOS DE GRANDE IMPORTÂNCIA.*
- Cap. V Em que se vão avolumando actos de uma GRANDEZA sem paralelo na história ou na ficção.*
- Cap. VI Em que ocorre uma aventura de Fireblood e um contrato de casamento, cuja celebração podia ter sido efectuada tanto no mercado de carne de Smithfield, no East End de Londres, como no bairro mais aristocrático de St. James, em pleno West End da capital.*
- Cap. VII Preliminares do matrimónio do Sr. Jonathan Wild e da casta Laetitia.*
- Cap. VIII Diálogo matrimonial entre o Excelentíssimo Sr. Jonathan Wild e sua Esposa, Sr^a. Dona Laetitia, na manhã em que se celebravam duas semanas de conúbio, com um desfecho mais amistoso do que o habitual em tais debates.*
- Cap. IX Observações sobre o mesmo diálogo, seguidas de um projecto do nosso herói, certamente detestado por todos os amantes da GRANDEZA.*
- Cap. X Com uma generosidade sem precedentes, o Sr. Wild visita o seu amigo Heartfree e é recebido com flagrante ingratidão.*
- Cap. XI Intriga tão bem urdida que deixa envergonhados todos os políticos desta nossa época e, em complemento, uma digressão primária e outra secundária.*
- Cap. XII Elogio dos guardas policiaes, a par de novos exemplos da insensatez de Frindley, o aprendiz de Heartfree.*
- Cap. XIII Ocorrência surpreendente, a propósito de Fireblood, e algo mais, respeitante a uma das meninas Snap, que deixará preocupado o leitor.*
- Cap. XIV Em que o nosso herói profere um discurso sem dúvida memorável; e comportamento, porventura o mais desnaturado em toda a nossa história, de um membro do seu grupo de notáveis.*

Livro IV

- Cap. I Um sentimento do capelão, digno de registo em letras de ouro, um exemplo de perfeita tolice em Friendly e um horroroso acidente que vitimou o nosso herói.*
- Cap. II Breve aviso sobre uma forma comum de ingratidão e chegada do Sr. Wild ao Castelo, além de vários eventos sem igual em qualquer outra história.*
- Cap. III Curiosos episódios inéditos da história de Newgate.*
- Cap. IV Ordem para executar Heartfree no cadafalso numa ocasião em que Wild denuncia alguma humana fraqueza.*
- Cap. V Chegada inesperada de certa pessoa e outros assuntos.*
- Cap. VI Em que se explica o feliz incidente destacado no capítulo anterior.*
- Cap. VII A Sr^a. Heartfree começa a relatar as sua aventuras.*
- Cap. VIII Em que a Sr^a. Heartfree continua a relatar as sua aventuras.*
- Cap. IX Um capítulo verdadeiramente formidando, que poderá parecer incrível a quem não tenha lido muitas narrativas de viagens, e que o leitor aceitará como verídico ou não, conforme lhe apetecer.*
- Cap. X Em que ocorrem assombrosos incidentes.*
- Cap. XI Um horrendo tumulto em Newgate.*
- Cap. XII Conclusão das aventuras da Sr^a. Heartfree.*
- Cap. XIII A história regressa à contemplação da GRANDEZA.*
- Cap. XIV Diálogo entre o capelão de Newgate e o Sr. Jonathan Wild, o Grande; no qual a morte, a imortalidade e outros graves assuntos são tratados pelo primeiro de modo mui erudito.*
- Cap. XV Wild ascende ao cume mais alevantado da humana GRANDEZA.*
- Cap. XVI Carácter do nosso herói e termo desta história.*

**HISTÓRIA da VIDA do Falecido
Sr. JONATHAN WILD, o Grande**

LIVRO I

CAP. I

Em que se evidenciam salutareos usos apreendidos do registo dos feitos desses prodígios da Natureza chamados GRANDES HOMENS.

Tal como é mister que todos os eventos consideráveis e surpreendentes sejam concebidos, comandados e executados no mais alto grau de perfeição por engenho e arte de grandes e eminentes homens, assim também as vidas destes podem com justiça e propriedade ser designadas a quinta-essência da História. Quando nos são apresentadas por escritores judiciosos, elas constituem não só a mais deleitosa das distrações, mas também útil instrução. Com efeito, proporcionam um aprofundado conhecimento da natureza humana em geral, das suas secretas motivações e engrenagens assim como dos seus intrigantes labirintos. Mas, além disso, colocam diante dos nossos olhos exemplos vivos de tudo o que é amável ou detestável, digno de admiração ou abominação, mostrando-nos, portanto, de modo infinitamente mais eficaz do que quaisquer preceitos, o que devemos a todo o transe imitar ou cuidadosamente evitar.¹

Além das duas óbvias vantagens de ver retratadas, como numa gravura, a verdadeira beleza da virtude e a deformidade do vício, podemos ainda recolher de Plutarco, Nepos, Suetónio e outros biógrafos proveitoso ensinamento: precaver-nos da precipitação ou da generalização ao atribuir elogio e censura.² De facto, é frequente encontrarmos tal mescla de bom e mau numa personagem que só um escrutínio apurado e uma avaliação muito

escrupulosa nos permitirá eventualmente verificar para onde pende a balança. É que se por vezes deparamos com um Aristides ou um Júnio Bruto, um Lisandro ou um Nero, em muito mais ocasiões encontramos gente de composição heterogênea, nem absolutamente boa nem completamente má; as respectivas virtudes são obscurecidas e reprimidas por vícios, ou estes suavizados e matizados por merecimentos.³

A esta última categoria pertencia a ilustre figura cuja história nos propomos agora publicar; a qual figura, adornada embora por muitos dos mais insignes e nobres talentos, não nos permite dizer que eles fossem exatamente puros e sem mistura. Se perscrutarmos apenas o anverso do seu carácter, temos de o colocar a par, se não acima, do que distingue a maioria dos heróis da Antiguidade. Mas se observarmos o reverso, temos de nos confessar um pouco menos entusiastas, por ele sugerir mais a debilidade dos heróis modernos do que a consistente grandeza dos heróis antigos.

Não se deve, pois, pensar que pretendemos dar ao leitor um paradigma perfeito ou acabado de humana virtude. O nosso propósito é antes administrar o já referido ensinamento, levar o leitor a partilhar connosco um lamento sobre a fraqueza humana e convencê-lo de que nenhum mortal pode ser digno de adoração, uma vez submetido a competente exame. E este pode obrigar à anotação de pequenas imperfeições como as que algo obscureceram os brilhantes dotes da nossa personagem.

Antes, porém, de iniciarmos esta obra magna, temos de remover alguns erros de opinião contraídos pela humanidade por via da insinceridade de muitos escritores. Estes, na verdade, com receio de atacarem ou contradizerem as obsoletas doutrinas de um conjunto de simplórios irrisoriamente apelidados de sábios ou filósofos, têm tentado o mais possível confundir as ideias de grandeza e de bondade, coisas que são, no entanto, totalmente diferentes.⁴ É que a grandeza consiste em envolver a humanidade em toda a espécie de malefício e a bondade em evitá-lo. Ora o escritor fiel à verdade, embora forçado a focar a primeira no relato de todas as ações do seu herói, tem também de conciliar a respectiva escrita com as absurdas doutrinas antes mencionadas. Incorrerá em culpa perene se introduzir alguma reflexão na realidade nociva para essa qualidade excelente que é a uniformidade de carácter. Assim, por exemplo, nas histórias de *Alexandre* e de *César*, somos constantemente lembrados da sua benevolência e generosidade.⁵ Quando o primeiro acabava de esmagar a ferro e fogo todo um império, de destruir

as vidas de milhões de pessoas inocentes, a sua benevolência exemplar, ao que nos dizem, foi ao extremo de não cortar o pescoço a uma velha mulher e de não violar as filhas dela, após a desgraça a que já as sujeitara. E quando o poderoso *César* acabara de destruir, com portentosa grandeza de espírito, as liberdades do seu país, e de concentrar toda a autoridade nas próprias mãos, somos inteirados das provas da sua generosidade, amplamente exemplificada em magnânimos gestos para com seguidores e serventuários, durante o processo de conquista e manutenção do poder.⁶

Ora quem não vê que tais insidiosos atributos são mais de lamentar como imperfeições do que para admirar como ornamentos nesses grandes homens, e impróprios da finalidade com que eles parecem ter vindo ao mundo, nomeadamente perpetrar vasto e potente malefício?

Esperamos que o leitor seja suficientemente razoável para poder justamente ilibar-nos de quaisquer ideias confusionistas deste tipo nas páginas que se seguem. Como se impõe mencionar nelas as acções de um grande homem, não expusemos nunca qualquer ponta de bondade de que tivesse dado as mais ligeiras mostras, ou que qualquer outra pessoa fosse mais susceptível de apresentar, a não ser como prova de mesquinhez e imperfeição impeditivas daqueles cometimentos que alcançam honra e apreço nas sociedades humanas.

De mesquinho o nosso herói nada tinha, ou talvez tivesse apenas o bastante para se poder dizer que partilhava em módico grau das imperfeições da humanidade e não da perfeição do diabolismo. Por isso nos abalançámos a chamar-lhe 'O Grande', até por não duvidarmos de que o nosso leitor, depois de ler esta história, concordará connosco na pertinência de tal título.⁷

CAP. II

*Em que se faz um memorial tão completo dos antepassados do nosso herói quanto é possível coligir do lixo da Antiguidade, cuidadosamente joeirado para o efeito.*⁸

O Sr. *Jonathan Wild*, ou *Wyld* (pois que ele próprio nem sempre se mostrava satisfeito ou concordante com um único método de ortografar o seu nome) era descendente do grande *Wolfstan Wild* que atravessou o Canal nas hostes de *Hengist* e se notabilizou do modo mais extraordinário nesse

famoso festival em que os *Bretões* foram tão traiçoeiramente assassinados pelos *Saxões*. Destarte, quando foi dada a ordem *Nemet eour saxes* ('*À espada!*'), ao dito cavaleiro, que era um pouco duro de ouvido, essas palavras soaram-lhe *Nemet her sacs* ('*Aliviem-nos das suas bolsas!*'); e portanto, em vez de ele se aplicar aos gorgomilos, imediatamente se ateu à algibeira do seu hóspede, contentando-se em levar tudo o que ela continha sem atentar contra a vida do respectivo dono.⁹

Vem a seguir, na assinalável estirpe do nosso herói, outro *Wild*, de cognome o *Langfanger* ou *Longfinger*. Prosperou ele no reinado de Henrique III, em estreita ligação com *Hubert de Burgh*, a cuja amizade fora recomendado pela sua grande mestria numa arte inventada pelo próprio Hubert.¹⁰ Consistia esta na capacidade de, sem nenhum custo próprio, ou incómodo e conhecimento do proprietário, libertar a respectiva bolsa de qualquer parte do vestuário em que estivesse retida. Daí o cognome do cavaleiro, o primeiro da família a ter a honra de sofrer a bem da nação, e daí também o epitáfio composto por um talentoso espírito da época:

*Oh vergonha, oh justiça, Wild foi a enforcar,
Depois d'uns trocos empalmar;
Enquanto o velho Hubert vive, abastado,
E o seu bando traz tudo bem bifado.*

LANGFANGER deixou um filho, chamado *Edward*, por ele próprio cuidadosamente instruído na arte que o tornara famoso. Este *Edward* serviu como voluntário o memorável *Sir John Falstaffe* e, em virtude da sua galantaria, de tal guisa ganhou as boas graças do capitão que certamente teria sido promovido por ele, acaso Henrique V houvesse cumprido a palavra dada ao velho companheiro.¹¹

Após a morte de *Edward*, permaneceu a família em certa obscuridade até ao reinado de Carlos I, altura em que *James Wild* se notabilizou nos dois campos da Guerra Civil, passando de um para o outro conforme os céus pareciam inclinar-se a favor de monárquicos ou republicanos. Finda a desavença, não tendo *James* sido recompensado de acordo com os seus méritos, sucesso usual de pessoas imparciais, entrou em parceria com outro bravo, de nome *Hind*, e declarou acesa oposição a ambas as partes em confronto. Tendo logrado êxito em vários empreendimentos e dizimado abundante caterva de inimigos, viria, por fim, a ser subjugado, encarcerado e, contrariamente às

normas militares, condenado vil e cobardemente à morte por uma junta de doze membros de uma das facções em litígio; assassínio cometido, aliás, por deliberação unânime.

O citado *James* tomou como esposa *Rebecca*, filha do referido cavaleiro *John Hind*¹²; a qual deu à luz *John, Edward, Thomas* e *Jonathan*, além de três filhas, a saber: *Grace, Charity* e *Honour*. *John* seguiu a vocação do pai; e tendo, como ele, pago tributo à Fortuna, não deixou descendência. *Edward* tornou-se muito afamado por um temperamento compassivo que o fez gastar toda uma vida pleiteando como advogado dos infelizes cativos de *Newgate*, constando que contraiu especial amizade por um distinto clérigo que tomava conta da causa espiritual dos mesmos cativos.¹³ Com o solícito *Edward* casou *Editha*, filha e coherdeira de *Geoffrey Snap*, cavaleiro que longamente desfrutou de uma posição oficial sob os auspícios do Xerife de *Londres* e *Middlesex*, da qual tirou grande fama e farto proveito;¹⁴ desse casamento não houve filhos. *Thomas* saiu ainda muito jovem para uma das nossas colónias *americanas*, tendo-se perdido o seu rasto.¹⁵ Quanto às filhas: *Grace* uniu-se em matrimónio a um cavaleiro do *Yorkshire*, que tinha negócios de cavalos.¹⁶ *Charity* tomou por marido um consagrado intermediário na compra e venda de artigos em segunda mão, sediado em *Change-Alley*.¹⁷ E *Honour*, a mais nova, morreu solteira; durante muitos anos residente na cidade, foi grande frequentadora do teatro, tendo-se distinguido na distribuição de laranjas a todos quantos as aceitassem¹⁸

JONATHAN casou com *Elizabeth*, filha de *Ralph Hollow*, cavaleiro de condição; e dela teve *Jonathan*, o ilustre objecto destas memórias.

CAP. III

Nascimento, índole e educação do Sr. Jonathan Wild, o Grande.

É possível observar que a natureza raramente produz alguém capaz de se notabilizar no palco da vida sem dar um pré-aviso da sua intenção. E tal como o poeta dramático geralmente prepara a entrada em cena de uma personagem considerável com um solene preâmbulo narrativo ou, pelo menos, com grande aparato de tambores e trombetas, assim também esta nossa *Alma Mater* nos adverte com antecedência do seu intento através de algumas sagazes alusões.¹⁹ É o que se verificou com *Astiageu*, avô de *Ciro*, ao

sonhar que a filha estava para dar à luz uma videira cujas vides se estenderiam a toda a *Ásia*²⁰; e também com *Hecuba*, que, grávida de *Páris*, sonhou ter no ventre uma brasa que a seu tempo havia de incendiar *Tróia*.²¹ Do mesmo modo, a mãe do nosso grande homem, depois de este ter sido concebido, sonhou ter sido possuída de noite pelos deuses *Mercúrio* e *Priapo*. Sonho que deixou perplexos todos os sábios astrólogos do tempo, ao parecer implicar uma contradição: *Mercúrio* é o deus do fértil engenho e *Priapo* o terror dos que têm tal talento.²² O que tornou este sonho ainda mais maravilhoso e constituiu a verdadeira causa de ele ficar registado na memória das gentes, foi uma circunstância absolutamente excepcional e suficientemente capaz de denotar algo de sobrenatural. Com efeito, ela nunca ouvira sequer falar em qualquer dos dois deuses, mas deu em repetir os respectivos nomes logo de manhã, apenas com um pequeno lapso ao silabar a palavra *Priapo*, pronunciando *Priapo*.²³ E o marido jurou que, embora a mulher pudesse tê-lo ouvido referir *Mercúrio*, deus pagão a que não era de todo estranho, o mesmo nunca seguramente ocorrera com o segundo deus, para ele um perfeito desconhecido.

Acresce outro conspícuo incidente: ainda durante a gravidez, a futura mãe ansiava constantemente apoderar-se de tudo o que via, não se satisfazendo se não usufruísse clandestinamente do objecto cobiçado. Ora a natureza, segundo o verdadeiro e rigoroso consenso dos seus observadores, nunca nos provoca um apetite sem nos dar os meios para o saciar; por isso se veio a notar que, por essa altura, a senhora começou a desenvolver nos dedos uma maravilhosa capacidade aglutinadora. Como se tivessem visco, tudo o que tocassem ficava neles agarrado em estricte aderência.

Outras histórias há que podiam corroborar o que vimos dizendo, mas é preferível omiti-las porque talvez sejam produto de superstição. Passemos então ao nascimento do nosso herói; cujo aparecimento no grande teatro do mundo se verificou precisamente no dia em que eclodiu a peste no ano de 1665.²⁴ Dizem alguns que o parto ocorreu numa casa de forma circular ou cilíndrica, em *Covent-Garden*;²⁵ quanto a este ponto, porém, não estamos certos. Anos depois seria baptizado pelo renomado Sr. *Titus Oates*.²⁶

Nada de muito saliente ficou a assinalar o período da sua infância, excepto uma curiosidade. As letras *th* são as de pronúncia mais difícil e as últimas que uma criança consegue articular; não assim com Master *Wild*: para este, elas foram as primeiras que, com alguma prontidão, emitiu.²⁷ De resto, não

podemos esquecer as precoces indicações que deu sobre a doçura do seu carácter; muito embora ninguém o obrigasse a obedecer por medo, era bem capaz de fazer a vontade de quem lhe oferecesse um doce. Para dizer mesmo toda a verdade, qualquer coisa o tornava susceptível ao suborno; o que levou muita gente a dizer que ele nascera para ser um grande homem.

Mal se habituara à sua escola quando deu sinais da sua têmpera elevada e ambiciosa, sendo olhado por todos os companheiros com a deferência geralmente concedida a alguém de superior génio inclinado a exigí-la. Se se debatia o roubo de um pomar, *Wild* era consultado; e conquanto fosse raro envolver-se na execução do projecto, era sempre o maestro e tesoureiro da receita, pequena parte da qual acedia doar, uma vez por outra e com maravilhosa magnanimidade, aos que lha entregavam. Costumava mostrar-se muito secreto nessas ocasiões; mas se um colega se preparava para um saque por iniciativa própria, sem consultar o jovem *Wild* e depositar à guarda deste os despojos, era certo e sabido que uma informação contra o prevaricador chegaria ao director e que severa punição lhe estava reservada pelo seu esforço.

Tão pouca atenção ao estudo dedicava *Wild*, que o professor, homem digno e avisado, em breve deu por findos todo o cuidado e preocupação a tal respeito; e tendo comunicado aos pais do jovem que este atingira um alto rendimento escolar, deixou-o à vontade para seguir as respectivas e inatas inclinações. As quais, no seu entender, o levariam a ocupações mais nobres do que as ciências, usualmente tidas como pouco proveitosas e muito impeditivas da promoção dos humanos no mundo.²⁸ E se bem que *Wild* não fosse estimado o mais expedito a fazer os deveres da escola, era universalmente reconhecido como o mais dextro a roubar os trabalhos dos outros. Nunca, aliás, foi detectado em tais tarefas furtivas, como também nunca o foi no regular exercício dos seus grandes talentos, todos eles orientados para o mesmo fim. Isto é: excepto uma vez, em que, tendo-se apropriado por meios violentos de um livro intitulado *Gradus ad Parnassum* (*Um Passo para o Parnasso*), o professor, indivíduo perspicaz e de notável humor, posto ao corrente do caso, terá feito votos, segundo consta, de que tal passo não fosse antes premonitório de uma ascensão *ad Patibulum*, ou seja: *ao cadafalso*.²⁹

O nosso jovem não costumava, pois, dar-se aos incómodos necessários para adquirir suficiente competência nas línguas eruditas; no entanto, prestava pronta atenção aos colegas, especialmente quando lhe traduziam os autores clássicos. Nessas ocasiões, não tinha o mínimo pejo em expressar a sua

aprovação, mostrando-se absolutamente encantado, por exemplo, com a passagem da *Iliada*, XI, em que se diz ter *Aquiles* amarrado dois filhos de *Priamo* no cimo de uma montanha, para depois os libertar a troco de uma quantia em dinheiro.³⁰ Comentava então que só isto era suficiente para refutar os que fingiam desprezar a sabedoria dos antigos e para testemunhar de modo fidedigno a provecta ascendência da arte do furto.³¹ Extasiado ficava também com a descrição feita por *Nestor*, no mesmo livro, dos ricos troféus ganhos (isto é: roubados) aos *Eleus*.³² E era frequente sentir-se desejoso de que lhe repetissem o episódio; finda cada repetição, soltava sempre um fundo suspiro, exclamando: '*Que pilhagem gloriosa!*'.

Quando a história de *Caco* lhe foi traduzida da *Eneida*, VIII, lamentou, generoso, o infeliz destino do grande homem, que *Hércules* tratara, em seu entender, com demasiada severidade. E ouvindo outro aluno elogiar a habilidade de *Caco* ao fazer os bois roubados a *Hércules* andarem para trás, puxando-lhes a cauda até chegarem à caverna onde vivia, *Wild* sorriu, dizendo, com certo desdém, *poder ter-lhe ensinado um processo melhor*.³³

Apaixonado admirador de heróis, particularmente de *Alexandre*, o Grande, fazia amiúde analogias entre este e o falecido rei da Suécia, Carlos XII.³⁴ Deleitava-se com os relatos da fuga do Czar ao mesmo monarca, que arrebanhava os habitantes de grandes cidades conquistadas para povoar o seu país. *Tal expediente*, comentava, *nunca passara pela cabeça de Alexandre*; acrescentando, todavia, *que talvez ele não quisesse tal gente estrangeira*.

Teria sido uma felicidade para o nosso protagonista, se ele se tivesse confinado a este âmbito de clássica nobreza. Mas a sua pecha dominante, se não única, procedente de certa humildade natural supinamente perniciosa para a verdadeira grandeza, era condescender, por vezes, em íntima privança com coisas e pessoas inferiores. A mesma disposição humilde o fizera escolher *The Spanish Rogue* como seu livro favorito e *The Cheats of Scapin* como sua peça preferida.³⁵

Tendo o jovem chegado por fim aos dezassete anos, o pai, movido por insensato preconceito contra as Universidades e por uma falsa, assim como excessiva, preocupação com a respectiva moral, trouxe-o para a cidade. Aí ficaram a viver até *Wild* atingir a idade de poder viajar; mas, entretanto, a sua instrução foi objecto dos maiores cuidados que se possa imaginar, empenhando-se o pai ao máximo em inculcar no filho princípios de honra e boas maneiras.

CAP. IV

Primeiros tentames do Sr. Wild na alta sociedade e seu relacionamento com o conde La Ruse.

Pouco depois da chegada à cidade, ocorreu um acidente que quase poupou ao pai de *Jonathan* todas as preocupações educativas, ao prover o filho com um tutor mais abalizado do que todos os cuidados ou despesas podiam ter obtido. Segundo parece, o velho *Wild* seguia de perto as fortunas do Sr. *Snap*, filho do Sr. *Geoffry Snap* que atrás se disse ter usufruído de um prestigioso cargo oficial no departamento do Xerife de *Londres e Middlesex*.³⁶ Uma filha desse *Geoffry* e irmã do cavalheiro primeiro nomeado casara na família *Wild*. O irmão, Sr. *Snap*, estando para isso devidamente autorizado, subjugara por meios violentos ou, na expressão vulgar: prendera, um certo conde *La Ruse*, homem de considerável projecção na altura, obrigando-o a ficar sob prisão domiciliária. Esta manter-se-ia até que duas pessoas garantissem formalmente, sob palavra de honra, que o conde responderia, em dia e lugar indicados, a todas as questões que um tal *Thomas Thimble*, alfaiate, tinha para lhe pôr. O qual *Thomas Thimble*, aparentemente, alegara que o conde, em conformidade com o código do reino, oferecera o seu corpo como caução por alguns fatos executados e a ele entregues pelo próprio. Ora, como o conde, muito embora consumado homem de honra, não pôde encontrar imediatamente as duas pessoas, viu-se forçado, durante algum tempo, a residir em casa do Sr. *Snap*.³⁷ De facto, a lei do país parece dizer que um devedor de dez libras pode, na sequência de juramento do credor, ser imediatamente detido, levado de casa da família e mantido no cárcere até ficar a dever cinquenta libras, queira ou não queira; circunstância que o poderá talvez obrigar a prolongar a estadia na prisão.³⁸ Tudo isto sem qualquer julgamento e sem outra prova de débito além do referido juramento. O qual, se falso, como tantas vezes acontece, não incrimina o perjuro: este ‘estava, com certeza, enganado!’, não raro se diz então.³⁹

Apesar de o Sr. *Snap* recusar (desafiando talvez as subtis regras da honra) libertar o conde sob condição de ele se apresentar às autoridades sempre que estas o exigissem, também não o confinou ao respectivo quarto (abdicando de um poder que as strictas normas legais lhe conferiam). O conde disputava de plena liberdade em toda a casa, sendo a única precaução do Sr. *Snap*

fechar à chave e trancar as portas de entrada, aceitando, aliás, a promessa do prisioneiro de que não tentaria sair.

De um segundo casamento, o Sr. *Snap* tinha duas filhas, agora na flor da juventude e da beleza. Estas jovens, como donzelas de um romance antigo, tratavam o cativo com compaixão, esforçando-se de todos os modos por lhe tornarem menos penoso o cativo. Se bem que fossem ambas muito belas, ainda era através de jogos de cartas, em que o conde provara ser grande perito, como adiante se verá, que melhor conseguiam atingir o seu desiderato.

Como o *whist* se tornara então o jogo mais em voga, tinham de procurar uma quarta pessoa para formar parceiros. O próprio Sr. *Snap* gostava por vezes de amenizar o espírito, sobrecarregado pelas violentas fadigas das suas funções, e prestava-se a entrar nesse passatempo. Noutras alturas, era algum cavalheiro ou alguma dama das vizinhanças que os ajudava a perfazer o número necessário de jogadores. Mas mais frequentemente era convidado para parceiro o jovem *Wild*, que fora criado desde a infância com as meninas *Snap*, sendo por todos os vizinhos vaticinado como futuro marido de *Tixa*, ou *Laetitia*, a mais nova das duas. Bem certo que eram primos em primeiro grau e que, para uma consciência mais escrupulosa, o seu parentesco parecia demasiado chegado; mas os anciãos de ambos os lados, ainda que bastante rigorosos em subtilezas deste e de outros géneros, convinham em pôr de parte tal objecção.⁴⁰

Os homens de grande génio detectam idêntico génio noutros tão facilmente como um franco-maçã descobre os seus pares. ⁴¹ Não admira, pois, que o conde em breve se sentisse inclinado a um relacionamento mais estreito com o nosso jovem herói, cujas prendas eram por demais profusas para passarem despercebidas a alguém com a sua argúcia. O cativo podia ser tão exímio na sua arte das cartas que se tornara proverbialmente conhecido como *jogador de mão-cheia*;⁴² não estava, contudo, à altura do jovem *Wild*, que, mesmo inexperiente face ao talento, à destreza e frequentemente à fortuna do adversário, nunca deixava de o levar a retirar-se da mesa com os bolsos menos recheados do que quando a ela se sentara. Pode-se até dizer que nem *Langfänger* conseguia mais liquidez na limpeza de uma bolsa do que o nosso herói.

As suas mãos, de facto, visitavam assiduamente as algibeiras do conde, antes mesmo de, na mente deste, começarem a germinar algumas suspeitas sobre ele. Até aí, tais prejuízos tinham sido imputados ao jeito travesso, mas

inocente e jovial, da menina *Doxa*, a mais velha das irmãs. Por isso se sentira o conde obrigado a resignar-se, em contrapartida das pequenas liberdades por ela autorizadas com a sua pessoa. Uma noite, porém, quando *Wild* julgava estar o conde a dormir, passou ao ataque com tal excesso de despreocupação que foi por ele apanhado em flagrante. O visado, contudo, não achou apropriado participar ao outro a sua descoberta; tendo, na emergência, feito abortar a operação de saque, limitou-se no futuro a manter os bolsos abotoados e a baralhar as cartas com redobrada diligência.

A dita descoberta não só esteve longe de provocar alguma birra entre os dois *cavalheiros-de-indústria*, como até, vindo corroborar a capacidade criativa de *Wild*, causou profundíssima impressão no conde. Em consequência e apesar da diferença que a idade, o título e sobretudo o traje tinham marcado entre eles, o hóspede do Sr. *Snap* resolveu reforçar o seu relacionamento, que em breve evoluiu para uma harmoniosa intimidade, passando depois a fraternidade. Esta viria a ter duração mais longa do que é usual entre pessoas cuja ligação, por mais forte que seja, se circunscreve a comuns vantagens na partilha de comeres, beberes, fornicação e dinheiro emprestado. Coisas que acabam depressa – tal como a amizade nelas fundada.

CAP. V

Diálogo entre o jovem Wild e o conde La Ruse, desenrolado até à tréplica e concluído de modo mui temperado, gaimenho e natural.

Um serão, depois de as meninas *Snap* terem ido descansar, o conde dirigiu-se ao jovem *Wild* da seguinte maneira: ‘Sr. *Wild*, quero crer que o Sr. não pode desconhecer a sua grande capacidade e ficar surpreendido se eu lhe disser que tenho observado frequentemente, com um misto de estupefacção e apreensão, como os seus brilhantes dotes têm ficado constrangidos numa esfera que para sempre os furta aos olhos daqueles que poderiam projectá-los adequadamente na sociedade, elevando-o a uma eminência fulgurante para admiração de toda a gente. Garanto-lhe que me sinto satisfeito nesta situação de cativo, ao reflectir que a ela devo um relacionamento e, tenho esperança, também uma amizade, com o maior génio desta época; mais ainda quando me consinto a veleidade de aspirar à perspectiva de fazer emergir da obscuridade (perdôe-me a expressão) talentos que, segundo

julgo, nunca tais houve que tivessem nela ficado sepultados. Não tenho mesmo qualquer dúvida, em saindo desta reclusão, o que está para breve, sobre a possibilidade de o apresentar em círculos sociais onde o Sr. poderá colher frutos condizentes com as suas elevadas aptidões.

Facultar-lhe-ei o conhecimento, meu caro Sr., de pessoas que, sendo capazes de avaliar devidamente qualificações como as suas, igualmente têm poder e inclinação para as pôr a render, promovendo-o a si. Tal apresentação é a única vantagem que lhe falta e sem a qual o seu mérito poderia ser o seu infortúnio; pois que as capacidades susceptíveis de lhe renderem honra e proveito num nível social superior, apenas podem torná-lo vulnerável ao perigo e à desgraça, num inferior’.

Ao que o Sr. *Wild* respondeu: ‘Meu caro Sr., não deixo de estar ciente das obrigações que lhe devo, tanto pelo excessivo valor que atribui às minhas pequenas qualidades como pela amabilidade em se oferecer para me apresentar nos círculos mais elevados da sociedade. Não posso negar que o meu pai me tentou bastas vezes persuadir a introduzir-me na companhia dos meus maiores; mas para falar verdade, tenho um desajeitado orgulho na minha maneira de ser, que se satisfaz mais em estar à cabeça de gente inferior do que na cauda do escalão superior. Permita-me uma comparação talvez um tanto grosseira: prefiro permanecer em cima de uma estrumeira a ficar no sopé de um monte paradisíaco. Sempre fui de opinião que pouco importa a condição social a que me abalance, desde que nela faça grande figura. E tanto me apraz exercer os meus talentos à frente de um pequeno partido ou de um bando, como na condução de um exército poderoso. Na realidade, estou longe de concordar com a sua ideia de que as grandes aptidões ficam frequentemente enterradas no esquecimento. É minha convicção, pelo contrário, de que isso não pode suceder. Muitas vezes dei comigo a pensar que mil ou mais soldados de *Alexandre* teriam conseguido realizar o que ele próprio fez.

Mas como tais espíritos não foram eleitos ou destinados a um poder imperial, devemos nós imaginar que foram à vida sem os rendimentos de alguma pilhagem? Ou que se contentaram em ter o seu quinhão partilhado com os camaradas? Seguramente que não. Na vida *civil*, sem dúvida, o mesmo génio, os mesmos dons têm entrado amiúde na composição do estadista e do *cavalheiro-de-indústria*, expressão por nós usada para o que a gente vulgar chama *ladrão*.⁴³ As mesmas qualidades e as mesmas acções

muitas vezes alçam os humanos quer ao governo de comunidades superiores quer ao comando de grupos inferiores; e onde está a diferença essencial se um acaba condenado à morte por crime de estado, em *Tower Hill*, e o outro enforcado como criminoso comum, em *Tyburn*?⁴⁴ Será que o cepo da decapitação vale mais do que a forca, ou o cutelo mais que a corda de enforcar, a não ser que utilizados mal-avisadamente pelos homens? Perdoar-me-á, portanto, se não me inflamo apressadamente com o usual aspecto exterior das coisas nem perfilho a opinião geral que atribui preferência a uma das situações. Um guinéu vale tanto numa bolsa de couro como noutra de renda; e uma cara de bacalhau continua a ser uma cara de bacalhau se estiver numa travessa de estanho e não numa travessa de prata.’

Ao que o conde replicou: ‘O que acaba de dizer não desvaloriza a ideia que faço da sua capacidade; mas confirma a minha opinião sobre os efeitos nefastos de uma má e inferior companhia. Pode alguém duvidar sobre a melhor alternativa, ser primeiro-ministro ou um corriqueiro ladrão? ⁴⁵ Muitas vezes ouvi que o diabo costumava dizer, onde ou a quem não sei, *ser melhor reinar no inferno do que criado de quarto no céu*; ⁴⁶ e talvez o dissesse com motivo. Certamente, porém, se tivesse podido escolher ambas as funções, a opção seria ainda melhor. A verdade, portanto, é que, em convívio com a ralé, contraímos, em relação às coisas mais altas, uma reverência maior do que elas merecem. Declinamos grandes empreendimentos não por desprezo, mas por desespero. O homem que prefere a vida de saltador a um modo mais reputado de fazer fortuna é movido pela noção de que aquela é mais fácil. Mas o Sr. foi o primeiro a afirmar, e com indubitável razão, que ambas as vias requerem as mesmas capacidades, tal como os respectivos objectivos implicam os mesmos processos; assim também em música, a melodia é a mesma, seja ela tocada num tom mais grave ou mais agudo. Vejamos em alguns casos particulares: não são idênticas as qualificações que permitem a *um* homem empregar-se como criado e tornar-se confidente do seu amo, para depois o roubar, e a *outro* homem aceitar missões da mais alta confidencialidade com o fito de as minar e trair? É menos difícil, através de falsas referências, levar um lojista ao engano, de modo a que faça entrega das suas mercadorias e possamos depois roubá-las, do que ludibriá-lo através de uma aparência esplêndida e sinais de fortuna, de maneira a conceder-nos um crédito para nós proveitoso e para ele vinte vezes mais prejudicial? Não é necessária uma mão mais ágil para extrair uma bolsa da algibeira de alguém,

ou arrancar um relógio a uma dama, sem se dar por isso, competência na qual, sem lisonja, não creio ninguém capaz de o superar a si, do que para viciar os dados ou um baralho de cartas? Não são precisas tantas qualidades excelentes, não é exigível tanta arte para um porteiro de uma casa de passe exercer funções de alcoviteiro como para um homem prostituir a sua própria mulher, ou a mulher do seu amigo, ou a filha deste? Não se torna indispensável uma memória tão boa, uma capacidade de invenção tão apurada, um rosto tão firme para fazer o juramento nos tribunais comuns de *Westminster Hall* como para desempenhar o papel de peão ministerial ou talvez mesmo de primeiro-ministro?⁴⁷ É desnecessário particularizar mais casos exemplificativos. Todos eles nos mostram uma afinidade, maior do que geralmente se imagina, da vida na alta e na baixa sociedade, além de que um salteador é mais bem acolhido pelos grandes do que usualmente por outros tipos de pessoas. Se, portanto, conforme a demonstração que creio ter feito, os mesmos talentos qualificam um homem para uma posição destacada nas esferas superiores e inferiores, então não restam dúvidas sobre a escolha mais recomendável. A ambição, sem a qual não se pode ser um grande homem, imediatamente o instruirá para, usando a sua própria expressão, preferir um monte paradisíaco a uma lixeira. E até mesmo o medo, a paixão que mais repugna à grandeza, lhe mostrará que pode usufruir de plena e livre aplicação das suas altas qualidades, com muito mais segurança, num círculo social elevado do que noutro rasteiro. A experiência, de facto, prova-lhe que a multidão se reúne mais vezes num ano para uma execução em *Tyburn* do que num século para idêntica função em *Tower Hill*.

Respondeu o Sr. *Wild*: 'Eu não nego que a mesma capacidade que torna aptos um assaltante de casas, um salteador de estradas ou um larápico de lojas a atingirem um grau de grande proficiência na sua profissão, analogamente faria progredir uma pessoa no que o mundo considera ser uma vocação mais honrosa; sim, e até em muitos dos seus exemplos é evidente que mais engenho e arte são necessários para um desempenho competente na baixa roda do que na alta. Se, portanto, o Sr. tivesse apenas defendido que qualquer *cavalheiro-de-indústria* pode, querendo, ser um estadista, eu teria prontamente concordado; todavia, quando conclui estar no seu interesse sê-lo e que a ambição o disporia a essa alternativa, numa palavra: que um estadista tem maior grandeza e é mais feliz do que um *cavalheiro-de-indústria*, sou forçado a retirar o meu assentimento. Mas ao comparar as duas situações,

temos cuidadosamente de evitar ser induzidos em erro por uma deficiente estimativa das implicações respectivas. A verdade é que a humanidade erra em ponderações deste género, tal como os médicos que, ao considerarem os efeitos de uma doença, não têm na devida conta a idade e a compleição do doente. A mesma quantidade de calor usual numa determinada constituição pode significar febre noutra; da mesma forma, o que para mim é riqueza ou honra, para outro pode ser pobreza ou desonra, pois todas estas coisas devem ser avaliadas em relação à pessoa que as possui. Um saque de dez *libras* parece de tal maneira grande ao olho de um salteador e enche a sua fantasia com tanta e tão real felicidade, como um saque de muitos milhares ao estadista; e não aplica um os seus proventos em prostitutas e rabecas com uma alegria e prazer muito maiores do que o outro em palácios e pinturas?⁴⁸ O que são para o estadista a lisonja e os falsos cumprimentos da sua facção, quando ele mesmo se vê obrigado a condenar os erros próprios e, contra vontade, a atribuir à fortuna toda a honra do seu sucesso? Que vale o orgulho resultante desse aplauso fingido, comparado à secreta satisfação de um *cavalheiro-de-indústria* ao reflectir num projecto bem urdido e bem executado? Talvez até este cavalheiro corra mais perigo; mas temos de lembrar, entretanto, que a honra acresce na mesma proporção. Quando falo de honra, refiro-me à que é prestada pelo respectivo bando; porque essa débil parte da sociedade vulgarmente chamada GENTE PRUDENTE vê os representantes de ambas as vias de grandeza a uma luz desfavorável e desonrosa. E tal como o *cavalheiro-de-indústria* goza (e com justiça) de uma maior honra conferida pelo seu bando, assim também sofre menor opróbrio por parte da sociedade. Esta considera os seus maus actos, como lhes chama, pelo menos suficientemente punidos com a força, que imediatamente põe fim ao seu sofrimento e à sua infâmia.⁴⁹ Um não é só odiado quando está no poder, mas detestado e desprezado até no cadafalso, vindo as épocas futuras a dar livre curso à malícia de denegrir a sua fama; o outro descansa na paz e no sossego do esquecimento. Além disso, consideremos por um instante a secreta serenidade das respectivas consciências. Como é tranquilizante a reflexão sobre o acto de tirar alguns xelins ou libras a um estranho, sem quebra de lealdade ou talvez mesmo sem grande prejuízo para o roubado, comparada com a noção de ter traído a confiança da comunidade e arruinado a fortuna de milhares de pessoas! Não é muito mais corajoso assaltar alguém na estrada do que à mesa de jogo? Não é muito mais inocente uma casa de

prostituição do que um alcoviteiro da corte?’ E *Wild* ia continuar, empolgado, quando, ao lançar o olhar para o conde, reparou que este adormecera profundamente. Então abanou-o ao de leve, em jeito de despedida, e prometeu voltar a encontrar-se com ele na manhã seguinte ao pequeno almoço. Depois, cada um foi repousar; o conde para o quarto, o Sr. *Wild* para a taverna.

CAP. VI

Novos colóquios entre o conde e o jovem Wild, a par de outros assuntos de GRANDE substância.

Ao encontrarem-se na manhã seguinte, o conde (que não concordava com a globalidade da doutrina do amigo, embora tivesse ficado muitíssimo agradado com o respectivo raciocínio) começou a lamentar o infortúnio da sua situação de cativo, assim como o retraimento dos amigos em ajudarem-se mutuamente em situações de necessidade. Mas o que mais o humilhava, disse, era a crueldade das belas; e, a propósito, confiou a *Wild* o segredo de ter um enredo amoroso com *Theodosia*, a mais velha das meninas *Snap*, desde o início da reclusão, embora não conseguisse convencê-la a facultar-lhe a liberdade. Sorrindo, *Wild* respondeu não admirar uma mulher querer que o apaixonado permaneça preso, lá onde está certa de o conseguir ter só para si. Mas acrescentou acreditar poder comunicar-lhe um método seguro de fuga. O conde implorou-lhe, ávido, que lho desse a conhecer. *Wild* disse-lhe então que o meio mais garantido era o suborno, aconselhando-o a abordar a criada. Agradecendo, o conde retorquiu não lhe restar um centavo, para além de um guinéu que pedira para ela trocar. Ao que *Wild* lhe propôs superar tal insuficiência através de promessas cujo cumprimento, o conde, cortesão como era, saberia ir adiando. O qual aplaudiu muito o conselho e disse esperar ser capaz de, a seu tempo, o persuadir a condescender em tornar-se num Grande Homem, condição para a qual estava tão perfeitamente qualificado.

Uma vez concertada a questão do método, os dois amigos sentaram-se a jogar às cartas, circunstância que não mencionaria se não fosse ela exemplificativa da prodigiosa força do hábito. O conde sabia, com efeito, por muito que ganhasse ao Sr. *Wild*, não ficar um xelim mais rico; mas não se continha sem baralhar as cartas. E *Wild* não conseguia deixar de revistar as algibeiras do amigo, mesmo sabendo nada encontrar nelas.

Quando a criada chegou a casa, o conde abordou-a, oferecendo-lhe tudo o que tinha e prometendo-lhe mundos e fundos *in futuro*; mas em vão, que a honestidade da jovem era inexpugnável. Dizia que por nada deixaria de corresponder à confiança nela depositada; não! nem que lucrasse com isso um milhão. Ao que *Wild* interveio, dizendo que ela não tinha que recear perder o emprego, porque nunca ninguém saberia; que podiam lançar à rua um par de lençóis, de modo a parecer que o conde fugira pela janela; que ele próprio iria jurar tê-lo visto saltar; que o dinheiro seria lucro limpo no bolso; que, além das promessas, nas quais podia, sem sombra de dúvida, confiar, ela receberia vinte xelins e nove dinheiros de contado (pois só gastara três dinheiros em rapé); que, como penhor a juntar à sua honra, o conde lhe deixaria um par de botões de ouro (que depois se apurou serem de latão); e, finalmente, que ele próprio emprestaria ao seu amigo dezoito dinheiros, tudo o que tinha ali no bolso, como depósito *in praesenti*.⁵⁰

Estes argumentos acabaram por prevalecer no ânimo da criada, que sempre tivera a reputação de serviçal muito honesta, prometendo ela fielmente, nessa tarde, abrir a porta ao conde.

Assim, de facto, o nosso jovem herói emprestou não só a sua retórica, o que poucas pessoas se preocupam em fazer graciosamente, mas também o seu pecúlio de dezoito dinheiros, soma que muita boa gente não dispensaria sem antes invocar dezoito desculpas; e por tal via ajudou o amigo e serviu de intermediário para ele obter a liberdade.

Seria, contudo, altamente derogatório do GRANDE carácter de *Wild* se o leitor imaginasse ter ele sido pródigo sem a mínima preocupação de se servir a si próprio. Tal como facilmente se encontrará explicações para esse gesto de modo mais vantajoso para a reputação do nosso herói, do mesmo passo se concluirá ter tido ele algum interesse na libertação do conde. E assim igualmente se usará de tolerância no julgamento de toda a situação, especialmente porque a sequência torna não só razoável, mas também necessário, supor que *Wild* não era alheio ao referido interesse.

Um relacionamento de duradoura intimidade e amizade subsistiu entre o conde e o Sr. *Wild*; este, a conselho do amigo, passou a andar bem vestido e foi apresentado nos melhores círculos da sociedade. Ambos frequentavam regularmente assembleias, leilões, salas de jogo, teatros. Nestes últimos assistiam todas as noites a dois actos de alguma peça em cena, retirando-se então sem pagar, privilégio imemorial conferido a si próprios pelos elegantes

da cidade. O que, em todo o caso, não se coadunava com o temperamento do Sr. *Wild*, que objectava tratar-se de batotice, de uma tosca habilidade que qualquer cretino podia pôr em prática. Segundo dizia, era um costume muito parecido com pequeno latrocínio, mas não tão honroso nem tão engenhoso como roubar umas coisas nas lojas.

Wild fazia agora grande figura e passava por cavalheiro de vasta fortuna em títulos da dívida pública. Damas de qualidade tratavam-no com grande familiaridade e as mais jovens começavam a afadigar-se, tentando enredá-lo nos seus encantos, quando ocorreu um acidente que pôs fim a este modo de vida demasiado insípido e indolente para as suas grandes possibilidades, propícias a dar-lhe um destaque muito acima do obtido por peraltas e janotas.

CAP. VII

O jovem Wild vai de viagem e regressa ao país. Capítulo assaz breve, abrangendo incomensuravelmente mais tempo e menos matéria do que qualquer outro em toda esta história.

Lamentamos não poder satisfazer a curiosidade do leitor, apresentando uma relação completa e rigorosa do dito acidente. Mas como há versões bem diversas e só uma poderá ser a verdadeira, existindo mesmo a hipótese e até a probabilidade de que nenhuma o seja, passaremos por cima de todas elas. Deste modo evitamos o método genérico dos historiadores, que, em casos que tais, anotam os vários relatos, deixando à consciência de cada leitor a escolha de um deles.

O certo é que, fosse qual fosse o acidente, ele levou o pai do nosso herói a mandá-lo para fora do país, situação em que se manteve durante sete anos. Algo digno de registo é que a referida situação se limitou às plantações de Sua Majestade na *América*.⁵¹ Estando essa parte do mundo, como o velho *Wild* dizia, mais livre de vícios do que as cortes e cidades da *Europa*, era, conseqüentemente, menos perigosa para a formação moral de um jovem. Quanto a vantagens, o pai *Wild* considerava serem comparáveis às encontradas em climas mais brandos; porque viajar, acrescentava ele, tanto é viajar numa parte do mundo como noutra qualquer. Consistia em estar afastado de casa durante algum tempo e percorrer umas tantas milhas. Apelava então para a experiência de quem o ouvia, perguntando se, no regresso ao país, a

maior parte dos jovens viajantes em *França* e *Itália* não provava ser tal destino tão proveitoso como a *Noruega* ou a *Groenlândia*.⁵²

Em conformidade com estas posições do pai, o jovem cavalheiro embarcou num navio com rumo ao continente *americano*, juntamente com uma considerável companhia de outros gentil-homens. O tempo exacto da sua estada permanece algo incerto, mas foi provavelmente mais longo do que se planeara. Qualquer que tenha sido, ele corresponde a um hiato nesta história porque nem uma aventura então ocorreu que mereça a atenção do leitor. Essa foi, de facto, uma época preenchida por uma contínua cena de fornicção, bebida e deslocação de um lugar para outro.

Para confessar uma verdade, estamos tão envergonhados com a brevidade deste capítulo que preferíamos ter violentado a nossa história e inserido uma ou duas aventuras de alguns outros viajantes. Com esse fim pedimos emprestados os diários de alguns jovens cavalheiros que recentemente fizeram a sua viagem educativa pela *Europa*; mas para nossa grande pena não conseguimos extrair deles um único incidente com solidez bastante para justificar o plágio perante a nossa consciência.

Quando consideramos a ridícula figura que este capítulo há-de fazer, já que corresponde pelo menos a sete anos, o nosso único conforto é o facto de as histórias da vida de alguns humanos, e talvez de alguns humanos com impacte no mundo, serem, na realidade, tão absolutamente vazias quanto o são as viagens do nosso herói. Como, entretanto, compensaremos esta insuficiência nas páginas que se seguem à presente lacuna, é altura de nos apressarmos a tratar de assuntos de verdadeira importância e imensa grandeza. De momento, contentamo-nos em recolocar o nosso herói no ponto em que o tínhamos deixado, depois de dar conta ao leitor da sua ausência e do seu regresso.

CAP. VIII

Aventura em que Wild, ao repartir o produto de uma pilhagem, revela surpreendente exemplo de GRANDEZA.

Uma noite, estava o conde a ter enorme sucesso à mesa de jogo, com os dados, na presença de *Wild*, recém-chegado das suas viagens. Também presente encontrava-se um cavalheiro, de nome *Bob Bagshot*, do círculo de

relações do Sr. *Wild*, que o tinha em elevado conceito.⁵³ Chamando o Sr. *Bagshot* à parte, o nosso jovem herói aconselhou-o a munir-se de um par de pistolas (se é que não as tinha ali consigo) e a atacar o conde no regresso deste a casa, prometendo estar por perto, igualmente armado, como um *corps de reserve*, para o que desse e viesse. Este plano foi executado conforme o combinado e o conde viu-se obrigado por força bruta a entregar o que, de modo tão educado e civilizado, tinha ganho ao jogo.

Correspondendo, de resto, à sábia e filosófica observação de que uma desgraça nunca vem só, tinha o conde acabado de se sujeitar à pesquisa do Sr. *Bagshot* quando caiu nas mãos do Sr. *Snap*.⁵⁴ Este, em companhia do Sr. *Wild* sénior e de mais um ou dois cavalheiros, estando para o efeito convenientemente mandatado, dominou o infeliz conde e reconduziu-o à mesma casa de onde, com a assistência do seu bom amigo, tinha antes fugido.

O Sr. *Wild* e o Sr. *Bagshot* foram então juntos para a taverna, onde o segundo, generosamente (pensava ele) se ofereceu para partilhar o espólio da pilhagem. Tendo dividido o dinheiro em dois quinhões desiguais, e juntado uma caixa de rapé dourada ao quinhão mais pequeno, o segundo convidou o primeiro a escolher entre um e outro.

O Sr. *Wild* imediatamente recolheu no bolso a parte maior do espólio, de acordo com uma das sua excelentes máximas: *para começar, há que pôr a bom recato o quinhão possível, antes de questionar a posse do restante*. Depois, virando-se para o companheiro, perguntou-lhe, com cenho carregado, se tencionava guardar toda aquela soma para si próprio. Um tanto surpreendido, o Sr. *Bagshot* respondeu pensar não ter o Sr. *Wild* razão de queixa; porque era seguramente justo, pelo menos da sua parte, contentar-se com uma porção igual do espólio – ele, o operacional que tinha conseguido tudo. ‘Concedo que foste tu a conseguir tudo, replicou *Wild*, mas, por favor, quem propôs ou aconselhou a operação? Podes tu dizer que fizeste mais do que executar o meu plano, e não achas que eu podia muito bem, se me apetecesse, ter escolhido outros executantes? Sabes perfeitamente que não havia na sala nenhum cavalheiro que não tivesse sacado o dinheiro se inteirado da maneira mais conveniente e segura de o conseguir.’ ‘É bem verdade isso’ (retorquiu *Bagshot*), ‘mas não fui eu a executar o plano, não fui eu quem correu todo o risco? Não teria eu sofrido o maior castigo se me tivessem preso, e não é o jornaleiro merecedor do seu salário?’⁵⁵ ‘Sem dúvida que sim (anuíu *Jonathan*), e o teu salário é coisa que não te nego; a ele só tens direito,

da mesma maneira que o trabalhador só tem direito a gozar do seu. Lembrome de na escola ter ouvido uns versos que, pela excelência da sua doutrina, me causaram grande impressão; diziam que as aves do céu e as alimárias dos campos não trabalham para si próprias.⁵⁶ É certo que o agricultor dá ração às vacas e leva as ovelhas a pastar; mas o objectivo é o seu próprio serviço, não servi-las a elas. Do mesmo modo, o lavrador, o pastor, o tecelão, o pedreiro e o soldado não trabalham para si próprios, mas para outros. Contentam-se com uma pobre pitança (o salário do jornaleiro) e permitem-nos a nós, os GRANDES, gozar dos frutos do seu labor. *Aristóteles*, como nos dizia o nosso professor, provou claramente, no primeiro livro da sua *Política*, que a parte mais baixa, servil e útil da humanidade nasce escrava das vontades e necessidades dos seus superiores, tal como se fosse gado.⁵⁷ É justo o que se diz de nós, que constituímos a ordem cimeira dos mortais; nascemos só para devorar os frutos da terra.⁵⁸ Igualmente se pode dizer com justiça da classe inferior, que nasceu apenas em ordem a produzi-los para nós. Não é a batalha ganha pelo suor do soldado comum, através do perigo que corre, e não cabem a honra e o fruto da vitória ao general que concebeu a tática respectiva? Não é a casa construída pelo labor do carpinteiro e do pedreiro? Não é ela edificada para lucro do architecto e uso do locatário, que não teria facilmente colocado pedra sobre pedra? Não tomam forma a fazenda e a seda, não são elas tingidas com toda a variedade e beleza das cores por aqueles que são forçados a contentar-se com a parte mais ínfima e vil do seu trabalho, enquanto o proveito e o usufruto desse mesmo trabalho a outros pertencem? Lança o olhar à tua volta e vê quem vive nos edificios mais magníficos, quem regala o paladar com os acepipes mais faustosos, a vista com as mais belas esculturas e as pinturas mais delicadas, quem se veste com a mais fina e rica indumentária; diz-me se todas essas coisas não cabem em sorte aos que nada contribuíram para as produzir nem tinham a mínima capacidade para tal. Porque havia então a situação do *cavalheiro-de-indústria* de ser diferente de todas as outras? Ou porque havias tu, simples assalariado, executante do meu plano, de esperar um quinhão do espólio? Faz, pois, como te aconselho, entrega-me tudo e confia na minha liberalidade para receberes a tua recompensa.’ O Sr. *Bagshot* ficou mudo durante algum tempo, com ar de pessoa fulminada por um raio. Refazendo-se, finalmente, da surpresa, começou a falar. ‘Se pensa, Sr. *Wild*, pela força de argumentos, tirar-me o dinheiro do bolso, está redondamente enganado. Todo o seu

arrazoado nada vale para mim. D ————— me levem, sou um homem de honra e, embora não saiba falar tão bem como o Sr., por tudo o que há de mais sagrado, não vai fazer de mim estúpido e, se me toma por tal, tenho que lhe dizer que é um tratante.’ Ao dizer estas palavras, levou a mão à espada. *Wild*, percebendo o parco sucesso que os seus poderosos argumentos tinham tido, assim como o temperamento precipitado do amigo, desistiu do seu fito naquele momento, dizendo a *Bagshot* estar só a brincar. Mas esta fleuma teve mais o efeito de azeite do que de água no ânimo inflamado do outro, que replicou, furioso: ‘D ————— me levem, não gosto de brincadeiras dessas; vejo que é um miserável tratante e um patife.’ *Wild*, com uma filosofia digna de grande admiração, redarguiu: ‘Quanto aos teus insultos, não lhes ligo importância; mas para te convencer de que não tenho medo de ti, proponho que ponhamos o espólio sobre a mesa e quem ganhar na luta que o leve todo.’ E tendo dito isto, puxou da espada reluzente, cujo brilho de tal modo ofuscou o olhar de *Bagshot*, que levou este a dizer, já em tom muito diferente: ‘Não, estou contente com o que já tenho. É altamente ridículo entrarmos em rixa; temos inimigos que bastam fora dos nossos círculos mais próximos e é contra esses que devemos unir esforços. Se me enganei a seu respeito, lamento, e, quanto a brincadeiras, era tão capaz de as aceitar como os melhores humoristas.’ *Wild*, que tinha um jeito maravilhoso de descobrir e jogar com as paixões humanas, começando agora a perceber melhor o amigo e a conceber os argumentos de mais rápido impacte nele, gritou bem alto: ‘Já que me forçaste a puxar da espada e que a tenho ainda desembainhada, não voltarei a guardá-la sem ter recebido desculpas compensatórias.’ ‘Que desculpas?’ perguntou o outro. ‘O teu dinheiro ou à espada’, disse *Wild*. ‘Como? Olhe bem, Sr. *Wild*’, disse *Bagshot*, ‘se quiser, posso emprestar-lhe um pouco do meu quinhão; pois sei que é um homem de honra, não me importo de lhe emprestar. Não tenho medo de ninguém, mas não quero romper com um amigo e o dinheiro pode ser-lhe necessário para alguma ocasião...’ *Wild*, que amiúde declarava considerar algo emprestado um meio tão bom como qualquer outro de *roubar* e, na sua expressão, o processo mais civilizado de furtar, voltou a embainhar a espada e apertou a mão ao amigo, acrescentando algumas observações. Que este acertara em cheio; estava a atravessar uma ocasião de necessidade, o que o obrigara a ir mais longe do que queria; e que a sua honra o forçava a pagar uma certa quantia na manhã seguinte. Dito o que, e contentando-se, portanto, com

metade do quinhão de *Bagshot*, ou seja, arrecadando três quartos do espólio, despediu-se do companheiro e foi descansar.

CAP. IX

Uma visita de Wild à menina Laetitia Snap, com descrição desta jovem e amorosa criatura, assim como das infrutíferas abordagens do Sr. Wild à sua pessoa.

Na manhã seguinte, ao acordar, o nosso protagonista começou a pensar em fazer uma visita à menina *Tixa Snap*; pois que, embora realmente uma mulher de mérito e grande generosidade, ela era muitíssimo receptiva a algum presente que fosse sinal de respeito do seu amador, como *Wild* já verificara. Daí que este se tenha dirigido directamente a uma loja de utilidades, onde adquiriu uma catita caixa de rapé, com a qual se apresentou à sua amada, que veio ao seu encontro no mais encantador *déshabillé*.⁵⁹ O belo cabelo caía-lhe, langoroso e abundante, sobre a testa ainda não branqueada por qualquer pó, mas também não totalmente isenta de besunto. Bem dobrado e pregado sob o queixo, trazia um peitilho que parecia ter sido usado poucas vezes; e vários vestígios emergiam, nas suas faces, daquela arte com que as damas aperfeiçoam a natureza. O corpo surgia ataviado informalmente com um espartilho e outros apoios, de maneira que os seios dispunham de plena autonomia para exibirem a sua belífica globalidade, o que faziam até à cota zero da cinta. Um lenço amarrotado de musselina quase os escondia, excepto em partes onde um benigno buraco dava oportunidade a um deles para aparecer na sua brancura e fazia realçar alguma deficiência no lenço, de outro modo talvez despercebida. O seu roupão era de cetim esbranquiçado e tinha uma dúzia de círculos prateados, tão artisticamente entretecidos que pareciam ter caído nele por acaso.⁶⁰ Esvoaçante, deixava ver uma fina e ainda branca combinação, maravilhosamente bordada na extremidade com uma fita de renda dourada; por baixo desta, outra combinação aparecia, esticada com barba de baleia, vulgarmente chamada armação, que caía seis polegadas, pelo menos, abaixo da outra, e sob a qual ainda despontava um tecido vermelho.⁶¹ Analogamente exhibia dois mimosos pés revestidos de seda e adornados com renda; o direito atado com uma elegante fita azul, e o esquerdo, talvez menos esmerado, com um bocado de material encarnado, aparentemente tirado da combinação da mesma cor. Era esta a amorosa

criatura que o Sr. *Wild* vinha visitar. A princípio recebeu-o com alguma frieza, recomendável em mulheres de estricte virtude para se imporem aos seus amadores, embora tal implique, por vezes, dolorosa contensão. Uma vez apresentada a caixa de rapé, esta foi de início civilizada e até polidamente recusada; mas, numa segunda instância, aceite. Pouco depois, a mesa do chá foi convocada, e a ela se sentaram os jovens amantes, que entraram em conversação. Se pudéssemos transcrever esta com algum rigor, o leitor certamente a acharia muito edificante assim como divertida. Basta dizer, no entanto, que o espírito da jovem criatura, associado à beleza dela, de tal modo inflamou a paixão de *Wild*, paixão aliás honrosa mas simultaneamente de enorme violência, que o levou a liberdades demasiado ofensivas para a subtil castidade de *Laetitia*. A qual, para confessar a verdade, ficou a dever mais à sua própria força para preservar a virtude, do que ao temeroso respeito ou à timidez do apaixonado. Ele era, de facto, tão impetuoso nas suas abordagens, que, se não lhe houvesse prometido casamento com muitos juramentos à mistura, dificilmente teríamos qualquer justificação em dizer que a sua paixão era estritamente honrosa. Mas ele estava tão atreito a concepções de decência, que nunca ameaçava de violência uma jovem dama sem as mais sérias promessas do referido teor. O que era, segundo dizia, parte do cerimonial devido à respectiva modéstia e tão facilmente encenado, que a omissão não podia radicar senão no mero desbragamento da brutalidade.

Quer por prudência, quer talvez por religiosidade, que publicamente professava, a encantadora *Laetitia* permaneceu surda a todas as promessas e invencível apesar da força dele. Embora não tivesse aprendido a vulgar arte de se defender com os punhos, a natureza também não a tinha deixado sem armas de defesa. De facto, nas pontas dos dedos possuía uns instrumentos que usava com admirável destreza. Assim, o sangue do Sr. *Wild* em breve começou a aparecer em vários pontos do rosto e as suas bochechudas faces adquiriram semelhanças com aquela parte do corpo que a modéstia impede um garoto de expor excepto numa escola privada, onde serve de alvo ao correctivo do respectivo mestre. *Wild* retirou-se então da refrega, enquanto a triunfante *Laetitia*, com garbosa galhardia e nobre alento gritava: ‘D ——— o levem, se é esta a sua maneira de expressar amor, garanto que terá retribuição bastante da minha parte.’ E continuou a invocar uma virtude que *Wild* insistia dever ser mandada para o diabo ou a este oferecida quando ela visitasse os infernos; e assim se separaram os dois amantes.

CAP. X

Exposição de alguns assuntos respeitantes à casta Laetitia, os quais vão decerto fazer pasmar e talvez afectar o nosso leitor.

Mal o Sr. *Wild* partira, a bela conquistadora abriu a porta do armário, chamando o jovem cavalheiro que lá se escondera ao sentir a aproximação daquele. O nome do galante era *Tom Smirk*⁶²; aprendiz de um negociante de velas de sebo, era o peralta mais considerável e apreciado pelas damas nessa parte da cidade onde vivia.⁶³ Temos para nós que a indumentária é o distintivo ou a qualidade eficiente de um janota; por isso, em vez de registarmos o carácter deste jovem cavalheiro, contentamo-nos em descrever o seu traje. Assim, trazia um par de meias altas de cor branca e uns sapatos de saltos rasos; as fivelas respectivas, que quase cobriam os pés, eram de pechisbeque.⁶⁴ As calças, de pelúcia vermelha, mal chegavam aos joelhos. O colete, de algodão branco, era ricamente bordado com seda amarela. Sobre ele, trazia um casaco de pelúcia azul, com botões de metal e aparatosas mangas; envergava ainda uma curta capa pelas costas. A sua cabeleira postiça, de cor castanha, cobria-lhe quase metade da cabeça; descaído para um lado, mas empoleirado com grande pose, tinha um chapelinho de renda. Assim era o prendado *Smirk*, que, ao sair do armário, foi recebido de braços abertos pela afável *Laetitia*. Tratando-o ela com a terna expressão de ‘querido *Tommy*’, foi-lhe dizendo que afastara a odiosa criatura que o pai tencionava dar-lhe por marido, nada agora havendo que pudesse interromper a felicidade de estarem juntos.

Na presente conjuntura, o leitor terá de perdoar se nos detemos um pouco para lamentar a inconstância da natureza ao formar esta encantadora parte da criação concebida para perfeita felicidade do homem. De facto, com a sua suave inocência, ela pode temperar a ferocidade; com a sua franca jovialidade, atenuar as preocupações; e com a firme amizade, aliviar todas as perturbações e desilusões que mais lhe tocam a ele.

Vendo, pois, que isto é universalmente assim, que estas são as bênçãos mais desejadas e geralmente encontradas em cada esposa, não podemos deixar de lamentar a tendência de muitas destas maravilhosas criaturas para preferirem indivíduos do outro sexo que não parecem vocacionados por natureza para serem, desta, as maiores obras-primas. Certo é que eles podem ser muito aproveitáveis, pois, conforme aprendemos, nada, nem mesmo um piolho, é criado em vão.⁶⁵ Mas estes peraltas, ainda quando se tornam indi-

víduos de grande capacidade e honra, como os que de vermelho se vestem nesta nossa ilha, não são, ao contrário do que pensam algumas pessoas, a parte mais nobre da criação.⁶⁶ Por meu lado, não escolheria dois janotas, por mais elegantes que fossem na maneira de vestir, e mesmo que de alta patente, capitães ou coronéis, como exemplos de excelência; a eles arriscar-me-ia a opôr um único *Isaac Newton*, um *Shakespeare*, um *Milton*, ou talvez alguns mais. E penso até se não teria sido melhor para o mundo em geral que esses dois janotas não tivessem nascido em vez de nos darem o dúbio benefício do seu labor.⁶⁷

Se isto é verdade, como se torna melancólica a reflexão de que um só peralvilho, especialmente se lhe bastar ter, no mínimo, meia jarda de fita no chapéu, pesará mais, na balança dos afectos femininos, do que vinte *Newtons*! Como não se há-de envergonhar o nosso leitor, possivelmente pronto a atribuir à inimpregnável virtude de *Laetitia* a sua resistência às violentas abordagens do arrebatador (ou antes: violador) *Wild*, quando perceber não ser esse o caso? Como não se há-de envergonhar, de facto, ao saber que ela se abandonou a licenciosas liberdades com *Smirk*? Mas, ai de mim!, quando contarmos tudo, para preservar a fidelidade da nossa história, quando dissermos que ambos se entregaram a toda a espécie de familiaridades e que a BELA *Laetitia* tornou *Smirk* tão feliz quanto *Wild* desejava ser, como não há-de o nosso leitor ficar confuso? (*Bela*, digo eu agora, pois nesta situação única temos de imitar *Virgílio* quando pôs de parte o *pius* e o *pater*, omitindo o epíteto favorito, *casta*).⁶⁸ Façamos, pois, descer o pano sobre a cena movidos pela filogenia que nos caracteriza, e avancemos para assuntos que, em vez de desonrarem a espécie humana, antes a engrandecem e enobrecem.

CAP. XI

Em que se apresentam tão notáveis e tão nobres exemplos de humana GRANDEZA quanto é possível encontrar na história antiga ou moderna, concluindo com algumas tonificantes sugestões endereçadas àquele sector da Humanidade que é adepto de uma vida fácil e leda.

Mal se separara da casta *Laetitia*, *Wild* lembrou-se de que o seu amigo, o conde, regressara ao alojamento anterior e decidiu visitá-lo.⁶⁹ Ele, de facto, não era um desses indivíduos de reles educação que se sentem embaraçados ao verem os amigos depois de os roubarem e traírem. Por causa de tal tempe-

ramento vil e mesquinho, muitas e monstruosas crueldades têm ocorrido no processo de relacionamento dos humanos. Alguns homens, compelidos pela modéstia, foram ao requinte de assassinar ou arruinar outros completamente, depois de terem cometido contra eles algum pequeno desmando, por exemplo perverter a mulher ou a filha. No nosso protagonista nada havia que não fosse verdadeiramente GRANDE: era capaz, sem o mínimo retraimento, de beber uns copos com o homem que bem sabia ter sido por ele próprio roubado pouco antes. E depois de o ter desapossado de tudo quanto tinha, nunca desejava fazer-lhe mais algum mal. É que a sua bondade ia até ao apuro admirável e invulgar de não causar nenhum prejuízo a homem ou mulher sem de um ou da outra esperar colher algum proveito.

O nosso herói encontrou o cativo não a lamentar, estéril, o seu fado, nem entregue ao desespero, mas, com a devida resignação, preparando-se com vários baralhos de cartas para prosseguir os seus feitos. O conde, longe de suspeitar ter sido *Wild* o autor do seu infortúnio, levantou-se e saudou-o com entusiasmo; o outro, obviamente a par de tudo, retribuiu o cumprimento com entusiasmo idêntico. Mal se tinham sentado, o recém-chegado aproveitou a ocasião, ao ver as cartas na mesa, para proferir uma invectiva contra o jogo. De modo habitual nele e com uma desenvoltura altamente recomendável, depois de exagerar as infelizes circunstâncias que então tolhiam o cativo, imputou toda essa infelicidade ao maldito vício do jogo. Tinha sido a causa da presente situação do conde e havia inevitavelmente de lhe trazer a ruína.⁷⁰ O visado, com grande vivacidade, defendeu o seu divertimento (ou antes: emprego) favorito e, depois de contar o grande sucesso obtido após deixar o alojamento, pô-lo a par do acidente subsequente, de que o leitor já tem algum conhecimento. O próprio *Wild* também sabia algo do que se passara, mas não conhecia uma circunstância: que o conde defendera o dinheiro com a maior bravura e ferira perigosamente pelo menos dois ou três dos assaltantes. Comportamento que *Wild* altamente aplaudiu, dizendo desejar ter estado presente para o ajudar; e isto por saber da extrema prontidão com que o conde entregara o espólio e conhecer a invariável frigidez da coragem dele. O outro passou então a expostular sobre a falta de empenhamento da polícia e sobre o escândalo, para os amantes da justiça, que era as pessoas não poderem andar em segurança nas ruas. Depois de dissertar algum tempo acerca do assunto, perguntou ao Sr. *Wild* se alguma vez presenciara tal sucessão de lances de sorte (assim chamando aos seus

ganhos, embora sabendo estar *Wild* bem a par da forma como viciava os dados). O amigo respondeu que era, de facto, uma sorte prodigiosa e quase suficiente para justificar qualquer pessoa que não o conhecesse muito bem na suspeita de não praticar jogo limpo. ‘Não; ninguém, creio eu, ousa exprimir tal suspeita,’ replicou o conde. Ao que *Wild* retorquiu: ‘Com certeza que não. É bem conhecida a sua probidade. Mas, caro Sr., os patifes roubaram tudo o que levava?’ ‘Tudo’, volveu o conde, com uma praga. ‘Nem uma moeda me deixaram.’

Enquanto estavam assim discreteando, o Sr. *Snap*, seguido de um cavalheiro, apresentou o Sr. *Bagshot* aos circunstantes. Segundo parece, logo após deixar o Sr. *Wild*, o dito Sr. *Bagshot* voltara à mesa de jogo onde confiou à Fortuna o tesouro antes amealhado pelo seu próprio esforço. Mas então a infiel deusa cometeu um abuso de confiança e despediu o Sr. *Bagshot* com as algibeiras tão vazias com as de qualquer outro cavalheiro do reino atingido pela maior pobreza, mesmo que disfarçada por punhos de renda. Ora quando o Sr. *Bagshot* se dirigia a uma reputada casa ou a um certo casebre na zona de *Covent-Garden*, aconteceu encontrar-se com o Sr. *Snap*, que acabava de levar o conde aos seus aposentos e agora passeava em frente da porta da casa de jogo. O meu bom leitor, se não é versado no convívio mundano e a vida na cidade não lha ensinou, deve ficar a saber uma coisa. Tal como o voraz lúcio se abriga, confortável, à sombra de uma planta, espregando a embocadura de algum ribeiro por onde muito peixe miúdo passa a caminho de um rio maior, assim também o Sr. *Snap*, hora após hora, vigia a porta ou entrada dessas casas de jogo.⁷¹ Ele ou algum cavalheiro da mesma vocação profissional assim segue, atentamente, a arraia-miúda dos jovens cavalheiros, aos quais entrega pequenas peças de pergaminho com convite para visitarem a sua casa, juntamente com o Sr. *John Doe*, pessoa de companhia assaz solicitada.⁷² Entre muitos outros convites desta espécie, o Sr. *Snap* tinha um por acaso dirigido ao Sr. *Bagshot*, por diligência ou requerimento de uma tal Sr^a *Dona Ana Sample*, solteira, em cuja casa o dito Sr. *Bagshot* estivera alojado vários meses e da qual inadvertidamente partira sem formalmente se despedir; motivo pelo qual *Dona Ana* decidira, através desse processo, *falar com* ele.⁷³

Estando agora a sua casa cheia de gente de espirituosa conversação, viu-se o Sr. *Snap* obrigado a apresentar o Sr. *Bagshot* aos cavalheiros que partilhavam o apartamento do conde, o único, conforme disse, que tinha de fechar

à chave. Mal viu o amigo, o Sr. *Wild* correu a abraçá-lo e logo o apresentou ao conde, que o acolheu com grandes demonstrações de civilidade.

CAP. XII

Em que se acrescentam pormenores sobre a menina Tixa, que talvez não causem grande admiração depois dos já referidos, juntamente com descrição de um excelente cavalheiro, e um diálogo entre Wild e o conde, em que se alude, entre outros assuntos, à virtude pública.

Poucos minutos depois de o Sr. *Snap* ter dado a volta à chave, um criado da família chamou o Sr. *Bagshot* fora do quarto, dizendo que estava lá em baixo uma pessoa que desejava falar com ele. E essa pessoa era nem mais nem menos do que a menina *Laetitia Snap*, de quem o Sr. *Bagshot* era antigo admirador, e em cujo peito sensível a paixão dele tinha provocado uma chama mais ardente do que a suscitada por qualquer rival. Ela era até tão affecta a este jovem que muitas vezes confessara a meninas suas confidentes ser o Sr. *Bagshot* o único homem com quem alguma vez admitia vir a viver. Acresce que ela não estava sòzinha nesta inclinação, tendo mesmo muitas jovens rivais no que se refere a este amador. Ele exhibia todos os grandes e nobres predicados necessários a um verdadeiro conquistador, apesar de a natureza raramente ser tão pródiga que se disponha a conferi-los por junto a um único indivíduo. Tentaremos, porém, descrevê-los com a máxima exactidão possível. Tinha ele então seis pés de altura, pernas bem lançadas, ombros largos, pele rosada, cabelo castanho encaracolado, atitude modesta mas auto-confiante e era asseado na roupa que vestia. Denotava, é certo e preciso admiti-lo, algumas pequenas deficiências a contrabalançar tão heróicas qualidades. Era o sujeito mais tolo do mundo, não sabia ler nem escrever e não tinha a mínima honra, honestidade ou bondade no seu carácter.

Logo que o Sr. *Bagshot* saiu do quarto, o conde, pegando na mão de *Wild*, disse-lhe ter a comunicar-lhe algo da maior importância. Passou então a informá-lo estar perfeitamente convencido ser *Bagshot* a pessoa que o roubara. *Wild* pareceu sobressaltado e assaz espantado com tal revelação, dizendo ao conde, com ar muito sério, para ter cuidado ao lançar tais testemunhos à conta de alguém como o Sr. *Bagshot*, tão cioso em questões de honra e tão incapaz de suportar a acusação. ‘D ————— levem a sua honra’, replicou o conde, furioso, ‘eu também não consigo suportar ser vítima de roubo e vou

fazer queixa a um juiz de paz.’ Reagiu *Wild* com grande indignação por o outro ser capaz de alimentar tal suspeita sobre um amigo, o que, desde logo, o fazia renunciar a qualquer relacionamento com o aristocrata. Sabia que o Sr. *Bagshot* era homem de honra além de seu íntimo; logo, era impossível que fosse culpado da má acção imputada. E muitas palavras acrescentou com o mesmo sentido, as quais não tiveram, contudo, o esperado efeito nas convicções do conde. Este permaneceu firme quanto à pessoa acusada e resoluto quanto à intenção de se queixar à justiça – em defesa, sublinhou, não só dele próprio mas do público em geral. *Wild* então mudou de expressão facial, ostentando agora um ar de troça e falando como segue: ‘Suponhamos que era possível o Sr. *Bagshot* ter usado, por brincadeira, esse método de lhe pedir emprestado o dinheiro; o que é que ganhava em acusá-lo? De certeza que não o dito dinheiro, pois acaba de saber que foi roubado à mesa de jogo’ (disso tinha-os *Bagshot* informado durante curto conciliábulo). ‘Vai, portanto, criar a oportunidade de ficar ainda menos abonado com essa acusação. Outra vantagem que poderá considerar adquirida é cair em descrédito em todas as casas de jogo da cidade; isso lhe garanto. Bom proveito então lhe faça a satisfação que dá ao público, em relação ao qual parece dever algumas obrigações. Sinto-me envergonhado do meu próprio discernimento quando pensei ser o Sr. um grande homem. Não era melhor recuperar parte do dinheiro (talvez até todo), ficando calado? Por muito pobre que o Sr. *Bagshot* possa estar agora, se ele de facto lhe pregou essa partida por brincadeira, também a pregará a outros. E quando ele voltar a ter alguma liquidez, o Sr. pode contar com uma restituição. A lei estará sempre do seu lado, mas esse é o último recurso de um homem corajoso ou prudente. Deixe, pois, o assunto a meu cargo; vou investigar o comportamento de *Bagshot*, e se apurar que ele abusou, assumo, por minha honra, que no final das contas o Sr. não ficará a perder.’ Ao que o conde respondeu: ‘Se eu tiver a certeza de vir a ser devidamente indemnizado, Sr. *Wild*, julgo que terá melhor opinião a meu respeito do que imaginar que eu acusaria um cavalheiro em atenção ao bem público. Estas são palavras insensatas, claro, que nos vêm à boca por um ridículo hábito da fala e que deixamos escapar sem qualquer intenção ou verdadeiro sentido. Asseguro-lhe que tudo quanto desejo é ser reembolsado; e se, pelos seus bons ofícios, puder obter isso, bem se pode o público —————’, concluiu o conde, usando expressão demasiado grosseira para ter cabimento numa história como esta.

Os interlocutores foram então informados de que o jantar estava pronto e as pessoas reunidas no andar de baixo, onde o leitor poderá, se quiser, acompanhar estes cavalheiros.

Na sala de jantar estavam sentados o Sr. *Snap* e as suas duas jovens filhas; o pai *Wild* e o filho; o conde, o Sr. *Bagshot* e um cavalheiro de ar grave, que noutros tempos tivera a honra de ser soldado num regimento de infantaria e exercia agora funções (talvez ainda mais meritórias) de ajudante do Sr. *Snap* na execução das lei do país.

Nada de especial se passou durante o jantar. A conversa (como é usual entre gente civilizada) incidiu sobre os cozinhados que iam sendo servidos ou tinham ultimamente provado. No decurso da mesma, os militares presentes que haviam estado na Irlanda fizeram o relato de mais uma a juntar às mil maneiras de condimentar batatas; e outros descreveram o modo de preparar diversos pratos. Em resumo: um circunstante distraído poderia concluir da conversação que tinham vindo a este mundo com a mera finalidade de encher a barriga; e, de facto, se não a principal, era provavelmente a mais inocente que a natureza visara ao conceber os presentes.

Logo que a última travessa foi retirada e as senhoras saíram, o conde propôs um jogo de dados, o que todos imediatamente aceitaram. Os dados apareceram, o conde puxou do copo e perguntou quem queria apostar, ao que ninguém respondeu, talvez no pressuposto de que as algibeiras deles estivessem mais vazias do que na realidade estavam. De facto, desde a sua chegada a casa do Sr. *Snap* (e apesar do que jurara enfaticamente ao Sr. *Wild*), o aristocrata levava dali uma peça de prata a empenhar, o que lhe rendera dez guinéus. O conde, pois, apercebendo-se da inibição dos amigos e talvez também das respectivas razões, tirou os ditos guinéus do bolso e depô-los na mesa. E eis que (tal é a força do exemplo) os demais, sem excepção, apresentaram os seus fundos monetários, logo ali reunindo uma considerável quantia que fez os olhos de todos brilharem e o jogo começar.

CAP. XIII

Capítulo de que nos sentimos extremamente ufanos e que consideramos mesmo a nossa obra-prima, contendo uma espantosa história relativa ao diabo, bem como uma questão de honra, mais subtil do que alguma vez houve notícia.

Creio que o meu leitor, mesmo se aficionado do jogo, não me agradecerá o relato da variável sorte de cada jogador. Bastará, assim, dizer que os presentes jogaram até todo o dinheiro desaparecer da mesa; e se foi o próprio demo que o levou, não vou garantir, mas é, sem dúvida, surpreendente ter cada um deles protestado haver perdido e nenhum ter sugerido quem, a não ser o dianho, havia ganho.⁷⁴

Embora fosse muito provável que este super-inimigo tivesse ficado com uma parte dos lucros, também é possível que não tivesse arrecadado nada. E o Sr. *Bagshot* foi considerado um plausível vencedor, a despeito das suas asseverações em contrário. De facto, vários dos circunstantes viram-no a meter dinheiro no bolso; e, presunção ainda mais forte, o cavalheiro de grave figura, já referido como tendo servido o país em duas diferentes funções, não contente com confiar aos próprios olhos toda a evidência, tinha por várias vezes sondado as algibeiras de *Bagshot*, das quais podia ter extraído algumas moedas, na certeza, porém, de não serem senão uma ínfima porção das lá existentes.

O cavalheiro estava há bastante tempo nesta curiosa investigação quando, no calor do jogo, o Sr. *Bagshot* deu pelas sondagens em curso. Mas como este agora se aprestasse para sair da mesa, o outro resolveu revelar a suspeita sobre a habilidosa façanha. Saltando da cadeira numa violenta fúria, bradou: ‘Pensava eu que estava entre cavalheiros e homens de honra, mas d—— me levem, verifico haver um larápio entre nós.’ O escandaloso som de tal palavra alarmou enormemente toda a mesa; e nenhum dos presentes mostrou menos surpresa do que a *Conv* ——— *n* (cuja falta de reuniões recentes é muito lamentada) expressaria se ouvisse, numa das suas assembleias, que estava um *ateu* na sala.⁷⁵ Mas, mais que todos os outros, chocou o cavalheiro visado, o qual, do mesmo modo, saltou da cadeira e, com feroz expressão no rosto e na voz, ripostou: ‘Está-se a referir a mim? Eu seja cego se o Sr. não é um bandalho e um canalha.’ Tais termos teriam imediatamente conduzido a vias de facto se os presentes não se tivessem interposto, impedindo pela força que os dois se aproximassem um do outro. Levou tempo, no entanto, até que os antagonistas consentiram em ser acalmados e se sentaram. Uma vez isso conseguido, o Sr. *Wild* sénior, homem de boa vontade, aconselhou-os a apertarem as mãos e fazerem as pazes; mas o cavalheiro que fora alvo da primeira afronta mostrou-se perentório na recusa, jurando que ‘*teria de obter satisfações ou o sangue do vilão*’. O Sr. *Snap* aplaudiu bastante esta decisão, afirmando que o ultraje não era de modo

algum suportável por quem quer que usasse para si a designação de cavaleiro. A não ser que o amigo reagisse como se impunha, não mais consentiria que o acompanhasse no desempenho de uma função judicial. Tinha-o sempre considerado homem de honra e não duvidava que demonstraria sê-lo; ⁷⁶¹ mas se fosse ele o envolvido, nada o persuadiria a aguentar tal agravo sem as devidas satisfações. O conde, por sua vez e analogamente, colocou-se do mesmo lado; e as duas partes principais do processo, elas mesmas, mastigaram umas quantas e curtas expressões reveladoras das respectivas intenções. Por fim, o Sr. *Wild*, o nosso herói, erguendo-se lentamente da cadeira e tendo concentrado em si a atenção de todos os presentes, botou o seguinte discurso: ‘Ouvi, com prazer infinito, tudo quanto os dois cavalheiros que intervieram em último lugar disseram acerca da honra; nem poderá ninguém alguma vez atribuir mais subida e mais nobre significação a este termo ou nutrir maior apreço pelo seu inestimável valor do que eu próprio. Se não temos nenhum nome para o traduzir no dicionário da nossa gíria, bem desejável era que tivéssemos. Ele corresponde à qualidade essencial de um cavaleiro; e, sem esta, nunca nenhum homem foi grande no campo de batalha ou na estrada (expressão comum de outras pessoas). Mas, ai de mim! Cavalheiros, que pena uma palavra de tão soberana qualidade e virtude ter aplicação tão vária e incerta que duas pessoas, raramente, ao usá-la, querem significar a mesma coisa! Não é que, com essa palavra, algumas pessoas referem bondade e humanidade, a que espíritos fracos chamam virtudes? Ora bem! Vamos, por isso, impedir-nos de a aplicar aos grandes, bravos, nobres, aos saqueadores de cidades e províncias, aos conquistadores de reinos? Não são estes homens de honra? E contudo, eles desprezam ou desprezaram essas mesquinhas qualidades que mencionei. Por outro lado, ou muito me engano, ou alguns incluem a ideia de honestidade na sua noção de honra. Leva-nos isto a dizer que nenhum homem, ao retirar a outro o que a lei e a justiça talvez permitam a este chamar seu, ou ao privá-lo, de modo audaz e GRANDIOSO, de tal propriedade, é um homem de honra? De — — s não permita que eu o diga, nesta ou mesmo noutra qualquer boa companhia. Pergunto: a honra está na verdade? Respondo: não está. Não é na mentira que possa sair-nos da boca, mas na que nos é dirigida ao coração que a nossa honra fica afectada. Consiste ela então naquilo que gente vulgar chama magnas virtudes? Seria uma ofensa ao vosso discernimento supô-lo, pois todos os dias vemos muitos homens de honra sem nenhuma delas. Em

que consiste, então, a palavra *honra*? Pois bem: consiste apenas nela própria.⁷⁷ Um homem de honra é aquele que é assim chamado; e enquanto tal for chamado, nem por mais nem por menos tempo, assim permanece. Não pensemos que alguma acção pode ser detrimento para a honra de alguém. Tenhamos vistas largas e olhemos para o mundo em geral: enquanto singra, o *cavalheiro-de-indústria* é um homem de honra; na prisão, no banco dos réus, ou no patíbulo, já não é. E porquê tal distinção? Ela não advém das respectivas acções, muitas vezes tão conhecidas no seu estado de prosperidade como no de declínio. O motivo é diverso: porque lhe chamam *homem de honra* num caso e deixam de lhe chamar assim no outro. Vejamos, na circunstância, como o Sr. *Bagshot* insultou a honra deste cavalheiro aqui. Ora pois: chamando-lhe larápio; e isso, provavelmente, seguindo um raciocínio rígido e tortuoso, pode parecer um pouco derogatório da sua honra, considerada esta num sentido assaz subtil. Admitindo o mesmo raciocínio, portanto, e argumentando só pelo gosto de argumentar, somos levados a fazer uma imputação mínima sobre a sua honra; donde, o Sr. *Bagshot* deve-lhe algumas satisfações. As quais ficarão dupla ou triplamente pagas se, contrariando tão oblíqua incriminação, afirmar, de modo bem discreto, acreditar que o seu interlocutor é homem de honra.’ O cavalheiro respondeu que, por ele, entendia justo que o caso ficasse nas mãos do Sr. *Wild*; toda a satisfação que este achasse suficiente, ele também aceitaria. ‘Primeiro que me devolva o meu dinheiro’, disse *Bagshot*, ‘e depois chamar-lhe-ei homem de honra. Com toda a cordialidade.’ O cavalheiro então protestou que não tinha dinheiro nenhum – afirmação secundada por *Snap*, que declarou ter sempre mantido o olho nele. Mas *Bagshot* permaneceu obstinado, até que *Wild*, rogando uma praga a plenos pulmões, jurou que ele é que não tinha sacado nenhum; acrescentando que quem dissesse o contrário o estaria a desmentir e se havia de arrepender. Nessa altura, tal era o ascendente deste GRANDE HOMEM, *Bagshot* imediatamente aquiesceu e procedeu às cerimónias requeridas. Assim, pela delicada compostura do nosso herói, foi concluída com felicidade para todas as partes uma zaragata de tão má catadura e que envolvera mais directamente duas pessoas extremamente zelosas da sua honra.

O Sr. *Wild* estava até um pouco interessado no assunto, porque fora ele que instigara o cavalheiro à acção e recebera a maior parte do saque. Quanto ao depoimento do Sr. *Snap* a seu favor, era o ponto cimeiro a que o ardor

desse valioso amigo com demasiada frequência o transportava. A sua constante máxima era que bem mesquinho mostrava ser o fabiano que fazia finca-pé em algum *perjuriozito* a favor de um camarada.

CAP. XIV

Em que prossegue a história da GRANDEZA.

Tendo a questão sido assim sanada, e uma vez acabada a sessão de jogo, por razões já sugeridas, os circunstantes passaram a uma rodada de bebidas com a maior alegria e protestos de amizade, saudando-se mutuamente com apertos de mão e afirmando a mais perfeita afeição uns pelos outros. Tudo isso sem a mínima interrupção reveladora de alguns projectos só nos seus espíritos ventilados, que tencionavam executar logo que o álcool deixasse de prevalecer nos respectivos discernimentos. *Bagshot* e o adverso cavalheiro planeavam roubar-se um ao outro. O Sr. *Snap* e o pai *Wild* meditavam na possibilidade de descobrirem outros credores para agravarem a acusação que impedia sobre alguns dos detidos. O conde esperava recommençar o jogo, e *Wild*, o nosso herói, concebia um processo de pôr *Bagshot* à margem, ou, como a gente vulgar diz, mandá-lo para a forca na primeira oportunidade. Nenhum desses projectos, contudo, era susceptível de execução na altura. Com efeito, o Sr. *Snap* foi, pouco depois, chamado a assunto de grande urgência e que também requeria o apoio do Sr. *Wild* pai e do outro seu amigo. Como deixara de confiar na mobilidade do conde, da qual acabara de adquirir alguma experiência, o Sr. *Snap* declarou ter de *encerrar* o estabelecimento por toda a tarde. E agora, leitor, se te apraz e como não estamos com muita pressa, fazemos uma paragem e uma comparação. Quando uma caçada termina e o cauteloso caçador reúne os seus ágeis cães, encaminhando-os para o canil, estes vão de orelhas caídas, enquanto ele e os seus ajudantes, logo atrás, indiferentes ao humor canino dos animais, os vão mantendo agrupados na matilha, até que, achando-os a bom recato, os trancam, dirigindo-se depois para onde quer que ócio ou negócio os chame. Assim também, carrancudos e relutantes, subiram o conde e *Bagshot* para o respectivo quarto, ou antes: canil, seguidos por *Snap* e seus ajudantes; uma vez aí depositados os cativos, o mesmo *Snap* fechou a porta à chave e saiu. E agora, leitor, se não te importas, em conformidade com verdadeiramente

louvável costume do mundo, deixamos estes nossos bons amigos entregues a si próprios o melhor que forem capazes, e acompanhamos as prósperas fortunas de *Wild*, o nosso herói. O qual, com grande aversão ao seu bem-estar e contentamento, característica dos GRANDES espíritos, começou a ter perspectivas directamente proporcionais à sua prosperidade. Na verdade, esta amável e insaciável disposição, esta nobre avidez que aumenta na medida do alimento que lhe é proporcionado, representa o princípio primeiro ou a qualidade constitutiva dos nossos GRANDES HOMENS.⁷⁸ Para estes, e para a sua passagem ao estado de grandeza, acontece como ao viajante que deseja transpôr os *Alpes*. Ou, se esta analogia for considerada demasiado forçada, falemos antes do viajante que deseja transpôr as colinas à volta de *Bath*, onde a comparação foi, de facto, forjada.⁷⁹ Nem um nem outro vê de imediato o termo da sua viagem. Mas, passando de obstáculo em obstáculo, ou de um plano para outro, persiste com nobre ânimo, sempre decidido a atingir o ponto cimeiro em que primeiro fixara o olhar. Por muito enlameados que estejam os caminhos, acaba por chegar à sua meta, mesmo que seja uma modesta estalagem, onde não encontra entretenimento nem comodidade que chegue para lhe restaurar as energias. Imagino, leitor, que se alguma vez percorreste esses caminhos, uma parte da minha comparação é bastante transparente (e, de facto, em tais símiles, um dos aspectos envolvidos é geralmente muito mais transparente do que os outros). Mas acredita em mim: se a outra parte não te satisfaz tanto, a razão não é senão a tua falta de familiaridade com estes GRANDES HOMENS e de suficiente instrução, lazer ou oportunidade para considerares o percurso dos candidatos ao que geralmente se entende por GRANDEZA. Porque, seguramente, se não só censuraste alguma vez os muitos perigos a que estão expostos diariamente os GRANDES HOMENS na sua carreira ascensional, mas também se examinaste, por assim dizer, através do microscópio (já que o alvo é invisível a olho nu) essa ínfima partícula de felicidade que eles atingem mesmo na consumação dos respectivos desejos, lamentarias comigo o infeliz fado destes GRANDES GÉNIOS. A natureza colocou ao seu alcance uma meta tão grandiosa que o resto da humanidade, nascida apenas para seu uso e emolumento, poderia chorar: 'É uma pena AQUELES para cuja gratificação e lucro os humanos têm de labutar e suar, serem derrubados, pilhados, defraudados e de todas as maneiras destroçados, acabarem por colher tão PEQUENA vantagem de todas as desgraças que infligem a outros.' Por meu lado, confesso

pertencer ao número de pobres mortais que se consideram nascidos para proveito de algum GRANDE homem. Pudesse eu contemplar a sua felicidade, conquistada à custa do esforço e da desgraça de um milhar de tais répteis semelhantes a mim, e estaria então em condições de excluir, satisfeito: *Sic, sic juvat*.⁸⁰ Mas quando vejo um GRANDE HOMEM morrer à fome e ao frio, entre cinquenta mil que sofrem os mesmos males para diversão dele; ⁸¹ quando vejo outro de espírito abjectamente escravizado à própria grandeza e mais torturado e arruinado por ela do que por todos os seus vassalos; ⁸² e, por fim, quando deparo com nações inteiras extirpadas apenas para trazer lágrimas aos olhos de um GRANDE HOMEM, que se lamenta por já não ter mais nações para destruir, então, sem dúvida, quase me sinto inclinado a desejar que a natureza nos houvesse poupado à criação dessa sua OBRA-PRIMA e que nenhum GRANDE HOMEM tivesse vindo ao mundo. ⁸³

Mas continuemos com a nossa história, na esperança de ela permitir tirar lições melhores e mais instrutivas do que quaisquer ensinamentos por nós eventualmente preconizados. Mal se recolheu a uma taverna, *Wild* começou a meditar nas delícias por ele nesse dia usufruídas à custa do esforço alheio. Primeiro, por cooperação do Sr. *Bagshot*, que para seu benefício roubara o conde; e depois, por intermédio do cavalheiro que, para o mesmo bom fim, roubara *Bagshot*. E então pôs-se a reflectir do seguinte modo: 'A arte política é a arte da multiplicação, sendo os graus da GRANDEZA abrangidos por essas duas pequenas palavras *mais e menos*. A humanidade deve, em primeiro lugar, ser subdividida em duas grandes categorias – que compreendem, respectivamente, os que usam as mãos deles próprios e os que usam as mãos dos outros. Os primeiros formam a base, a população; os outros, a parte civilizada da humana criação. Daí que o vasto mundo mercantil bem avisado ande no emprego da expressão *ter mãos a medir*, apreciando com justiça cada um dos sectores que o compõem, conforme utilizam mais ou menos gente: determinado sector diz-se maior que outro se envolve mais gente ou tem mais mãos a medir. E o empregador sem dúvida pareceria pôr em causa o carácter da GRANDEZA, se não tivéssemos necessariamente de incluir, na segunda categoria, dois sub-grupos: não só dos que empregam outrém para bem da comunidade em que vivem, mas também dos que usam outrém só para seu proveito próprio, sem qualquer consideração pelo benefício da sociedade.⁸⁴ No primeiro sub-grupo incluem-se o pequeno proprietário, o pequeno industrial, o comerciante e, talvez, o cavalheiro de educação liberal.

O primeiro destes aduba e cultiva o solo pátrio, empregando outros para produzir os frutos da terra. O segundo também emprega outros para melhorar esses frutos e todas as úteis comodidades da vida. O terceiro, *idem*, mas para exportar os artefactos excedentes e trocá-los pelos excedentes de diversas nações, de modo que cada chão e cada clima possa gozar do que toda a terra dá. O cavalheiro de educação liberal, apoiado na aplicação de várias pessoas, permite ao seu país o progresso das artes e ciências; ao fazer e executar boas e saudáveis leis para a preservação da propriedade e a distribuição da justiça, assim como por mais vias, torna-se útil à sociedade. Ficamos, depois, confrontados com o outro grande sub-grupo da nossa segunda categoria, isto é, com aqueles que utilizam mãos alheias em exclusivo proveito próprio. Nele cabem os GRANDES geralmente distinguidos pelos nomes de *conquistadores*, *príncipes absolutos*, *primeiros-ministros* e *cavalheiros-de-indústria*. Ora todos estes só variam no grau de GRANDEZA, conforme utilizam *mais* ou *menos* mãos de apoio. *Alexandre*, o Grande, só era maior do que um capitão de *hordas tártaras* ou *sarracenas* por estar à frente de maior número de militares. Em que é que um *cavalheiro-de-indústria* é inferior a qualquer outro GRANDE homem, a não ser por empregar as suas próprias mãos? Não é, por isso, certamente equiparável a gente vil e vulgar. Supondo que um *cavalheiro-de-indústria* reuniu tantos instrumentos à sua disposição como qualquer Primeiro-Ministro alguma vez teve, não seria aquele tão GRANDE como este?⁸⁵ Seguramente que sim. Que tenho eu, pois, a fazer na prossecução da GRANDEZA, senão arranjar um bando e utilizá-lo em meu proveito? Esse bando roubará só para mim, recebendo recompensas assaz módicas pelas respectivas acções. Dele escolherei como meus favoritos os mais audazes e iníquos (palavra esta utilizada pelos indivíduos inferiores). Os restantes, conforme as ocasiões se proporcionarem, serão por mim levados de quando em vez para o degredo ou a enforcar, a meu belo prazer; e assim converterei as leis (excelência máxima num *cavalheiro-de-indústria*), antes feitas para vantagem e protecção da sociedade, ao meu uso exclusivo.

Tendo, deste modo, concebido o seu ardil, *Wild* não viu tão-pouco qualquer obstáculo à sua imediata execução, a não ser aquilo que, aliás, está no princípio e no fim de todos os empreendimentos humanos; ou seja: pecúnia. Comodidade ou bem de que possuía não mais que sessenta e cinco guinéus, tudo o que sobrara dos benefícios duplos que apurara por meio de *Bagshot* e que não parecia suficiente para apetrechar a séde das suas operações

e prover a todos os utensílios requeridos para tão ingente realização.⁸⁶ Resolveu, por isso, ir imediatamente a uma casa de jogo, então aberta, não tanto com a intenção de confiar os seus haveres à Fortuna, mas sobretudo de investir carta mais segura: atacar, no regresso a casa, algum ganhador. À chegada, contudo, entendeu poder também tentar a sua sorte aos dados e reservar o segundo recurso como última instância. E assim fez; sentou-se a jogar. Mas como a Fortuna, não mais do que outras entidades do mesmo sexo costuma distribuir os seus favores em estricte conformidade com grandes dotes mentais dos beneficiados, assim também o nosso herói se viu privado até da mais ínfima moeda que possuía.

Decidiu-se, então, pelo último recurso, que era muito mais seguro. Olhando em redor da sala, logo lobrigou um cavalheiro sentado em pose desconsolada, que parecia ser instrumento adequado ao seu plano. Em resumo (para sermos tão concisos quanto possível nestes meandros menos brilhantes da nossa história), abordou-o, sondou-o, achou-o apropriado para executar o dito plano, propôs o assunto e recebeu dele pronta concordância. Tendo fixado como alvo uma pessoa que nessa noite parecia ser o maior favorito da Fortuna, *Wild* e o seu colaborador postaram-se no sítio mais propício a surpreender o inimigo quando este se retirasse para casa. Aí o atacaram, subjugaram e roubaram, mas o saque não se mostrou considerável pois aparentemente o cavalheiro jogara com acções de bolsa comum, tendo depositado os ganhos na cena do jogo.⁸⁷

Constituiu este revés tão grande desilusão para *Wild* assim como, natural e certamente, também para nós e para o leitor, que nos impede de continuar por agora; respiramos fundo e aqui concluímos esta fase da narrativa.

LIVRO II

CAP. I

Tipos de gente tola e os desígnios a que se presta.

Uma razão por que entendemos encerrar o nosso primeiro livro como fizemos no último capítulo foi a necessidade de introduzir agora duas personagens de tipo inteiramente diferente das apresentadas até ao momento. Pertencem elas a essa mísera ordem de mortais por desprezo

designadas como *boas pessoas*; as quais são até enviadas ao mundo pela natureza com fito idêntico ao dos humanos que lançam peixe miúdo a um tanque de lúcius – serem devorados por esse vorazes heróis aquáticos.⁸⁸

Mas prossigamos com a nossa história. Tendo *Wild* partilhado o espólio segundo o esquema já referido noutra ocasião, isto é: ficando com três quartos dele, no montante de dezoito dinheiros, dirigiu-se a casa para descansar, com humor pouco prazenteiro. Foi então que, por acaso, encontrou um jovem, antigo colega de escola. Tal indivíduo tinha em bom conceito o nosso herói, por, mais de uma vez, este se ter acusado de alguma falta por si cometida, a troco de uma pequena recompensa. Assim evitara o jovem, que prezava mais a sua pele do que *Wild*, ser castigado. Por isso, avistando-o agora, fora ao seu encontro, numa atitude de grande amizade, convidando-o para vir a sua casa tomar o pequeno almoço, já que eram nove da manhã. A isso aquiesceu o nosso herói, sem grande dificuldade. O jovem, cuja idade andava próxima da de *Wild*, tinha-se algum tempo antes estabelecido como *ourives*, para isso investindo a maior parte de uma pequena fortuna, e casado por amor com uma mulher encantadora, da qual já tinha duas filhas. Como o nosso leitor virá a ter mais notícia destas personagens, talvez não seja desadequado aprofundar um pouco a sua apresentação, especialmente por permitir um contraste com a nobre e grandiosa disposição do nosso herói e deixar ver melhor como são postas no mundo a fim de permitirem aos GRANDES talentos exercerem-se e exibirem-se com apropriado e justo sucesso.

O Sr. *Thomas Heartfree* (assim se chamava o jovem) era, pois, indivíduo de honesta e franca disposição.⁸⁹ Pertencia a essa espécie de homens a quem só a experiência e não a sua natureza tem de informar haver no mundo tais coisas como falsidade e hipocrisia.⁹⁰ Os quais, por consequência, aos vinte e cinco anos de idade, não são tão difíceis de ludibriar como os mais velhos e perspicazes. Tinha ele várias e notórias fraquezas de espírito, já que era bom, amável e generoso até ao excesso. Tinha mesmo em pouca conta a justiça comum, pois perdoara algumas dívidas a conhecidos seus, apenas por não lhe poderem pagar. Ajudara até um indivíduo arruinado a organizar um segundo negócio; e fizera-o de coração aberto e honesto, convencido de que a falência se ficara devendo a má fortuna e não a negligência ou fraude. Era, além disso, indivíduo tão tolo que nunca tirava a mínima vantagem da ignorância dos clientes, contentando-se com lucro muito moderado nos

artigos que vendia. O que lhe era possível, para além da sua generosidade, porque levava uma vida de notável sobriedade, limitando-se nas suas despesas extraordinárias ao necessário para receber os amigos e pagar eventualmente uma taça de vinho para si e para a mulher. Esta era um animal doméstico, pobre e tosca criatura que se limitava, na maior parte dos casos, a cuidar da família e a pôr a felicidade no marido e nas filhas. Não alinhava em modas e diversões dispendiosas, raramente mesmo saía, a não ser para retribuir visitas a vizinhos igualmente sóbrios nos gostos e nos gastos e, quando muito duas vezes por ano, ia ao teatro com o marido, contentando-se sempre com um lugar na plateia. ⁹¹

A esta tola apresentou o tolo, seu marido, o GRANDE *WILD*, informando-a do seu relacionamento anterior e das obrigações que lhe devia. O que se justificava, atendendo a que, muitas vezes, aquele que confere a obrigação esquece o preço pago por ela, e daí que se desentenda, embora muito raramente, com o que a recebe. Esta mulher ingénua, logo que ouviu ter o marido ficado a dever favores ao convidado, deixou transparecer no olhar uma benevolência ainda maior para com este. A qual emana do coração e é estranha àqueles espíritos GRANDES e NOBRES que nunca respondem senão a uma injúria. Não admira, pois, que o nosso herói interpretasse mal, como de facto aconteceu, a sincera, inocente e simples afeição da Sr^a. *Heartfree* para com o amigo do marido, tomando essa afeição pela grande e generosa paixão que faz faiscar os olhos de uma heroína moderna. Isto acontece, nomeadamente, quando um coronel se torna amável a ponto de aceitar partilhar um dia a mesa com um credor da *City* e no dia seguinte a própria cama. Portanto, *Wild* imediatamente retribuiu o cumprimento (assim interpretou ele a atenção dela) com significativa mirada, passando depois a enaltecer profusamente a sua beleza. O que não desagradou mais à esposa do que ao marido, porque era mulher, embora uma boa mulher, e não compreendeu os objectivos do adulator.

Concluído o pequeno almoço, e retirando-se a esposa para cuidar de assuntos domésticos, *Wild*, rápido no discernimento das fraquezas humanas, começou a discursar. É que, além do conhecimento da honesta (ou tola) índole do amigo em rapaz, descobria agora nele vários sinais de bondade, amizade e generosidade. Falou então sobre incidentes da infância, aproveitando frequentemente a ocasião para lembrar os favores já mencionados. Alargou-se, depois, nas mais ardentes expressões de alegria pelo reatamento

da relação; e por fim disse, aparentemente com grande agrado, acreditar ter oportunidade de lhe ser útil. Podia recomendar a sua loja a um conhecido em vésperas de casar e, se este não tivesse já feito as suas aquisições, esforçar-se-ia por o persuadir a oferecer à noiva jóias compradas a *Heartfree*.

Este não poupou agradecimentos ao nosso herói e, depois de muitas e francas solicitações para jantar, todas recusadas, despediram-se e separaram-se.

Ponderada esta situação da história, ocorre-nos que o nosso leitor talvez se surpreenda (acidente por vezes verificado em histórias da mesma espécie) por o pai *Wild*, nas suas circunstâncias e capacidades, ter conseguido manter o filho numa escola reputada, como parece ter sido o caso. Pode ser necessário informá-lo, então, que o Sr. *Wild* sénior era, ele próprio, um comerciante solidamente estabelecido; mas que, por má fortuna nas voltas do mundo, designadamente devido a extravagâncias e jogo, ficara remetido à honrosa ocupação já mencionada.

Dissipada tal dúvida, vamos agora seguir os passos do nosso herói, que se dirigiu aos aposentos do conde. Tendo clarificado certos preliminares relativos à partilha de espólios, pôs o outro a par do esquema concebido contra *Heartfree*. Depois de conferenciarem sobre os métodos adequados para o realizarem, começaram a combinar a maneira de libertar o cativo. Neste caso, o primeiro e mesmo único ponto a considerar era arranjar dinheiro – não para pagar as dívidas do conde, porque isso requeria uma imensa soma e era contrário à sua inclinação ou intenção, mas para obter uma fiança. Quanto à libertação, o Sr. *Snap* tinha tomado tais precauções, que ela parecia absolutamente impossível.

CAP. II

Magnos exemplos de GRANDEZA em Wild, patenteados no seu comportamento com Bagshot, assim como na maquinação destinada primeiro a iludir Heartfree através do conde e, depois, a sacar o espólio deste.

Wild resolveu, portanto, arrancar algum dinheiro a *Bagshot*, que, apesar das depredações sofridas, ainda levava consigo um belo rendimento do jogo de dados no dia anterior. Encontrou o Sr. *Bagshot* na expectativa de obter fiança e, com uma expressão de grande preocupação, que sabia ajustar ao rosto, com admirável arte e em qualquer altura, disse-lhe ter sido tudo

descoberto. Que o conde o reconheceria e tencionava acusá-lo do roubo, se não fosse ele próprio 'ter exercido o maior empenho até conseguir, com grande dificuldade, convencê-lo a desistir da intenção se ele restituísse o dinheiro.' 'Restituir o dinheiro!', exclamou *Bagshot*, 'isso depende só de si; sabe bem a parte ínfima que me coube.' 'Como!', replicou *Wild*, 'é essa a tua gratidão por te ter salvo a vida? A própria consciência te deve persuadir da tua culpa e da certeza de seres incriminado pelo testemunho do cavalheiro contra ti.' 'Que desaforo!', retorquiu *Bagshot*, 'Creio não ser apenas a minha vida a ficar em perigo. Sei de outros tão culpados como eu. Fala-me de consciência?' 'Sim, canalha!' respondeu o nosso herói, agarrando-o pelo pescoço, 'e já que te atreves a ameaçar-me, vou-te mostrar a diferença entre praticar um roubo e ser cúmplice nele, que é tudo de que me posso acusar. Confesso ter suspeitado, quando me mostraste aquela quantia, de a teres obtido por meios desonestos.' 'O quê?', disse *Bagshot*, meio perplexo meio apoplítico, 'Ainda nega?' 'Sim, patife', redarguiu *Wild* 'claro que nego tudo e fico à espera de que encontres uma testemunha capaz de provar o contrário. E para demonstrar o pouco receio que tenho da tua capacidade para me prejudicares, quero que saibas desde já...' Ao mesmo tempo que assim falava fez um movimento indicativo de estar de saída. Mas *Bagshot* agarrou-lhe as abas da casaqueta e, num tom e modo alterados, rogou-lhe que não ficasse tão impaciente. 'Devolve então o que deves, vilão', gritou *Wild*, 'e talvez eu tenha dó de ti.' 'O que é que devo devolver?', perguntou *Bagshot*. 'Absolutamente todas as moedas que guardas no bolso,' respondeu *Wild*. 'Então é possível que tenha alguma compaixão de ti e não só salve a tua vida, mas também, num excessivo rasgo de generosidade, te retribua alguma coisa.' Após tais palavras, e como o outro parecesse hesitar, *Wild* fingiu dirigir-se para a porta e soltou uma praga com ênfase tão violenta que deixou mudo o interlocutor e levou este a consentir-lhe uma vistória às algibeiras com reembolso de tudo quanto encontrasse. O que somava vinte e um guinéus e meio; mas esta meia peça foi-lhe generosamente devolvida, acompanhada da observação de que podia agora dormir descansado, embora ficasse avisado de que não devia, de futuro, ameaçar os amigos.

Assim realizava o nosso herói as mais notáveis proezas com a maior facilidade imaginável, por meio daquelas qualidades transcendentales nele prodigalizadas pela natureza, nomeadamente um coração audaz, uma voz de trovão e um semblante sempre controlado.

WILD voltou então à companhia do conde, informando-o de que recebera dez guinéus de *Bagshot*, pois, quanto aos restantes onze, deixara-os depositados com grande e recomendável prudência no fundo do bolso. Disse-lhe também que, com tal quantia, lhe arranjará fiança, o que depois de facto asseguraria através do pai de outro cavalheiro da mesma ocupação, contra pagamento de dois guinéus a cada um. Deste modo fez uma legal mais-valia dos excedentes seis guinéus. Na verdade, eram tão consideráveis as suas capacidades e tão abrangente o compasso da sua inteligência, que nunca concluía um bom contrato sem levar a melhor sobre (na expressão grosseira: vigarizar) a outra parte.

Deste modo ficou o conde em liberdade; e a primeira coisa que fez de parceria com *Wild*, para obter crédito junto dos comerciantes, foi alugar uma elegante casa mobilada numa das avenidas novas. Logo que o conde nela se instalou, procederam ao seu devido equipamento, designadamente com criadagem e todas as *insígnias* de uma propriedade capaz de impressionar o pobre *Heartfree*.⁹² Uma vez conseguido tudo isto, *Wild* fez uma segunda visita ao amigo e, deixando aparentar grande contentamento, informou-o de que tivera êxito nos seus esforços. O cavalheiro antes referido prometera tratar com ele da compra das jóias a oferecer à noiva, as quais deveriam ser esplêndidas e caras. Em conformidade, combinou ir na manhã seguinte a casa do conde, devendo *Heartfree* levar um conjunto das mais belas jóias disponíveis. Ao mesmo tempo, foi *Wild* insinuando que o conde era bastante ignorante na matéria, podendo o amigo extorquir o preço que bem entendesse. Mas *Heartfree* replicou, não sem algum desdém, achar indigno aproveitar-se de tal vantagem; e, depois de expressar muita gratidão ao antigo colega pela recomendação feita, garantiu levar as jóias à hora e ao lugar marcados.

Estou ciente de que o leitor, se possuir a mínima noção de GRANDEZA, deverá ter tal asco pela rematada loucura deste indivíduo, que pouco se incomodará com quaisquer infortúnios que venham a envolvê-lo na sequência da narrativa. Com efeito, é algo surpreendente não ter tido nenhuma suspeita de fingimento num antigo companheiro da escola a quem, nos verdes anos, a amizade o ligara, e que agora, no accidental reatamento da antiga relação, professava a mais profunda consideração por ele. Em resumo: pensar que um amigo, por iniciativa própria e sem qualquer intuito interesseiro, havia de se esforçar por lhe prestar um serviço, é revelador de

uma debilidade de espírito e de uma ignorância do mundo, como só em almas simples, ingénuas e francas se encontram. E pensar isso torna forçosamente a pessoa em questão a mais ínfima criatura, o mais desprezível objecto de todo o homem de senso e discernimento.

WILD recordava-se de que os defeitos do seu amigo *Heartfree* estavam mais no coração do que na cabeça; e de que, embora fosse um sujeito abjecto e insignificante, nunca apto a maquinar um plano susceptível de prejudicar uma humana criatura, tão-pouco era propriamente estúpido ou vulnerável a um grosseiro embuste – a não ser que o coração o traísse. Por isso deu instruções ao conde para ficar apenas com uma das jóias aquando do primeiro encontro, rejeitando as restantes como se não fossem suficientemente boas e encomendando outras mais valiosas. Deste modo, explicou, evitava-se que *Heartfree* esperasse desde logo levar dinheiro pela jóia entregue ao conde e que este deveria vender imediatamente. Com o dinheiro apurado na venda e através dos seus grandes talentos nas cartas e nos dados, ele faria a maior receita possível; entregue esta a *Heartfree* por conta do conjunto das jóias, eliminava-se qualquer possível suspeita e garantia-se o seu crédito no remanescente.

Através deste expediente, ver-se-á no decorrer da história, *Wild* não só se propunha ludibriar *Heartfree* sem levantar neste a mínima suspeita, como ainda roubar o próprio conde do dinheiro a apurar. Tal método de dupla batotice, enganar os que servem de instrumento para enganar os outros, é o grau superlativo da GRANDEZA e até, provavelmente, tanto quanto um espírito no barro encrustado pode aperfeiçoar o referido método, o limiar do *diabolismo*.

O dito método foi imediatamente posto em prática e o conde, no primeiro dia, ficou apenas com um brilhante, avaliado em cerca de quinhentas libras, encomendando para uma semana depois um colar, brincos e um anel no valor total de quatro mil libras.

Este intervalo de sete dias foi utilizado por *Wild* para prosseguir o projecto de arregimentar um bando, logrando nisso tamanho êxito, que, em pouco tempo, reunia vários indivíduos temerários e resolutos, capazes de se lançarem em qualquer empreendimento, por mais perigoso ou grandioso (isto é: infame) que fosse.

Notámos antes que o verdadeiro timbre da GRANDEZA é a insaciabilidade. *Wild* tinha acordado com o conde receber três quartos do espólio

e, ao mesmo tempo, tinha acordado consigo próprio assegurar também a quarta parte restante. Para tal concebera um notável e nobre esquema; mas entretanto receara, preocupado, estar seriamente comprometida a soma que devia ser recebida imediatamente de *Heartfree*. Com vista, portanto, a apossar-se igualmente dela, conseguiu que as jóias fossem trazidas à tarde e que aquele fosse mantido ocupado antes de o conde poder estar com ele; de modo que o jovem joalheiro fosse, ao regressar, surpreendido pelo cair da noite e dois elementos do bando, nomeados para o efeito, o pudessem atacar e pilhar.

CAP. III

*Em que se incluem cenas de brandura, amor e honra, todas elas em estilo GRANDIOSO.*⁹³

O conde, depois de vender a sua jóia por quatrocentas libras e de, com a perícia habitual, ter ampliado tal quantia para mil libras, entregou este dinheiro como sinal a *Heartfree* prometendo-lhe o restante no prazo de um mês. A sua casa, a sua criadagem, a sua aparência pessoal e, sobretudo, certa plausibilidade na voz e atitude teriam iludido qualquer pessoa, a não ser que o GRANDE e prudente coração de alguma potencial vítima a prevenisse do perigo de impostura. *Heartfree*, portanto, não teve o mínimo pejo em dar-lhe fiado; mas como na realidade arranajara as jóias por intermédio de terceira pessoa, não tendo de reserva nenhuma tão valiosas, pediu ao conde o favor de lhe passar uma nota de crédito, pagável no prazo indicado, ao que ele acedeu sem qualquer hesitação. Entregou-lhe então as mil libras *de contado* juntamente com a referida nota de crédito no valor de mais quatro mil e quinhentas, ficando *Heartfree* cheio de calorosa gratidão em relação a *Wild* pelo nobre cliente que lhe recomendara.⁹⁴

Logo que *Heartfree* partiu, *Wild*, que aguardava noutra sala, apareceu e recebeu o cofre do conde, por terem combinado entre si que ficaria à guarda dele, como arquitecto do plano que era e destinatário do quinhão maior. Recebido o cofre, *Wild* prontificou-se a avistar-se com o conde à noite, para procederem à partilha; mas era tal a confiança do segundo na honra do nosso herói, que propôs antes encontrarem-se, se não fizesse transtorno, na manhã seguinte. O que convinha mais a *Wild*; em conformidade apazaram esse

encontro e o nosso protagonista apressou-se a seguir *Heartfree* até ao local onde os dois cavalheiros tinham ficado de o abordar e assaltar. O que eles fizeram com nobre denodo, atacando e espoliando o inimigo de toda a quantia recebida do conde.

Uma vez terminada a operação e com *Heartfree* estatelado no solo, o nosso herói afastou-se logo a seguir aos conquistadores, depois de avisadamente declinar a possibilidade de lhes confiar o espólio, embora a experiência lhe permitisse depositar bastante crédito na honra desses amigos. Até que, estando já todos em lugar seguro, e conforme havia sido ajustado, *Wild* recebeu nove décimos do total. Os heróis secundários professaram, temos de admitir, um pouco de relutância (talvez mais do que o estritamente compatível com os princípios da honra) nesta conclusão do contrato; mas *Wild*, em parte através de argumentos discursivos e mais ainda através de pragas e ameaças, acabou por os convencer a cumprirem o prometido.

Tendo assim o nosso herói, com maravilhosa competência, levado a bom termo a sua gloriosa acção, resolveu desanuviar o espírito fatigado, conversando com representantes do belo sexo. Dirigiu-se, pois, a casa da amorosa *Laetitia*; mas no caminho deparou com uma jovem sua conhecida, a menina *Molly Straddle*, que andava a apanhar ar em *Bridges-Street*.⁹⁵ Vendo o Sr. *Wild*, a menina *Molly* deteve-o e, com familiaridade própria de uma educação cidadina, bateu-lhe ao de leve ou antes: deu-lhe uma palmada, nas costas. De seguida solicitou-lhe que a convidasse a beber um copo numa taverna próxima. Embora amasse a casta *Laetitia* com inexprimível ternura, o herói não era dessa espécie de mortais que, segundo a frase usual, se deixam, na sua debilidade, *dominar por saias*; numa palavra: que se perdem nesse vício grosseiro e vil da constância. Por isso consentiu imediatamente e acompanhou-a a uma casa afamada pelo seu vinho e que dava pelo nome de *Rummer and Horse Shoe*, onde se recolheram num aposento reservado.⁹⁶ Muito veemente nas sua abordagens, *Wild*, contudo, não logrou os seus intentos; é que a jovem declarou não o contemplar com nenhum favor sem antes ele lhe dar algum presente. Imediatamente satisfeita que foi a condição, o amante teve a recompensa à medida dos seus desejos.

O imenso afecto que *Wild* alimentava pela sua querida *Tixa* não lhe consentia que perdesse muito tempo com a menina *Straddle*. Apesar, pois, de todas as meiguices e carícias da jovem, em breve apresentou uma desculpa para sair, tendo imediatamente seguido para casa de *Laetitia*, sem nenhuma

despedida formal da menina *Straddle*, ou mesmo do dono da taverna, ao qual a dama depois se viu obrigada a prestar as devidas contas.

Ao chegar a casa do Sr. *Snap*, *Wild* apenas lá encontrou a menina *Doxa*, sozinha e ocupada, à maneira de *Penélope*, a tecer o seu estambre de lã. Com uma única diferença: enquanto *Penélope* desfazia à noite o que tecia de dia, o que a nossa heroína desfazia de dia voltava a tecer à noite.⁹⁷ Resumindo: estava a remendar um par de meias azuis ornamentadas a vermelho; circunstância que talvez tivéssemos omitido se não servisse para mostrar que há ainda algumas damas modernas que imitam a simplicidade das damas antigas.

Wild imediatamente perguntou pela amada e foi informado de que ela não estava em casa. Então quis saber onde a podia encontrar, declarando não se ir embora sem ela aparecer; mais: sem antes estarem casados. Porque, na verdade, a paixão entre ambos era realmente honrosa; por outras palavras: ele sentia um desejo tão incontrollável pela pessoa dela que iria a todos os extremos para o satisfazer. Puxou então do cofre, garantindo estar este cheio das mais belas jóias, todas a ela destinadas, acrescentando ainda outras promessas. O que tanto impressionou a menina *Doxa*, destituída da vulgar inveja entre irmãs, muitas das quais se esforçam por minar a felicidade umas das outras, que convidou o Sr. *Wild* a sentar-se uns minutos enquanto tentava localizar *Tixa* e trazê-la ali. O amante agradeceu-lhe, prometendo esperar; e a menina *Doxa*, deixando o Sr. *Wild* entregue às suas meditações, acabou por o fechar na cozinha, trancando a saída (já que a maior parte das portas da mansão dispunha de fecho de correr no exterior). Depois bateu violentamente com a porta da rua, sem por ela sair, e subiu as escadas sem fazer ruído, até ao andar onde a menina *Laetitia* estava ocupada em privada conferência com o Sr. *Bagshot*. Informada ao ouvido, pela irmã, do que o Sr. *Wild* dissera e mostrara, a menina *Tixa* fez saber ao Sr. *Bagshot* que tinha uma jovem lá em baixo à espera dela, que despacharia com toda a rapidez, voltando de imediato. Solicitou-lhe, pois, que entretanto a aguardasse pacientemente; ela deixaria a porta destrancada, ainda que o papá nunca lho perdoasse se viesse a saber. *Bagshot* prometeu, por sua honra, não sair dos aposentos e as duas jovens desceram as escadas sem alarde. Depois, fingindo terem acabado de entrar em casa, dirigiram-se à cozinha, onde nem mesmo a presença da casta *Laetitia* conseguiu restituir ao rosto do amante a harmonia que a menina *Teodósia* nela vira impressa. De facto, na breve ausência desta, ele descobrira outra ausência de maior vulto: a da bolsa

roubada ao Sr. *Heartfree*, que incidentalmente a menina *Straddle*, no calor das suas amorosas carícias, havia clandestinamente subtraído. Todavia, como ele tinha esse perfeito domínio do seu temperamento, ou antes: dos seus músculos, algo tão necessário para forjar uma GRANDE personagem como para a interpretar no palco, logo fez surgir um sorriso no semblante. ⁹⁸ Escondendo tanto a sua pouca sorte como o desgosto resultante, começou a prestar honrosos cumprimentos à menina *Tixa*. Esta jovem, no meio de múltiplos ingredientes, tinha três paixões claramente predominantes, a saber: vaidade, lascívia e avareza. Para satisfazer a primeira, servia-se do Sr. *Smirk* e *Comp^a*; para a segunda contava com o Sr. *Bagshot* e respectiva sociedade; enquanto para a terceira a honra e bênção cabiam exclusivamente ao nosso herói. Ora acontece que ela tinha maneiras muito diversas de distrair estes três tipos de amantes. Com o primeiro, toda ela era garridice e coquetaria; com o segundo, toda afectuosa e rampante; em relação ao último, abundava em frieza e reserva. Comunicou, pois, ao Sr. *Wild*, com ar mui composto, sentir-se satisfeita por ele se ter arrependido do modo como a tratara no último encontro entre ambos, altura em que o comportamento dele fora tão monstruoso que decidira nunca mais o ver. E que ninguém do seu sexo lhe perdoaria a fraqueza de culposamente desistir dessa decisão, ocorrência só possível porque a irmã, ali presente para o confirmar (confirmação logo feita com copiosas juras), a levava à presença dele sem a prevenir, dizendo-lhe tratar-se de outra visita. Apesar de tudo, como ele agora achava apropriado dar-lhe mais convincentes provas de afecto (*Wild* tinha então o cofre nas mãos) e revelava intenções já não atentatórias da virtude dela, antes dignas da atenção de uma mulher honesta, via-se forçada a confessar... Ditas tais palavras, simulou uma hesitação, aproveitada por *Theodosia* para intervir. ‘Ora, minha irmã, não consinto que continues a fingir. Asseguro-lhe, Sr. *Wild*, ela tem por si a maior paixão do mundo. Se te prontificas a voltar atrás na tua atitude, querida *Tixa*, e já que vejo claramente a honestidade das intenções do Sr. *Wild*, desminto tudo quanto disseste.’ ‘Como assim, minha irmã? (respondeu *Laetitia*) Acabas por me forçar a sair da sala: não esperava tal traição da tua parte!’ *Wild* caiu então de joelhos e, pegando-lhe na mão, repetiu um discurso facilmente conjecturável pelo leitor, razão pela qual não o reproduzimos aqui minuciosamente. Depois ofereceu-lhe o cofre, que ela polidamente rejeitou; e, a uma segunda oferta, contrapôs um modesto semblante e uma voz condizente, mostrando interesse em saber o que continha.

Wild então abriu-o e tirou (com pesar o escrevo e com pesar será lido) um desses belos colares utilizados nos entremezes da feira de São *Bartolomeu* para adornar o pescoço bem branqueado de *Thalestris*, rainha das *Amazonas*, *Ana Bolena*, a rainha *Isabel* e outras notáveis princesas.⁹⁹ Era, com efeito, um colar feito dessa matéria plástica utilizada pelo joalheiro *Derdaeus Magnus*, também conhecido como engenhoso fabricante de brinquedos, nos adereços congêneres oferecidos na sua loja por módico preço aos elegantes da capital.¹⁰⁰ De facto, e para pôr a descoberto uma verdade, pedindo desculpa ao nosso leitor por lha termos negado durante tanto tempo: prudente e sagaz, o conde tinha enfiado cuidadosamente no bolso as jóias trazidas pelo Sr. *Heartfree*, receando algum acidente susceptível de impedir o Sr. *Wild* de regressar à hora marcada. E, em seu lugar, pusera no cofre estas pedras artificiais, que embora valessem o mesmo para um filósofo, e possivelmente muito mais para um verdadeiro admirador de belos artefactos, não tinham os mesmos encantos aos olhos da menina *Tixa*. Esta possuía até algum conhecimento em matéria de jóias. É que o Sr. *Snap*, considerando com razão o valioso contributo de tais coisas para a educação de uma donzela, providenciara a instrução da filha nesse sentido. Assim, numa época em que as jovens pouco mais aprendem que a maneira de se vestirem, colocara a menina *Tixa* como empregada (gente grosseira usa o termo ‘criada’) de um eminente prestamista. Portanto, o relâmpago que devia ter emanado das jóias faiscou antes dos seus olhos; a que imediatamente se seguiu o estrépito da respectiva voz, a qualificar de patife, malandro e vigarista, o nosso pobre herói. O qual ficou em silêncio, mudo de espanto, mas mais ainda de vergonha e indignação, por se ver ultrapassado em astúcia e nas expectativas. Recobrando por fim a presença de espírito e arremessando, enraivecido, o cofre ao chão, pegou na chave que estava na mesa, sem responder às damas, pródigas na ventilação de comentários sobre a sua pessoa; correu para a porta e rumou com a maior urgência à casa do conde.

CAP. IV

Em que Wild, após muitos esforços malogrados para encontrar o amigo, extrai uma moral do seu infortúnio, num elóquio que pode aproveitar (se devidamente entendido) a alguns outros notáveis fazedores de discursos.

Nem o mais alentado laçao da mais educada dama de condição bate com tanta impetuosidade como *Wild* bateu à porta do conde, a qual foi imediatamente aberta por um empregado de libré que informou não estar o seu amo em casa. Insatisfeito com a informação, *Wild* procedeu a uma busca no domicílio mas sem proveito. Partiu então a revistar todas as casas de jogo da cidade, mas do conde nem rasto. Na realidade, logo que o Sr. *Wild* voltara costas o cavalheiro saíra, equipado de botas e montado num cavalo de posta, mas sem levar consigo criado, muda de roupas ou outros apetrechos necessários para a viagem de um grande homem. E com tal despacho se houve que, por essa altura, já ultrapassara vinte milhas a caminho de *Harwich*.

Dando por infrutífera a busca, *Wild* resolveu não a prosseguir por essa noite. Retirou-se então para o seu costumeiro local de contemplação, uma taverna sita numa cave; aí, sem uma única moeda no bolso, mandou vir uma tigela de ponche e, sozinho a uma mesa, abriu-se a meia-voz no seguinte solilóquio:

‘Como é vã a GRANDEZA humana! De que servem altos talentos e um nobre inconformismo face às estrictas normas e obrigações que regem a gente vulgar, quando os nossos planos mais bem concebidos acabam frustrados? Como é infeliz a situação dos CAVALHEIROS-DE-INDÚSTRIA! Como é impossível a prudência humana prever e evitar todas as contrariedades! É mesmo como um jogo de *xadrez*: enquanto a torre, ou o cavalo, ou o bispo se encontra ocupado numa grande jogada, um ínfimo peão interpõe-se e estraga tudo.¹⁰¹ Bem melhor teria sido para mim seguir as simples leis da amizade e da moral do que arruinar um amigo para benefício de terceiros. Em vez de ter a sua bolsa ao meu dispor, dentro de moderados limites, acabo por o incapacitar de me prestar algum serviço. Bem, não era esse o meu projecto? Se não posso culpabilizar-me pela minha conduta, por que hei-de eu, como uma mulher ou uma criança, sentar-me a lamentar os infortúnios do acaso? Mas será que estou isento de toda a negligência? Será que erreí, pondo ao alcance de outros a possibilidade de me desfeitearem? Isso, porém, é impossível de evitar. Trata-se de uma situação da maior infelicidade, em que um *cavalheiro-de-indústria* é susceptível de cair, mais do que qualquer outro. Um homem precavido pode, no meio da multidão, preservar os bolsos andando com as mãos metidas neles; mas enquanto mete as mãos nos dos outros, como há-de ele defender os seus? De facto, vendo as coisas a esta luz, que há mais desditoso do que um *cavalheiro-de-indústria*? Como são

perigosas as suas aquisições e inseguros ou instáveis os seus haveres! Por que razão deseja um homem ser *cavalheiro-de-indústria* e onde está a sua GRANDEZA? Respondo eu: na sua mente; é a glória íntima, a consciência secreta de realizar acções soberbas e maravilhosas que, por si só, serve de apoio ao homem verdadeiramente GRANDE, seja ele um CONQUISTADOR, um TIRANO, um MINISTRO, ou um CAVALHEIRO-DE-INDÚSTRIA. É isso que o faz resistir a uma má sina privada ou a adversos fados públicos, dando-lhe uma íntima satisfação consigo próprio, ao mesmo tempo que é execrado e repellido por toda a humanidade. Com efeito, o que é que consegue inspirar homens possuidores de fortuna, poder e de todas as humanas benesses que o orgulho, a avareza, ou o luxo ambicionam, levando-os a deixar casa, conforto e tranquilidade? O que é que os faz assim trocar riqueza e prazer por fadiga e tribulações, pondo em risco tudo quanto a fortuna liberalmente lhes prodigalizou, ao colocarem-se à cabeça de uma multidão de *cavalheiros-de-indústria* que dá pelo nome de exército, para molestarem populações vizinhas? O que é que os conduz a tudo isso e às violações, rapinas, mortandades e todas as misérias decorrentes, infligidas aos seus semelhantes, a não ser essa íntima satisfação? Que factor determinante, excepto tal glorioso apetite do espírito, pode inflamar príncipes cumulados das maiores honras e dotados com os mais ricos rendimentos, ao extremo de roubarem, maliciosos, os súbditos que se contentam em labutar para lhes satisfazerem os luxos, em dobrar o joelho para lhes alimentarem o orgulho, abdicando das suas liberdades e tornando-se absolutamente dependentes das suas despóticas vontades e das dos seus brutais sucessores? Que outro motivo pode seduzir um súbdito, detentor de avultados bens na sua comunidade, compelindo-o a trair o interesse dos outros súbditos, cidadãos e irmãos da mesma pátria, em favor da dissoluta disposição de tais príncipes? E por fim, que factor menos poderoso pode induzir o *cavalheiro-de-indústria* a abdicar dos métodos de prosperar numa subsistência segura e honesta, comprometendo a própria vida e possivelmente atraindo o que erradamente se apelida de desonra, ao optar aberta e audaciosamente por transgredir as leis do país na mira de um ganho instável e duvidoso? Seja-me permitido, então, contentar-me com esta reflexão: tenho sido um indivíduo prudente mas sem sucesso; sou um GRANDE homem, embora infeliz.’

Este solilóquio terminou ao mesmo tempo que o ponche; com efeito, o nosso herói aproveitava cada pausa para se reconfortar com um trago. Veio-lhe

então pela primeira vez à cabeça que seria mais difícil pagá-lo do que engoli-lo; mas eis que, para seu grande júbilo, avistou noutro canto da sala um dos cavalheiros por ele utilizados para atacar *Heartfree*, o qual, sem dúvida, prontamente lhe emprestaria um guinéu ou dois. Teve, porém, a mortificante oportunidade de ficar a saber, quando o abordou, que a mesa de jogo o despojara de todo o espólio que a sua generosidade lhe consentira. Viu-se, pois, na necessidade de aplicar o seu método usual em tais ocasiões; empertigando, ferino, o chapéu na cabeça, marchou em direcção à rua sem qualquer desculpa nem queixosa interpelação de ninguém.

CAP. V

Em que estão contidas muitas aventuras estupendas, protagonizadas com esplêndida grandeza pelo nosso herói.

Deixemos agora o nosso afamado protagonista a fazer um breve repouso e regressemos a casa do Sr. *Snap*, onde, após a partida de *Wild*, a bela *Theodosia* voltara ao ocupar-se das suas meias e a menina *Tixa* subira ao primeiro andar para se reencontrar com o Sr. *Bagshot*. Este cavalheiro, no entanto, quebrara a palavra dada, escondendo-se atrás de uma porta do rés-do-chão e aproveitando depois a oportunidade da saída de *Wild* para fugir. Observaremos apenas que a surpresa da menina *Tixa* foi tanto maior quanto mais cuidadosa decidira ser, apesar da promessa em contrário, fechando a porta à chave; devido à pressa, contudo, não a fechara bem. Como não havia a jovem criatura de ter ficado numa situação desditosa, ao perder assim um amante tão querido e, mais ainda, ao sentir-se exposta à ira de um pai ofendido e assaz melindroso em questões de honra! A qual empenhara ao comprometer-se, junto do xerife de Londres e Middlesex, a manter preso o dito *Bagshot* e em apoio da qual dois amigos excelentes e altamente responsáveis tinham dado não só a palavra mas também a caução monetária.

Afastemos, todavia, os olhos desta melancólica cena e consideremos cuidadosamente o nosso herói, que, após procurar infrutiferamente a menina *Straddle*, com maravilhosa GRANDEZA de espírito e firmeza de expressão foi logo de manhãzinha visitar o seu amigo *Heartfree*, numa altura em que o comum dos amigos o teria abandonado e evitado. Entrou com ar prazenteiro, que daí a pouco modificou para pose de surpresa ao ver o amigo em

camisa de dormir, com a cabeça ligada e extremamente pálido por ter perdido muito sangue. Quando *Wild* foi informado por *Heartfree* do que se passara, começou por exprimir grande compaixão, passando depois a dar mostras de repulsa proporcionalmente violenta contra os salteadores. O anfitrião, condoído da profunda impressão aparentemente causada ao amigo por tal desgraça, esforçou-se por a atenuar o mais possível, ao mesmo tempo que, secundado pela mulher, exagerava as obrigações que devia a *Wild*. E assim tomaram em conjunto o pequeno almoço, mais confortavelmente do que se poderia razoavelmente esperar depois do acidente. *Heartfree* expressou grande satisfação por ter posto a nota de quatro mil libras noutra carteira, acrescentando que a sua perda lhe teria sido fatal. ‘Porque’, disse, ‘é para te confessar uma verdade, meu caro amigo, tenho ultimamente sofrido alguns prejuízos que muito complicaram os meus negócios; e embora várias pessoas de elevada condição me devam muito dinheiro, garanto-te que não sei onde posso ter a certeza de recuperar um xelim.’ *Wild* felicitou-o exuberantemente pela boa sorte de ter preservado aquela nota, prosseguindo depois, com muita acrimónia, em invectivas contra o bárbaro comportamento das pessoas de bom tom que não pagavam o que deviam aos comerciantes.

Enquanto se embrenhavam neste tipo de considerações, *Wild* ia meditando acerca da possibilidade de pedir emprestado ao amigo, de o roubar, ou mesmo de fazer as duas coisas. Chegou então um aprendiz com uma nota de crédito que certa dama na loja pedira para trocar, depois de olhar para umas jóias. Vendo o reverso da nota, *Heartfree* encontrou imediatamente o endosso do conde e logo concluiu ser uma das que lhe tinham roubado. Da descoberta deu conhecimento a *Wild*, que, com a notável presença de espírito e o invariável semblante que tão essenciais são num GRANDE carácter, o aconselhou a proceder com cautela. Depois sugeriu (pelo facto de o Sr. *Heartfree* estar, segundo disse, demasiado agitado para interrogar a mulher com suficiente arte) poder ficar a sós com a dama numa sala, onde ele próprio a interrogaria. Faria de conta que era o dono da loja, que lhe queria mostrar umas jóias e tentaria obter dela a informação necessária para apanhar os patifes e, com alta probabilidade, todo o espólio. Proposta que foi rápida e gratamente aceite por *Heartfree*. *Wild* dirigiu-se de imediato a uma sala do primeiro andar para o efeito indicada, e à mesma divisão, conforme o acordado, foi a dama também conduzida pelo aprendiz.

Este último recebeu ordens para voltar ao rés-do-chão logo que a dama

entrou na sala; e *Wild*, após fechar a porta, abordou-a com expressão de grande braveza, começando a discorrer sobre a complexa vilania do crime de que a acusava. Enunciou, a propósito, muitas e boas lições de moral; mas como duvidamos, com especial razão, de que elas exerçam algum efeito muito positivo no nosso leitor, omitimos o seu discurso, mencionando apenas a conclusão: que clemência podia ela agora esperar dele? A jovem, que tinha recebido uma boa educação e estivera por mais de uma vez no *Old Bailey*, negou toda a acusação com grande segurança, dizendo ter recebido a nota de um amigo. Então *Wild*, elevando a voz, replicou que ela devia era ser imediatamente acusada perante as autoridades, que, sem dúvida, a condenariam; ‘mas’, acrescentou, mudando de tom, ‘como te tenho uma avassaladora afeição, minha querida *Straddle*, se seguirees o meu conselho, garanto por minha honra que te perdôo e que nem sequer virás alguma vez a ser posta em causa por via deste assunto.’ ‘E o que é que quer que eu faça, Sr. *Wild*?’, perguntou a jovem, com ar mais fagueiro. ‘É bom então que saibas’, respondeu *Wild*, que o dinheiro que me sacaste do bolso (não negues, D—— s sabe que o fizeste, e se foges à verdade virás a ser condenada por isso) foi por mim ganho a jogar com um indivíduo que, segundo parece, o roubou a um amigo meu. Tens, portanto, de jurar perante o juiz que recebeste a nota de um tal *Thomas Fierce* e deixa o resto comigo. Estou certo, *Molly*, de que estás consciente das obrigações que me deves, já que, como vês, assim te pago com o bem o mal que me fizeste.’ A dama prontamente anuíu; e ambos se abraçaram e beijaram com a ternura mais efusiva e a paixão mais arrebatada.

Tendo concluído a tarefa de industriar a jovem, *Wild* pediu-lhe que aguardasse ainda alguns minutos; depois voltou à presença do amigo, informando-o de que tinha descoberto toda a patifaria, que a mulher confessara de quem recebera a nota e prometera apresentar-se como testemunha a um juiz de paz. E foi acrescentando lamentar não lhe poder fazer companhia por mais tempo, visto ter de se deslocar ao outro extremo da cidade para receber trinta libras, quantia que devia pagar essa noite. *Heartfree* contrapôs não ser isso que teria de o privar da sua companhia, pois facilmente lhe podia emprestar soma tão módica. O que foi de facto feito, após o que *Wild*, *Heartfree* e a dama seguiram juntos para a audiência com o juiz.

Concedido o mandado de captura e tendo o polícia em funções recebido informação sobre os lugares mais frequentados pelo Sr. *Fierce*, dada pela

dama, que a soubera através de *Wild*, foi aquele sem dificuldade preso. Confrontado com a menina *Straddle*, esta jurou sem hesitar que o reconhecia, embora nunca antes o tivesse visto. E assim foi *Fierce* conduzido a *Newgate* de onde enviou imediatamente palavra a *Wild* sobre o sucedido, recebendo visita deste à noite.

Durante todo o tempo, o nosso protagonista aparentou grande preocupação pela adversidade do amigo, assim como não menor surpresa pelas respectivas causas. Comentou, contudo, que *Fierce* certamente estava equivocado num ponto – nunca ter tido o mínimo contacto com a jovem; que no respeitante à nota, ele próprio a usara para pagar a um lojista e tentaria, por todos os meios seguros, investigar os segredos do assunto; que descobriria o paradeiro da menina *Straddle* e procuraria que ela retirasse o anterior depoimento. O qual, notou ainda, não era suficientemente conclusivo para o incriminar; além disso, ele mesmo se encarregaria de lhe arranjar testemunhas de um *alibi* e mais umas cinco ou seis que atestassem o seu bom carácter. De modo que não tinha de ficar minimamente apreensivo, já que permanecer detido até julgamento seria a sua única punição.

Profundamente confortado por estas garantias do amigo, *Fierce* agradeceu-lhe muito; e após um sólido aperto de mão e um vigoroso abraço, separaram-se.

Para consigo próprio, o nosso herói considerava não ser suficiente o depoimento da menina *Straddle* para condenar *Fierce*. Mas estava decidido a levá-lo à forca por ter sido este quem mais se opusera a entregar-lhe a estipulada parte do espólio. Foi, portanto, em busca do Sr. *James Sly*, o cavalheiro que colaborara na façanha; tendo-o encontrado, comunicou-lhe a detenção de *Fierce*. E depois de sugerir receio de que *Fierce* denunciasse *Sly*, aconselhou este a antecipar-se, comparecendo perante um juiz de paz como testemunha do caso. Aprovando a opinião do Sr. *Wild*, o cavalheiro correu desde logo a avistar-se com um magistrado e foi por este levado a *Gate-house* com a promessa de ser ouvido como testemunha contra o companheiro.¹⁰²

Em poucos dias *Fierce* era trazido a julgamento no *Old Bailey* e aí, para sua grande perplexidade, o seu velho amigo *Sly* apareceu a depor contra ele, tal como a menina *Staddle*. As suas esperanças resumiam-se agora ao apoio prometido pelo nosso herói. O qual veio a faltar; de modo que sendo os testemunhos claramente adversos a *Fierce* e não contrapondo este qualquer defesa, o júri inculpou-o, o tribunal condenou-o e o Sr. *Ketch* executou-o.¹⁰³

Fica assim ilustrada a infinita habilidade deste verdadeiramente GRANDE HOMEM ao jogar com as paixões das pessoas, fazê-las entrar em desacordo umas com as outras e manobrar os ciúmes e receios envolvidos, de modo a atingir os seus próprios objectivos. Ciúmes e receios que estava sempre admiravelmente pronto a suscitar, por meio dessas grandes artes a que gente inferior chama traição, hipocrisia, aliciamento, mentira, falsidade, etc., mas que são pelos GRANDES HOMENS sintetizadas na designação global de polícia, política, ou antes: *politicaria*;¹⁰⁴ capacidade que culmina toda a excelência ao alcance da natureza humana e de que, em conformidade, o nosso GRANDE HOMEM era talvez o mestre mais emérito.

CAP. VI

*Em que se fala de chapéus*¹⁰⁵

Tinha este agora reunido um bando muito considerável, formado por jogadores arruinados, meirinhos destituídos, comerciantes falidos, aprendizes ociosos, jovens vadios e desordeiros. Os quais, nascidos na pobreza e agora sem ofício ou profissão, estavam dispostos a viver no luxo, sem trabalhar. Como eram pessoas de diversos *princípios*, o mesmo é dizer: de diversos *chapéus*, frequentemente se envolviam em dissensões. Entre eles havia duas facções principais, a saber: os que usavam, rebarbativos, o chapéu empertigado, com aba revirada para cima, e os que preferiam chapéu de abas largas, na gíria: *tabuleiro*, tombando sobre os olhos. Entre uns e outros, os choques e a animosidade eram quase constantes. Tendo-os reunido a todos numa cervejaria, na noite seguinte à execução de *Fierce*, e apercebendo sinais de crescente desavença no respectivo comportamento, falou-lhes deste modo polido mas incisivo:

‘Cavalheiros! É com vergonha que vejo homens empenhados em tão GRANDE e glorioso empreendimento como é roubar o público, assim estúpida e morbidamente envencilhados em contendas. Pensam que os primeiros inventores de gabéus, ou, pelos menos, das distinções entre eles, realmente imaginaram que uma forma de chapéus há-de inspirar num homem saber teológico, noutra jurisprudência, noutra sabedoria, noutra ainda coragem? Não; através destes atavios exteriores, nada mais pretendiam do que impôr-se ao rebanho da gente comum; e, em vez de darem aos

GRANDES HOMENS o trabalho de adquirirem ou manterem o substancial conteúdo da grandeza, apenas acharam suficiente condescender no uso de algo que exteriormente a tipifica ou representa como um distintivo. Fazem bem, pois, no meio da população, em distraí-la por meio de altercações sobre este assunto, de modo que, enquanto o palavreado vai sendo escutado, podem larapiar com mais facilidade e segurança. Mas falando com toda a seriedade e em privado: alimentar contencioso tão ridículo sem dúvida reflecte a tolice e o absurdo mais flagrantes. Sabendo à saciedade que todos aqui são *cavalheiro-de-indústria*, que diferença faz se a aba do chapéu é larga ou estreita? Fica algum dos presentes diminuído na sua qualidade de *cavalheiro-de-indústria* ao usar um tipo de gabéu ou outro? Se o público for suficientemente imbecil para se interessar pelas querelas entre as duas facções e preferir uma matilha à outra, enquanto ambas visam a bolsa alheia, o que há a fazer é rir e não imitar a sua imbecilidade. Que coisa mais ridícula é vê-los, cavalheiros, a altercarem sobre chapéus quando nenhum dos presentes tem um gábio que valha um pataco! Para que serve um chapéu, além de manter aquecida a cabeça ou escondê-la do público se é calva? É próprio de um cavalheiro mudar de cobertura consoante a ocasião; e em tribunais ou nobres assembleias nem chapéu se usa. Portanto não quero mais ouvir dessas birras infantis. Vamos sim, todos à uma, lançar bem alto os nossos chapéus e considerar como o melhor deles o que conseguir conter o espólio mais valioso.’ Assim concluiu o seu discurso, a que se seguiu crescente murmúrio de aplauso; e logo todos os presentes atiraram ao ar os respectivos gabéus, num gesto de concordância, como ele tinha mandado*.

*Há algo de muito misterioso neste discurso, sobre o qual um capítulo escrito por Aristóteles, acerca do assunto e mencionado por um autor francês, provavelmente poderá lançar alguma luz; mas o mesmo conta-se, infelizmente, entre as obras desaparecidas do filósofo.¹⁰⁶ É de notar que *galerus*, palavra latina para *chapéu*, também significa cação, assim como o vocábulo grego *KMNÉH* significa a pele desse peixe.¹⁰⁷ Do qual suponho terem sido fabricados os chapéus ou elmos dos antigos, enquanto os nossos hoje são feitos de pele de castor ou de coelho. Na parte final de *Ajax*, Sófocles alude a um método de fazer batota com chapéus e um comentador da cena fala-nos de *Cresphontes*, mestre na mesma arte.¹⁰⁸ É também observável que *Aquiles*, em *Iliada* I, de *Homero* [l. 159], diz zangado a *Agamemnon* que este tinha olhos de cão. Ora, como os olhos de um cão são mais belos do que os de outro animal qualquer, a expressão

não era ofensiva. Ele queria forçosamente aludir à criatura que fornecera o material para o chapéu do interlocutor ou a outro indício, nele, de alguma infâmia. Insinuação supersticiosa que explica o costume, implantado em todas as nações, de mostrar respeito tirando o chapéu ou não o pondo na cabeça durante uma conversa com algum superior. Concluirei esta nota erudita observando que o qualificativo *velho cartola* é hoje usado por gente mal educada em sentido não muito honroso.

CAP. VII

Em que emergem os resultados das aventuras de Heartfree com Wild, todos eles inevitáveis e frequentes na vida de pobres diabos que negociam com GRANDES HOMENS; a que se aditam algumas cartas ilustrativas de precedentes nos diversos métodos usados para responder a um credor importuno.

Regressemos agora a *Heartfree*, a quem foi devolvida a nota por ele paga de quatro mil e quinhentas libras, acompanhada da informação de que não se sabia do paradeiro do sacador. Constando, após investigação, que andava fugido; e, conseqüentemente, que o dinheiro era agora exigido do endossante.¹⁰⁹ A apreensão provocada por uma tal perda teria afectado qualquer homem de negócios, mas muito mais ainda alguém cuja inevitável ruína implicava. Tal preocupação e confusão mostrou ele na altura, que o titular da promissória ficou assustado, resolvendo não perder tempo e assegurar a penhora de tudo o que pudesse. De modo que, na tarde do mesmo dia, o Sr. *Snap* foi encarregado de fazer uma visita a *Heartfree*, a que ele procedeu com a sua usual formalidade, conduzindo-o depois a sua própria casa.

Mal foi informada do ocorrido, a Sr^a. *Heartfree* ficou em estado de delírio, como louca; mas tendo deixado transbordar as primeiras agonias da angústia em lágrimas e lamentações, lançou-se na busca de todos os meios possíveis para obter a libertação do marido. Entre outras diligências, apressou-se a solicitar aos vizinhos que lhe garantissem fiança. Mas como a notícia fora mais célere a chegar até eles, não encontrou nenhum em casa com excepção de um honesto *quaker*, cujos criados não ousaram mentir. Mas dele, apesar de tudo, também nada conseguiu, pois infelizmente tinha na véspera feito declaração solene de nunca mais ficar fiador de ninguém.¹¹⁰ Depois de muitos esforços deste tipo, todos em vão, foi ter com o marido

para o confortar, pelo menos, com a sua presença. Encontrou-o a fechar a última de várias cartas que ia enviar a amigos e credores. Quando a viu, os olhos cintilaram-lhe com súbita alegria, que, todavia, muito pouco durou. O desespero logo o toldou de novo, não conseguindo ele, tão-pouco, conter a emoção ao exprimir grande inquietação por causa dela e da sua pequena família. O que a mulher, pela sua parte, fez o possível por atenuar, tentando mitigar o prejuízo e criar esperanças àcerca do conde; o qual, disse, podia ter apenas viajado até ao campo. Igualmente animou o marido com a expectativa de auxílio dos conhecidos, especialmente dos que ele tinha ajudado e servido. Por fim, exortou-o, lembrando-lhe todo o apreço e amizade que os ligavam, a não fazer perigar a saúde, de que a felicidade dela unicamente dependia, entregando-se desmedidamente ao desgosto. E ao mesmo tempo lhe assegurava que nenhuma situação na vida lhe podia parecer infeliz se o tivesse consigo, a não ser que nele prevalecesse uma mágoa ou algum descontentamento.

Assim procurou esta mulher fraca e banal aliviar o sofrimento do marido, quando lhe competia antes acicatá-lo, não só acentuando a desventura do caso com as cores mais sombrias, mas também censurando-lhe a estupidez e a credulidade que tudo haviam provocado, assim como lamentando o duro fado que a obrigava a partilhar os infortúnios dele.

Heartfree retribuiu esta generosidade (assim costuma chamar-se) da mulher com a mais calorosa gratidão, passando ambos a hora seguinte numa íntima comunhão de afecto, demasiado trivial e desprezível para merecer a atenção dos nossos GRANDES leitores. Por isso omitiremos todos os relatos de cenas que tais, porque só tendem a degradar e tornar ridícula a natureza humana.

Os mensageiros que tinham obtido algumas respostas às cartas iam agora regressando. Copiaremos aqui várias delas, por poderem servir de precedentes a outras que se tornem necessárias, o que sucede bastantes vezes nos meios mais distintos da sociedade, para responder à impertinência de algum credor incómodo.

CARTA I

Caro Sr. Thomas Heartfree:

Sua Graça manda-me dizer-lhe ter ficado muito surpreendida com o seu arrojado ao solicitar dinheiro sabendo ter passado tão pouco tempo desde a data aprazada para a liquidação. Todavia, como não tenciona continuar a fazer compras na sua loja, deu-me ordens para lhe pagar logo que tenha disponibilidades de numerário, o que, considerando outras contas há muito por satisfazer, não posso, de momento, prever exactamente quando será.

Seu humilde servidor,

ROGER MORECRAFT

CARTA II

Caro Sr:

O dinheiro, como diz e com razão, mantém-se em dívida há três anos, mas muito sinceramente informo não estar, de momento, em condições de pagar um centavo. Tenho a certeza, contudo, de em breve poder satisfazer o solicitado, que é apenas uma pequena quantia, e ainda despender somas bem mais avultadas na sua loja. Esperando não causar inconveniente com esta pequena demora, fico, caro senhor, muito atento e obrigado,

CHA. COURTLY

CARTA III

Estimado Sr. Heartfree:

Peço-lhe encarecidamente o favor de não informar meu marido da insignificante quantia que lhe devo. Como sei que é pessoa de grande bondade, confio que mantenha o segredo seguinte: há muito que ele me deu o dinheiro para saldar a dívida, mas tive a pouca sorte de o perder no jogo. Pode ter a certeza de que lhe pagarei na primeira oportunidade; muito respeitosamente ao seu dispor,

CATH. RUBBERS¹¹¹

P.S. Por favor apresente os meus cumprimentos à Sr^a. *Heartfree*.

CARTA IV

Sr. Heartfree:

Acuso recepção da sua; e serve esta para informar não convir agora pagar a mencionada importância.

Prontamente às ordens,

PETER POUNCE¹¹²

CARTA V

Prezado Sr.:

É com sincero pesar, atendendo especialmente às muitas obrigações que lhe devo e das quais guardarei sempre a mais grata recordação, que comunico não me ser conveniente, neste momento, satisfazer a sua solicitação. Fico deveras preocupado com os seus infortúnios e gostaria de estar consigo pessoalmente; mas não me encontro bem de saúde e, além disso, terei de ir esta noite a *Vauxhall*.¹¹³ Creia-me o seu mais atento, venerador e obrigado servidor,

CHA. EASY¹¹⁴

Outras cartas chegaram ainda, com o mesmo tipo de discurso; mas propusemo-nos dar aqui apenas uma pequena amostra. De todas elas, a última foi, de longe, a mais desagradável para o pobre *Heartfree*, porquanto enviada por alguém que, numa ocasião de grave dificuldade, recebera dele uma soma considerável, gozando agora, segundo fonte segura, de grande prosperidade.

CAP. VIII

Em que o nosso herói leva a GRANDEZA a píncaros inusitados.

Afastemos, pois, tão rapidamente quanto pudermos, esta detestável imagem de ingratidão e apresentemos o retrato bem mais agradável de uma afoiteza a que os *Franceses* muito adequadamente aplicam o epíteto de

boa.¹¹⁵ Mal *Heartfree* tinha acabado de ler as cartas, surgiu-lhe o nosso herói. Não com o aspecto de um pobre cura ao confrontar-se com o seu benfeitor, depois de a ele se ter oposto numas eleições; ou de um médico ao evitar, em passo furtivo, o quarto onde, segundo o informam, há pouco expirara o seu doente; nem cabisbaixo como o homem que, após aceso conflito entre virtude e vício, se rendeu a este último e logo se viu descoberto na primeira ocasião. Não; do seu ar transparecia aquela nobre e grande confiança de um primeiro-ministro ao garantir a um subordinado já ter sido atribuído o cargo que lhe prometera. A preocupação e o constrangimento por ele expressos em tais alturas são idênticos aos manifestados por *Wild* no encontro com o amigo. E assim como o dito primeiro-ministro censura o que a ele recorre por negligenciar o seu próprio interesse, não lhe tendo solicitado aquele cargo em devido tempo, também o nosso herói verberou *Heartfree* por ter dado crédito ao conde e, sem lhe deixar responder uma palavra, prosseguiu, submergindo-o numa verborreia de abusivas observações. No que, por muito amistosa que fosse a sua intenção, nem um inimigo facilmente o ultrapassaria. Deste modo, *Heartfree*, que talvez tivesse, noutras circunstâncias, evidenciado algum desassossego pela recomendação que *Wild* lhe fizera do conde, ficou totalmente inibido de exprimir tal reacção. Como um príncipe que, ao invadir território alheio, é ele próprio atacado nos seus domínios, viu-se na contingência de concentrar todas as forças na defesa do reduto doméstico. O que, sem dúvida, fez tão bem, ao insistir na fina figura e apresentação do conde e respectiva equipagem, que *Wild* por fim se tornou um pouco mais brando, confessando ter menos direito que toda a gente de censurar alguém por tal tipo de imprudência. É que, disse, ele mesmo era pessoa muito facilmente induzida em erro, o que lhe acontecera com o próprio conde; este podia estar insolvente e, então, tê-lo defraudado em quinhentas libras. ‘Mas, por minha parte’, acrescentou, ‘não vou cair em desespero nem gostaria que tu te deixasses abater. A muitos indivíduos pareceu conveniente afastarem-se, ou desaparecerem de repente, mantendo-se escondidos durante algum tempo, até virem a pagar as suas dívidas – ou, pelo menos, até conseguirem um meio elegante de entrar em acordo com os credores. De uma coisa estou certo: se se chegar a um ajuste satisfatório para todas as partes, na pior hipótese serei eu o único a perder; nesse caso, sentir-me-ei obrigado, por minha honra, a reparar o teu prejuízo, mesmo reconhecendo ter ele ficado a dever-se principalmente à tua própria tolice. *Com*

os d ——— ! Houvesse eu imaginado isso necessário, não teria deixado de te pôr de sobreaviso; mas pensei ser a zona da cidade onde ele vivia sinal suficiente para não lhe dares crédito.¹¹⁶ E que crédito! O tentador devia ter-se apossado de ti, certamente!

A Sr^a. *Heartfree*, que antes desabafara contra *Wild* as mais agrestes e indignadas imprecações, sentia-se agora perfeitamente convencida da inocência dele, pedindo-lhe para não continuar a insistir em algo que tanto afectava o marido, como ele percebia. O comércio, observou ela, não podia fazer-se sem crédito e, seguramente, tinha havido suficiente justificação para o conceder a uma pessoa como a que o conde parecia ser. Além disso, acrescentou, de pouco adiantava repisar o que já pertencia ao passado e não podia ser feito de novo. O que se impunha agora era reflectir na maneira de evitar as más consequências iminentes e, antes de mais nada, tentar obter a liberdade do marido. ‘Por que não arranja ele fiança?’ perguntou *Wild*. ‘Ai de mim, caro Senhor!’, disse ela, ‘fizemos diligências junto de muitos dos nossos conhecidos, mas em vão; mesmo daqueles de quem menos esperávamos só tivemos subterfúgios.’ ‘Não arranja fiança?’ replicou *Wild*, com aparente emoção, ‘isso é que arranja, enquanto houver tal coisa neste mundo. Hoje já é tarde, mas pode ter a certeza de que amanhã de manhã lha hei-de trazer.’

A Sr^a. *Heartfree* recebeu esta promessa com lágrimas nos olhos, dizendo a *Wild* que ele era um amigo verdadeiro. Dispôs-se, então, a passar a noite com o marido, mas este não consentiu, por causa das filhas ainda pequenas, que não quis confiar aos cuidados de criados num período de perturbação como aquele em que estavam.

Mandaram então buscar uma carruagem de aluguer, mas sem sucesso. Esse equipamento de apoio, tal como o apoio de certos amigos, surge sempre quando o tempo está de feição e nunca quando precisamos. E o transporte em cadeirinha, como o Sr. *Snap* vivia numa parte da cidade pouco percorrida por tal transporte, também não parecia possível. A boa mulher foi obrigada, portanto, a ir a pé para casa, tendo-se o galante *Wild* oferecido para a acompanhar e proteger. Favor que foi gratamente aceite; e após marido e mulher se terem despedido com grande affecto, o primeiro foi fechado no seu quarto enquanto a segunda saía do edifício pela porta principal, que o Sr. *Snap* se encarregou, ele próprio, de trancar.

Esta visita do Sr. *Wild* a *Heartfree* pode parecer uma daquelas passagens da História que os escritores, à maneira de *Drawcansir*, introduzem apenas

*porque ousam fazê-lo.*¹¹⁷ Pode até parecer algo contraditória em relação à GRANDEZA do nosso herói e tender a denegrir o seu carácter, insinuando uma espécie de amizade demasiado próxima da fraqueza e da imprudência. Talvez seja necessário, portanto, explicar as razões da referida visita, especialmente aos nossos leitores mais sagazes, cuja satisfação teremos sempre em consideração de modo muito especial. Devem eles saber, então, que no primeiro encontro com a Sr^a. *Heartfree*, o Sr. *Wild* contraíra pela bela criatura essa paixão, ou afeição, ou amizade, ou desejo que os cavalheiros da presente época concordam em chamar AMOR.¹¹⁸ O qual, de facto, não é mais do que aquele sentimento capaz de ser experimentado pelo clérigo mais robusto, quando a tarefa dominical está terminada, em relação a um bem condimentado bife de lombo, ou de suculenta alcatra, que o fidalgo, devidamente edificado, por gratidão lhe manda para o repasto. Sentimento tão violento, esse, que se traduz num apetite devorador. Não menos ardente era a gulosa paixão do nosso herói, o qual, desde que, pela primeira vez, pousara os olhos em tão encantador prato, dera rédea solta à imaginação para descobrir o método de dele se servir. O mais fácil, segundo julgava, seria aproveitar-se da ruína de *Heartfree*, planeada antes por outros motivos. Por isso adiou todos os esforços neste segundo sentido, até ter efectuado o que, numa ordenação temporal, havia de preceder o projecto mais recente. Com tal meticulosidade e GRANDEZA, na realidade, conduzia o nosso herói todos os seus desígnios; e assim também verdadeiramente superior era ele a todos os impulsos da paixão, tantas vezes susceptíveis de perturbar e frustrar, noutras pessoas, as melhores intenções.

CAP. IX

Outras manifestações de GRANDEZA em Wild e uma cena de baixo coturno entre a Sr^a Heartfree e as filhas, seguida de um plano do nosso herói, digno da maior admiração e mesmo estupefacção.

Quando iniciou a caminhada para levar o objecto do seu amor (ou antes: o prato cobiçado, se quisermos continuar com a nossa metáfora) desde o seu legítimo proprietário até casa, *Wild* projectava conduzi-lo a uma dessas moradas de *Covent-Garden* onde a carne feminina é deliciosamente preparada e servida de modo a corresponder ao cúpido apetite de jovens cavalheiros.¹¹⁹

Receou, porém, que ela não anuísse prontamente aos seus desejos e que, através de uma insistência demasiado ávida e precipitada, se gorassem as expectativas da sua satisfação futura. Felizmente, ocorreu-lhe então uma nobre possibilidade de quase inevitavelmente garantir prazer e proveito. Por isso contentou-se em acompanhar a Sr^a. *Heartfree* até casa e, com muitos protestos de amizade e de disponibilidade para ajudar o marido, despediu-se, prometendo visitá-la de manhã cedo para a reconduzir ao domicílio do Sr. *Snap*.

Retirou-se *Wild* depois para uma taverna, onde encontrou vários conhecidos, com os quais passou o resto da noite em folgança, até porque de modo algum os infortúnios de *Heartfree* lhe turvaram o entusiasmo de bebedor. Tão verdadeiramente GRANDE era a sua alma de herói, que esta se mantinha num estado de absoluta harmonia; não fora a apreensão de que a menina *Tixa* pudesse fazer alguma revelação menos lisonjeira sobre a sua pessoa (visto não andar então muito bem disposta com ele), o que o contrariava e inquietava um pouco, o seu humor teria sido de perfeita tranquilidade. Como não tinha, portanto, oportunidade de a ver nessa tarde, escreveu-lhe uma carta repleta de inúmeras declarações de amor honesto e (algo em que mais confiava) de promessas para restituir à jovem a boa disposição, sem a pôr minimamente a par da sua suspeita ou a advertir. Com efeito, era sua máxima habitual nunca despertar em alguém a ideia de lhe fazer algum malefício, lembrando estar isso ao seu alcance.

Temos agora de voltar à Sr^a. *Heartfree*, que passou a noite sem dormir, em horríveis agonias pela ausência do marido e numa agitação comparável à de uma dama de boa educação quando o respectivo esposo regressa de uma longa viagem. De manhã, trouxeram-lhe as filhas e a mais velha perguntou-lhe onde estava o seu querido papá, levando a que ela se desfizesse em lágrimas. Vendo isso, a filha acudiu: *‘Não chore, mamã, tenho a certeza de que o papá não teria passado a noite fora se tivesse podido vir.’* A estas palavras, ela levantou a filha nos braços, deixou-se cair numa cadeira e respondeu, cheia de angústia: *‘Não, minha filha, e nem toda a malícia do inferno nos há-de separar por muito tempo!’*

Não teríamos inserido circunstâncias como estas, satisfazendo apenas meia-dúzia de leitores, se elas não servissem para mostrar a existência, na vida de gente comum, de fraquezas que dão globalmente pelo nome de *sensibilidade*. A esta estão completamente alheios os GRANDES ESPÍRITOS, que nenhuma noção têm do que seja. Mas ao expor ainda a pieguice desta

criatura inferior, destaca-se com maior relevo e elevação a GRANDEZA mesma que é nosso propósito retratar fielmente nesta história.

Ao entrar na sala, *Wild* deparou com a mãe das duas crianças apertando uma nos braços e tendo a outra agarrada aos joelhos. Depois de a saudar, pediu-lhe que mandasse as filhas e a criada para dentro, pois tinha algo de GRANDE importância a comunicar-lhe.

Ela imediatamente aquiesceu e, fechada a porta, perguntou-lhe com manifesta ansiedade se tinha conseguido a desejada fiança. A resposta dele foi que ainda a não procurara, porque lhe tinha ocorrido um processo garantido de ela obter a salvaguarda do marido, das filhas e de si própria. Assim, aconselhava-a a ir imediatamente para a *Holanda*, levando consigo as suas jóias mais valiosas, antes que alguma declaração de falência legalmente a impedisse.¹²⁰ Ele mesmo iria depois ter com ela e a alojaria em sítio seguro, voltando em seguida para libertar o marido, que facilmente seria capaz de satisfazer os credores. Acrescentou ter vindo precisamente da residência do Sr. *Snap*, onde falara do projecto a *Heartfree*, que enfaticamente o aprovara, desejando que ela o pusesse em execução sem demora e concluindo não haver um instante a perder.

A referência à aprovação do marido não deixou lugar para dúvidas no íntimo desta pobre mulher, que apenas manifestou o desejo de dispôr do breve tempo necessário para dele se despedir. *Wild*, contudo, recusou, peremptório, afirmando que cada minuto de demora aumentava o risco de ruína da família; que ela estaria sem o ver só alguns dias; e que se não tivesse a firmeza suficiente para executar as ordens acabadas de trazer do marido, ficaria responsável pela destruição dele. Neste caso, segundo acrescentou, desistiria de continuar a intervir no assunto.

Propôs-se ela então levar consigo as filhas; mas *Wild* mostrou-se contrário, dizendo que isso só retardaria a fuga e que era mais adequado ser o marido a viajar com elas. Por fim, o nosso herói conseguiu plenamente convencer a coitada, que de imediato juntou para a viagem os bens mais valiosos que pôde encontrar e, tendo-se despedido com grande affecto das crianças, recomendou-as com o maior empenho ao cuidado de uma fiel criada. Chamaram de seguida uma carruagem que os transportou a uma estalagem, onde alugaram um outro carro puxado por seis cavalos, no qual partiram para *Harwich*.

Wild ia exultante; ao que cria, seguro de vir a apoderar-se daquela mulher

encantadora, juntamente com a rica bagagem que transportava. Em resumo: já gozava em espírito toda a satisfação que uma luxúria desenfreada e uma cobiça rapace lhe podiam prometer. Quanto à pobre criatura que havia de saciar tais paixões, concentrava todo o ânimo a ponderar a situação do marido e das filhas. Mal deixava escapar uma palavra, enquanto as lágrimas lhe corriam dos olhos cintilantes. Os quais, se me é permitida a expressão grosseira, apenas serviam de deliciosa especiaria para aguçar o apetite de *Wild*.

CAP. X

Mui modernas e inauditas aventuras marítimas.

Chegados a *Harwich*, encontraram um navio fundeado e justamente pronto a largar para *Roterdão*. Já com os recém-chegados a bordo, o veleiro seguiu com vento favorável. Mal tinham deixado de ver terra, porém, quando súbita e violenta tempestade se levantou, atirando-os para sudoeste, de modo que o capitão previu inevitável embate nos baixios de *Goodwin*.¹²¹ Ele e toda a tripulação receavam o pior. A Sr.^a *Heartfree*, que não temia a morte a não ser por deixar os seus entes queridos, caiu de joelhos implorando a protecção do Criador, quando *Wild*, com um desprezo verdadeiramente GRANDE pela morte, tomou uma decisão talvez tão digna de admiração como a mais celebrada de qualquer bravo herói, antigo ou moderno. Vendo a morte preparar-se, tirânica, para lhe arrebatara a prevista presa, por ele ainda só devorada em fantasia, jurou impedi-la. Imediatamente atacou a infeliz, que se viu na aflicção mais desesperada ao ter que rechaçar primeiro o seu assédio e depois a sua força.

Logo que se apercebeu das intenções do herói, o que não aconteceu de imediato dada a turbação que a dominava e a opinião que dele tinha, tentou repeli-lo, movida por viva repugnância, nela inflamada pela indignação e pelo horror. Mas quando ele recorreu à violência, a Sr.^a *Heartfree* encheu a cabina com os seus gritos; e tão veementes estes foram, que não escaparam aos ouvidos do capitão, numa altura em que a tempestade afortunadamente abrandara. Este homem, endurecido mais pela educação e pelo meio inóspito em que mourejava do que por sua própria natureza, correu, rápido, e em pouco tempo livrava a vítima do potencial violador. De facto, este foi em breve forçado a largá-la para se ocupar do vigoroso paladino, que não se poupou à refrega para socorrer a bela passageira.

A batalha em breve terminou, mas o nosso herói só não saiu vitorioso porque impotente face ao número dos que acorreram, entremettes, em apoio do capitão. Este soltou, então, uma rotunda praga e perguntou a *Wild* se ‘ele não tinha suficiente fé de cristão para assim atentar, e aproveitando a tempestade, contra a honra de uma mulher.’ Ao que o outro, em estilo sublime e sombrio, respondeu: ‘Tudo bem; mas o d ————— que te carregue se não vou ter a devida compensação assim que pusermos o pé em terra.’ A tal desafio, o capitão apenas replicou: ‘Vais mas é à —————, etc.’, e depois de pôr *Wild* fora da cabina, fechou nesta a Sr^a. *Heartfree*, a pedido dela, regressando em seguida aos comandos do navio.

A tempestade, entretanto, cessara de vez, nada dela restando senão o habitual encrespamento da superfície do mar; mas eis que um dos marinheiros avista uma vela ao longe. Temendo tratar-se de um navio de corso (estávamos então em guerra com a *França*), logo o capitão mandou seguir a todo o pano.¹²² Em vão tomou, contudo, essa cautelosa medida: soprava pouco vento e em direcção absolutamente contrária. De modo que o outro navio em breve se acercou, parecendo estar, como o capitão receara, ao serviço de piratas *franceses*. Não se encontrando em condições de oferecer a mínima resistência, imediatamente se rendeu ao troar a primeira peça de canhão. O capitão do navio *gaulês* e vários sequazes logo procederam à abordagem, pilhando o que de valioso encontraram, incluindo toda a bagagem da infeliz Sr^a. *Heartfree*. Depois levaram consigo a tripulação e os dois passageiros *ingleses*, sob prisão; e tendo verificado que o barco adversário, velho e a meter água, constituiria mera sobrecarga, concluíram não valer a pena arrastá-lo para Dunquerque. Preservando apenas o escaler, em melhor estado que o seu, provocaram largo rombo no veleiro apresado, que logo se afundou.

O capitão *francês*, ainda bastante jovem e homem galante, achou-se, em pouco tempo mas não em pequena medida, enamorado da sua bela cativa. Imaginando que *Wild*, por umas tantas palavras que este deixara escapar, era seu marido, apesar da aversão que ela mostrava para com ele, perguntou à dama se compreendia *Francês*. A resposta foi afirmativa e, de facto, era essa uma língua que ela entendia perfeitamente. Quis ele então saber há quanto tempo estava casada com aquele cavalheiro (e apontou para *Wild*). Com um fundo suspiro e muitas lágrimas, ela disse ser, de facto, casada, mas não com aquele patife e única causa de todos os seus infortúnios. O que avivou a curiosidade do capitão e o levou a instar, embora polidamente, para que lhe

contasse os malefícios de que se queixava. O que ela, por fim, acedeu a fazer, narrando toda a história das suas aflições. Pouco dado a noções de GRANDEZA, o capitão ficou tão impressionado com o relato e tão indignado com o nosso herói, que resolveu puni-lo. Sem olhar às leis que regem uma situação de guerra, imediatamente ordenou que arreassem o velho escaler e nele metessem *Wild*, a quem deu meia-dúzia de bolachas para lhe prolongar o castigo. À mercê do mar então o confiou e sem detença prosseguiu a sua rota.

CAP. XI

O grande e maravilhoso comportamento do nosso herói num escaler.

É provável que o desejo de obter as boas graças da sua encantadora cativa, ou antes: da sua conquistadora, não tivesse tido pequena influência na aplicação de tão extraordinário acto de justiça ilegal. De facto, este capitão começara a sentir a mesma espécie de paixão, ou de fome, que atingira o próprio *Wild*, e estava igualmente decidido, por todos os meios, a satisfazê-la. De momento, porém, vamos deixá-lo na busca desses meios e fazer companhia ao nosso herói, no seu batel, pois que é em circunstâncias difíceis que se revela toda a maravilha da verdadeira GRANDEZA. Que um príncipe no meio dos seus cortesãos, todos eles prontos a enaltecerem as suas características mais favoráveis e o seu título; ou que um conquistador, à frente de cem mil homens, todos dispostos a executarem a sua vontade, por muito ambiciosa, injustificada e cruel que seja, queira, na vertigem do seu orgulho, elevar-se bem acima desses seus servidores, não parece difícil de imaginar e, mesmo, de explicar. Mas que um homem agrilhado numa prisão comum ou no mais infame dos cárceres queira, com persistente orgulho e obstinada dignidade, evidenciar essa vasta superioridade da sua própria natureza sobre o resto da humanidade, aparentemente muito mais feliz do que ele próprio aos olhos de gente vulgar; mais: que pretenda mostrar como o céu e a providência (ao especial cuidado dos quais ele parece estar) precisamente nessa altura se encontram activos em seu favor – isso é que, realmente, merece figurar nos *arcanos* da GRANDEZA, plenamente ao alcance, apenas, de um entusiasta desta cabalística ciência.

Que podíamos imaginar de mais mofino do que a situação do nosso herói, ao ver-se num barco diminuto, vogando ao sabor do alto mar, sem

remo nem vela e à mercê da primeira onda capaz de o voltar? Destino esse sem dúvida muito mais provável do que uma outra alternativa, morrer à fome, com quase toda a certeza verificável no caso de a calmaria se prolongar.

Encontrando-se nessa condição, o nosso herói começou a ejacular toda uma rajada de blasfêmias, cuja repetição poderia ofender o nosso leitor mesmo não excessivamente pio. Passou, depois, a acusar o sexo feminino no seu todo e a paixão do amor (assim lhe chamava), especialmente a que nutria pela Sr^a. *Heartfree*, de serem as lastimosas causas dos seus presentes sofrimentos. Até que, dando-se conta de se estar a afundar num discurso cheio de mesquinhez e auto-comiseração, fez uma pausa antes de irromper de novo como se segue: ‘Que se d ————— e, um homem só morre uma vez; para quê dar então importância à morte? Todo o ser humano tem de morrer, e quando tudo acabar, acabou. Nunca tive pavor de nada, não vou agora começar a ter; isso é que não, d ————— s me levem. Por quê ter medo? Morrerei na mesma, com ou sem medo!... Quem é que então tem medo, d ————— s me levem?’ Tendo proferido tais palavras, compôs um ar de grande ferocidade, mas lembrando-se de que não estava ninguém a vê-lo, atenuou a pose terrífica e, após breve interrupção, tornou a exclamar: ‘D ————— s! Suponhamos que, no fim de contas, venho a ser condenado à perdição eterna, embora nunca me tenha minimamente preocupado com essa possibilidade. Muitas vezes me ri e trocei de tal coisa e, no entanto, ela pode tornar-se bem real, tanto quanto sei e por muito que diga o contrário. Se acaso houver outro mundo, não vou encontrar nele um acolhimento nada favorável; isso é certo. Nunca mais vou obter perdão pelo que fiz a *Heartfree*. Sem sombra de dúvida, o diabo já me reservou, por tal motivo, um lugar no inferno. O diabo! Ora, ora! Também não sou tão tolo que me assuste com ele. Isso é que de modo nenhum. Quando uma pessoa morre, está tudo acabado para ela. Pelo menos, bem gostava de ter a certeza disso. A verdade é que há alguns homens de saber com opinião diferente. Quer-me cá parecer que as minhas oportunidades, nessa circunstância, não seriam muitas. Se nenhum outro mundo existe, bem, então não ficarei em pior situação que um cepo ou uma pedra. Mas acaso exista, d ————— s me levem, não quero mais pensar nisso. A uma catrefa de estuporados patifes, a morte pode meter medo; a mim não, que a olho de frente. Vou, entretanto, ficar para aqui a olhar até morrer de fome? Também não. Vou antes comer todas as bolachas que o filho da puta do *francês* fez o favor de me dar e depois salto

do barco para beber alguma água, já que aquele animal não teve escrúpulos de me deixar sem uma pinga.’ Dito isto, passou imediatamente ao acto; com efeito, nunca atreito a empachos, mal consumira a parca provisão alimentar com que, sem ampla liberalidade, fora contemplado pelo inimigo, lançou-se de cabeça ao mar.

CAP. XII

*Capítulo repleto de um estranho e astuto saber, em que se trata de PROVÉRBIOS.*¹²³

Chegados aqui, leitor, não podemos perder o ensejo de recomendar a grávida e útil sabedoria que se pode extrair dessas minas de experiência chamadas PROVÉRBIOS. Também passíveis de apresentação como breves aforismos, eles serviram a indivíduos de grande génio para dar guarida a notáveis descobertas, no campo da natureza ou da ciência, quais veículos de fácil transporte pela memória e capazes de a ajudarem a resistir ao desgaste de uma volumosa erudição. Além de, portanto, evocarmos o mérito desses sábios que primeiro afeiçoaram tão inestimáveis pérolas, temos de registar a nossa gratidão para com os que, à custa de esforço e paciência, as recolheram e preservaram. Ora neste ponto da nossa história, sendo desnecessário acrescentar alguma coisa aos encómios de que pessoas como Erasmo se tornaram merecedoras, passo a falar do incomparável editor de *Joe Miller’s Jest*s.¹²⁴ Não creio curial, neste momento, tratar de saber se ele é sua Excelência o lamentável *Elijah Jenkins*, ou, pelo contrário, sua Excelência o faceto *Edmundus de Crull*.¹²⁵ Aos espirituosos ditos aí incluídos podemos, em todo o caso, aplicar a observação do ilustre lorde Bacon sobre os *Provérbios de Salomão*: *‘Não são poucos os profundos e excelentes avisos, preceitos e referências que no texto encontramos, ligados a uma larga variedade de situações, pelo que nos deteremos um pouco, oferecendo alguns exemplos à vossa consideração.’*¹²⁶

PROVÉRBIO I

Os maiores homens podem, por vezes, exceder-se, mas os seus próprios erros constituem proveitosa lição. *Serve para instruir outros, grandes ou pequenos, na arte de exceder e ultrapassar o próximo.*¹²⁷

PROVÉRBIO II

Uma boa aparência é o melhor mestre de cerimónias num lugar estranho. *Observação que mostra a capacidade de um mestre de cerimónias para, com admirável habilidade, colocar pessoas em estranhos lugares.*

PROVÉRBIO III

Se acreditássemos só no que podemos compreender, todo o homem era ateu. *Converge com a mais fácil das tendências, crer que a proporção é produto do acaso, e com a mais compreensível das proposições, segundo a qual a matéria morta gera por motu-próprio vida, pensamento, etc.*

PROVÉRBIO IV

As discussões estão para os humanos assim como os ossos para os cães; servem para meter uns e outros ao barulho. *Dai chamar-se também a um tópico em debate uma questão e, sobretudo quando de difícil desfecho, um osso duro de roer.*

PROVÉRBIO V

A chaminé e a mansarda estão próximas uma da outra e, portanto, alfaiates e limpa-chaminés são primos direitos. *Deve entender-se não literal, mas metaforicamente. Os alfaiates são alvo de grande desprezo entre os Ingleses, dizendo-se mesmo que são precisos sete para matar uma aranha, ou, no mundo do teatro, chamando modisto ao autor de uma peça descosida e que, pelo seu feitio, cai mal no público.¹²⁸ Aventuram alguns vir tal desprezo do tempo em que os Bretões andavam nus e, conseqüentemente, os alfaiates pouco préstimo tinham. Quer-me parecer, contudo, ser outra a razão: usarem os modernos tão assiduamente os serviços destes artífices que os seus nomes jamais deixam de constar dos livros de contas relativos às encomendas dos clientes.*

PROVÉRBIO VI

O doente piora se faz seu herdeiro o médico que lhe trata da saúde. *Com tais palavras se adverte não ser aconselhável estimular em alguém que nos pode fazer mal o interesse na sua efectiva realização.*

PROVÉRBIO VII

O homem sensato e a mulher silenciosa proporcionam a conversa mais eloquente. *Deste modo se regista que melhor fala a mulher que nada diz.*

PROVÉRBIO VIII

A pessoa que se levanta da mesa sem dar graças pela refeição bem pode afirmar-se que sai sem pagar a conta. *Por aqui se vê que, no caso de um comensal religioso, a omissão é dupla; mas que, tratando-se de fidalgo da casa, sem o capelão presente, ela é meramente ordinária.*¹²⁹

PROVÉRBIO IX

Um indivíduo jovem que se apaixona por uma mulher de má vida é como se tivesse tombado de sono numa pocilga. *Donde se depreende que a vida de uma prostituta é má por motivos semelhantes aos que fazem da sua cama uma porcaria onde não se pode dormir.*

PROVÉRBIO X

A nossa carroça nunca é mais mal empregada do que quando abre caminho a uma fila de outros carros. *Ou seja: quando transporta alguns condenados até Tyburn.*

PROVÉRBIO XI

Cinco coisas se contam entre as que podem tornar mais apazível uma viagem: dinheiro no bolso, boa estrada, cama confortável, estalajadeira amável e tanto melhor se apresentável. *Eis cinco coisas excelentes reunidas no espaço de duas ou três linhas.*

PROVÉRBIO XII

Perverter um membro da Câmara dos Comuns, fazendo-o renegar os seus princípios e conferindo-lhe o título de par do reino, não é muito melhor do que levar uma mulher a prostituir-se, casando depois com ela. *Aqui, um*

deputado dos Comuns é apresentado a uma luz lisonjeira de simplicidade e inocência virginal, insinuando-se que, se for pervertido, passando do estado de pureza ao de patife, como patife se manterá, não obstante a subsequente elevação à condição de nobre. ¹³⁰ *De modo análogo, uma mulher corrompida não muda necessariamente em virtude de um casamento posterior. E isso também não impede que o mundo a um chame Sua Excelência e, à outra, HONESTA Senhora Dona.*

Tendo assim alinhado as observações precedentes (volto a recorrer às palavras do nobre autor que foi Francis Bacon), ‘*com uma detença algo excessiva em relação à agradável proporção esperada de um exemplo*’ ¹³¹ e à paciência de quem esteja inclinado a desviar a força motriz deste capítulo (se é que ela existe) para onde menos tencionávamos encaminhá-la, é chegada a altura de saber do nosso herói. O qual, para presumível surpresa do leitor, podia servir de exemplo comprovativo do provérbio que diz, nomeadamente: ‘Quem nasce para ser enforcado jamais morre afogado.’ Na configuração frásica de *Shakespeare*, tal aforismo poderá parecer um tanto antiquado; mas estou convencido de que a sua verdade nunca teve, como aqui, tão plena e paradigmática ilustração.¹³²

CAP. XIII

O singular e todavia natural salvamento do nosso herói.

Tendo mergulhado de cabeça no mar, em gesto de maravilhosa decisão, como referimos, o nosso herói, volvidos dois minutos, encontrava-se de novo dentro do barco. E isto sem assistência de um golfinho, de um cavalomarinho ou de outro animal terrestre ou aquático, daqueles que estão sempre por perto e disponíveis quando um poeta ou um historiador se compraz em chamá-los para transportarem um herói através dos oceanos. O que eles fazem tão prontamente como qualquer condutor de uma cadeirinha que, à porta de um café em St. *James's*, é solicitado a passar um peralta de um lado da rua para o outro de maneira a este manter imaculadas as respectivas meias brancas. A verdade é que decidimos não recorrer a milagres, com fundamento na estricte observância da regra de Horácio: *Nec Deus intersit nisi dignus vindice nodus*. O que significa: *Não tragas à colação um agente*

sobrenatural se podes passar sem ele;¹³³ e, sem dúvida, temos muito maior conhecimento das causas naturais que das sobrenaturais. Em conformidade, tentaremos explicar aquele extraordinário evento com base nas primeiras; e, ao fazê-lo, torna-se necessário desvendar alguns profundos segredos, largamente merecedores do conhecimento do nosso leitor, os quais lhe poderão proporcionar alguma luz sobre muitas ocorrências da espécie fenomenal ultimamente verificadas neste nosso hemisfério.¹³⁴

Continuando na mesma linha de pensamento, convém, pois, ter presente que a grande *Alma Mater* natureza é, de todas as entidades femininas, a mais obstinada e tenaz na prossecução dos seus objectivos. Pelo que se revela bem verdadeira a observação: *Naturam expellas furca licet, usque recurret*.¹³⁵ A qual não precisa de tradução, uma vez que figura num livro conhecido da maioria dos cavalheiros de qualidade. Seja o que for, portanto, que a natureza se proponha, nunca consente razões, projectos ou accidentes capazes de a fazerem fracassar. Ora, por muito que, a um observador superficial, pareça não terem sido certas pessoas talhadas pela natureza para qualquer prestação ou finalidade, o certo é que ninguém vem ao mundo sem um papel a desempenhar, qual quinhão recebido em herança. De modo que uns serão reis; outros, estadistas; outros ainda, embaixadores; estes, bispos; aqueles, generais, etc. Ao todo, há duas categorias de indivíduos: os que a natureza, generosa, beneficia com algum dote que os habilitará no desempenho dos papéis que visa atribuir-lhes no palco da vida; e os que ela utiliza como instâncias próprias no exercício do seu ilimitado poder, em determinadas situações e segundo critérios de escolha que nem Salomão saberia justificar excepto dizendo que a natureza assim o quis.¹³⁶ Os deste segundo grupo têm sido chamados NATURAIS por alguns notáveis filósofos que usam tal apelação para os apresentarem como favoritos da natureza.¹³⁷ E o verdadeiro motivo da ignorância geral da humanidade sobre tal tema parece ser o seguinte: como a natureza decide executar os seus objectivos por intermédio de certos instrumentos ou causas segundas, parecendo estas totalmente ignorar o desígnio subjacente e distinguindo melhor o espírito humano, como o olhar, aquilo que está mesmo à sua frente e muito menos nitidamente aquilo que está enviesado, não se torna possível discernir o fim através do meio.¹³⁸ Portanto, como prever que uma formosa esposa ou filha eventualmente contribua para executar a original intenção da natureza de promover um indivíduo a general? Como adivinhar que um lisonjeador

chegará a juiz e um ímpio ou um ateu a bispo? Não é possível; não cabe na nossa capacidade de compreensão. Acontece mesmo que, apesar de inteligentes, nos vemos obrigados a raciocinar *ab effectu*;¹³⁹ e se nos perguntassem o que a natureza destinara para tais homens, antes de ela própria nos informar efectivamente através de provas iniludíveis, é de esperar que ficássemos demasiado perplexos para responder. Por um lado, à primeira vista e sem auxílio de qualquer inspiração, dir-se-ia que uma grande fortaleza de espírito, aliada a notável capacidade de saber, indicaria alguém destinado pela natureza a ocupar posição de poder e honra. Por outro lado, a experiência de todos os dias convence-nos do contrário, compelindo-nos, por assim dizer, à opinião anteriormente expendida.

Ora tinha a natureza originariamente vocacionado o nosso GRANDE HOMEM para uma exaltação final que, sendo a mais decente e adequada maneira de culminar o percurso de todos os GRANDES HOMENS, se desejaria ardentemente fosse também por todos eles alcançada.¹⁴⁰ Pelo que já vimos, de resto, não seria de esperar que a mesma natureza se desviasse aqui do seu propósito. Por isso, mal se apercebeu de que *Wild* se encontrava na água, apressou-se, maviosa, a sussurrar-lhe ao ouvido que tentasse recuperar o barco. Obedecendo de imediato a este incitamento vocacional, o nosso herói, que era um bom nadador, não teve grande dificuldade na realização do objectivo.

Em vista disto, somos levados a concluir que tal episódio da nossa história, tão altamente espantoso a um primeiro relance, é mui naturalmente explicável. Notemos, entretanto, que o *maravilhoso* a que recorremos, embora frequente na escrita biográfica, não é de encorajar ou recomendar em todas as ocasiões.¹⁴¹ Num relato como este, porém, o seu uso torna-se absolutamente necessário para evitar que a história tenha um desfecho prematuro. E não deixemos de registar ainda a esperança de que o nosso herói saia ilibado de alguma imputação de tibieza; esta, se provada, comprometeria fatalmente a GRANDEZA do seu carácter.

CAP. XIV

Conclusão da aventura marítima do protagonista e final do livro segundo.

O resto da tarde, a noite e o dia seguinte foram vividos pelo nosso herói em condições que nenhuma paixão da alma humana considerará muito invejáveis. Exceptua-se a ambição: desde que se possa distrair com a música,

mesmo longínqua, tocada pela trombeta da fama, ela não se importa de desprezar todos os prazeres apreciados pelo sensualista e outras gratificações mais solenes, embora menos conspícuas, sugeridas por uma consciência tranquila a um filósofo cristão.

Em contemplação ocupou *Wild* o seu tempo; ou seja: blasfemando, praguejando, às vezes cantando e assobiando. Por fim, quando o frio e a fome quase tinham subjugado a sua inata ferocidade, passava já muito da meia-noite e fazia escuro como breu, julgou ver uma luz ao longe, que as compactas nuvens do céu o impediram de confundir com uma estrela. A dita luz, todavia, não parecia aproximar-se; ou, se se aproximava, fazia-o de modo tão imperceptível que disso não lhe vinha quase nenhum conforto. Até que acabou mesmo por desaparecer, deixando-o ainda mais desamparado. Retomou ele, então, a sua atitude contemplativa, no jeito anteriormente observado, assim permanecendo até ao raiar da aurora. Eis senão quando, com inexprimível júbilo, avistou uma vela a curta distância e, segundo parecia, vindo afortunadamente na sua direcção. Também ele, em breve, era descoberto pelos tripulantes do navio, os quais não precisaram de ser especialmente alertados pelos sinais do naufrago para se aperceberem da sua situação aflitiva. As condições do mar eram quase de calma e o batel de *Wild* estava a umas escassas quinhentas jardas da sua rota. Não tiveram, pois, grande dificuldade em ir buscá-lo num pequeno barco a remos e trazê-lo para bordo.

O navio, transportando da Noruega um carregamento de madeira, mostrava bem os estragos causados pela recente tempestade. O capitão, de nacionalidade *francesa*, era daqueles homens que são movidos por um princípio geral de humanidade e reagem com compaixão proporcional ao infortúnio dos seus semelhantes, mesmo se estes são súbditos de um rei em conflito com o seu. Compadeceu-se, pois, ao ver *Wild* em tais apuros, por este condimentados numa relação fabricada com vista a captar o crédito de tão ignaro ouvinte. Este lembrou que o nosso herói, sendo *inglês*, ficaria preso ao desembarcar em *França*, como bem sabia; acrescentando que tentaria, em todo o caso, arranjar-lhe um indulto. O que o naufrago muito agradeceu. Seguindo o navio bastante devagar (tinha perdido o mastro maior durante o temporal) e a poucas léguas da costa *britânica*, *Wild* enxergou, a certa distância, uma pequena embarcação. Às perguntas que a propósito fez, responderam-lhe dever tratar-se, com toda a probabilidade, de um barco de pesca *inglês*. As condições, continuando perfeitamente amenas, levaram-no

então a pedir que lhe dispensassem um par de remos, de modo a poder chegar até ao dito pescueiro; ou poder, pelo menos, aproximar-se suficientemente dele para ser visto quando acenasse. Conforme adiantou, preferia correr qualquer risco à fatalidade de ser feito prisioneiro. E como a sua coragem tinha sido, em certa medida, restaurada pelas provisões (especialmente aguardente) que o capitão *francês* lhe oferecera, ela pôde contribuir para o empenhamento na reiteração do pedido, que acabou por ser deferido. Depois de equipado com remos e abastecido com algum pão, carne de porco e uma garrafa da referida bebida, despediu-se dos seus salvadores, meteu-se de novo no seu escaler e remou com tamanho entusiasmo que em breve era avistado, socorrido e recolhido pelo pescador *inglês*.

Mal se sentiu seguro no barco de pesca, *Wild* insistiu que rumassem a *Deal*, com a maior celeridade, explicando que o veleiro, ainda visível, era *francês* e ia para *Havre de Grace*, não sendo difícil apesá-lo se encontrassem algum navio disposto a persegui-lo. Com tal nobreza e GRANDEZA negligenciou o nosso herói todas as obrigações para com os seus salvadores, inimigos do seu país, que teria feito tudo ao seu alcance para os sequestrar, embora lhes devesse a vida e a liberdade.

Seguindo o conselho, o pescador em breve aportava a *Deal*; e aqui o leitor sentirá, sem dúvida, a mesma preocupação que *Wild* acerca da possibilidade de não haver nenhum navio disponível para a expedição.

O nosso herói viu-se então, uma vez mais, na segurança de *terra firma*, mas, infelizmente, algo distante da cidade, onde os homens de engenho podem mais facilmente satisfazer os seus carecimentos sem recurso ao dinheiro. Todavia, como os respectivos talentos superavam quaisquer dificuldades, forjou com habilidade uma crónica por si próprio protagonizada na pele de um abastado mercador de Londres assaltado e roubado por um inimigo. De tal maneira que levou o pescador não só a recebê-lo em sua casa com toda a deferência, mas também a facilitar-lhe um belo esbulho sob forma de empréstimo, método aquisitivo que gozava, conforme já foi referido, da sua particular estima. Pôde, assim, pagar passagem numa diligência; a qual (tendo Deus permitido uma boa viagem) o trouxe, no tempo previsto, a uma hospedaria da grande metrópole.

E agora, leitor, como se desvaneceu a incerteza quanto ao destino do nosso GRANDE HOMEM, numa altura em que o conduzimos, são e salvo, ao teatro principal da sua glória, vamos voltar ao Sr. *Heartfree* e às dolorosas

tribulações em que o deixámos. O que se justifica tanto mais quanto é certo servir o comportamento deste pobre diabo para realçar, por contraste, a GRANDE e exemplar conduta do nosso herói. Disso trataremos, porém, no próximo livro.

LIVRO III

CAP. I

O objecto e deplorável comportamento de Heartfree, a que acresce a insensata conduta do seu aprendiz.

Os infortúnios de *Heartfree* não lhe roubaram inteiramente o sono. Pelo contrário; na primeira noite que passou na prisão dormiu várias horas. Talvez tenha, todavia, pago um preço demasiado elevado tanto pelo seu repouso como pelo gratificante sonho que o acompanhou. Neste surgia a sua pequena família numa cena que reproduzia outras, bem frequentes, dos seus dias de felicidade e prosperidade, quando ele e sua mulher se deleitavam com um dos mais agradáveis tópicos das respectivas conversas habituais: as economias que iam fazendo para futuro benefício dos filhos. O prazer suscitado por tal visão, entretanto, apenas serviu, ao acordar, para lhe reavivar no espírito o horror da sua precária situação e para o encher de ideias tenebrosas.

Neste estado de abatimento consumiu bastante tempo depois de se levantar da cama, na qual se deixara cair com a roupa que trazia vestida, começando, a certa altura, a interrogar-se sobre os motivos da longa demora da Sr^a. *Heartfree*. Mas as pessoas são capazes (e talvez mostrem nisso, de resto, alguma sabedoria) de tirar conclusões positivas de acontecimentos negativos; e foi assim que ele ponderou ser tanto mais certa a sua libertação quanto mais essa demora se prolongasse. Por fim, a impaciência tornou-se insuportável e resolveu enviar um mensageiro a casa, mas nesse momento teve a visita do seu aprendiz. Instado, o jovem informou ter a Sr^a. *Heartfree* saído há muitas horas com o Sr. *Wild*, levando consigo todos os bens mais valiosos do marido, depois de comunicar, segundo acrescentou ainda, estar a cumprir ordens deste.

Muita gente avisada, que estudou a anatomia da alma humana com mais atenção do que os nossos jovens físicos geralmente dedicam à do corpo, tem

observado que uma súbita e violenta surpresa produz um efeito diferente do operado numa boa dona de casa por qualquer desordem na cozinha. Nessas ocasiões, ela geralmente propaga a desordem não só a toda a família, mas também à vizinhança. Ora as maiores calamidades, especialmente quando imprevistas, tendem a embotar e fazer estiolar todas as capacidades humanas, em vez de as estimular. Com isso se mostra concordante um certo *Heródoto*, ao contar-nos uma história sobre *Croeso*, rei da *Lídia*:¹⁴² vendo os seus cortesãos e servidores levados cativos, chorou amargamente; mas reparando que a mulher e os filhos se encontravam entre eles, ficou atônito e paralisado. Assim sucedeu igualmente com o mísero *Heartfree* quando ouviu a informação de *Friendly*; imóvel, a sua única alteração visível foi a cor, que lhe fugiu completamente do rosto.

O aprendiz, que não duvidara minimamente das palavras da patroa, percebendo a lógica surpresa do seu interlocutor, ficou como ele, sem fala; e assim permaneceram ambos, durante alguns minutos, olhando um para o outro, aturdidos e horrorizados. Até que *Heartfree* gritou, angustiado: 'A minha mulher abandonou-me no meio de todas as desgraças!' 'Deus o não permita', acudiu o outro. 'E o que aconteceu às minhas pobres filhas?' perguntou o ourives. 'Estão em casa', respondeu o aprendiz. 'Deus louvado! Mas então ela abandonou-as também', lamentou *Heartfree*. 'Vai já buscá-las. Vai, caro Jack, traz-mas aqui; elas são agora tudo o que me resta. Depressa, se é que não estás, tu próprio, a preparar-te igualmente para me deixares sozinho com os meus tormentos.' Respondeu o jovem que antes queria morrer do que pensar em tal; e, depois de dirigir uma palavra de ânimo ao patrão, correu a cumprir as ordens deste.

Logo que *Friendly* partiu, *Heartfree* atirou-se para a cama, numa angústia desesperada; mas tendo-se recomposto, depois dos primeiros acessos da emoção, começou a duvidar da infidelidade da mulher, atitude que lhe parecia impossível. Na sua mente perpassou o constante afecto que ela sempre lhe demonstrara e, durante alguns instantes, sentiu-se culpado por se ter precipitado a julgá-la desfavoravelmente. Mas as várias circunstâncias da longa ausência dela, de não lhe ter escrito nem enviado recado por ninguém após partir com todos os bens dele, e na companhia de *Wild*, que já antes lhe deixara suspeitas, assim como, finalmente e acima de tudo, a falsa justificação de estar a obedecer a ordens suas, acabaram por o fazer pender de novo e completamente para a convicção de que ela lhe fora desleal.

Estava ele nesta agitação quando chegou o fiel aprendiz, que, muito expedito na sua missão, lhe trazia as filhas. Com a maior ternura e inexprimíveis gestos de carinho foram estas acolhidas pelo pai. A mais pequena, que correrá ao seu encontro quase com a mesma ansiedade por ele expressa ao vê-la, gritou: ‘Oh papá, porque não veio ter com a mamã este tempo todo? Julgava que não ia deixar a sua Nanny tantas horas sem a ver.’¹⁴³ Perguntou, depois, pela mãe, contando que, de manhã, ela as beijara e tinha chorado muito por o pai não estar com elas. Tudo isto trouxe abundantes lágrimas aos olhos deste homem fraco, pateta e destituído da GRANDEZA necessária para prescindir de manifestações tão irrisórias de afecto e humanidade. O qual resolveu, a seguir, obter informações através da criada, ficando a saber ter a Sr^a. Heartfree saído de manhã, depois de se despedir das filhas, beijando-as e chorando ao mesmo tempo, e de as ter recomendado encarecidamente ao seu cuidado. O que ela tinha prometido fazer escrupulosamente e, acrescentou, não deixaria de cumprir enquanto estivessem a seu cargo. Com viva gratidão, o ourives agradeceu-lhe e, após ter cedido, de novo, a uma pequena troca de gestos de ternura (que não iremos descrever) com as filhas, entregou estas à boa mulher, dizendo-lhe que podia levá-las para casa.

CAP. II

Um solilóquio de Heartfree, prenhe de ideias grosseiras e vis, onde não perpassa uma centelha de GRANDEZA.

Uma vez sozinho, o preso deixou-se ficar sentado e em silêncio, até que irrompeu no seguinte solilóquio:¹⁴⁴ ‘O que é que vou fazer? Entregar-me a um desespero sem remissão ou provocar o Todo Poderoso? Ambas as atitudes são indignas de uma pessoa sensata; de facto, há algo mais vão do que cair no desalento e lamentar a minha sorte, se acaso ela é irremediável, ou, agarrando-me à esperança, ofender aquele Ser que mais decisivo é para a manter? Mas será que consigo controlar as minhas emoções através da vontade? Será que as domino tão completamente que, no meu íntimo, posso decidir *os limites a impôr ao meu desgosto*? Certamente que não. A razão, por muitas veleidades que tenhamos, não dispõe de tão despótico poder no nosso espírito que possa, com voz imperial, suprimir num ápice todas as nossas mágoas. Para que serve ela, então? É que, sendo assim, não passa de

um som sem sentido e nós iludimo-nos ao pensarmos possuí-la; a alternativa é ela ser-nos dada para algum fim, desempenhando um papel determinado pela infinita sabedoria do Criador. Mas, com efeito, em que consiste a sua função, a não ser justamente avaliar todas as coisas e orientar-nos para uma perfeição da sabedoria humana capaz de regular a nossa estima por cada objecto, de acordo com o seu real valor, impedindo-nos de pecar por excesso ou defeito em relação ao que desejamos, possuímos ou perdemos? Ela não tem a pretensão de nos dizer: *Não estejas satisfeito ou insatisfeito* – o que seria tão inútil e ocioso como solicitar ao rio rumorejante que deixe de correr ou ao vento furioso que páre de soprar. Evita, apenas, que transbordemos de alegria ou de tristeza, como crianças, ao recebermos ou perdermos um brinquedo. Suponhamos, então, que fiquei privado das gratificações deste mundo e que as minhas expectativas de prazer ou provento futuro estão para sempre aniquiladas; que alívio posso colher da minha razão? Sim, que compensação me pode esta proporcionar, a menos que consiga demonstrar ter eu fixado as minhas aspirações num brinquedo; ter eu desejado algo pouco apetecido por um homem de senso ou cuja perda ele nem por isso lamenta? É que há, sem dúvida, brinquedos para todas as idades, desde a roca ao trono.¹⁴⁵ E talvez o valor de cada um deles corresponda ao dos respectivos possuidores; pois se a roca deleita os ouvidos da criança, será que a lisonja dos aduladores provoca outro efeito nos do príncipe? O segundo fica tão alheado de um exame crítico da origem e realidade do seu deleite como o primeiro; se ambos fizessem tal exame, ambos decerto passariam a desprezá-lo. Seguramente, se observássemos com atenção e comparássemos todas as pompas e circunstâncias de que os humanos tanto prazer colhem, cultivando-as através de perigos e dificuldades, mesmo à custa de tanta agressão e vilania, seríamos forçados a concluir não diferirem muito, na sua futilidade, das expostas numa loja de brinquedos. Muitas vezes tenho visto a minha pequenita a olhar, fascinada, para uma boneca; e tenho presente a persistência com que ma pede, até eu lhe fazer a vontade. Ao recebê-la nas mãos, que alegria no seu rosto! Ao tomar conta da sua nova propriedade, que profunda satisfação! E no entanto, com o tempo, como se vai tornando mais raro o seu deleite! Que trabalhos para prolongar o divertimento inicial! As roupas da boneca têm que variar; os garridos ornamentos que haviam atraído primeiro o olhar da sua dona, deixam-na agora indiferente. É em vão que esta tenta pô-la de pé e a andar, é já constrangida que alimenta uma

conversa com ela. Passado um só dia, o brinquedo é arremessado ao chão e esquecido; outro, menos caro, é agora preferido. Como se assemelha esta situação à de cada homem! Que obstáculos na prossecução dos desejos! Que frivolidade na satisfação da maior parte deles e que sensação de saciedade mesmo quando parecem mais reais e substanciais! Os deleites da maior parte das pessoas são tão infantis e superficiais como os da minha filha; penas de pavão ou fogo de artifício constituem os seus alvos e prazeres na vida, até mesmo nos anos de maior maturidade, se é possível dizer atingirem muitas delas alguma maturidade. Mas consideremos aquelas cujo discernimento tem mais elevado e apurado alcance. Que vazio logo se lhes revela o mundo de prazeres oferecido aos seus apetites e ambições! Com que pressa regressam pouco depois ao seu jardim, às suas plantas e a outras rústicas diversões semelhantes, que lhes permitem partilhar o ar e o sol com as criaturas da natureza e viver com elas em paz! Mas suponhamos (o que nem a honestidade nem a sensatez admitem) ser possível encontrar algo de mais valioso e fundamental nessas gratificações; não seria a incerteza sobre a respectiva permanência por si só suficiente para as depreciar? Que precária é a nossa posse das coisas que dependem da vontade da Fortuna e que a sorte, a fraude e a rapina, todos os dias e com elevada probabilidade, nos podem tirar! Probabilidade esta que aumenta na proporção directa do valor por nós atribuído a tais coisas! Ao fazermos essa atribuição, não estamos a transformar os nossos afectos numa espécie de bola de sabão ou de castelo nas nuvens? Qual o homem prudente que constrói uma bela casa ou um maravilhoso jardim num terreno cuja posse é assim aleatória? Mas suponhamos de novo que não era bem assim; será que a Fortuna, qual fidalga que aluga uma propriedade em regime vitalício, nos garante algum bem para *toda a vida*? Não é envolta em incerteza que esta mesma expressão nos ocorre? Admitamos que os nossos prazeres não nos são retirados; não é seguro haver-mos nós de ser arrancados deles? Talvez amanhã; ou talvez ainda antes... pois, como diz um poeta excelente,

Onde está o amanhã? No outro mundo.

Para muitos, verdade cujo reverso

Ninguém tem certo. ¹⁴⁶

Mas se mais esperança não tenho neste mundo, será que não posso ter nenhuma em algo para além dele? Os laboriosos escritores que a tantos

trabalhos se deram para destruírem ou enfraquecerem todas as provas de uma vida futura até agora não conseguiram, certamente, privar-nos dessa esperança.¹⁴⁷ Tal princípio activo no homem, tão impetuosamente persistente a impelir-nos, através de todos os esforços e obstáculos, para a meta mais distante e improvável que pode haver, seguramente não nos negará uma perspectiva minimamente promissora. A qual, ainda que fosse quimera, não deixaria de ter a recomendá-la a maior beleza capaz de ser contemplada pelo género humano. E o caminho assim avistado nessa perspectiva, se para ele devidamente nos prepararmos, não se revela muito árduo ou fatigante, tão poucas vezes ele nos faz passar por sítios espinhosos e alcantilados.¹⁴⁸ Se as provas da existência de um Ser supremo são tão fortes como eu penso, então podemos delas deduzir quanto baste para confortar e apoiar a mais infeliz das criaturas no meio das suas tormentas. Isto, ao que julgo, a minha razão me diz: se os defensores e propagandistas da descrença têm a verdade do seu lado, não vale a pena lamentar os prejuízos pela morte trazidos às pessoas virtuosas; se não têm, como realmente parece, os benefícios por via dela obtidos são de tal ordem, que nunca é demais aspirarmos a eles e rejubilarmos com eles’.

‘Por estas minhas contas, pois, eu não tenho de me queixar. Quanto às minhas filhas..., bem, o mesmo Ser a cuja a bondade e misericórdia confio a minha felicidade tem idêntica capacidade e inclinação para favorecer a delas. Tão-pouco importa a condição de vida que lhes venha a ser destinada, sejam elas obrigadas a ganhar o pão com o suor do rosto ou capazes de o comer à custa do suor alheio. Se considerarmos as duas alternativas com a necessária atenção, ou quisermos optar com a devida sinceridade por uma delas, talvez possamos concluir ser a primeira mais gratificante. O feitor tem a felicidade mais ao seu alcance do que o lorde; os seus desejos são em menor número, andam mais associados à esperança e menos ao medo. Farei tudo para criar uma boa base para a felicidade das minhas filhas, evitarei cuidadosamente educá-las acima dos seus meios de fortuna. Na presente emergência, entrego-me à protecção do único Ser capaz de dar, a todos os que nele crêem, ânimo que sobreleve todas as penas deste mundo.’

Foi assim, de maneira mesquinha, que o pobre diabo continuou as suas lucubrações; e tendo, por fim, passado destas a um estado de fanatismo, em breve se sentiu progressivamente imune a qualquer adversa arremetida.¹⁴⁹ Portanto, quando o Sr. *Snap* o informou da devolução do mandado judicial,

acrescentando ter que o levar a *Newgate*, ele acolheu tais notícias como *Sócrates* a da próxima chegada do navio de *Delos* e a recomendação de se preparar para a morte.¹⁵⁰

CAP. III

Em que o nosso herói prossegue na via da GRANDEZA.

Não podemos, porém, deter muito tempo o nosso leitor com estes episódios de inferior qualidade. Ele sente-se, sem dúvida, tão impaciente como a audiência num teatro, até que a figura principal, alguns minutos ausente, regressa ao palco. Satisfazendo, pois, tal inclinação, passamos a acompanhar as acções do GRANDE WILD.

Na diligência em que o Sr. *Wild* saíra de *Dover* viajava também um jovem cavalheiro que vendera uma propriedade em *Kent* e ia receber o respectivo pagamento em *Londres*. Com eles seguia igualmente uma elegante jovem que deixara os pais em *Cantúária* e que, na capital, conforme informara os companheiros de viagem, queria tentar a sua fortuna. De tal modo o jovem janota se enamorou desta sua companheira de viagem que publicamente a informou sobre o objectivo da sua deslocação e lhe ofereceu de imediato uma considerável soma e um dote caso ela quisesse voltar com ele para a província, onde ficaria a distância segura dos parentes. Se ela aceitou ou não a proposta não estamos em condições de dizer com tolerável margem de certeza. Mas *Wild*, logo que ouviu falar no dinheiro, ficou a congeminar o meio de se apropriar dele. Começando com uma longa arenga sobre os métodos de transportar pecúnia sem risco, numa viagem, foi dizendo que levava ali consigo duas notas bancárias de cem libras cada, cosidas no interior do seu plastrão. ‘Método este tão garantido’, acrescentou, ‘que, mesmo se fosse assaltado por sucessivos bandidos, não correria perigo absolutamente nenhum de ser roubado’.

O cavalheiro, que de modo algum se revelava descendente de *Salomão*, dedicou rasgado encómio ao engenho de *Wild* e, agradecendo-lhe muito a informação, declarou ir copiar-lhe o exemplo ao voltar de *Londres*. Dessa maneira, propunha-se poupar as taxas habitualmente cobradas noutras formas de envio de valores.¹⁵¹ *Wild* nada mais teve a fazer, pois, do que inteirar-se devidamente da altura aprazada para a viagem de regresso do cavalheiro, o que fez com toda a exactidão, antes de se separarem.

Ao chegar à capital, escolheu dois elementos do bando, por ele considerados os mais audazes para o empreendimento; e em conformidade, tendo convocado o principal, ou o mais desesperado dos dois, de acordo com a sua opinião (já que nunca decidia comunicar tais projectos na presença de dois ou mais colaboradores), propôs-lhe o roubo e o assassinio do cavalheiro.

O Sr. *Marybone* (este o nome do elemento a quem a proposta foi feita) prontamente concordou com o roubo; mas quanto ao assassinio ficou hesitante. Um *saque*, disse ele, era algo que, depois de muita ponderação e meditação, a sua consciência tinha acabado por aceitar. Embora o saque da espécie mais nobre, executado através de assalto em plena estrada, se tivesse tornado menos frequente devido à cobardia da humanidade, os saques de espécie inferior e mais grosseira, por vezes chamados trapaças, mas mais usualmente conhecidos como *ladroagem dentro da lei*, tinham-se tornado, de certo modo, prática universal. Não era sua pretensão, portanto, adquirir reputação de pessoa muito mais honesta do que as outras; mas não conseguia de maneira nenhuma reconciliar a consciência com a execução de um assassinio, pecado da mais nefanda qualidade e tão rapidamente condenado por Deus que nunca passava encoberto ou impune.¹⁵²

Deixando transparecer no rosto o maior desdém, *Wild* respondeu: ‘Tu, o elemento que eu seleccionei, entre todos os do meu grupo, para levar a cabo esta grande missão, vens-me com essa charlatanice da *vingança de Deus contra o assassinio*?¹⁵³ Ao que parece, a tua consciência (bonita palavra) convive harmoniosamente com a gatunice por esta ser tão comum! É então a invulgaridade do assassinio que te detém? Imaginas que canhões, pistolas, espadas e punhais são os únicos instrumentos de morte? Olha o mundo à tua volta e vê a quantidade de gente a quem uma fortuna ou um coração destruídos levaram à cova. Não falando já dos gloriosos heróis que, para sua honra imperecível, massacraram nações inteiras, que opinião fazes tu, então, da vendeta privada, da traição e da calúnia, por meio das quais as próprias almas dos homens são, de certo modo, sacadas aos respectivos corpos? É ou não mais generoso, digo mesmo: mais magnânimo, mandar alguém para o eterno descanso do que, depois de pilhar todos os seus bens, ou de, por malícia ou malvadez, destruir o seu bom nome, castigá-lo com uma morte lenta – talvez com algo ainda pior, uma vida de irresistível miséria?¹⁵⁴ O assassinio não é, portanto, tão invulgar como tu, na tua fraqueza, imaginas; mas como disseste, talvez menos vulgares se tenham tornado os assaltos à

mão armada, na estrada, essa categoria mais nobre dos saques que caem sob a alçada da lei. Tais assaltos são, todavia, a coisa mais inocente que há para quem os pratica e a mais tolerável para a vítima. Podes crer, moço, a língua da víbora fere menos que a do caluniador e o guizo da cascavel assusta menos que o chocalhar da bolsa do opressor.¹⁵⁵ Não me venhas, pois, outra vez com os teus escrúpulos; consente já na minha proposta, sem mais detença, a não ser que, como uma mulher, receies sujar de sangue a tua roupa ou, como um pateta qualquer, te sintas em pânico com a ideia de acabar na forca. Repara bem no que te digo: mais vale seres um indivíduo honesto do que um patife de meias-tintas. Não penses continuar no meu bando sem aceitares absolutamente aquilo que, a meu talante, vou ditando; ninguém espere de mim favores se resistir às minhas instruções ou se se deixar guiar por uma lei não conforme à minha vontade.’

Assim terminou *Wild* o seu discurso, que não teve, no entanto, o desejado efeito em *Marybone*, que se dispunha a proceder ao roubo mas não ao assassinio exigido por *Wild* (receando este que sobre si pudessem recair suspeitas por um executante insistir em apenas revistar o pescoço do cavaleiro).¹⁵⁶ *Marybone* passou imediatamente a constar da lista negra do seu mandante; e pouco depois era denunciado, inquirido e executado em virtude de não lhe dar suficientes garantias de obediência.

CAP. IV

Em que um extraordinariamente prometedor e heróico jovem surge pela primeira vez, numa narração que envolve ainda muitos outros ASSUNTOS DE GRANDE IMPORTÂNCIA.

Tentou o nosso herói, então, obter a anuência de outro elemento do bando; inteirado do projecto, o contactado logo aceitou as instruções adequadas e, em vez de hesitar quanto a um só assassinio, limitou-se a perguntar se devia fazer saltar os miolos de todos os passageiros, cocheiro incluído. Mas *Wild*, cuja moderação já foi por nós registada, a isso se opôs; tendo, portanto, feito a descrição exacta da vítima e dado várias indicações necessárias, enviou o outro na sua missão com ordens estricatas para, se possível, evitar ferir as restantes pessoas.

Este jovem elemento, que, a partir de agora vai figurar com algum destaque

na presente história, ele que é o *Acatos* do nosso *Eneias*, ou antes: o *Hefestião* do nosso *Alexandre*, dava pelo nome de *Fireblood*.¹⁵⁷ O qual possuía todas as qualificações para ser um GRANDE HOMEM de segundo plano; por outras palavras: era perfeitamente dotado para funcionar como instrumento privilegiado de um GRANDE HOMEM verdadeiro ou de primeira classe. Iremos fazendo, pois, a sua apresentação pela negativa (forma mais apropriada de tratar da respectiva categoria de GRANDEZA), contentando-nos em dizer ao leitor as qualidades a que era alheio; entre elas, humanidade, modéstia e temor, que não haviam tido entrada, na dose mais ínfima que fosse, em toda a sua personalidade.

Deixemos agora este jovem, olhado como o mais prometedor do bando e considerado muitas vezes por *Wild* como um dos rapazes mais jeitosos que jamais encontrara, opinião corroborada, de resto, pela maior parte das pessoas que o conheciam. Deixemo-lo assim, no limiar do seu empreendimento, e conservemos a atenção bem fixa no nosso herói, de modo a podermos acompanhar a ascensão deste, a passos largos, até ao pináculo da glória humana.

Imediatamente após a sua chegada à capital, *Wild* foi apresentar os seus respeitos à menina *Laetitia Snap*. Tinha ele, com efeito, um ponto fraco: prestar-se a ser escravizado pelas mulheres; tendência, aliás, amiúde exibida por homens de heróica disposição.¹⁵⁸ Para dizer a verdade, podíamos falar antes na escravidão em que o seu apetite o mantinha; pois, uma vez satisfeito este, mais nada lhe importava àcerca do pequeno tirano cujo culto tão apaixonadamente declarava prestar. Foi nessa altura informado que o Sr. *Heartfree* tinha sido levado para *Newgate* no dia anterior, podendo o mandado judicial ser então de novo remetido.¹⁵⁹ Tal notícia deixou-o um tanto preocupado; não por alguma compaixão suscitada pelo infortúnio do ourives, que odiava entranhadamente a ponto de se poder pensar ter dele recebido ofensas idênticas às que lhe havia feito. Outro era, realmente, o motivo da sua preocupação: de facto, sentia-se pouco à vontade no lugar onde *Heartfree* estava preso; por ser o palco da sua futura glorificação, não gostava muito de ser visto a pisá-lo, antes de tempo e com bastante frequência, para mais em visita a alguém cuja mera sombra o ódio e não a vergonha o fazia evitar.

Vários meios de resolver esta dificuldade entretanto lhe ocorreram. Pensou, primeiro, afastá-lo de cena através do usual método do assassinio, não duvidando estar *Fireblood* perfeitamente disposto a executá-lo. De facto,

na última entrevista que haviam tido, este jovem jurara: *'Eu seja cego se há melhor passatempo do que fazer saltar os miolos de alguém'*. O método, todavia, tinha os seus perigos e não lhe parecia suficientemente horrível ou bárbaro como injúria culminante, após as já infligidas a *Heartfree*. Ponderando o assunto um pouco mais no seu íntimo, chegou finalmente à conclusão de que o melhor era, se possível, comprometê-lo de modo a ser enforcado por decisão do tribunal, logo que este reunisse.

É bem conhecida a observação de que *os humanos têm tendência para odiar aqueles mesmos a quem ofendem, ou não esquecem as ofensas que fazem*.¹⁶⁰ Não me lembro, no entanto, de ter alguma vez deparado com a razão deste estranho *phaenomenon*, ou desta tendência com foros de fenomenal. Mas pode o leitor ficar a saber termos nós descoberto, depois de longa e aturada averiguação, que tal ódio radica fundo na paixão do medo, alimentando-se da apreensão de virmos a ser nós próprios gravemente atingidos, de uma forma ou de outra, pela vingança e retaliação da pessoa que ofendemos. Apreensão esta tão entranhada em espíritos perversos e grandiosos (os maiores prevaricadores raramente revelam espírito generoso ou humilde), que nenhuma benevolência ou mesmo beneficência da parte do ofendido a poderá erradicar. Pelo contrário, tais espíritos levam todos esses actos de amabilidade à conta de impostura e disfarce, que julgam manter-se até o suspeito dispôr de uma oportunidade para desferir o golpe mais certo e contundente. E assim é que o homem bom esquece realmente a ofensa que recebeu, enquanto o indivíduo malicioso, por ela responsável, a mantém viva e activa na mente.

Nesta história, temos considerado altamente prioritárias a instrução e a recreação dos nossos leitores, não deixando, por isso, de os pôr a par de segredos como o referido e que, aliás, nada nos custa partilhar com eles. Daí haveremos feito uma leve digressão; é que, por esta via, podemos transmitir aos simples e bem intencionados um breve ensinamento: *embora, como cristão, sejas obrigado e por nós aconselhado a perdoar aos teus inimigos, NUNCA CONFIES NA PESSOA COM MOTIVO PARA SUSPEITAR QUE SABES TER-TE OFENDIDO*.

CAP. V

Em que se vão avolumando actos de uma GRANDEZA sem paralelo na história ou na ficção.

Na execução do grande e nobre projecto architectado pelo seu fértil engenho, o primeiro passo necessário a *Wild* parecia ser recuperar a confiança de *Heartfree*. A tal tarefa, portanto, decidiu abalançar-se, por impossível que ela se afigurasse. O principal requisito para o efeito era essa firme compenetração do rosto, na qual ele se mostrava superior a todos os seus semelhantes. Foi assim que se deslocou a *Newgate*, correndo abruptamente à presença de *Heartfree*, abraçando-o e beijando-o. Censurando, primeiro, a sua própria precipitação e lamentando, depois, a falta de sorte, informou-o pormenorizadamente do que se passara. Apenas escondeu o incidente do seu ataque à mulher do outro, as mentiras para a convencer de que cumpria ordens do marido, e o móbil da acção; a qual, asseverava agora, fora motivada pelo desejo de preservar os bens do casal, evitando uma penhora ditada pela lei de falências.

Esta franca admissão, feita com uma compostura facial a preceito; o ar de estar preocupado somente com o infortúnio do amigo; a probabilidade de haver nisso alguma verdade, juntamente com o aspecto esforçado e desinteressado da visita e múltiplos oferecimentos de préstimos imediatos, num momento em que não se podia ver nele a mínima motivação egoísta; e, acima de tudo, dispôr-se a adiantar-lhe dinheiro, último e mais flagrante sinal de amizade, convergiam com tal ímpeto no coração benevolente, como se diz na expressão banal, deste homem ingénuo, que num instante ficou abalada e logo depois subvertida toda a resolução por ele antes tomada em desfavor de *Wild*. Percebendo este estar a balança a pender para o seu lado, apressou-se a interpôr, em jeito de contrapeso, uma girândola de imprecizações contra a sua própria imprudência e mal-asada iniciativa ao querer ajudar o amigo, mas precipitando, desgraçadamente, a sua ruína. Às quais acrescentou outras tantas pragas contra o conde, afiançando estar pronto a vingar-se dele, mesmo que, para tal, tivesse de o perseguir por toda a *Europa*. Por fim, ajuntou uns módicos grãos de conforto, assegurando a *Heartfree* que a mulher estava em muito boas mãos e não seria levada para além de *Dunquerque*, de onde podia, com toda a facilidade, ser resgatada.

Para *Heartfree*, a total restituição das jóias não teria sido tão deleitosa como a mais leve conjectura da fidelidade da mulher. De facto, só com a maior dificuldade fora levado a admitir uma suspeita, ainda que muito ténue, sobre a inconstância dela; portanto, pôs de parte, desde logo, a desconfiança em que a envolvera juntamente com *Wild*, cuja sinceridade (afortunadamente, para o objectivo deste) lhe parecia depender da mesma convicção de inocência. Então abraçou o nosso herói, que tinha estampados na cara todos os sintomas da maior inquietação, pedindo-lhe que se tranquilizasse. Nesse sentido lhe disse serem as intenções das pessoas, mais do que as respectivas acções, merecedoras de gratidão; e, no respeitante às sequelas dos negócios humanos, acrescentou serem elas governadas pela Fortuna ou por algum agente de força superior à dos mortais. Pelo que a amizade apenas se podia avaliar pela voluntária orientação dada aos mesmos negócios e não pelos resultados deles. Se não tinham êxito ou produziam alguma sequência oposta à boa intenção subentendida, o mérito respectivo devia continuar a justificar apreço e, havendo pessoas afectadas, elas deviam suscitar compaixão.

Tendo assim dado o primeiro passo, com uma conduta admirável e verdadeiramente louvável, *Wild* começou a dissertar sobre a maldade do mundo. Censurou, em especial, a severidade dos credores, que raramente ou nunca atendiam a quaisquer circunstâncias aziagas, antes exigiam, sem misericórdia, a prisão do devedor, cuja pessoa lhes era, com injustificável rigorismo, entregue pelos tribunais.¹⁶¹ Por seu lado, acrescentou, via nesta restrição da liberdade uma punição tão pesada como o mais duro dos castigos pelos tribunais aplicados aos piores prevaricadores. Em seu juízo, tal restrição era igual à morte, se não pior; pelo que desde sempre decidira fugir mesmo com os maiores riscos de encontrar a segunda, caso um acidente ou a adversidade lhe acarretassem a primeira. A fuga, acrescentou, nunca oferecia grandes dificuldades aos audazes; pois tornava-se ridículo conceber que dois ou três homens pudessem manter presos duzentos ou trezentos, a não ser que estes fossem estúpidos ou cobardes, especialmente quando não estavam algemados nem acorrentados. E neste tom foi avançando no seu discurso, até que, ciente de estar *Heartfree* a ouvi-lo com a maior atenção, se aventurou a propôr-lhe uma tentativa de efectuar a respectiva libertação, em seu entender facilmente alcançável. Ele próprio arregimentaria um grupo de presos e se, no decurso da acção, por acaso se verificasse um assassinio ou dois, ele (*Heartfree*) podia ficar isento de qualquer parcela tanto da culpa como do perigo.

Sobre todos os grandes homens e inerentes projectos impende uma mofina contrariedade, que consiste na necessidade de revelar aos serventuários, para a respectiva realização, quer os seus objectivos quer a sua própria e íntima disposição. Nesta, porém, certos escritores de segunda ordem têm aconselhado a humanidade, por vezes com algum sucesso, a não confiar. Realmente, muitos inconvenientes advêm aos ditos GRANDES HOMENS pelo facto de estes escrevinhadores publicarem sem reserva os seus avisos e alertas à sociedade. Daí terem sido frustrados muitos, grandes e gloriosos projectos; daí também ser desejável que qualquer governo bem regulado produza leis sadias, capazes de controlar tal liberdade e inibir todo o escritor de ventilar publicamente algum conhecimento sem este ser antes aprovado e oficialmente autorizado pelos referidos GRANDES HOMENS ou pelos seus abalizados caudatários. Desse modo, nunca nada seria publicado excepto se beneficiasse os tais excelsos projectos.¹⁶²

Heartfree, cujas suspeitas foram de novo despertadas pelo conselho de *Wild*, fitou este com inexprimível desdém e respondeu: ‘Há algo cuja perda eu lamentaria infinitamente mais do que a da liberdade e da própria vida. Refiro-me à paz de consciência, uma bênção que impede o seu possuidor de ser absolutamente infeliz e de tal maneira tempera os aspectos mais amargos da existência, que esta se torna suportável; mas, sem a qual, as alegrias mais requintadas perdem todo o atractivo e a vida se torna insípida, ou mesmo repugnante. Queres então aliviar os meus infortúnios roubando-me aquilo que tem sido o meu único conforto nas presentes circunstâncias assim como o meu apoio para as superar? Sei que *Sócrates* preferiu não salvar a vida a infringir as leis do seu país saindo da prisão quando tal possibilidade lhe foi oferecida.¹⁶³ Talvez a minha virtude não vá tão longe; mas Deus permita que a liberdade não exerça sobre mim tamanha sedução que seja tentado a cometer um crime abominável como é o assassinio. Quanto à fraca desculpa de praticar o mesmo crime por interposta pessoa, é bem certo poder ela valer a quem procure apenas escapar a um castigo temporal; mas para aquele Ser que eu, acima de tudo, receio ofender, de nada serve. Pelo contrário, apenas agravaria consideravelmente a minha culpa querer assim manter, despudorado, as suas boas graças e, de ânimo tão perverso como hipócrita, envolver outros no meu crime. Não insistas, pois, em conselhos dessa espécie; a minha grande consolação em todas as tribulações é justamente manter a consciência livre do cardanho inimigo

e de qualquer tentação corruptora que me tornasse inimigo de mim próprio.’

Embora o nosso herói tivesse ouvido tudo isto com o devido desprezo, não deu réplica imediata, antes procurou disfarçar o mais possível a sua proposta, prometendo pôr todos os meios honestos ao serviço do preso, já que este era tão escrupuloso; após o que se despediu dele. Durante a hora seguinte, *Heartfree* entregou-se com grande satisfação ao convívio das filhas, tendo-se depois deitado e dormido um sono tranquilo e reparador. *Wild*, por seu turno, desdenhando de qualquer descanso, não se deitou em toda a noite, meditando no modo de levar a cabo a destruição do amigo, sem se comprometer directamente na execução da tarefa; o que, de momento, lhe parecia impossível conseguir. A seu tempo daremos a conhecer ao nosso leitor o resultado de tal meditação; mas, por agora, temos assuntos muito mais importantes para lhe contar.

CAP. VI

*Em que ocorre uma aventura de Fireblood e um contrato de casamento, cuja celebração podia ter sido efectuada tanto no mercado de carne de Smithfield, no East End de Londres, como no bairro mais aristocrático de St. James, em pleno West End da capital.*¹⁶⁴

O empreendimento de *Fireblood* redundou em fracasso. O cavalheiro acabou por regressar a casa seguindo itinerário diferente do previsto e daí ter o projecto abortado. *Fireblood* havia, realmente, assaltado a carruagem, não poupando os tiros de pistola, de que resultou leve ferimento no braço de um passageiro. O saque obtido, não muito avultado, foi, ainda assim, bastante maior do que ele disse a *Wild* ter sido; de facto, de um total de onze libras em dinheiro, dois relógios de prata e um anel de casamento, apenas mencionou dois guinéus e o anel, assegurando, com apoio de sucessivos juramentos, não haver mais nada a declarar. Todavia, quando apareceu anunciado o roubo numa notícia oferecendo alvíssaras pelo anel e pelos relógios, *Fireblood* viu-se forçado a confessar ao nosso herói qual o espólio completo e onde empenhara aqueles últimos. Os quais foram restituídos ao legítimo dono, que devidamente compensou a diligência de *Wild* com quantia equivalente ao valor material dos objectos recuperados.

O nosso protagonista não perdeu ocasião de catequizar o jovem amigo. Que lamentava, disse, ver um elemento do seu bando culpado de quebrar

um compromisso de honra; que, sem honra, os *cavalheiros-de-indústria* tinham os dias contados; e que tolerava, neles, todos os vícios, desde que, ao menos, a não perdessem. Apesar de tudo, acrescentou, perdoava-lhe por essa vez, atendendo a que era um jovem promissor; mas fazia votos de nunca mais o apanhar em falta numa matéria de tanta monta.

Wild trazia agora o bando regulado com grande precisão: era obedecido e temido, sem excepção, pelos respectivos componentes. Tinha, entretanto, aberto um escritório onde toda a gente vítima de roubo podia tentar reaver os objectos furtados, pagando apenas o seu valor (ou um pouco mais). Tal serviço tornava-se da maior utilidade para pessoas que tivessem perdido peças preciosas herdadas dos antepassados ou atribuíssem especial valor a certos anéis, relógios, bengalas com castão trabalhado, caixas de rapé, etc., e não se quisessem desfazer de tais objectos nem por preço vinte vezes superior ao real. Isto por os possuírem há bastante tempo, ou por muito admirarem o anterior dono, ou por outra ainda daquelas excelentes razões frequentemente capazes de inflacionar o custo de um brinquedo mais do que qualquer charlatão de feira descaradamente faria.

Por este meio parecia estar *Wild* bastante bem encaminhado para angariar fortuna e altamente conceituado, como próspero cidadão, entre todos os cavalheiros das suas relações, designadamente os guardas e porteiros de *Newgate*, o Sr. *Snap* e outros profissionais do mesmo ofício. De tal maneira que, um dia, o Sr. *Snap* chamou à parte o Sr. *Wild* senior, para muito seriamente lhe propor a efectivação de algo que já tinham abundantemente considerado em passageiras trocas de impressões. Isto é: uma união formal entre as respectivas famílias, através do casamento da filha, *Tixinha*, com o nosso herói. Proposta mui prontamente aceite pelo outro cavalheiro, que prometeu transmiti-la ao filho.

Na manhã mesma em que esta mensagem estava para seguir os seus trâmites, e mal sonhando com a felicidade que, por motu-próprio, assim se aproximava rapidamente dele, o nosso herói tinha um encontro marcado com *Fireblood*. Começou por o pôr a par da sua violenta paixão pela jovem e reiterou, depois, toda a confiança por si depositada no interlocutor e na respectiva honra, tendo recebido dele a promessa de cumprir pronta e cabalmente qualquer missão de que o encarregasse. A terminar, mandou-o levar imediatamente à menina *Tixinha* uma carta, que transcrevemos não só por julgarmos interessantíssimo o teor das suas ideias, mas também por a tomarmos como

excelente exemplo da espécie epistolar geralmente chamada CARTAS DE AMOR. Consideramos mesmo o seu estilo bem mais apurado do que o exibido em *Academy of Compliments* e noutros tratados de epistolografia em voga, pelo que desafiamos todos os galantes dos nossos dias a imitarem tal modelar síntese de forma e conteúdo. ¹⁶⁵ A carta de *Wild* rezava assim:

Dibina e adurável creatura:

Nunca tibe ninhumas dúbedas que os luzairos, más brelhantes duquio çol, que matiarão as chamas no curaço tamém ãode poder bêlas. Seria grandecícimo prezunssôzo imajinar a minha putatiba com sorte ignurante do amôr que lhe deboto. Nã Senhora, sulenmente prutesto que de tôdazas blêzas do glôvo uniberçal, nã à nenhuma capas de me cauzar tanta impreção há vista como Vexa. Pramim, as côrtes e os palássios ceriam dezértos sã a sua cumpanhia e cum ela, um dezérto teria más delícias duquio próprio séo. Pesso pois, qacredite a minha jura de que tôdozos lugares do uniberço são séos pramim sestiver conçoço. Estô ciguro que sencontra siênte da minha biulenta paichão por çì e de que, se mesfurssáce purascondêr, seria impucível pra çì e pró çól tapar as suas blêzas. Garântulhe que não prêguei ôlho desde que tibe a flicidade diaber pla última bê; puriço espero, prontos, que mostre cumpaichão e me deiche ter a ônrã diaber esta tarde. Pois sou, cõa maior aduração, munto dibina creatura,

o seu mais apaichulado admiradôr, adouradôr e escrabo,

JOHNATHAN WILD

A ortografia desta epístola pode não ser estrictamente ortodoxa; o leitor, porém, fará obséquio de recordar que tal defeito, talvez digno de reparo na personagem de um pobre escolar, nunca constituirá detrimento dessa sublime GRANDEZA cujo perfil procuramos adequadamente traçar na presente história. Na formação de tal fastígio, a ortografia ou mesmo qualquer outro refinamento das humanas letras jamais foi tido por indispensável. Se as GRANDES personagens em causa não fazem senão urdir os seus nobres projectos, subjugando e seleccionando a humanidade segundo julgam conveniente, a verdade é que sobeja sempre gente preparada e capaz de registar os respectivos louvores em textos ortograficamente correctos. Talvez se possa ainda notar que o estilo da precedente carta não corresponde

exactamente ao da fala do nosso herói tal como aparece transcrita noutras passagens. Em resposta, direi bastar, nesses casos, que o narrador adira fielmente ao conteúdo, embora possa ornamentar a verbalização com algumas pinceladas da sua própria eloquência. Sem tais retoques, os admiráveis discursos presentes nas obras dos historiadores antigos (particularmente *Salústio*) dificilmente teriam, através delas, passado à posteridade. ¹⁶⁶ Mais: mesmo em autores modernos, famosos como são pelo polimento do seu verbo, será impossível excluir que alguns inimitáveis arrazoados (aproveitados para publicação, nomeadamente, em folhas periódicas) tenham vindo a lume por via não literalmente coincidente com a boca dos Hurgos ou de outros nobres cavalheiros.¹⁶⁷ E, pela maneira como são inseridos nos respectivos textos, dir-se-á até que tão-pouco fica arredada a maior probabilidade de alguns narradores de grande eloquência terem, para o efeito, pedido emprestada apenas a substância, adornando-a depois com aquelas flores de retórica que nem por isso têm contribuído para tornar ilustres os nobres cavalheiros atrás referidos.

CAP. VII

Preliminares do matrimónio do Sr. Johnathan Wild e da casta Laetitia.

Mas continuando a nossa história: tendo *Fireblood* recebido a mensagem e prometido por sua honra, como já sugerimos, desempenhar-se fielmente da sua missão, dirigiu-se a casa da bela *Laetitia*. Esta, depois de abrir e ler a carta, assumiu um ar de desdém e disse ao Sr. *Fireblood* não conseguir conceber o que pretendia o Sr. *Wild* para assim a incomodar com a sua impertinência. Pediu ao mensageiro para levar de novo a missiva ao remetente, comentando que, se tivesse sabido quem este era, mais depressa teria deixado que os diabos a levassem para as profundas do que abriria tal correspondência. Além disso, acrescentou, não era com ele, mensageiro, que estava zangada. Não, de modo nenhum; tinha era pena que um jovem tão janota fosse usado para um recado como aquele. E acompanhou as suas palavras com uma entoação tão terna e um olhar tão luxuriante de libertinas sugestões, que *Fireblood*, nada acanhado, começou por lhe pegar na mão para logo depois progredir em calorosa familiaridade. De tal modo que, para imitarmos a rapidez das suas acções com uma narração igualmente breve, bastará dizer

ter ele, poucos minutos volvidos, violado a bela criatura – ou, pelos menos teria consumado a violação se ela o não houvesse impedido por meio de oportuna anuência consensual.

Tendo-se aproveitado a seu bel-prazer da condescendência, *Fireblood* voltou a avistar-se com *Wild* e informou-o, tanto quanto qualquer homem prudente o faria, do que se passara. Terminou a participação da ocorrência com cópia de elogios à beleza da jovem senhora, pela qual, disse, tivesse a honra dele permitido, se teria apaixonado, mas, d ————— o levassem, mais prontamente consentiria ser torturado até à morte do que pensaria sequer em ofender o amigo. E se os seus préstimos pudessem continuar a ser aproveitados, estava disposto a comprazê-lo, servindo de embaixador junto de *Laetitia* quando e todas as vezes que entendesse e lhe ordenasse.

Estavam neste pé as ligações amorosas do nosso herói quando o pai lhe trouxe a proposta do Sr. *Snap*. Muito pouco deve o leitor saber das coisas do amor, ou mesmo de outras quaisquer, se ainda não adivinhou o acolhimento encontrado pela referida proposta, mantendo-se suspenso de alguma informação adicional. O caso é que nunca o veredicto final de inocência pareceu mais doce a um *acusado*, nem a comutação da pena capital se mostrou mais grata a um condenado, do que todas as palavras daquele cavalheiro soaram aos ouvidos do nosso herói. O qual deu ao pai plenos poderes para resolver o assunto em seu nome, nada mais pedindo do que prontidão.

Reuniram-se então as pessoas mais velhas da família, procurando *Snap*, inteirado pela filha da obsidiante paixão nutrida pelo amante dela, apresentar a situação à luz mais favorável possível, isto é: de acordo com os interesses paternos. Assim, não só se dispunha a recusar qualquer dote dele próprio à filha, mas também a subtrair-lhe o que ela devia à liberalidade de parentes e amigos – em especial uma taça de prata, oferta da avó. A tal disposição, contudo, trataria a jovem de se opôr mais tarde. Quanto ao pai *Wild*, não se pode dizer ter ele prestado muita atenção a todos os desígnios de *Snap*, porquanto conservou as suas faculdades concentradas também em certos desígnios, mas do seu foro privado: ultrapassar (ou, como algumas pessoas dizem: vigarizar) o dito Sr. *Snap*. É que, por seu turno, pretendia para o filho a totalidade de uma subvenção contratual, quando, por direito, apenas lhe cabia um terço.¹⁶⁸

Enquanto o assunto era assim discutido pelo pessoal mais velho, a jovem decidia começar a admitir as visitas do Sr. *Wild* e passar depois, gradualmente,

a recebê-lo com todos os sinais de afecto que a grande e natural reserva do seu temperamento e ainda a maior reserva artificial da sua educação lhe permitiam. Por fim, tendo ficado tudo devidamente acordado entre os pais respectivos, incluindo subvenções contratuais, e paga a parte devida à noiva (no montante de dezassete libras e nove xelins em dinheiro e bens), foi marcado o dia do casamento, com as condizentes manifestações congratulatórias.

A maior parte das histórias e das comédias terminam ao chegarem a este ponto, concluindo o historiador e o poeta terem feito o bastante pelo seu herói logo que o casam.¹⁶⁹ Por vezes até acintosamente insinuem que o resto da existência dele não consegue escapar a uma feliz mas monótona calma, sem dúvida a contento de quem assim vive, mas demasiado insípida para merecer relato. Em termos gerais, creio não restar grande margem para discussão: havemos de reconhecer no matrimónio um estado de ditosa tranquilidade tão pouco propenso a variações que, a exemplo da planície de *Salisbury*, proporciona uma perspectiva única, decerto muito agradável, mas sempre igual.¹⁷⁰

Ora havia, na situação em causa, toda a probabilidade conjecturável de o contrato matrimonial ter risonha sequência, atendendo quer às notáveis prendas da jovem quer à paixão, verdadeiramente ardente, do Sr. *Wild*. Se a natureza e a Fortuna tinham grandes projectos para ele executar e não toleravam ver os seus vastos dotes dispersos e afundados nos braços de uma esposa, ou se ambas se abstiveram de intervir no assunto, não saberei precisar. Seguro é não ter esta parceria produzido o estado de serenidade atrás descrito, mais se assemelhando a sua vida a um mar revolto e turbulento do que a um lago de águas mansas. Não posso, porém, ocultar aqui uma sugestão, bastante engenhosa, de um amigo meu, íntimo há longos anos da família *Wild*. Muitas vezes me tem ele dito haver suspeitado de uma razão do contencioso entre *Wild* e a sua dama: a abundância de galantes aos quais ela concedera favores antes de casar. 'Porque', explica com boa dose de plausibilidade, 'a mulher podia esperar do marido o que antes recebera de vários admiradores; mas não encontrando num só homem valor idêntico ao de dez, tinha passado da irritação à indignação, acabando por dar alguns passos que não podemos perfeitamente justificar.'

Deste mesmo amigo recebi o seguinte diálogo entre os jovens esposos, com a garantia de o ter por casualidade escutado e, depois, literalmente transcrito; o qual ocorreu aos quinze dias de casados.

CAP. VII

*Diálogo matrimonial entre o Excelentíssimo Sr. Johnathan Wild e sua esposa, Sr^a. Dona Laetitia, na manhã em que se celebravam duas semanas de conúbio, com um desfecho mais amistoso do que o habitual em tais debates.*¹⁷¹

Jonathan — Minha querida, fique um pouco mais de tempo na cama esta manhã.

Laetitia — Isso é que não posso: comprometi-me a tomar o pequeno almoço com Sir *John*.

Jonathan — Não sei o que é que Sir *John* faz tantas vezes em minha casa. Garanto-lhe que isso me incomoda; embora não tenha a menor suspeita da sua virtude, a verdade é que pode prejudicar a sua reputação na opinião dos vizinhos.

Laetitia — Quanto aos vizinhos, não me doa a cabeça; eles não hão-de ditar as minhas companhias mais do que o meu marido o fará.

Jonathan — Uma mulher não anda em companhias que incomodam o marido.

Laetitia — Podia ter arranjado à sua vontade uma dessas boas mulheres, que eu não me importava absolutamente nada.

Jonathan — Julgava que você era uma delas.

Laetitia — Julgava!? Muito obrigada por pensar que eu era uma dessas criaturas sem vontade própria; mas, espero bem, ainda o hei-de convencer do contrário. Ora essa; estou a ver que me tomou por uma rústica, uma estúpida e ignorante da vida que as outras mulheres casadas levam!

Jonathan — Aquilo por que a tomei não importa; ou antes: tomei-a como esposa para o melhor e o pior.

Laetitia — E ao mesmo tempo realizou o seu desejo, não? Sim, porque o meu é que seguramente não realizou. Não teria ficado com o coração destroçado se o Sr. *Wild* houvesse achado por bem oferecer-se em casamento a uma mulher mais leda. Ha, ha.

Jonathan — Não imagina, com certeza, que eu não o podia ter feito ou que casei consigo por mera necessidade, qualquer que fosse.

Laetitia — Pois claro que não; estou ciente de haver mulheres imbecis que bastem. E longe de mim acusá-lo de ter alguma necessidade de arranjar mulher. Acredito que se podia ter sentido plenamente satisfeito caso

houvesse ficado celibatário; mas isso, sabe, uma mulher não pode dizer de antemão.

Jonathan — Não percebo onde quer chegar; julgo nunca nenhuma mulher ter tido menos razão para se queixar da falta de afecto do marido.

Laetitia — E tenho a certeza também de que algumas têm bons motivos para se queixarem do preço a pagar em tais situações. Mas o melhor é estar calada. (Palavras ditas com grande pose e o queixo erguido com ar de desdém).

Jonathan — Bem, meu amor, farei com que se torne impossível para si desejar que eu seja mais afectuoso.

Laetitia — Por favor, Sr. *Wild*, pare com essa atitude repugnante e essas palavras odiosas. Eu, desejar que fosse mais afectuoso comigo?!... Garanto-lhe... Não sei o que quer insinuar a meu respeito... Não tenho desejos impróprios de uma mulher honesta... Como, aliás, não devia ter se houvesse casado por amor. E especialmente agora quando ninguém, certamente, pode suspeitar tal coisa de mim...

Jonathan — Se não casou por amor, porque é que casou?

Laetitia — Porque era conveniente e os meus pais me forçaram.

Jonathan — Espero ao menos, minha cara Senhora, que não me atire à cara ter-se servido de mim como mero instrumento de conveniência para as suas necessidades.

Laetitia — Para mim, Você nunca serviu para nada; mas tão-pouco desejo a honra de lhe dar alguma serventia.

Jonathan — Uma honra já teve: conseguir-me a mim como marido.

Laetitia — Não, Você é que quis sê-lo; e repito: de acordo com o seu desejo, não com o meu.

Jonathan — Devia estar-me grata por esse desejo.

Laetitia — Ora, meu caro! O seu caso nada tinha de singular e eu não estava desesperada. Tenho recebido mais e melhores ofertas.

Jonathan — Quem me dera, digo-o de todo o coração, que as tivesse aceite!

Laetitia — Devo-lhe dizer, Sr. *Wild*, que essa é uma maneira muito bruta de tratar uma mulher a quem deve tantas obrigações. Mas eu sei o desprezo que a sua atitude me merece, como sei colocá-lo a si próprio no lugar inferior que lhe é devido por assim manifestar. Não há

dúvida: estou a receber a paga correspondente à estupidez da minha preferência pela sua pessoa. Ainda tinha a veleidade de esperar, pelo menos, que me tratasse com bons modos. Julgava ter casado com um cavalheiro; verifico, afinal, que é uma pessoa a todos os títulos abjecta e abaixo da minha consideração.

Jonathan — D ————— a levem; não tenho eu mais razões de queixa, quando lhe oiço dizer que casou comigo apenas por conveniência?

Laetitia — Muito bem, não haja dúvida. Isto é que são maneiras de um cavalheiro, rogar pragas a uma mulher?! Mas vejamos: porque hei-de eu dar ouvidos a um mofino que desprezo?

Jonathan — Não repita tantas vezes essa palavra. Eu desprezo-a a si tanto ou tão pouco como Você afirma desprezar-me a mim. Para lhe dizer a verdade, casei consigo igualmente por conveniência, para saciar uma paixão. E como esta já está satisfeita, tanto se me dá como se me deu que agora vá para o *inf*— o.

Laetitia — As pessoas hão-de saber como este patife me tem tratado tão barbaramente.

Jonathan — Também não vou precisar de muito trabalho para as pessoas ficarem a saber a cad—la que Você é: as suas acções serão a melhor prova.

Laetitia — Monstro, aconselho-o a não confiar demasiado na fraqueza do meu sexo e a não me provocar mais, que lhe pode sair caro. Se continua a tratar-me dessa maneira, ainda se arrepende; não vai esperar muito pela resposta, patife!

Jonathan — Por mim, pode ser já, minha senhora! Mas também pode ter a certeza: no momento em que puser de parte o seu papel de mulher, deixarei de a tratar como tal. E se a primeira pedra for sua, garanto-lhe que a última será minha.

Laetitia — Trate-me como quiser; mas d ————— s me levem se alguma vez mais se há-de servir de mim como mulher; eu seja cega se volto a deitar-me na sua cama.

Jonathan — Cego seja eu se essa abstinência não é a maior obrigação que lhe fico a dever. Pode estar certa do que lhe vou dizer: a sua pessoa era a única coisa que me interessava, mas mesmo essa só me causa agora asco e nojo, na mesma proporção.

Laetitia — É impossível duas pessoas estarem mais de acordo. Eu sempre detestei a sua pessoa; quanto a outro possível interesse por si, pode ficar seguro de que nunca tive nenhum.

Jonathan — Ora bem; uma vez que chegámos a um entendimento tão correcto e temos que viver em conjunto, suponhamos a possibilidade de um pacto: em vez de zaragatear e trocar insultos, sejamos bem educados um para o outro.

Laetitia — De todo o coração.

Jonathan — Demos um aperto de mão, pois, e daqui em diante não vivamos mais como marido e mulher; ou seja: nada de ternuras e nada de discussões.

Laetitia — De acordo. Mas, por favor, Sr. *Wild*: cad—la, porquê? ¹⁷² Como é que deixou escapar tal palavra?

Jonathan — Não vale a pena voltar ao assunto.

Laetitia — Concorda com a possibilidade de eu conviver com quem me apetece?

Jonathan — À vontade. E eu, posso ter a mesma liberdade?

Laetitia — Se eu interferir, caiam sobre mim todas as maldições que Você quiser.

Jonathan — Troquemos agora um beijo de despedida; e eu morra já aqui se o seu não é o mais doce de todos os que jamais me deu.

Laetitia — Mas porquê cad—la? Bem gostaria de saber porquê, cad—la!

Impaciente com a insistência, *Wild* saltou da cama, denunciando com sentidas pragas a natural disposição da mulher. Aos insultos dele respondeu ela com outros afins, assim prosseguindo as duas partes enquanto ele se vestia. Concordaram, todavia, que o pacto deveria manter-se firme e para durar; e de tal resolução conjunta acabou por brotar um sentimento de júbilo, com o qual amistosamente se separaram, embora *Laetitia* não resistisse ainda a perguntar: ‘Sim, mas cad—la, porquê?’

CAP. IX

Observações sobre o mesmo diálogo, seguidas de um projecto do nosso herói, certamente detestado por todos os amantes da GRANDEZA.

Assim conduziu este diálogo (a que chamámos matrimonial, embora das doçuras do matrimónio não dê, de facto, quase nenhum sabor), por fim, a uma resolução mais sensata do que estritamente santa. A qual, se rigidamente posta em prática, podia ter evitado alguns momentos desagradáveis tanto para o nosso herói como para a sua serena consorte. O seu ódio mútuo, porém, era tão grande e irracional que nunca conseguiram suportar ver a mínima tranquilidade na face um do outro sem tentar perturbá-la. Isso levava-os a engendrar tantos subterfúgios para se molestarem e vexarem reciprocamente quantas as oportunidades concedidas à sua maliciosa disposição pela proximidade em que viviam. E sendo muitas, portanto, tais oportunidades, raramente passavam um dia em paz e sossego.

É esta e não outra a causa das muitas perturbações que o leitor deve ter visto obstarem ao repouso de alguns casais que confundem um estado de indiferença com ódio implacável.¹⁷³ Não fora assim, que outra razão levaria *Corvinus* a tentar impedir a mulher de se comprazer num enredo amoroso, quando ele vive permanentemente nesse tipo de situação, raramente cultivando a intimidade conjugal e nunca por gosto próprio? Por que motivo havia *Camilla* de recusar um agradável convite para visitar alguém, ficando em casa apenas para provocar o marido quando ambos se sentam à mesma mesa? Em resumo e para não nos alongarmos em mais exemplos: de onde provêm todas as brigas, os ciúmes e choques entre as pessoas que não se amam, a não ser da nobre paixão há pouco referida, ou do desejo, mencionado pela personagem de *Lady Betty Modish*, de mulher e marido *se curarem um ao outro do vírus de um bom e sadio humor?*¹⁷⁴

Pensámos ser apropriado dar ao nosso leitor uma breve amostra do estado doméstico do nosso herói, para melhor salientar como os GRANDES HOMENS estão sujeitos às mesmas fragilidades e inconveniências da vida comum que atingem os homens inferiores. Simultaneamente, pudemos também realçar o facto de os heróis serem realmente da mesma espécie das outras humanas criaturas, apesar de todos os dolorosos esforços deles próprios ou dos seus bajuladores para afirmarem o contrário. E, finalmente, tivemos ainda ocasião de destacar que eles se distinguem principalmente pela enor-

midade da sua GRANDEZA, ou, como gente vulgar erroneamente diz, da sua vilania. Posto o que, e para não nos prendermos demasiado com cenas de baixo nível numa história sublime como esta, vamos regressar a acções mais elevadas e adequadas ao nosso objectivo.

Quando *Hymen*, ainda criança, já tinha, com a sua tocha acesa, expulso de casa outro garoto que dava pelo nome de *Cupido*; ¹⁷⁵ isto é, na expressão corrente: quando a violência da paixão (ou antes, do apetite) do Sr. *Wild* pela casta *Laetitia* começou a minguar, ele voltou a visitar o seu amigo *Heartfree*. Este estava agora na prisão de *Fleet*, com as inerentes liberdades acrescidas em relação à prisão anterior, de *Newgate*, depois de ter comparecido perante a comissão de falências e encontrado, da parte dela, uma recepção menos desfavorável do que ele próprio recebera. ¹⁷⁶ Há muito que alimentava suspeitas acerca de *Wild*, as quais, no entanto, eram por vezes contrariadas pelas circunstâncias e, acima de tudo, reprimidas face à sua extraordinária pose de auto-confiança, sem dúvida a mais notável virtude do nosso herói. Daí uma certa relutância em condenar este sem provas inequívocas e uma tendência para o ilibar com base em plausíveis probabilidades. A proposta dele recebida na última visita, porém, tinha de tal modo comprometido a sua imagem na consideração do pobre indivíduo, que a opinião deste deixou de oscilar, pendendo agora definitivamente para a convicção de que o nosso herói era um dos mais consumados patifes do mundo.

Elementos de grande improbabilidade escapam amiúde à atenção de pessoas que devoram uma história com grande avidez. O leitor, portanto, não se pode admirar com o facto de *Heartfree* não ter reparado antes em certos pormenores. É que, na verdade, ele estava emocionalmente concentrado, sobretudo, na fidelidade e segurança de sua mulher, além de se manter perplexo e duvidoso quanto à conduta do amigo. Por isso, na relação apresentada por este, um incidente lhe passou algo despercebido: ter sido o protagonista abandonado num bote pelo capitão dos piratas, coisa que o narrador não tinha minimamente curado de explicar. Mas agora que começava a reflectir na globalidade dos episódios relatados e a sentir grande desconfiança pela pessoa do relator, aquele incidente surpreendia-o, e com plena justificação, como óbvio absurdo. Um pensamento então o encheu de horror: a história talvez não passasse de uma ficção; e sendo *Wild* capaz de tudo, como ainda há pouco mostrara de viva voz, podia ter levado a mulher a fugir para depois a roubar e matar.

Apesar de ser uma possibilidade intolerável, *Heartfree* não só a ponderou cuidadosamente como também a pôs, pouco depois, à consideração de *Friendly*. O jovem, que detestava *Wild* (provavelmente devido à inveja naturalmente inspirada por GRANDES PERSONAGENS em indivíduos inferiores), apoiou de tal modo as suspeitas do patrão que este resolveu apresentar queixa contra o nosso herói e levá-lo à presença de um magistrado.

Algum tempo passou após tal resolução ter sido tomada e durante o qual *Friendly*, acompanhado de um agente policial com um mandado de captura, procurou, dias a fio e com o maior empenhamento, mas sem êxito, o nosso herói. Talvez este se tivesse retirado do convívio habitual, de acordo com o moderno costume, para passar com a noiva a lua-de-mel, de facto a única lua em que é de bom tom ou de bom uso dois parceiros conjugais denotarem alguma afeição mútua. Ou talvez o seu lugar de residência, por motivos particulares, fosse geralmente mantido em segredo e, neste caso, aliás, nada o distinguiria de certos GRANDES HOMENS, infelizmente excluídos por lei do tão razoável quão honroso estatuto especial de imunidade que garante a segurança da maior parte deles.¹⁷⁷

Nenhum herói é obrigado a responder aos desejos do Meritíssimo de um tribunal de primeira instância ou, mesmo, de instância alguma; sem que isso provoque a mínima beliscadura na sua reputação, ele pode muito bem afastar-se para território onde tais desafios se tornem inaudíveis. Mas *Wild*, movido por uma honra demasiado sensível e dotado de uma coragem, uma GRANDEZA e uma magnanimidade incomparáveis, resolveu realizar algumas boas acções para além do necessário e apresentar-se de novo a público.

É certo que a inveja pode até levar alguém a afirmar algo susceptível de ofuscar um tanto a glória desta atitude; nomeadamente que o mesmo Sr. *Wild* nada sabia do referido mandado de captura ou do particular desafio que lhe era dirigido. E certo também poderá estar o leitor de que nenhuma Fúria, instigada pela malícia, deixará de dizer tudo quanto, de uma maneira ou de outra, possa servir para desacreditar tão insigne personagem. O que, no caso em apreço, é capaz de se traduzir na tentativa de explicar esta segunda visita do nosso herói a *Heartfree* com base em motivos nada relacionados com abonações de inocência.

CAP. X

Com uma generosidade sem precedentes, o Sr. Wild visita o seu amigo Heartfree e é recebido com flagrante ingratidão.

Já se disse que o Sr. *Wild*, não conseguindo, mesmo através do exame mais rigoroso, encontrar num certo elemento da natureza humana, o seu coração, o mínimo vestígio dessa ínfima e ignóbil qualidade chamada honestidade, concluíra, talvez com excessiva generalização, pela inexistência absoluta de tal coisa. Daí ter imputado a firme recusa do Sr. *Heartfree* a envolver-se num crime de morte ao medo de manchar as mãos com sangue, ou de algum fantasma, ou ainda de vir a ser citado como exemplo adicional no excelente livro *A vingança de Deus contra o assassínio*.¹⁷⁸ Não duvidava, porém, de que ele anuiria (pelo menos na situação de necessidade em que então se encontrava) sem escrúpulo a um mero roubo, especialmente se implicasse um espólio considerável e a ausência de perigo parecesse plausível. Caso lograsse convencê-lo a cooperar num empreendimento desses, poderia logo depois fazer com que o prendessem, condenassem e executassem. Portanto, mal acabara de cumprir as suas obrigações para com *Hymen* e de ouvir que *Heartfree* conseguira as liberdades vigentes na prisão de *Fleet*, *Wild* decidiu visitá-lo e propôr-lhe um assalto com todas as aliciantes promessas de lucro, facilidade e segurança.

Ouvida a proposta, o ourives não demorou a responder do seguinte modo: 'Bem podia eu ter esperado que a minha reacção à proposta anterior me poupasse ao risco de receber segunda afronta da mesma espécie. Digo *afronta* e, certamente, se chamar patife a um homem merece a designação, esta também se aplica quando, por outras palavras, se mostra tê-lo em tal conta. Será até de perguntar como se chega ao arrojo e, posso dizer, ao impudor de querer aliciar alguém com uma primeira abordagem deste género. É raro isso acontecer, seguramente, a menos que o aliciado já tenha revelado alguns sintomas da sua vileza. Se é o meu caso, os insultos são mais susceptíveis de perdão; mas então, posso garantir, tais possíveis sintomas esgotam toda a malignidade inerente ao exteriorizarem-se e nada reflectem da minha disposição interior. Para mim, com efeito, a vileza parece inconsistente com a regra: NÃO CAUSES QUAISQUER DANOS OU OFENSAS A ALGUÉM, SEJA POR QUE MOTIVO OU RAZÃO FOR. É por esta mesma regra que continuo decidido a orientar os meus passos; e ninguém

poderá pôr em causa a minha convicção quando não confessa não fazer o mesmo. Mas, seja-me reconhecido ou não tal procedimento e independentemente de eu sentir os bons efeitos dele se vindo de outros, estou resolvido a mantê-lo. É que, seguramente, nenhuma pessoa conseguirá colher da minha conduta benefício comparável ao conforto que ele me proporciona. E que pensamento gratificante, esse, que me permite então deprender a minha recompensa pela bondade de Deus!¹⁷⁹ Ou que me torna imune às acidentais ocorrências da vida! Como se afiguram, portanto, bem insignificantes, quer as delícias quer as penas deste mundo! Como não aceitar pacientemente a falta de umas e a presença das outras, se estamos convictos de que uma imperfeita e transitória compensação na existência presente constitui argumento reforçado a favor de plena e permanente contrapartida após a morte! Pensarás tu, animal mesquinho e asqueroso (com tal linguagem tratou o preso o nosso verdadeiramente GRANDE HOMEM), que vou trocar tão gratificante esperança por um mísero prémio sugerido ou prometido por ti? Que dela vou abdicar, na mira daquele sórdido lucro procurado a todo o transe e com todo o esforço pelos mais diligentes, ou à custa de barbaridades e iniquidades pelos mais perversos? Que dela vou prescindir, aliciado por alguma fútil aquisição dessas que pessoas como tu podem arrecadar, conceder ou roubar?

A primeira parte deste discurso ocasionou muitos bocejos ao nosso herói, mas a última irritou-o. E estava ele a concentrar todos os ímpetos da ira com vista a responder, quando *Friendly* e o guarda policial, convocados por *Heartfree* logo após o reaparecimento do GRANDE HOMEM, entraram e o detiveram – precisamente no momento em que a raiva lhe ia jorrar da boca.

Não vale a pena relatar o diálogo subsequente, bastando dizer que *Wild* foi rapidamente informado do motivo de tão brusco tratamento e pouco depois conduzido à presença de um magistrado. O advogado de defesa, após examinar o caso, insistiu na improcedência da acusação, afirmando que um mandado judicial *de Homine Replegiando* devia ser emitido e, na devolução deste, um *Capias in Withernam*.¹⁸⁰ Apesar destas dúvidas, o juiz decidiu-se pela prisão, de modo que *Wild* foi obrigado a escolher outros métodos para se defender. Assim, comunicou ao juiz ter estado no escaler com outro jovem, solicitando a comparência deste, o que foi devidamente deferido. O fiel *Acatas* (o Sr. *Fireblood*) foi logo apresentado como testemunha e com tão pertinente

zelo se houve, com tal coerência se manteve no interrogatório (embora forçado a coligir as suas provas a partir das sugestões dadas pelo amigo na presença do magistrado e da acusação), que, no confronto entre depoimento directo e mera presunção, o nosso herói saíu mui honrosamente ilibado. O pobre *Heartfree*, esse, foi acusado pelo juiz, pelos presentes e por toda a gente que depois ouviu falar no caso, da mais negra ingratidão ao ter alegadamente tentado destruir um homem a quem devia tantas atenções.

Para que tão considerável ardor de amizade por parte de *Fireblood*, numa época degenerada como a presente, não surpreenda o leitor como excessivamente intempestiva, parece apropriado informá-lo de uma circunstância. De facto, além dos laços resultantes do empenhamento de ambos na mesma actividade, subsistia outra aliança, mais estreita e mais forte, entre o nosso herói e este jovem, o qual acabava de se desprender dos braços da amorosa *Laetitia* quando recebeu o apelo do marido dela. Ocorrência que também serve para justificar as relações de dependência entre amor e conhecimento, tão vulgarmente em vigor, na história moderna, entre esposo e galante. As quais, por sua vez, põem em evidência o vasto potencial da amizade contraída por essa mesma aliança que, mais honrosa do que leal, é hoje tida como dos mais firmes vínculos de camaradagem entre GRANDES HOMENS, assim como o mais reputado e fácil caminho para subir na vida.

Entretanto, quatro meses haviam decorrido desde que *Heartfree* fora preso pela primeira vez; e os seus negócios começavam agora a denotar um aspecto mais benigno, embora ficassem bastante prejudicados pela referida tentativa de inculpar *Wild* (provando-se, uma vez mais, os perigos de atacar um GRANDE HOMEM). Vários vizinhos do ourives, em particular um ou dois do mesmo ofício, tinham mesmo envidado todos os esforços, movidos por acerba animosidade contra uma iniquidade de tal jaez, para divulgar a ingratidão dele em termos tão exagerados quanto possível. E no impetuoso fervor da respectiva indignação, tiveram o cuidado de adicionar os mais ínfimos pormenores do seu próprio conhecimento privado sobre os muitos favores conferidos por *Wild* a *Heartfree*. O qual todos estes escândalos suportou em silêncio, confortado pela consciência de estar inocente e confiante em que o tempo, amigo sincero da justiça, o havia de reabilitar.

CAP. XI

Intriga tão bem urdida que deixa envergonhados todos os políticos desta nossa época e, em complemento, uma digressão primária e outra secundária.

Tendo *Wild* agora, depois do ódio nascido das suas próprias ofensas a *Heartfree*, adicional acicate contra este provocado pela recente reacção do ofendido (a qual lhe parecia ultrajante, como se fosse ele o inocente e estivesse isento de culpas no caso), passou a dedicar ainda maior diligência à tarefa de arruinar o antigo colega, cujo nome, só por si, lhe soava obnoxio aos ouvidos. Foi então que a Fortuna ajudou a sua imaginação a conceber um ardil capaz não só de permitir a efectivação desse propósito, mas também (o que lhe dava ainda maior satisfação) de aproveitar como meio para o alcançar um malefício já por ele consumado. Isso imediatamente faria recair sobre *Heartfree* a imputação de ter intentado uma acção pelo próprio *Wild* perpetrada e lhe agravaria severamente a pena, apesar de toda a sua inocência numa situação que tanto sofrimento já lhe trouxera. Tal estratagemma consistia, nem mais nem menos, em responsabilizar o ourives pela fuga da mulher com os bens mais valiosos, para defraudar os credores.

Mal lhe ocorrera este pensamento, decidiu pô-lo imediatamente em prática. Apenas faltava considerar o *quomodo* e a pessoa ou instrumento a usar.¹⁸¹ De facto, o palco do mundo difere do de *Drury-Lane* principalmente pelo seguinte: no segundo, o herói ou figura principal está quase permanentemente à nossa frente, enquanto muitos dos actores secundários não são vistos mais do que uma vez durante a sessão; mas no primeiro, o herói ou GRANDE HOMEM fica sempre nos bastidores e raramente ou nunca aparece, assim como raramente ou nunca executa alguma coisa directamente. No *grande drama* da vida, ele realiza antes o papel de *ponto*, instruindo as personagens, vestidas a rigor e de impante presença no palco público, sobre o que devem dizer ou fazer. Na verdade, um espectáculo de fantoches ilustrará ainda melhor a nossa ideia.¹⁸² Neste, o mestre das cerimónias (o GRANDE HOMEM) faz mover e dançar todos os elementos participantes, seja o rei de *Moscóvia* ou qualquer outro potentado, *aliás* títere, que aos nossos olhos se apresente. Mas ele próprio, entretanto, fica prudentemente oculto; se aparecesse, isso significaria o fim imediato de toda a acção. Não que alguém ignore a sua presença ou suponha não serem as marionetas meros pedaços de madeira só por ele manipulados. Mas como

isso (embora sabido por todos) não é tornado visível, isto é: manifesto aos olhos dos espectadores, ninguém se sente envergonhado por consentir nesta ilusão. Do mesmo modo e pelo mesmo motivo, também ninguém se coíbe de entrar no jogo da *representação dramática*, chamando os vários pedaços de madeira ou bonifrates pelos nomes a eles atribuídos pelo mestre de cerimónias e reconhecendo em cada um o perfil a seu gosto concebido pelo GRANDE HOMEM para a respectiva acção, ou antes: manipulação.

Seria considerar o leitor uma pessoa bastante ignorante do mundo, ainda que bem educada, supor que jamais assistiu a alguns destes espectáculos de fantoches, tão frequentemente reproduzidos no GRANDE palco da vida. Pode até suceder que tenha residido sempre nesta ilha, mas numa das suas partes mais remotas e menos visitadas pelos GRANDES HOMENS; todavia, se dotado de alguma perspicácia, deve ter tido oportunidade de admirar quer o solene rosto dos actores quer o ar grave dos espectadores ao longo de uma das farsas quase diariamente produzidas em todas as aldeias do reino. Deve mesmo ter uma opinião bastante depreciativa sobre a humanidade se imagina deixarem-se os representantes desta iludir tantas vezes como parece. A verdade é que eles se encontram em posição idêntica à dos leitores de *romances*; os quais, embora sabendo ser a globalidade de cada uma destas narrativas uma acabada ficção, aceitam embarcar nela. Assim como, em tal aceitação, alguns acham divertimento, outros obtêm repouso e proveito. Sendo esta, porém, uma digressão secundária, volto à minha digressão primária.

Um GRANDE HOMEM tem de tratar dos seus afazeres por intermédio de colaboradores; de utilizar, como já dissemos, o serviço de ajudantes para conseguir os seus objectivos e ficar, tanto quanto possível, nos bastidores. Havemos, certamente, de reconhecer a existência de dois HOMENS DE PRIMEIRA GRANDEZA, cujos nomes permanecerão na história, e que se apresentaram eles próprios, no seu tempo, à boca da cena, matando, esfolando e denotando cada um a mais cruel disposição para dar o outro como repasto ao apetite de diversão dos espectadores.¹⁸³ Mas este é um exemplo mais para evitar do que imitar, devendo inserir-se no rol dos casos susceptíveis de demonstrarem a verdade das duas máximas: '*Nemo mortalium omnibus horis sapit*'; e '*Ira furor brevis est*'.¹⁸⁴

CAP. XII

Elogio dos guardas policiais, a par de novos exemplos da insensatez de Friendly, o aprendiz de Heartfree.

Regressando à nossa história que, após um pequeno período de pousio, está pronta a prosseguir o seu caminho: *Fireblood* foi a pessoa escolhida por *Wild* para executar o seu plano. O nosso herói já tinha, em ocasião recente, comprovado os talentos desse jovem no desempenho de um belo e cabal perjúrio. Portanto, tratou imediatamente de o descobrir e de lhe propôr a nova missão, recebendo pronto assentimento. Depois de terem conferenciado e forjado as provas, comunicaram-nas a um dos mais ásperos e intransigentes credores de *Heartfree*. Apresentadas pelo mesmo credor a um magistrado e perante este corroboradas sob juramento por *Fireblood*, seguiu-se a emissão do mandado de captura pelo juiz, a prisão e a condução do ourives à sua presença.

Quando os funcionários foram buscar o pobre coitado, encontraram-no a divertir-se, corriqueiro, com as filhas, a mais pequena sentada nos seus joelhos e a mais velha entretida com *Friendly* a pequena distância. O guarda policial, homem de muito boa índole mas louvavelmente severo nas suas operações oficiais, tendo participado a *Heartfree* ao que ia, mandou que se apressasse, fosse para o d ——— o mas deixasse aquelas pequenas filhas da mãe. Como tal as considerava, disse, já que iam ficar a cargo da freguesia. O preso ouviu com grande surpresa invocar contra si um mandado de captura por felonía, mas denotou menos preocupação do que *Friendly*.¹⁸⁵ Quando viu o agente agarrar o braço de *Heartfree*, a filha mais velha deixou imediatamente o seu entretenimento e, correndo em pranto para o pai, gritou: *‘Tu não vais fazer mal ao meu papá’*. Um dos outros brutos, com ostensiva grosseria, tentou arrancar-lhe a pequenita dos joelhos; mas *Heartfree* reagiu e, deitando a mão à gola do indivíduo, atirou-o contra a parede, arriscando-se a fazer-lhe perder a massa cinzenta se a tivesse.¹⁸⁶

O agente, como a maior parte dos heróicos espíritos capazes de insultar quem se encontra na adversidade, possuía alguma prudência misturada no seu zelo em prol da justiça. Ao ver, pois, o brusco tratamento a que o companheiro fora submetido, passou a utilizar métodos mais polidos; solicitando com toda a cortesia ao preso que seguisse com ele, oficial da polícia obrigado a cumprir a tarefa para que estava mandatado, manifestou o seu

pesar pelo infortúnio do acusado e a esperança de que fosse absolvido. Respondeu o interpelado afirmando a disposição de se submeter pacientemente às leis do país e de o acompanhar, segundo as ordens recebidas. Despediu-se então das filhas com um beijo afectuoso, recomendando-as ao cuidado de *Friendly*, que prometeu levá-las em segurança para casa e ir depois ter com ele, havendo, para o efeito, obtido do agente o nome do magistrado e do local da audiência.

Quando aí chegaram os funcionários e o preso, acabava aquele precisamente de assinar o *Mittimus* contra o último.¹⁸⁷ O testemunho de *Fireblood* era tão claro e eficaz, que deixara o juiz absolutamente indignado contra *Heartfree* e convencido da respectiva culpa, a ponto de quase prescindir da própria defesa do arguido. Atitude que o leitor, ao conhecer as circunstâncias incriminatórias, talvez considere menos censurável. De facto, declarou *Fireblood* ‘ter sido encarregado pelo próprio *Heartfree* de levar as instruções de desfalque a *Wild* para este depois as transmitir à mulher do ourives; e ter estado presente, com os dois nomeados, na estalagem de que partiram numa diligência para *Harwich*, onde aquela lhe mostrara o cofre das jóias ao mesmo tempo que lhe dissera para comunicar ao marido haver devidamente cumprido todas as ordens dele.’

Vendo o juiz obstinado na sua posição e insensível a tudo o que pudesse declarar, *Friendly* concluiu não poder *Heartfree* escapar a *Newgate* e resolveu acompanhar o patrão até ao cárcere. Aí chegados, queria a guarda que o inculpado (já sem dinheiro) ficasse entre os presos de delito comum; mas isso o aprendiz não consentiu, avançando com um xelim do seu bolso para garantir ao amigo um quarto na zona da *Press-Yard*, a menos desagradável da prisão.¹⁸⁸

Em conjunto passaram o dia até que, no fim da tarde, o prisioneiro quis ficar sozinho, exortando *Friendly* a que não estivesse inquieto por sua causa e agradecendo-lhe muito a fiel amizade. ‘Desconheço’, disse, ‘até quando Deus permitirá que prevaleça a malícia dos meus inimigos; mas sejam quais forem os sofrimentos que ainda me esperam, estou convicto de que a minha inocência, mais cedo ou mais tarde, encontrará justa retribuição. Se, por conseguinte, algum fatal acidente me vier a acontecer (e uma vítima de perjúrio bem pode reear o pior), meu caro *Friendly*, peço que sejas um pai para as minhas filhas.’ Palavras acompanhadas de irreprimíveis lágrimas e seguidas da resposta do outro, que pretendeu a todo o custo repelir tais apreensões. Iria fazer tudo para o ajudar; não duvidava de que havia de frustrar qualquer

projecto perversamente apostado na sua destruição e de demonstrar a toda a gente a mesma integridade que lhe permitia a paz de espírito.

Não podemos deixar de mencionar aqui uma circunstância, por mais antinatural e incrível que pareça ao nosso leitor, a saber: apesar do bom carácter e comportamento de *Heartfree*, a história do desfalque, longe de surpreender os vizinhos, levou mesmo muitos a garantir não esperar dele outra coisa. Chegaram uns a afirmar estar certos de que podia pagar quarenta xelins por cada libra, se quisesse. Acrescentaram vários ter ouvido por acaso algumas palavras trocadas entre o ourives e a mulher, as quais lhes haviam despertado suspeitas. E, mais espantoso ainda, grande número dos que o tinham antes censurado como um extravagante e imprudente pateta injuriavam-no agora, não menos afoitamente, acusando-o de ser um astucioso patife e um avarento burlão.

CAP. XIII

Ocorrência surpreendente, a propósito de Fireblood, e algo mais, respeitante a uma das meninas Snap, que deixará preocupado o leitor.

A despeito de todos os infortúnios pessoais e de todas as censuras públicas, *Heartfree* usufruía em *Newgate* de um perfeito repouso. O nosso herói, entretanto, desdenhando nobremente de qualquer descanso, permanecia toda a noite sem dormir, em parte apreensivo pela possibilidade de a Sr^a. *Heartfree* voltar antes de ele ter executado o seu projecto e em parte também receoso de que *Fireblood* o pudesse trair. Receio este, aliás, não proveniente de nenhuma outra causa senão estar ciente de que o colaborador era um consumado canalha, como diz a gente vulgar, ou um GRANDE HOMEM, muito completo nas suas capacidades, como dizemos nós na nossa linguagem habitual. E de facto, para confessar a verdade, o referido receio não deixava de ter algum real fundamento, pois o mesmo pensamento traiçoeiro entrou, infelizmente, na cabeça do valoroso jovem, levando-o a considerar a hipótese de se vender à parte contrária, já que de *Wild* não recebera ainda oferta nenhuma. Mas como se tal adivinhasse, este último, rápido na sua sagacidade, evitou a ocorrência através de uma profusão de promessas que só atestavam a sua índole, de uma generosidade como é raro encontrar-se neste mundo. Plenamente satisfeito, *Fireblood* exprimiu tão

abundantes protestos de fidelidade que convenceu *Wild* da injustiça das suas suspeitas.¹⁸⁹

Aconteceu, por essa altura, um acidente que, embora não afectasse imediatamente o nosso herói, não podemos omitir, dada a grande confusão resultante para a sua família e para a família de *Snap*. É uma calamidade, sem dúvida mui de lamentar, quando um tal acidente vem conspurcar o puro sangue de uma reputada casa. Uma nódoa indelével. Uma mácula irreparável. Uma pústula incurável. Mas não façamos o leitor esperar mais tempo: a menina *Theodosia Snap* acabava de dar escorreitamente à luz uma criança do sexo masculino, produto de uma relação amorosa que a bela (quem me dera poder dizer virtuosa) criatura tinha com o conde.

Estavam o Sr. *Wild* e esposa a tomar o pequeno almoço, quando o Sr. *Snap*, com todas as agonias do desespero impressas na voz e no rosto, lhes trouxe a melancólica notícia. O nosso herói (como já dissemos) dispunha de uma maravilhosa índole se a sua GRANDEZA ou o seu interesse não estavam em jogo; por isso, em vez de vituperar a cunhada, perguntou, sorrindo, quem era o pai. Mas a casta *Laetitia* (repetimos: *a casta*, epíteto agora mais do que merecido) teve diferente reacção. Ao ouvir os factos, ficou fora de si, invectivando a irmã nos termos mais azedos e asseverando nunca mais querer vê-la ou falar com ela. Entrou, depois, num pranto desatado, lamentando-se para o pai de que tal desonra lhes tivesse calhado em sorte a ambos. Caiu, por fim, sobre o marido, reprovando-lhe severamente a ligeireza com que acolhera tão aziaga fatalidade. Que era indigno da honra por ele desfrutada ao ter casado numa família de gente impoluta. Que era, no seu entender, uma afronta à honra pessoal dela. Que se ele tivesse casado com uma das levianas da cidade, não teria podido tratá-la com menos consideração. A concluir, exprimiu o desejo de que o pai tomasse uma atitude exemplar, escorraçando de casa a imunda; caso contrário, ela própria nunca lá voltaria, resolvida que estava, daí em diante, a não pôr os pés no mesmo chão pisado pela relaxada, que detestava ainda mais (e isso era provavelmente verdade) por ser sua irmã.

Tão violento e até tão susceptível de se sentir ultrajado era o amor à virtude apresentado pela castiça dama, que nem um deslize perdoava (de facto, nesta matéria, era o único em que *Theodosia* alguma vez incorrera); na circunstância, a uma criatura que, além de ser sua irmã, a amava e em relação à qual devia inúmeras gentilezas.

Talvez a severidade do Sr. *Snap*, grandemente afectado pela ofensa feita à honra da família, tivesse abrandado se, na ocasião, os funcionários da freguesia não tivessem sido extremamente exigentes. Por falta de fiança, conduziram a infeliz jovem a um local cujo nome, em atenção à estirpe dos *Snaps*, a quem o nosso herói estava tão estreitamente ligado, deixamos sepultado num eterno silêncio.¹⁹⁰ E aí ficou, sujeita a tal correcção por causa do seu crime, que um generoso leitor da masculina espécie poderá sentir-se inclinado à comiseração. Pelo menos se pensar ter ela sido suficientemente castigada por uma falta que, com a devida vénia à pulcra *Laetitia* e a todas as damas estrictamente virtuosas, deveria ser considerada menos criminosa numa mulher, ou mais criminosa num homem que a desafiasse a cometê-la.

Regressemos, porém, ao nosso herói, vivo e poderoso exemplo de que humana GRANDEZA e felicidade nem sempre andam a par. Eram permanentes os seus sobressaltos, receios e ciúmes. Quando via algum homem à sua frente, dava em imaginar que ele lhe tinha apontada uma faca à garganta e uma tesoura aos cordões da bolsa. Quanto ao seu bando, em particular, era sua plena convicção não haver um único dos respectivos elementos que, a troco de cinco xelins, não o levasse à forca. Estes temores perturbavam-lhe constantemente o repouso e mantinham-no permanentemente alerta para frustrar ou evitar quaisquer desígnios esboçados contra a sua pessoa. De tal maneira que, excepto aos gloriosos olhos da ambição, o seu estado parecia talvez mais digno de lástima do que de inveja ou emulação.

CAP. XIV

Em que o nosso herói profere um discurso sem dúvida memorável; e comportamento, porventura o mais desnaturado em toda a nossa história, de um membro do seu grupo de notáveis.

Havia no bando um indivíduo chamado *Blueskin*, comerciante desses que compram e vendem carcaças de bois, carneiros, etc., em suma: conhecidos por pessoas comuns como *homens do talho*.¹⁹¹ Possuía esse cavalheiro duas qualidades próprias de um GRANDE HOMEM, nomeadamente indomável coragem e total desprezo pelas ridículas distinções entre *meum* e *tuum*. Os usuais métodos de proceder à troca de bens através do comércio pareciam-lhe demasiado entediantes; resolveu, portanto, deixar a profissão mercantil

e, tendo entre os seus conhecimentos alguns colaboradores do Sr. *Wild*, abasteceu-se de armas e alistou-se no grupo. Neste se houve durante algum tempo com grande decência e compostura, submetendo-se e aceitando, como os restantes, a respectiva parte do espólio atribuída pelo nosso herói.

Tal subserviência, porém, coadunava-se mal com o seu feitio. De facto, devíamos ter referido uma terceira qualidade heróica, ambição, componente não despreciada da sua natureza. Assim, tendo certo dia, em *Windsor*, roubado a um cavalleiro um relógio de ouro e sendo publicado no jornal anúncio de alvíssaras consideráveis, *Wild* exigiu o objecto em causa mas ele recusou entregá-lo.

‘Ora essa, Sr. *Blueskin!*’, exclamou o nosso protagonista, ‘não entrega o relógio?’ ‘Não’, respondeu o outro, ‘eu é que o consegui, eu é que fico com ele; ou, se me desfizer dele, será por decisão minha, como minha será a quantia apurada na venda.’ ‘Certamente’, replicou *Wild*, ‘não se atreve a afirmar algum direito ou propriedade em relação ao relógio?’ ‘Afirmar ou não’, retorquiu *Blueskin*, ‘estou certo e seguro de que a si é que não cabe nenhum direito a ele nem parte do seu valor.’ ‘Eu lhe digo’, tornou o outro, ‘se tenho ou não direito absoluto sobre ele, segundo as leis do nosso grupo, ao qual eu providencialmente presido.’ ‘Quem o pôs a presidir, não sei’, redarguiu o rebelde, ‘mas se o fizeram, foi, sem duvida, visando benefício próprio: para melhor serem conduzidos nos roubos, informados dos espólios mais valiosos, avisados de possíveis surpresas, instruídos no modo de comprar testemunhas¹⁹²; e assim aumentarem os proventos e a segurança de todos.’ ‘Está redondamente enganado, caro Sr.’, contestou *Wild*; ‘refere-se a uma sociedade legal, cujo magistrado supremo é sempre escolhido para o bem público, por ele tido em permanente consideração, conforme se pode ver em todas as comunidades do mundo organizadas de acordo com os princípios do direito. Nesse caso, o indivíduo que preside pode contribuir diariamente, pela sua maior competência, para a prosperidade dos outros, não sacrificando o bem alheio à riqueza, ao prazer ou ao humor dele próprio¹⁹³. Tratando-se, porém, de uma quadrilha ou de uma associação ilegal como a nossa, as coisas mudam de figura. Com efeito, quem quer ficar à frente de um bando se não for por interesse particular? É sem uma pessoa a dirigir, já sabe, o mesmo não resiste. Sem um chefe e sem obediência a ele, nada nem ninguém consegue evitar a instantânea destruição do conjunto. É muitíssimo mais recomendável contentar-se cada um com a sua modesta recompensa e gozá-la no sossego

garantido pelo discricionário poder do chefe, do que agravar o risco de todos — inevitável consequência de prescindirem da minha protecção. E decerto não há nenhum elemento no bando inteiro com menos razão de queixa; até já foi contemplado com favores meus: veja-se essa fita de renda que traz no chapéu, galardão por mim conferido ao nomeá-lo capitão. Portanto, capitão, se faz favor entregue o relógio.’

‘Vá para o d ————— o com a sua bajulice.’, respondeu *Blueskin*. ‘Julga que me sinto muito orgulhoso com este pedaço de fita? Podia tê-lo comprado por seis dinheiros e usá-lo sem lhe pedir licença. Imagina que me considero capitão por assim me chamar, sem ninguém lhe ter dado poderes para tal? O título de capitão é mera miragem e eu não me deixo iludir por miragens; o importante é o salário e são os homens. Não quero mais que me chamem capitão; quem pretender lisonjear-me com esse nome que se precate pois trato-lhe da saúde em paga do insulto. Pode crer: assim penso e assim farei.’

Wild não ficou calado: ‘Alguma vez alguém falou com menos senso? Não é respeitado por todos, na qualidade de capitão, desde que como tal o investi? E no entanto, diz que é só miragem, ao que parece! E que está disposto a bater em quem lhe fizer a afronta de o referir com esse título! Pela mesma ordem de ideias, igualmente razoáveis seriam as palavras dirigidas a um ministro de estado por uma pessoa agraciada com alguma distinção: *‘Excelência! Acaba de me conceder apenas uma miragem. A fita ou a medalha que me dá deveria implicar ter-me eu distinguido, através de acção meritória, em benefício e para glória do meus país; ou, pelo menos, ser eu descendente de alguém notabilizado por uma tal acção. Ora eu conheço-me e sei que sou um tratante. Os poucos ascendentes de que me lembro ou de que jamais ouvi falar tratantes eram. Portanto, estou decidido a atirar ao tapete a primeira pessoa que me chamar Excelência ou Digníssimo.*’¹⁹⁴ Mas todos os homens realmente GRANDES e prudentes se consideram suficientemente recompensados por aquilo que lhes traz honra e proeminência num bando, não curando da parte substantiva do idioma. Mais: se um título, uma pena ou outros distintivos servem esses objectivos, eles são bastante substanciais e não puras ilusões.¹⁹⁵ Mas o tempo urge e falta-me vagar para discutir consigo; dê-me o relógio sem mais delongas e cogitações.’ ‘Não gosto mais de cogitações do que o Sr.’, reagiu *Blueskin* ‘e por isso lhe digo, uma vez por todas, assim Deus me ouça: nunca lhe vou dar o relógio nem, de hoje em diante, lhe vou dar nada do que tiver sacado. Fui eu que o ganhei e irei eu usá-lo. Vá o Sr. buscar as suas

pistolas e com elas parta para a estrada, em vez de ficar, preguiçoso, à espera de engordar à custa dos perigos e trabalhos dos outros.’ Com tais palavras se foi, de mau humor, encaminhando-se para a taverna onde habitualmente paravam os membros do bando. Aí tinha combinado encontrar-se com um conhecido, a quem contou o diferendo entre ele próprio e *Wild*, aconselhando depois os restantes camaradas presentes a imitarem todos o seu exemplo. O que mereceu pronta e unânime anuência, seguindo-se um brinde universal em que se incluía o voto de que o Sr. *Wild* fosse para d ——— o. Tinham acabado de esgotar uma boa quantidade de ponche, bebendo algumas canecas para festejar o acordo e assinalar o voto, quando um graduado da polícia, escoltado por numerosos agentes com *Wild* à cabeça, entrou na sala e deteve *Blueskin*, sem que os seus companheiros ousassem tentar libertá-lo, em vista da presença do nosso herói. O relógio foi encontrado na posse do detido, e isso, somado à informação de *Wild*, foi mais do que suficiente para o conduzirem a *Newgate*.

No fim da tarde, o nosso protagonista e os que tinham estado a beber com *Blueskin* encontraram-se na taverna, nada havendo a salientar senão a mais profunda submissão ao chefe. *Blueskin*, por sua parte, recebeu tantas injúrias e insultos como antes *Wild* recebera, repetindo-se agora o brinde, apenas com mudança de nome. Todos concordaram com o nosso herói: encontrado no bolso do rebelde, o relógio constituía uma prova fatal contra ele e ditaria a sentença ajustada à sua desobediência e insurreição.

Assim obviou este GRANDE HOMEM, através de resoluto e oportuna acção exemplar (pois logo que *Blueskin* o deixara apresentou o caso directamente à justiça), uma das mais perigosas conspirações passíveis de subverter um bando. A qual, deixada a medrar um só dia que fosse, levaria inevitavelmente à respectiva destruição. Daí a enorme urgência de GRANDES HOMENS e *cavalheiros-de-indústria* se manterem permanentemente em guarda e expeditos na execução dos seus objectivos. Só homens fracos e honestos podem, de facto, entregar-se, satisfeitos, ao ócio e ao descanso.

Acatas, isto é: *Fireblood*, esteve presente nas duas reuniões supracitadas e tinha, um pouco apressadamente, concorrido para difamar o amigo e mandá-lo para o inf ——— o. Todavia, vendo todo esse projecto ir por água abaixo, recuperou a integridade, dando dela incontroversa demonstração ao informar *Wild* das medidas antes concertadas contra este. Circunstância em que, disse, apenas fingira aquiescer para melhor depois denunciar os responsáveis.

O que não o impediria de confessar mais tarde, no leito da morte, ou melhor: na carroça que o transportava a *Tyburn*, tratar-se de uma conveniente força de expressão; pois estava, na altura, em tão sincera e absoluta oposição a *Wild* como qualquer dos camaradas.

O nosso herói, porém, quis que ele guardasse o mais estricto segredo sobre o assunto; como os outros tinham reconhecido o erro e mostrado arrependimento, acrescentou, nada mais nobre do que perdoar-lhes. Tal atitude ficava a dever-se, na sua modesta apreciação, a uma disposição contemporizadora; mas ela era motivada, realmente, por princípios muito mais elevados e políticos. Julgava perigoso tentar punir tantos rebeldes, presumia que o medo os manteria na ordem e concluía até não lhe ter *Fireblood* confidenciado nada que ele não soubesse. Ou seja: eles eram verdadeiros *cavalheiros-de-indústria* que lhe competia governar, manipulando os respectivos receios, não lhes concedendo mais liberdades do que as necessárias e vigiando-os com toda a cautela e circunspecção. Um malandro, costumava ele dizer, era como pólvora; quem usa um ou outra tem de ser cuidadoso para não se tornar vítima desse uso e poder prosseguir nos seus projectos contra o adversário, pessoa ou animal.

É tempo de voltar a *Newgate*, lugar onde a maior parte dos GRANDES HOMENS desta história se começam a encontrar cada vez com mais frequência. Para dizer a verdade, esse lugar é mesmo merecedor da sua designação de Castelo e, como tal, está longe de ser inadequado ou impróprio enquanto habitação de qualquer GRANDE HOMEM.¹⁹⁶ Sendo cenário, aliás, de toda a restante parte da nossa narrativa, com ele precisamente abriremos um novo livro; e assim também aproveitamos a oportunidade para encerrar este terceiro.

LIVRO IV

CAP. I

Um sentimento do capelão, digno de registo em letras de ouro, um exemplo de perfeita tolice em Friendly e um horrroso acidente que vitimou o nosso herói.

Pouco depois de levado *Heartfree* para *Newgate*, o seu frequente convívio com as filhas e outros exemplos da sua boa natureza, manifestos em acções e palavras, já tinham persuadido toda a gente à sua volta de que ele era um

dos maiores palermas deste mundo. O próprio capelão, pessoa mui sagaz e honesta, declarava tratar-se de um maroto infecto, mas não particularmente esperto e, portanto, pouco perigoso.¹⁹⁷

O que podia, sem dúvida, ter induzido no capelão o elemento negativo desta opinião, ou seja: a faceta de marotice, era o mau pensamento um dia revelado por *Heartfree* numa conversa. Sendo nós indefectíveis na nossa ortodoxia, não tentaremos justificar esse pensamento, mas ele aqui fica: *que um sincero adepto de outra religião, estava convencido, não deixaria de ser salvo*. A isto respondeu o bom homem com conveniente zelo e indignação: *‘Qual o destino de um sincero crente de outra fé não sei, mas se é esta a sua convicção, declaro desde já ser impossível o Sr. salvar-se. Não, meu caro: não só um turco genuíno na sua crença está muito longe do limiar da redenção, como o mesmo se pode afirmar de qualquer autêntico presbiteriano, anabaptista ou quaker’*.¹⁹⁸

Nenhum dos elementos do carácter de *Heartfree*, porém, convenceu *Friendly* a abandonar o seu patrão de longos anos. Aproveitava todo o tempo para estar com ele, excepto quando tinha mesmo de se ausentar, na busca de provas favoráveis a apresentar no julgamento, marcado para breve. O jovem era até o único conforto do infeliz, se descontarmos uma consciência tranquila e a esperança noutra vida para além da morte. Quanto à contemplação das filhas, ela era, de facto, como um daqueles aliciantes prazeres a que alguns doentes amiúde se entregam com fatídico enlevo, pois que simultaneamente tornam mais suportável a doença e avivam a noção das suas nefastas consequências.

Certo dia, estando *Heartfree* abraçado à filha mais velha e, com lágrimas nos olhos, lamentando a dura contingência, conforme receava, de ser obrigado a deixá-la, *Friendly* falou-lhe assim: ‘Há muito tempo que observo com admiração o seu forte ânimo na reacção aos infortúnios, assim como a sua constante tranquilidade perante a ameaça da morte. O Sr. é, na verdade, uma excelente pessoa, cujos tormentos, segundo tenho ainda podido notar, derivam de admitir perder a família e deixá-la desamparada. Mas eu espero que tais receios acabem por se mostrar infundados e, entretanto, vou procurar, tanto quanto possível, afastá-los do seu espírito. Pode crer: nada me faz mais infeliz do que ver uma apreensão assim implicada na ternura e no amor de um pai, a quem, para mais, como meu patrão, eu devo tantos gestos de generosidade, tantos favores, e a quem, numa palavra, me liga a mais sincera amizade. Por isso nada me pode dar mais prazer do que contribuir para

aliviar ou desfazer essa apreensão. Esteja certo, pois, se a minha promessa lhe merecer qualquer crédito, de que usarei todos os meus haveres, não tão insignificantes quanto isso, como sabe, para cuidar das suas filhas. Deus não permita, mas se lhe acontecer algum mal antes de poder acautelar o futuro delas, serei um pai para as meninas e não as deixarei passar nenhuma dificuldade, tanto quanto dependa de mim. Garantirei a subsistência da mais nova e, quanto à mais velha, a minha tagarela, recebê-la-ei em casamento, se me quiser dar a mão dela, pois nunca pensei, até agora, em nenhuma mulher para esposa e jamais a trocaria por outra.' *Heartfree* correu para o amigo e abraçou-o, muito comovido ao exprimir-lhe o seu reconhecimento e a única ansiedade não resolvida que pensava ter de levar consigo deste mundo. 'Ah, *Friendly*, lamentou ele, essa minha ansiedade diz respeito à melhor das mulheres, que eu tão odiosamente censurei em pensamentos. Por isso me recrimino. Tu, *Friendly*, conhecestes bem a sua bondade; mas a excelência do seu carácter conheci-a eu como ninguém. Possuía todas as perfeições de corpo e espírito que os céus podem dispensar às pessoas do seu sexo, beneficiando em tudo de uma qualidade superior à concedida pela natureza a outras. Como suportar a perda de uma mulher assim? Como suportar o receio de que o vilão a tenha submetido a diversas velhacarias, a mais leve das quais talvez até seja a morte?' Logo que entendeu oportuno, o aprendiz interrompeu-o com delicadeza, esforçando-se por o confortar igualmente neste aspecto, sublinhando todas as circunstâncias susceptíveis de lhe dar algumas esperanças de ver de novo a mulher.

Com tal tipo de comportamento, exemplificativo de um vulgar grau de amizade, o jovem rapidamente granjeara no Castelo a reputação de um pobre-diabo, não inferior ao patrão em patetice e excentricidade. De facto e a breve trecho, ambos se tornaram referência ou alvo comum de ridicularização e desprezo.

A época dos julgamentos abriu então no *Old Baily*. O júri de acusação em *Hicks's-Hall* tomara conhecimento do processo movido a *Heartfree* e, no segundo dia dos trabalhos, ele foi presente ao tribunal.¹⁹⁹ Aí, apesar de todos os esforços de *Friendly* assim como da velha e honesta serviçal, as circunstâncias aduzidas corroboraram os testemunhos quer de *Fireblood* quer de *Wild*, fingindo este, com a arte mais consumada, grande relutância em aparecer a depor contra o amigo de longa data. Pelo que os jurados consideraram o prisioneiro culpado.

O nosso protagonista acabava assim de dar cumprimento ao seu projecto; pois, quanto ao que lhe faltava para lhe pôr um ponto final, o processo era inevitável. *Heartfree* não tinha a mínima influência junto de GRANDES HOMENS e, além disso, fora condenado com fundamentos numa lei cujos infractores nenhum perdão podiam esperar.²⁰⁰

A *catástrofe* para que o nosso herói tinha arrastado o pobre coitado era um esforço de GRANDEZA tão maravilhoso que provavelmente a Fortuna ficou invejosa daquele seu favorito. Mas fosse por inveja ou só por mor da inconstância ou fraqueza tantas vezes e judiciosamente assacadas ao temperamento da dama, amiúde propensa a içar os humanos ao cume da GRANDEZA apenas para – *Ut Lapsu graviore ruant*, o certo é que ela, de repente, deu em congeminar algumas desfeitas a *Wild*.²⁰¹ O qual, aparentemente, tinha chegado à posição também atingida por todos os heróis e GRANDES HOMENS da Antiguidade e que ela resolvera nunca deixar transcender. Em resumo: parece haver uma certa dose de malícia e iniquidade a cargo de cada GRANDE HOMEM e, uma vez cumprida a respectiva missão, como se não tivesse mais préstimo para a Fortuna do que um bicho da seda ao acabar de fiar o seu casulo, fica isolado e abandonado por ela.

Sucede que o Sr. *Blueskin* foi, no mesmo dia, acusado de roubo pelo nosso herói, uma falta de delicadeza a que este se sentiu obrigado pelo feito precipitado do outro que, no entanto, levou muito a mal a acusação. Estava *Wild* por perto, ostentando despreocupação e indiferença excessivas, como é próprio dos GRANDES HOMENS em relação às pessoas por eles arruinadas, quando *Blueskin* tirou disfarçadamente uma naífa do bolso, espetando-a no corpo do nosso protagonista com tamanha violência que todos quantos tal viram julgaram ter o réu logrado o seu desiderato.²⁰² Mas, na realidade, e não tanto por amor ao nosso herói como por fidelidade a uma decisão já por nós sugerida, a Fortuna deu-se ao cuidado de colocar algumas entranhas do agredido fora do alcance do instrumento intruso. Não fora isso e *Wild* teria tombado como vítima propiciatória em sacrifício destinado a aplacar a ira do inimigo. Papel que, segundo disse, ele não merecia: caso o agressor se tivesse contentado com o roubo, submetendo à discrição do chefe o respectivo produto, podia ter continuado no bando em paz e sossego. Em todo o caso, na circunstância em apreço, a arma do crime passou ao lado das partes nobres (as mais nobres de muitas) designadas como tripas, perfurando apenas a vazia concavidade da barriga e não causando outros estragos senão

uma imoderada efusão sanguínea, da qual lhe sobreveio por momentos alguma fraqueza, aliás rapidamente superada.

Este acidente, contudo, acabou por ter consequências mais desagradáveis. Muito poucas pessoas (exceptuando os maiores de todos os homens, os príncipes absolutos) tentam cortar o fio à meada da vida humana, como fazem as Parcas, irmãs fatais, por mera e libertina diversão; e essas poucas visam com isso, sobretudo, adquirir algum bem para o futuro ou vingar algum mal passado. Como no evento apresentado não parecia provável a primeira destas duas metas, certas pessoas de pendor mais inquisitivo decidiram-se a examinar a segunda. Foi então que os vastos projectos de *Wild* começaram a ser detectados. Por muito notáveis que fossem em si mesmos, eles não se distinguíam, aos olhos de alguns observadores, dos projectos da maioria dos outros GRANDES HOMENS; e, com efeito, dir-se-ia terem sido concebidos para glorificar certa espécie de GRANDE HOMEM, mais do que para beneficiar a sociedade no seu todo. Foi a vez de entrarem em acção outros planos de vários cidadãos que sentiam ser seu dever primacial pôr termo ao progresso do nosso herói. Entre eles se destacava um juiz, inimigo declarado da aludida GRANDEZA, o qual conseguiu uma providência legislativa do Parlamento, capaz de impedir *Wild* de continuar a desafiar a justiça.²⁰³ Pouco depois, *Wild* caía nessa armadilha legal, inovadora ao fazer impender a pena capital sobre um *cavalheiro-de-indústria* que utilizasse mãos alheias para roubar alguém. Tão clara e efectivamente calculada ela foi para a destruição de toda a indústria dos GRANDES CAVALHEIROS que se tornou mesmo impossível ao nosso herói escapar à respectiva alçada.

CAP. II

*Breve aviso sobre uma forma comum de ingratidão e chegada do Sr. Wild ao Castelo, além de vários eventos sem igual em qualquer outra história.*²⁰⁴

Se dispuséssemos de mais vagar, aproveitávamos para fazer aqui um pequeno excurso sobre a ingratidão, tão frequentemente observada por inúmeros escritores no relacionamento de todos os governos livres com os GRANDES HOMENS dos respectivos países. Ao promoverem a sua GRANDEZA privada, esses augustos cavalheiros podem não perder de vista o bem público, com as suas vastas implicações no corpo político (que, no

reino da França, se considera assim beneficiado pela glória do seu Grande monarca). Mas, apesar disso, têm sido algumas vezes sacrificados por aquelas pessoas mesmas em cujo enaltecimento também se empenham. O que advém de um delirante zelo por uma coisa ridícula e imaginária, chamada liberdade, a que os GRANDES HOMENS, conforme tem sido possível notar, dedicam grande animosidade.²⁰⁵

A lei referida no anterior capítulo obteve, como dissemos, a devida promulgação. Pouco depois, recebia o Sr. *Wild* de uns respeitosos membros do seu bando uma valiosa peça que ele restituiu ao legítimo dono a troco de quantia algo inferior ao preço original. Facto que o pagador, ingrato, participou às autoridades, levando-as a surpreenderem o recebedor na própria casa dele, a dominá-lo pela força e a conduzi-lo rapidamente à presença de um magistrado. Este, por sua vez, enviou-o para o Castelo já antes indicado e que achamos melhor não nomear muitas vezes na nossa história, em atenção à sua GRANDEZA e à correspondente qualidade de muitos dos respectivos residentes na altura.

O governador (ou guarda do Castelo, como a lei mais honrosamente lhe chama) era um velho conhecido e amigo do Sr. *Wild* e, portanto, providenciou para que ele ficasse bem instalado na prisão.²⁰⁶ O que muito satisfez o recém-chegado, que, aliás, estava a contar com um confortável alojamento e, através do amigo, obter mesmo a liberdade, se pensasse conveniente dispôr dela. Mas, triste fado, as expectativas mostraram-se ilusórias! É que, logo a seguir, o governador deixou de se dar por conhecido, recusando vê-lo e mandando o colaborador mais próximo cobrar-lhe uma elevada taxa pela dispensa de grilhões e um exorbitante pagamento de diária.²⁰⁷ Como se o detido fosse um cavalheiro da mais elevada condição e acusado de assassinio, ou alvo das mais rigorosas instruções de certas instâncias, apostadas em que fosse tratado com a máxima severidade.

Há que confessar, a propósito, uma verdade lamentável e de melancólicas implicações: não se poder confiar inteiramente na amizade dos GRANDES HOMENS. Observação esta amiúde feita pelas pessoas que têm residido tanto em palácios reais como em *Newgate* ou em qualquer outro lugar reservado à habitação dos ditos GRANDES HOMENS.

No segundo dia da sua detenção, ficou *Wild* muito surpreendido com a visita de *Laetitia*; e mais ainda, quando, em lugar de reconhecer na mulher indícios de iminentes insultos, único motivo que conseguia atribuir à

presença dela, viu lágrimas descerem ao longo das suas amorosas faces. Abraçou-a então com os mais vivos sinais de afecto, declarando quase não se importar de estar preso, em vista do que tal situação acabava de proporcionar: um momento único de partilha da mesma felicidade. A fidelidade que ela lhe demonstrava nesse momento faria inveja, estava certo, à maior parte dos maridos, dentro ou fora de *Newgate*. Pediu-lhe depois para enxugar as lágrimas e ficar tranquila, que as coisas se iriam compôr e ele se sairia melhor do que ela pensava. ‘Não, não (contradiu-se ela), tenho a certeza de que o veredicto será *culpado* e a sentença uma condenação à *morte*. Eu sabia onde é que tudo ia parar e bem dizia ser impossível manter aquele negócio muito tempo; mas Você não ouvia os conselhos dos outros e as consequências aí estão. Agora arrepende-se mas já é tarde. Depois de enforcado, toda a minha consolação será lembrar-me de lhe ter dado o melhor conselho. Se houvesse prescindido de empregados e trabalhado por conta própria, como tantas vezes insisti, podia ter continuado a *gamar* até ao fim. Mas Você era mais esperto do que toda a gente, ou antes: mais preguiçoso. E veja só no que deu a preguiça: na forca, foi no que deu, e a ela é que não vai poder fugir. Bem feito, por ser casmurro. Eu sim, eu é que mereço dó, pobre de mim, que vou andar nas bocas do mundo por sua causa. *‘Ali vai ela, a mulher cujo marido foi a enforcar’*: é como se já estivesse a ouvir as más línguas.’ E, dito isto, teve um acesso de choro. Julgou *Wild* então dever repreendê-la por se preocupar com ele sem necessidade e pediu-lhe que não o incomodasse mais. Ao que ela respondeu, um tanto agitada: ‘Preocupada consigo, não é?! Ora vá mas é para o inf — o! Não, se aquele velho imbecil do juiz não me houvesse mandado para aqui, tão cedo não teria cá vindo à sua procura, creio bem. D — os me levem, estou acusada de ligações à quadrilha, entendeu, e somos os dois a *dar o fatal nó*. Posso afiançar, meu caro: o prazer de o ver também *subir ao palco* quase me serve de compensação por ter tal sorte.’ ‘E eu, minha cara, garanto (replicou *Wild*) nunca ter desejado outra coisa senão a sua entrada em cena; mas na minha companhia, não. Ainda me restam esperanças de a ver ir sem mim; mas livrar-me de si agora é um prazer que, seguramente, não me escapa.’ Depois, passando das palavras ao acto, agarrou-a pela cintura e, com forte braço, impeliu-a para fora do quarto. Não sem que antes ela tivesse tido oportunidade de, com as unhas, deixar uma recordação lavrada a sangue na cara dele; e assim se separaram os dois ternos esposos.

Foi ainda mal feito da perturbação causada pela desagradável afeição da mulher, corroborada ao longo da indesejada entrevista, que chegou nova visita. Desta vez era o jovem *Acates*, cuja presença teve o efeito de um cordial no ânimo do visitado. De braços abertos o recebeu *Wild* e com a mais entusiástica expressão de reconhecimento lhe falou da fidelidade que o outro sempre lhe votara, tão fora da moda vigente. Muitas outras coisas disse, de que já nos esquecemos; mas uma ideia delas nos ficou: todas convergiam no elogio de *Fireblood*, cuja modéstia acabou por pôr fim à torrente dos cumprimentos. Que nada mais fizera senão cumprir o seu dever; que não perdoaria a si próprio se acaso abandonasse um amigo em maré de infortúnio; e, renovando os seus protestos de uma lealdade comprovada até pelo facto de ter vindo logo vê-lo, perguntava ainda se podia ser de algum préstimo. Respondeu o preso que, face a tão franco oferecimento, ficaria muito grato se ele lhe pudesse emprestar alguns guinéus, pois, de momento, se encontrava bastante *liso*. Afirmando a sua enorme desolação com ajuda de abundantes e sentidas pragas, esclareceu *Fireblood* não estar isso ao seu alcance, pois não tinha uma única moeda no bolso; verdade incontestável, aliás, já que só conservava consigo uma nota essa tarde sacada a um cavalheiro, no corredor de uma casa de jogo. Perguntou seguidamente pela mulher do amigo, à qual, em verdade se diga, se destinava a visita, planeada ao saber da detenção dela. Essa, de facto, a maré de infortúnio pressuposta nas suas palavras anteriores; das dificuldades do Sr. *Wild* havia desde logo sabido, é certo, mas nunca tivera intenção de o incomodar com a sua companhia. Recebida a informação sobre a precedente visita de *Laetitia*, não deixou *Fireblood* de reprovar o cruel tratamento dispensado por *Wild* à boa da criatura; e despedindo-se tão expeditamente quanto lho permitia o decoro inerente a um cavalheiro de boas maneiras, apressou-se a confortar a sua dama, que o recebeu com grande amabilidade.

CAP. III

Curiosos episódios inéditos da história de Newgate.

Residia no Castelo, pela mesma altura em que o Sr. *Wild* lá estava, um tal *Roger Johnson*, GRANDE HOMEM e chefe, durante muito tempo, de todos os *cavalheiros-de-indústria*, a quem cobrava contribuições. Além disso, estudava a maneira de proceder à respectiva defesa, arranjava-lhes testemu-

nhas e instruí-as, tornando-se-lhes tão necessário, pelo menos na opinião dos interessados, que todo o destino de *Newgate* parecia inteiramente dependente dele.²⁰⁸

Wild não estava detido ainda há muito tempo quando começou a manifestar oposição a esse indivíduo, apresentando-o aos *cavalheiros-de-indústria* como alguém que, sob plausível pretexto de os ajudar a defenderem-se, andava realmente a minar as liberdades de *Newgate*. Começou por deixar cair certas sugestões indirectas e algumas insinuações; mas tendo, a pouco e pouco, formado um grupo contra *Roger*, reuniu-o um dia e dirigiu-se aos respectivos membros da seguinte e flórida maneira:

‘Amigos e concidadãos: a causa de que vos vou falar hoje é de tão magna importância que, ao considerar as minhas pequenas capacidades, tremo de apreensão pelo facto de a nossa segurança se poder tornar precária dada a vulnerabilidade daquele que vem confrontar-vos com o perigo que correis. Meus senhores: está em jogo a liberdade de *Newgate*. Os vossos privilégios há muito que andam a ser postos em causa e estão agora a ser abertamente violados por um homem. Esse homem tem concentrada nas suas mãos toda a condução dos nossos julgamentos e, invocando isso, exige-vos as contribuições que bem entende. São estas, porém, adequadas aos fins alegados para a cobrança? As vossas frequentes condenações em *Old Bailey* decerto demonstram, de modo bem evidente e doloroso, o contrário. Alguma vez apresenta ele testemunhos decisivos para o prisioneiro, que este não tivesse podido obter, ele próprio, e até, muitas vezes, instruir com mais eficácia? Quantos jovens de valor não se perderam, quando um único *alibi* os teria salvo! Permanecendo eu em silêncio, mas reclamando as ofensas que haveis sofrido uma oportunidade de reparação, lá estão os nossos companheiros mortos na forca: eles são o exemplo mais eloquente de protesto contra tal fraude. Aliás, a exorbitância dos seus abusos não é visível apenas nas terríveis consequências suportadas pelos *cavalheiros-de-indústria* nem transparece com toda a clareza só na infelicidade por eles sofrida. Reflecte-se de modo ainda mais patente nas aquisições que eles lhe têm permitido fazer, ou nos ricos emolumentos que lhe têm possibilitado. Veja-se a sua capa de seda, esse manto sem vergonha comprado e publicamente usado para sua eterna desonra, a que não hesitarei chamar a mortalha das liberdades de *Newgate*. Haverá algum *cavalheiro-de-indústria* com tão pouca estima pelos interesses e honra de *Newgate* que consiga não corar ao ver tal troféu, adquirido à custa

da vida de tantos *cavalheiros-de-indústria*? E isso não é tudo! O seu colete bordado a seda e a sua gorra de veludo, obtidos à custa de mais vítimas semelhantes, são outros tantos símbolos de desonra. Pensarão alguns terem sido os farrapos por ele trazidos, quando aqui entrou pela primeira vez, bem trocados por esse berrante aparato da nova indumentária. Na minha maneira de ver, contudo, nenhuma mudança há-de prestar quando efectuada por meios desonrosos. Se, portanto, *Newgate...*'

Aqui aparece uma súbita interrupção na única cópia do discurso que conseguimos arranjar; podemos, no entanto, assegurar ao leitor, com base em informação absolutamente fidedigna, ter o nosso herói concluído com um aviso para os *cavalheiros-de-indústria* porem os respectivos negócios noutras mãos. Após o que, um elemento do grupo, em extenso discurso, recomendou que as outras mãos fossem as do próprio *Wild*.²⁰⁹

Data dessa altura a divisão de *Newgate* em duas facções; e os *cavalheiros-de-indústria*, em cada uma delas, dirigiam-se uns aos outros, destacando o seu chefe ou GRANDE HOMEM como o único capaz de gerir com segurança e vantagem os negócios de *Newgate*. Os *cavalheiros-de-indústria*, tinham, sem dúvida, interesses muito diversos, pois ambas as facções haviam recebido permissão do *leader* respectivo para ficarem com um quinhão do espólio. Os amigos de *Johnson* já gozavam desse direito; os de *Wild* esperavam obtê-lo quando este fosse elevado à chefia suprema. O que pode parecer mais notável é a circunstância de os devedores, totalmente alheios à contenda e ao alvo potencial de ambas as facções, se interessarem com a maior exaltação quer a favor de *Wild*, uns, quer a favor de *Johnson*, outros. De modo que a prisão inteira ressoava em clamores: *Viva Wild!*, ou *Viva Johnson!* E tais disputas e animosidades ocorriam entre eles, que mais se assemelhavam a dois países há muito em guerra do que a habitantes da mesma praça forte.

Prevaleceu, por fim, a facção de *Wild*, que ocupou o lugar e o poder de *Johnson*, destituído, pouco depois, de todo o seu aparato decorativo. Quando, porém, foi proposto que o nosso *leader* vendesse a indumentária do anterior e dividisse o dinheiro por todos, ele recusou, adiantando não ser ainda oportuno, que melhor ocasião havia de chegar, que as roupas precisavam de ser limpas e várias outras evasivas. Dois dias depois, para surpresa de muitos, surgiu em público com a referida indumentária sem outra desculpa a não ser que as roupas lhe assentavam muito melhor a ele do que a *Johnson*, ficando até a parecer muito mais elegantes.

Tal comportamento de *Wild* deixou os devedores grandemente indignados, particularmente os que tinham decisivamente contribuído para a promoção dele. Queixaram-se e desabafaram o mais possível a sua repugnância pelo nosso protagonista; até que, certo dia, um velho de ar muito grave e pessoa de grande autoridade entre os presos, lhes falou assim:²¹⁰

‘Nada, seguramente, pode ser mais justamente ridicularizado do que a conduta daqueles que, infantilmente, põem o cordeiro no trilho do lobo, lamentando depois que este o devore. À acção de um lobo num redil corresponde a de um GRANDE homem na sociedade. Ora quando um lobo se apodera de um redil, ao rebanho de pouco vale alguém expulsar o inimigo, se coloca outro no seu lugar. E o mesmo se passa connosco, ao afastarmos um *cavalheiro-de-indústria* em favor de outro. Que mais vantagens visou a vossa luta? Não sabíamos todos que *Wild* e os seus apaniguados eram *cavalheiros-de-indústria*, tal como *Johnson* e os seus adeptos? Qual podia ser então a contenda entre uns e outros, senão a que acabastes de verificar? Talvez alguns perguntem: é, portanto, nosso dever submetermo-nos docilmente à rapina do *cavalheiro-de-indústria* que agora nos pilha, por recearmos uma mudança? Claro que não; mas é melhor vermo-nos livres da pilhagem do que trocarmos o seu responsável por outro semelhante. E de que modo podemos efectuar isso, a não ser através de uma total mudança nas nossas atitudes? Todo o *cavalheiro-de-indústria* é um escravo. Os seus próprios desejos como *cavalheiro-de-indústria* escravizam-no e tornam-no vulnerável à tirania dos outros.²¹¹ Assim, preservar a liberdade de *Newgate* é mudar os costumes de *Newgate*. Nós, que estamos aqui detidos por dívidas apenas, temos que nos separar inteiramente dos *cavalheiros-de-indústria*; não devemos beber nem conversar com eles. Ao mesmo tempo, é preciso afastarmo-nos mais da própria actividade daqueles cavalheiros. Em vez de estarmos prontos, em cada oportunidade, a pilharmo-nos uns aos outros, contentemo-nos com o nosso honesto quinhão do espólio comum e com o produto da nossa própria diligência. Uma vez separados daqueles cavalheiros, formemos uma aliança mais estreita uns com os outros. Consideremo-nos todos como membros de uma comunidade, a cujo bem público havemos de sacrificar as nossas opiniões privadas; e não para trocar o interesse geral pelo mínimo prazer ou lucro que nos possa caber.²¹² A liberdade não é compatível com um grau de honestidade inferior ao pressuposto nesta atitude; e quando ela prevalece numa comunidade, nenhum *cavalheiro-de-indústria* terá o impudor ou a

audácia de tentar escravizar os respectivos membros. Enquanto um homem prossegue o seu caminho impellido pela ambição, outro pelo interesse e outro ainda pela segurança; enquanto este tem uma patifaria (um acto de *indústria*, como aqui se designa) a cometer, e aquele uma pulhice a resguardar, são compelidos a socorrerem-se, com toda a urgência, do favor e da protecção dos que possuem o poder de lhes dar o que desejam e de os defender do que receiam. Nesta perspectiva, é mesmo do seu interesse promover tal poder dos seus protectores. Ora, senhores, quando já não somos *cavalheiros-de-indústria*, deixamos de ter esses receios e desejos. O que nos resta, portanto, é apenas decidir pôr de parte a nossa *indústria*, a nossa pouca-vergonha, melhor ainda: preservar a liberdade – ou então desistir desta a favor da preservação e preferência daquela.’

O discurso foi recebido com fartos aplausos; mas *Wild* continuou a cobrar impostos aos prisioneiros, a aplicar o dinheiro para fins pessoais e a usar ostensivamente os atavios arrebatados a *Johnson*. Para falar com franqueza, este uso era ditado mais por uma atitude de desafio do que por considerações de real utilidade ou vantagem. A capa tinha um aspecto de facto fascinante, mas não protegia do frio; e quanto aos elementos decorativos, não lhe traziam grande distinção pois todos sabiam não lhe pertencerem e nem sequer se adequarem à sua posição. O colete ficava-lhe muito mal, por lhe estar demasiado grande; e a gorra era tão apertada que lhe fazia doer a cabeça. Foi assim que esta vestimenta talvez lhe tenha acarretado mais inveja, ódio e crítica (ao tornar mais patente aos que o viam assim vestido a sua própria infelicidade de comunidade a ele subordinada) do que todas as imposições mais gravosas ou todos os seus privilégios. Pouca vantagem ou honra lhe trouxe e mal serviu para lhe alimentar a vaidade, tantos eram os inconvenientes do respectivo uso. E empregasse eu a linguagem de alguém capaz de prezar a felicidade humana sem atender àquela GRANDEZA que tão laboriosamente nos esforçámos por pintar nesta história, provavelmente diria não ter cobrado (isto é: roubado aos prisioneiros) um xelim sem depois o vir ele próprio a pagar demasiado caro.

CAP. IV

Ordem para executar Heartfree no cadafalso, numa ocasião em que Wild denuncia alguma humana fraqueza.

A ordem para a execução de *Heartfree* foi recebida em *Newgate*. Mas, nesta altura, o leitor tem de nos desculpar, pois fazemos questão de desenhar personagens naturais e não perfeitas, assim como de registar as verdades da história e não as extravagâncias de um romance:²¹³ vamos mencionar uma fraqueza de *Wild*, de que nós próprios nos sentimos envergonhados e que teríamos de bom grado escondido, se tivéssemos podido, simultaneamente, preservar a estricte adesão à verdade e à imparcialidade, por nós prometida ao propormo-nos publicar os anais deste GRANDE homem. O leitor deve ficar a saber, entretanto, que a dita ordem para a execução não afectou grandemente *Heartfree*, a quem prometia uma morte ignominiosa; *Wild*, que estava na origem da mesma sentença, ficou muito mais afectado por ela. Já no dia anterior se tinha sentido um pouco impressionado ao ver as crianças, em lágrimas, a serem levadas para longe do pai. Isso acordou a lembrança, que tentou o mais possível reprimir, de algumas pequenas ofensas por ele feitas ao ourives; mas quando um dos guardas (devia dizer: vice-governadores do Castelo) repetiu o nome de *Heartfree* entre os dos malfeitores a executar nos dias seguintes, o sangue desapareceu da cara de *Wild* e dirigiu-se em pesada torrente para o coração, que mal teve força para o distribuir pelas veias. Em resumo: o seu corpo deixou entrever tão claramente as angústias do seu espírito, que, para evitar ser observado, ele se retirou para o quarto. Aí deu escape a tão amargas agonias que até *Heartfree*, se não estivesse apreensivo com a sorte da mulher às mãos do falso amigo, se teria condoído dele.

Com o espírito bastante carregado e desgastado pelos horrores decorrentes da sentença imposta ao pobre coitado e instigada de modo tão iníquo, *Wild* esperou por um sono reparador. Ai dele! Esperou, mas em vão. Esse amigo fiel do corpo fatigado é muitas vezes o inimigo mais hostil do espírito oprimido. Assim provou ser, pelo menos, no caso de *Wild*, trazendo-lhe horrores fantasmáticos à mente, onde se misturaram com horrores reais, para tormento da sua imaginação, imersa num estado de pavor tal que desafia descrição. Emergindo, por fim, do pesadelo, e mal os seus sentidos voltaram ao estado de alerta normal, gritou: 'Posso ainda evitar esta catástrofe. Não é demasiado tarde para revelar tudo.' Fez uma breve pausa; mas a GRANDEZA,

vindo, célere, em seu auxílio, deteve tão indigno pensamento à nascença. *Wild* raciocinou então, fleumático, para si próprio: ‘Será que eu, como uma criança, uma mulher, ou um desgraçado daqueles que sempre desprezei, vou ficar assustado por sonhos e fantasmas de pesadelo, manchando a honra tão arduamente adquirida e tão gloriosamente mantida?! Será que eu, para resgatar a inútil vida deste pateta, vou aceitar uma mancha na minha reputação, que nem o sangue de milhões conseguirá apagar?! Se fosse o caso de uns tantos indivíduos, a parte mais estúpida da humanidade, me chamarem *patife*, talvez eu não me importasse; mas ficar sempre mal visto aos olhos dos *cavaleiros-de-indústria*, como um pobre diabo incapaz de ânimo para executar o seu projecto, isso seria insuportável. O que é a vida de um único homem? Não têm sido sacrificados países e exércitos inteiros ao humor de UM GRANDE HOMEM? Não falemos já dessa primeira ordem de GRANDEZA, constituída pelos conquistadores da humanidade. Mas quantas pessoas não pereceram, vítimas de um projecto fantasioso, apenas destinado a preencher as horas de tédio ou talvez a exercitar o engenho de um membro de segunda ordem de GRANDEZA, os *ministeriais*?!’²¹⁴ No meu caso, o que é que eu fiz? Arruinei uma família e levei um homem inocente à forca. Bem podia eu chorar, como *Alexandre*, por não ter provocado outras ruínas, em vez de me queixar pelo pouco já feito.’²¹⁵ Visto o que, resolveu finalmente e com coragem deixar *Heartfree* entregue ao destino, embora lhe custasse, mais do que se pode facilmente crer, superar por completo a sua relutância e banir do espírito todos os resquícios de humanidade que compunham uma das suas fraquezas, aludidas e lamentadas no início da nossa história.

Todavia, em abono do nosso herói e com a devida licença se diga, a natureza raramente é tão amável como certos escritores sugerem ao traçarem personagens absolutamente perfeitas. Quando excepcionalmente cria um homem de considerável GRANDEZA ou BAIXEZA, não deixa de dar ao primeiro uma centelha ou duas de humanidade e ao segundo umas pontas daquilo a que gente vulgar chama maldade. Anular tais características secundárias é algo de custoso e incerto em ambos os tipos; na verdade, receio bem, nunca nenhum espírito humano esteve inteiramente livre de defeitos, excepto talvez o de um hipócrita autosantificado, cujos louvores tenham sido julgados dignos de proclamação por um bem alimentado e grato bajulador.²¹⁶

CAP. V

Chegada inesperada de certa pessoa e outros assuntos.

Chegou então o dia em que *Heartfree* devia sofrer uma morte vergonhosa. Do modo mais veemente, *Friendly* tinha confirmado a disposição de cumprir a promessa de vir a ser um pai para uma das filhas do patrão e marido da outra. Isso deu enorme consolação ao condenado, que, na noite anterior, se havia despedido das infelizes pequenas, com uma ternura que levou as lágrimas aos olhos de um dos guardas, mas também com uma serenidade capaz de agradar a um *estóico*. Uma vez informado de que estava pronta a carruagem alugada por *Friendly* e de que os restantes prisioneiros tinham partido, *Heartfree* abraçou o amigo com grande emoção e solicitou-lhe que ficasse ali, pois queria ir sozinho; mas o outro pediu-lhe permissão para o acompanhar até ao fim e acabou por conseguir a concordância do condenado. Encaminhava-se este para a carruagem quando repararam que as dificuldades ainda não estavam todas resolvidas. É que tinha chegado uma amiga de quem ele teria mais dificuldade em despedir-se e perante a qual a sua emoção não seria facilmente contida. Esta amiga, caro leitor, não era outra senão a própria Sr^a. *Heartfree*, que correu para ele em delírio, o olhar fixo e angustiado, acabando por lhe desmaiar nos braços sem proferir palavra. Com grande esforço, *Heartfree* logrou manter o autocontrolo, apesar da surpresa e das circunstâncias. E, sem dúvida, o nosso bom leitor sentir-se-á bastante inclinado a desejar que o infeliz casal morresse logo ali, cada um dos esposos expirando nos braços do outro e assim chegando ao final dos seus tormentos; o que teria sido destino mais favorável do que continuar a sofrer os amargos momentos que a sorte lhes reservara e de que a infeliz mulher, ao recuperar os sentidos, logo tomou plena consciência. Quando conseguiu falar, as palavras irromperam-lhe da boca: ‘Meu marido! É esta a condição em que te encontro depois da nossa cruel separação! Quem fez isto? Cruéis céus! O que provocou tal situação? Eu sei que não podes merecer mal nenhum. Digam-me, diga-me alguém que possa falar, enquanto tenho capacidade de ouvir e perceber, o que se passa!’ Palavras estas a que se seguiu o riso de alguns e a resposta de outro: ‘O que se passa? Ora, nada de especial. O cavalheiro não é o primeiro e não será o último. O pior é que, se ficamos para aqui toda a manhã, acabo por perder o almoço.’ *Heartfree*, detendo-se um momento e ganhando ânimo, disse então: ‘Suportarei tudo com paciência.’

Dirigindo-se depois ao oficial comandante, solicitou alguns minutos para ficar a sós com a mulher, que já não via desde o início dos seus infortúnios. O GRANDE homem respondeu que lamentava e faria mais do que era estritamente permitido; mas supunha que ele era um cavalheiro de condição e portanto sabia bem que tais gentilezas se pagavam. A esta sugestão, *Friendly*, ele próprio meio morto, tirou cinco guinéus do bolso; e o GRANDE homem, tendo guardado o dinheiro, disse que, por generosidade, lhes dava dez minutos. Um dos circunstantes comentou que muitos cavalheiros compravam mais caro dez minutos para ficarem com uma mulher, e outros juntaram observações do mesmo género que não vêm agora ao caso. Foi dada licença ao casal para ficar a sós numa sala, informando o comandante, desde logo, que o tempo urgia, pois o resto da companhia chegaria primeiro ao cadafalso e *Heartfree* com certeza era um cavalheiro, sabendo, portanto, que não devia fazer esperar os demais.

Este pobre casal esteve então em privado durante uns minutos, que o comandante, cá fora, mediu cuidadosamente pelo relógio. *Heartfree* tentou ganhar coragem para se separar da querida mulher, para lhe pedir que suportasse a falta dele sobretudo por causa das filhas e para a confortar com a promessa de *Friendly* a respeito delas. A sua intenção, porém, foi frustrada. A Sr^a. *Heartfree* não resistiu ao choque e de novo desmaiou, tendo perdido todos os sinais de vida, o que levou o marido a pedir urgente ajuda. *Friendly* entrou, rápido, na sala, seguido de muitos outros; mas o mais notável é que um dos presentes, antes insensível perante a emotiva cena do encontro entre marido e mulher, parecia agora profundamente tocado pela palidez desta, correndo a buscar água, saís, etc., com a maior pressa e agitação. O período de dez minutos terminou, o que o comandante deu a perceber; e vendo que ninguém se oferecia para pagar a renovação da licença (pois, de facto, *Friendly* ficara, infelizmente, sem uma moeda), começou a mostrar-se muito impaciente, dizendo por fim a *Heartfree* que *devia ter vergonha de não se comportar antes como um homem*. O preso pediu desculpa e respondeu que não o faria esperar mais tempo. Depois, com um fundo suspiro, dirigiu uma última palavra de ternura à mulher, abraçou-a e beijou-a com maior emoção do que um noivo beijaria as ruborizadas faces da noiva. Disse em seguida: ‘Que DEUS onnipotente te abençõe e, se tal for do seu agrado, te restitua à vida; se não, imploro que permita o nosso reencontro num mundo melhor do que este.’ E ia separar-se dela, quando, percebendo que a mulher estava

a recuperar os sentidos, não resistiu a voltar a abraçá-la e a beijá-la. Rapidamente ela voltou à normalidade e o marido pediu mais dez minutos para a pôr a par de tudo quanto o desmaio a tinha impedido de ouvir. O valoroso comandante, talvez um pouco afectado pela referida cena afectuosa, chamou *Friendly* à parte e perguntou-lhe quanto daria se ele consentisse que o amigo ficasse mais meia-hora. *Friendly* respondeu: '*Seja o que for.*' Não tinha mais dinheiro, mas de tarde certamente lhe pagaria. 'Bem, então, não vou pedir muito', disse o oficial. 'Apenas vinte guinéus.' *Friendly* esteve pelos ajustes e o outro, tendo exigido declaração formal da dívida, acrescentou: 'Tanto se me dá que estejam juntos mais uma hora; sim, que importa manter uma boa notícia em segredo? O cavalheiro foi indultado.' O que acabava de saber através de informação dada em privado. Seria muito impertinente apresentar agora uma descrição da alegria que uma tal notícia causou aos dois amigos ou à Sr^a. *Heartfree*, já de todo recuperada. Um cirurgião, felizmente ali presente, acedeu a fazer uma pequena sangria a quem precisasse. Após o que, o comandante, que entretanto obtivera confirmação do dinheiro antes prometido, desejou as maiores felicidades a *Heartfree* e, apertando-lhe amistosamente a mão, deixou-o ficar na sala com a mulher e o aprendiz, mandando sair todos os restantes.

CAP. VI

Em que se explica o feliz incidente destacado no capítulo anterior.

Confrontado com tal evento, estou convencido de que o meu bom leitor quase precisará também de assistência médica e de que nenhuma outra passagem em toda a história lhe proporcionará comparável comprazimento. Em todo o caso e para que o nosso indulto não se assemelhe ao de *Beggar's Opera*, esforçar-me-ei por lhe mostrar que o episódio, sem dúvida verdadeiro, é tão genuíno como deleitoso;²¹⁷ assegurando mesmo, pela nossa parte, que mais facilmente deixaríamos enforcar metade da população terrena do que salvaríamos alguém ao arrepio das mais strictas normas da escrita e da probabilidade.²¹⁸

É bom que se saiba, pois (circunstância que reputo altamente crível) que o GRANDE *Fireblood* tinha sido apanhado, poucos dias antes, em flagrante delito de roubo, e levado à presença do mesmo juiz de paz que tinha, com

base no seu testemunho, mandado *Heartfree* para a prisão. Este magistrado, que não pouco honrava a missão por si desempenhada, considerava devidamente a pesada responsabilidade, conforme dele se esperava, de decidir sobre casos com fortes implicações nas vidas, liberdades e propriedades dos seus concidadãos. Portanto, examinava com a maior diligência e cautela todas as circunstâncias, até ao pormenor.²¹⁹ Mesmo quando condenara *Heartfree*, tinha ponderado bastante sobre o excelente retrato da sua personalidade, apresentado por *Friendly* e pela criada. Ficara, além disso, muito perplexo por as duas pessoas cujo testemunho levava à prisão de *Heartfree* terem sido entretanto presas, estando uma em *Newgate*, acusada de felonía, e a outra, que lhe cabia agora julgar, acusada de roubo. Achou apropriado, portanto, desta vez, interrogar directamente *Fireblood*. O jovem *Acates* fora apanhado em flagrante, como dissemos; estava ciente, pois, da impossibilidade de negar o facto. Assim, confessou honestamente o que sabia estar mais do que provado; e exprimiu o desejo de, com base no mérito do seu revelador testemunho, ser ouvido em depoimento contra os cúmplices. O que proporcionou a mais feliz oportunidade ao juiz de satisfazer a sua consciência em relação a *Heartfree*. Disse ele a *Fireblood* que, se esperava o favor solicitado, tinha de satisfazer uma condição: contar-lhe toda a verdade no respeitante às declarações há pouco tempo prestadas em tribunal, sobre um comerciante falido, as quais lhe tinham deixado certas dúvidas. Como encorajamento, acrescentou ainda o juiz o possível recurso às revelações da outra testemunha; de uma forma ou de outra, a verdade seria apurada, tanto mais que o próprio *Wild* (astúcia esta inteiramente justificada) se tinha mostrado inclinado a confessar o que sabia. A simples menção do nome *Wild* imediatamente alarmou *Fireblood*, que não tinha a menor dúvida sobre a prontidão com que o GRANDE homem levava à força qualquer membro do bando se o seu interesse assim o requeria. Por isso não hesitou um instante; e tendo obtido promessa do magistrado de vir a ser ouvido como testemunha, contou todo o ardil armado contra *Heartfree* e o aliciamento de *Wild* que o levava a depor contra o ourives.

Tendo o juiz assim descoberto, felizmente e a tempo, a vilania (aliás GRANDEZA) implicada, não perdeu um momento nas diligências para apresentar ao soberano o caso do pobre condenado. Este teve de imediato o indulto real, que tanta alegria trouxe às pessoas envolvidas conforme acabámos de relatar, esperamos que a contento do leitor. De facto, assistia-nos até alguma razão para estarmos apreensivos de que tal desfecho pudesse tornar-

se muito surpreendente e, desse modo, abalar o prazer dos críticos, uma espécie de indivíduos por quem temos a mais delicada consideração e cujo entretenimento prezamos, como é do direito comum, com o respeito e apreço a eles devidos por qualquer autor.

Obtido o referido indulto de *Heartfree*, o bom juiz entendeu ser seu dever visitá-lo na prisão e sondar, se possível, toda a profundidade do caso, com vista a confirmar se o arguido estava tão inocente como agora parecia e a usar todos os métodos susceptíveis de lhe valerem o perdão e a liberdade.

Assim, no dia seguinte ao da mísera cena apresentada, dirigiu-se a *Newgate* onde encontrou *Heartfree*, a mulher deste e *Friendly* sentados juntos, e informou o primeiro sobre a confissão de *Fireblood* e as diligências feitas para resolver a situação. O leitor facilmente imaginará os agradecimentos exteriores e a gratidão íntima recebidos pelo juiz das três pessoas indicadas. Mas tudo isto era pouco em comparação com a secreta satisfação por ele sentida ao reflectir na preservação da inocência do arguido, de que já não lhe restavam nenhuma dúvidas.

Ao entrar na cela, a Sr^a. *Heartfree* estava a falar com todo o aspecto de pessoa empenhada no que dizia. Quando, portanto, ele se deu conta de a ter interrompido, pediu-lhe que continuasse e, no caso de não o poder fazer na sua presença, que sairia. Mas *Heartfree* instou para que ficasse, observando que a mulher estava a contar umas aventuras em que se vira envolvida e que talvez o recém-chegado também gostasse de ouvir; o que a ele próprio, detido, não deixava de convir, pois poderia servir para melhor esclarecer como tinha sido falsamente incriminado e conduzido a tanta adversidade.

O juiz de bom grado acedeu e a Sr^a. *Heartfree*, a pedido do marido, voltou à narração, a partir do encontro inicial dele com *Wild*. Mas esta recapitulação, necessária para elucidação do bom magistrado, seria redundante e talvez fastidiosa para o nosso leitor. Por isso apenas repetiremos a parte da história ainda não sua conhecida, começando com os eventos posteriores ao abandono de *Wild* num escaler à deriva no mar, por ordem do capitão do navio de corso *francês*.

CAP. VII

A Sr^a Heartfree começa a *relatar as suas aventuras*.

A narradora retomou então a sua história: 'A vingança exercida pelo capitão francês sobre o vilão (*o nosso herói*) persuadiu-me de que me encontrava nas mãos de um homem de honra e justiça. De resto, não era possível que alguém fosse tratado com mais respeito e civilidade do que eu estava a ser. Mas, se isto não podia mitigar as minhas penas, quando eu reflectia sobre a condição em que me achara depois de ser levada a separar-me de tudo quanto me era mais querido, muito menos podia ter esse efeito quando descobri, logo depois, que o tratamento por mim recebido se devia a outra paixão. Esta ameaçava-me e dava-me grande constrangimento, pois rapidamente se revelara violenta, estando eu absolutamente à mercê do possuidor dela, ou antes: daquele que era por ela possuído. Devo, contudo, fazer-lhe a justiça de dizer que as minhas suspeições foram, por medo, levadas mais longe do que depois verifiquei ter razões para temer. A breve trecho ele pôs-me, de facto, a par dessa sua paixão e usou de todos os métodos compatíveis com uma boa educação, a que o nosso sexo é geralmente sensível, para me persuadir a corresponder-lhe. Nunca, todavia, me fez ameaças, nem recorreu à força, nem sequer insinuou que estava à mercê dele, o que, aliás, eu bem sabia. Daí me vinham terríveis receios, tanto mais que não ignorava, tão-pouco, haver disposições humanas cuja brutalidade adquire uma especial carga agressiva por via do ímpeto dado pela crueldade à prossecução dos seus prazeres. Mas também há outras disposições de maior sensibilidade, que antes se comprazem quando nos conquistam por processos mais civilizados. Contudo, mesmo estas podem ser amiúde compelidas por uma paixão desregrada a recorrer, por fim, a meios violentos, quando deixam de ter esperança num esforço de persuasão. Eu estava, pois, cativa, felizmente, de um homem melhor do que isso. Jamais uma paixão lograva jurisdição absoluta sobre o meu admirador; e, embora bastante propenso a pecar, ele resistia bem às tentações da vilania.

Tínhamos ficado quase parados dois dias devido à calmaria, quando se levantou um vento de forte rajada, com *Dunquerque* à vista, e notámos um navio a todo o pano em nossa direcção. O capitão do nosso veleiro era tão destemido que não ficou apreensivo, apenas receando algum barco de guerra, o que os seus marinheiros disseram não ser o caso. Arriou, portanto,

a bandeira, amainou as velas e abrandou o mais possível o andamento, decidido a aguardar e a fazer a abordagem de assalto.’ Concluída a frase e vendo o marido sorrir, a mulher deteve-se e perguntou-lhe o motivo dessa reacção. Respondeu-lhe ele que sorria por a ouvir usar tão adequados termos marítimos. Riu ela então, respondendo que ele não se admiraria tanto quando soubesse o tempo que passara a bordo, e prosseguiu: ‘O tal navio estava já ao lado do nosso e lançou uma salva de artilharia ao verificar serem ambos da mesma nacionalidade. Pediram-nos muito os seus tripulantes que não seguissemos para *Dunquerque*, mas para os acompanharmos em perseguição de um grande cargueiro *inglês*, não difícil de alcançar e certamente também presa fácil dos dois veleiros *franceses*. O nosso capitão logo aceitou a proposta e ordenou que fossemos a todo o pano. Constituiu isto uma má notícia para mim. Todavia, ele confortou-me o mais que pôde, assegurando-me nada ter eu a temer, inclusive dele próprio: não só não cometeria a mínima indelicadeza para comigo como arriscaria a vida, se fosse preciso, para me proteger. Esta garantia deu-me todo o alento que podia ter nas circunstâncias e apesar dos terríveis receios em que estava por tua causa.’ Palavras estas seguidas por olhares de grande afecto de ambos, marido e mulher.

‘Navegámos durante quase meio dia, até avistar o navio procurado e que teríamos encontrado antes não fossem as longas horas de nevoeiro. Quando finalmente este se dissipou, descobrimos estar o outro navio, que fazia parceria connosco, a grande distância. Mas ainda pior para nós (quer dizer: para o capitão e a tripulação) foi enxergarmos um navio de grande porte a uma milha; o qual daí a pouco nos saudou com o canhão e nos parecia um vaso de guerra *inglês*, de terceira categoria. O nosso capitão declarou ser impossível dar-lhe luta ou fugir e, em conformidade, arriou a bandeira em sinal de rendição, sem esperar pela artilharia que nos estava destinada e que talvez me tivesse impedido de ter a alegria de estar agora aqui convosco.’ Tal observação fez *Heartfree* mudar de cor, o que levou a narradora a passar, sem delongas, a circunstâncias de mais amena feição.

‘A situação precedente trouxe-me grandes esperanças de recuperar não só as minhas jóias mas também o que eu prezo acima de tudo neste mundo. Essa esperança, porém, ficou um tanto diminuída durante algum tempo. Quanto às jóias, foi-me dito que seriam cuidadosamente guardadas, mas tendo eu de provar o direito a elas, antes de as reaver; o que, se não me engano, o capitão não estava muito interessado que eu conseguisse. Quanto

ao resto, fui informada de que seria transferida para o primeiro navio que aparecesse com rumo a *Inglaterra*, porque aquele onde estava se dirigia para as *Índias Ocidentais*.

Não ia há muito tempo no vaso de guerra quando descobri uma boa razão para lamentar mais do que festejar a mudança de cativo (pois tal concluiria ser, de facto, a minha nova situação). Tinha agora outro admirador no capitão do barco *inglês*, pessoa muito mais grosseira e menos amável do que o *francês*. O seu comportamento para comigo não foi propriamente de grande urbanidade; nem para comigo nem, de resto, para ninguém. Tratava os oficiais pouco melhor do que um indivíduo sem educação trataria o mais ínfimo criado, excedendo-se por dá cá aquela palha. A mim dirigia-se com a insolência de um paxá ao falar com uma escrava; usava uma linguagem licenciosa, semelhante à da maioria dos libertinos mais desbragados ao lidarem com prostitutas, e que mesmo mulheres devassas rejeitam e abominam. Muitas vezes me beijou com familiaridade assaz grosseira e um dia tentou mesmo levar mais longe a brutalidade; no que foi impedido por um cavalheiro mantido a bordo na mesma situação que eu: tinha sido capturado e mantido sequestrado por um navio de piratas. O que lhe valeu dois dias agrilhado em cativo, apesar de não estar sob as ordens do capitão. Depois de libertado (eu não era autorizada a visitá-lo enquanto preso), avistei-me com ele e agradeci-lhe, penhorada, o que tinha feito e suportado por minha causa. O cavalheiro comportou-se comigo então da maneira mais gentil; disse-me sentir-se envergonhado do alto conceito que eu parecia ter feito dele por uma ajuda tão modesta, ditada aliás pelo seu dever de cristão e pela sua honra como homem. Desde essa altura fiquei na melhor das relações com este cavalheiro, que eu considerei meu protector e que em todas as ocasiões como tal se manifestava, professando a maior aversão à brutalidade do capitão, especialmente a que me tinha por alvo; ao mesmo tempo que me exprimia a ternura de um pai vigilante e decidido a preservar a minha virtude, da qual eu não era mais ciosa do que ele parecia. Este homem era o único por mim entretanto encontrado, desde a minha infeliz partida, que não procurava garantir-me, por todas as formas, olhares, palavras e gestos, ter uma predilecção pela minha pobre pessoa. Os restantes pareciam ávidos de sacrificarem aos seus desejos a parca beleza que elogiavam, sem a mínima consideração quanto à minha ruína e à minha futura tranquilidade, apesar dos meus sérios protestos.

Vários dias passaram em que me vi livre do assédio do capitão, até que chegou uma noite fatal.’ Neste momento, apercebendo-se da palidez do marido, a Sr^a. *Heartfree* animou-o, dizendo ter Deus preservado a sua castidade ameaçada e permitido que voltasse sem ofensa aos braços dele. E continuou: ‘Talvez tenha usado com pouca propriedade o epíteto *fatal*; mas que foi uma noite de grande infelicidade creio poder dizer, pois nenhuma mulher saída incólume de situação análoga terá alguma vez passado por tal perigo. Uma noite, dizia eu, depois de ele ter bebido em excesso na companhia do despenseiro de bordo, único homem do navio que admitia à sua mesa, mandou-me chamar à cabina; e, embora de má vontade, fui obrigada a corresponder ao chamamento. Mal ficámos sós, pegou-me na mão e, depois de me insultar os ouvidos com um discurso impróprio para literal repetição, rogou uma grande praga; que não tolerava mais brincadeiras com a sua paixão nem ser tratado da mesma maneira que levava à submissão um bando de marinheiros de água doce. *Não venha com esses seus ares de coquete, minha cara senhora, disse ele; estou resolvido a tê-la para mim esta noite. Nada de protestos ou resistência, que já não tenho mais pachorra para tanta impertinência. Ao primeiro homem que se apreste a entrar aqui eu arranco-lhe a pele no estrado do convés.* E tentou então empurrar-me, violento, para a sua cama. Atirei-me de joelhos aos pés dele, em lágrimas e suplicando compaixão, mas sem resultado. Recorri, depois, a ameaças, tentando assustá-lo com as consequências, mas também em vão, embora parecesse um pouco mais abalado por esta via do que pela anterior. Ocorreu-me finalmente um stratagem que o fez recuar um tanto e me deu algum tempo para recuperar ânimo. Compondo um aspecto de constrangido comprazimento e forçando mesmo uma gargalhada, disse-lhe ser ele o amante mais grosseiro que jamais encontrara, e eu, com toda a probabilidade, a primeira mulher a quem dirigira os seus cumprimentos. *Cumprimentos, retorquiu ele, vá para o d ——— o com os meus cumprimentos, mas antes quero despi-la.* Pedi-lhe então para bebermos algum ponche os dois, que gostava tanto dessa bebida como ele próprio, nunca fazendo nenhum favor a um homem sem antes compartilhar uma boa taça. *Ah, respondeu ele, se é só isso, terá ponche suficiente para nele se afogar.* Às palavras seguiu-se um toque de campainha e a ordem para lhe trazerem um galão do referido licor. Entretanto, era obrigada a suportar os seus beijos nauseabundos e algumas grosserias que com grande dificuldade ia conseguindo manter dentro de moderados limites. Quando chegou o

ponche, ergueu uma caneca cheia, brindando à minha saúde, ostensivamente, e bebeu tamanha quantidade que em muito facilitou o meu estratagem. Secundei-o com umas taças, tão rapidamente quanto podia e em quantidade tal que, noutra altura, me transtornaria por completo, mas, desta vez, logrei manter-me consciente. Finalmente, vendo-o bastante afectado pelo álcool, espreitei a minha oportunidade e fugi da cabina, decidida a lançar-me ao mar se outra solução não tivesse. Mas os céus vieram então graciosamente em meu auxílio: na precipitação de me alcançar, ele tropeçou e, caindo de costas pela escada, deslocou um ombro e tanto se magoou que me deixou em paz não só essa noite mas no resto da viagem. A febre tomou realmente conta do meu potencial violador, pondo em risco a sua vida; e se ele veio a recuperar ou não a saúde, não sei ao certo. Durante o período em que o capitão se manteve delirante, o navio ficou ao cuidado do imediato, homem virtuoso e de coragem, com vinte e cinco anos de mar sempre no mesmo posto, sem obter a última promoção. De facto, ele tinha visto até vários jovens, filhos bastardos de alguns nobres, passaram-lhe à frente no comando do barco. Certa manhã, quando o veleiro ainda estava sob as suas ordens, passou perto um navio com rumo a *Cork*. Eu e o meu amigo, que estivera dois dias a ferros por minha causa, mudámos para esse navio, com licença do bom imediato, que nos ofereceu as provisões disponíveis, me felicitou por eu ter escapado de uma tão perigosa situação, entretanto já do conhecimento de todos os tripulantes, e amavelmente nos desejou uma boa viagem.’

CAP. VIII

Em que a Sr^a Heartfree continua a relatar as suas aventuras.

No primeiro dia passado a bordo deste navio, um bergantim, estando nós a pequena distância do arquipélago da *Madeira*, levantou-se pelo entardecer a mais violenta tempestade de noroeste, que em breve inutilizou os nossos dois mastros.²²⁰ De facto, a morte parecia-nos agora inevitável e não preciso de dizer ao meu *Tommy* os pensamentos que então me invadiam. O perigo era tão grande, que o capitão, um declarado *ateu*, se entregou à oração e toda a tripulação, considerando-se perdida, correu, ávida, a esvaziar um casco de aguardente, jurando que nem uma gota havia de ser poluída por água salgada. Pude, na circunstância, observar menos coragem no meu amigo do

que esperava. Parecia totalmente dominado pelo desespero. Mas, Deus louvado, ao fim e ao cabo lá nos conseguimos salvar! A tempestade, após cerca de onze horas, começou a amainar, até que, gradualmente, passou; mas deixou-nos ainda algum tempo agitados pelas ondas, que facilmente nos impeliram muitas milhas para sudeste. A tripulação estava toda a dormir embriagada pela aguardente que tão resolutamente tinha tido o cuidado de preservar de contaminação pelo mar. Tivessem os marinheiros, porém, permanecido acordados, os seus esforços de pouca utilidade seriam, pois perderamos todo o cordame e as velas; o nosso bergantim estava agora reduzido a uma casca descarnada. Assim flutuámos mais de trinta horas até que, a meio de uma noite de breu, avistámos uma luz que se diria aproximar-se. Gradualmente, a luz foi ficando maior e os marinheiros concluíram tratar-se da lanterna de um vaso de guerra; mas quando estávamos já a festejar o nosso salvamento, a luz desapareceu completamente, deixando-nos em desespero, agravado pelas imagens de felicidade que suscitara no nosso espírito. Passámos o resto da noite em melancólicas conjecturas sobre a ilusória luz, concluindo a maior parte dos marinheiros tratar-se de um meteoro.²²¹ No meio da nossa infelicidade, persistia uma consolação: tínhamos abundantes provisões. O que aguentava o ânimo da tripulação, declarando alguns dos seus membros não se importarem de não verem terra no mês mais próximo desde que tivessem suficiente quantidade de bagaceira. A verdade é que andávamos muito mais perto de terra do que pensávamos, conforme o nascer de novo dia nos mostrou. Um dos marinheiros mais experimentado afiançou estarmos perto do continente africano; mas, a três léguas da costa, outra violenta tempestade se levantou do norte, de novo nos roubando todas as esperanças de um desembarque seguro. Esta tempestade não foi tão grande como a anterior, mas durou muito mais tempo; ao longo de três dias foi-nos atirando muitas léguas para sul. Estávamos nós a uma légua da costa, na iminência de nos despedaçarmos contra as rochas, quando a tempestade subitamente cessou, embora as ondas continuassem alterosas como montanhas. Antes de o mar voltar a estar calmo, o nosso navio foi empurrado para tão perto de terra que o capitão mandou arriar o escaler, tão poucas eram as esperanças, segundo disse, de salvar o veleiro; e, de facto, tínhamo-lo abandonado havia escassos minutos, quando confirmámos a justeza das suas apreensões: batendo num rochedo, logo foi ao fundo. A atitude dos marinheiros, nessa altura, bastante me impressionou: seguindo o afundamento da embarcação com os senti-

mentos de afecto próprios de um amante ou de um pai, falavam dela como um marido falaria da mulher. E muitos deles, cuja capacidade de produção de lágrimas parecia inexistente, afinal lamentaram com sentido choro o seu desaparecimento nas águas. O próprio capitão gritou: *Segue o teu caminho, querida Molly, nunca o mar devorou tão encantadora criatura. Por mais embarcações que venha a ter, jamais possuirei outra como tu. Pobre rapariga! Não me esquecerei de ti até ao último dia de vida.*²²²

Bem, lá chegámos então a terra no escaler, todos sãos e salvos e sem grande dificuldade para atracar. Era cerca do meio-dia e os raios de sol, quase a pino sobre as nossas cabeças, estavam extremamente quentes e incomodativos. No entanto, conseguimos andar aproximadamente cinco milhas ao longo de uma planície. Deparámos então com um vasto bosque, que se estendia para a esquerda e para a direita a perder de vista, parecendo-me pôr fim à nossa marcha. Aí decidimos descansar e comer das provisões trazidas do veleiro, as quais dariam para muito poucas refeições; o pequeno barco ia tão cheio de gente que pouco espaço ficara disponível para bagagem de qualquer espécie. O nosso repasto consistiu em carne de porco grelhada, que o apetite dos marinheiros lhes fazia parecer ainda mais saborosa do que era e da qual, em conformidade, pouco sobrou. Quanto a mim, a fadiga do corpo e a mortificação do espírito tinham-me debilitado de tal maneira que quase não tinha vontade de comer. A maior perícia do mais reputado cozinheiro *francês* teria sido insuficiente para eu provar as suas mais finas iguarias. Na minha opinião, pouco ganhara com o facto de ter sobrevivido à recente tempestade pois apenas me parecia ter mudado o ambiente físico em que ia morrer. Quando todos tinham comido o bastante ou mesmo mais do que o bastante, resolvemos entrar na floresta e tentar atravessá-la, na esperança de encontrar alguns habitantes e, pelo menos, provisões. A planície entre o bosque e o mar era extremamente árida, não se vendo outros animais excepto gaivotas. Avançámos, portanto, do seguinte modo: um homem à frente com um machado, para abrir caminho, e outros dois logo atrás, com armas de fogo, para protegerem de animais ferozes o grupo. Vinha depois a restante companhia e, em último lugar, o próprio capitão, igualmente armado com uma pistola para nos defender de um possível ataque pela retaguarda, como julgo que se costuma chamar. E assim, todos nós, catorze ao todo, caminhámos até ao cair da noite, sem nada ver digno de realce, excepto alguns pássaros e vários animais insignificantes. Descansámos durante a

noite sob a copa de umas árvores e, de facto, mal precisávamos de abrigo nessa altura do ano, pois o calor era o único factor de inclemência com que tínhamos de lutar. Não posso deixar de dizer também que o meu velho amigo se colocou logo a seguir a mim, declarando ficar como meu protector acaso algum dos marinheiros tentasse qualquer grosseria. Posso acrescentar desde já, no entanto, que nenhum foi réu desse ou de outro tipo de afronta, para além de uma ocasional expressão menos educada, originada mais pela rudeza ou pela ignorância do que por malícia ou falta de humanidade.’

CAP. IX

Um capítulo verdadeiramente formidando, que poderá parecer incrível a quem não tenha lido muitas narrativas de viagens, e que o leitor aceitará como verídico ou não, conforme lhe apetecer. 223

‘Tínhamos caminhado algum tempo no dia seguinte, quando um dos marinheiros gritou *ter avistado uma torre à nossa esquerda*; um segundo, olhando na mesma direcção, disse que via a torre mover-se, e era verdade que se dirigia para nós. Descobrimos pouco depois tratar-se de um animal de grande porte, parecido com os elefantes, mas tão colossal que estava para um desses proboscídeos na mesma proporção em que uma lagosta está para um caranguejo. A aproximação do mastodonte encheu-nos de terror. Por minha parte, sentia mais medo do que nas duas tempestades pois temia menos ser tragada pelo cruel oceano do que ser devorada por este monstro, o qual, com voz correspondente ao respectivo volume, enchia agora a floresta com os seus urros. Era impossível fugir-lhe e nem sequer os nossos homens tiveram muito tempo para ponderar os meios a usar para nos defendermos. Os dois mosqueteiros resolveram, pois, de imediato, atirar uma descarga à cabeça da criatura, contra o olho esquerdo e o olho direito, respectivamente. Com tão notável sucesso o fizeram, que ela ficou privada da vista, tendo as balas, afortunadamente, acertado em cheio no alvo. Este episódio teve para nós um fim feliz, até porque cada alvo, isto é: cada olho do animal, tinha as dimensões de uma sala grande e permitia um disparo seguro. O monstro, que berrava agora ainda mais alto do que antes, com a angústia do sofrimento tombou no chão. O meu amigo tentou persuadir o resto da companhia a afastar-se o mais depressa possível, não fosse aparecerem mais animais da mesma espécie em auxílio do companheiro ferido, o que nos podia ser fatal.

A curiosidade dos marinheiros, porém, era insaciável, jurando que haviam de chegar junto do bicho, para o verem bem. Com efeito, pensavam tê-lo ferido mortalmente; mas, na realidade, o próprio *castelo de Windsor*, cujo tamanho e configuração não deviam ser muito diferentes, teria ficado em perigo maior, se atingido por um tiro de mosquete, do que a nossa avantesma em risco de morrer com idêntico ataque. Quase me arrepio ao lembrar-me do que vou contar a seguir: algo que, sem dúvida, considero o mais eloquente exemplo de intrepidez passível de registo, mesmo entre os nossos homens do mar, justamente conhecidos por tal qualidade. Então aí vai, em breves palavras: um dos mosqueteiros aproximou-se do ogre enquanto este estava espolinhado no solo e, vendo a boca dele aberta, entrou e desceu directamente pela garganta. Não houvesse comunicado a sua intenção aos que estavam perto e teríamos concluído ter sido engolido; mas, seja como for, pensámos que ele pouco melhor era do que um *felo de se*, e pusemos de parte toda a esperança de o voltar a ver.²²⁴ Até que, subitamente, ouvimos o som cavo de um tiro de mosquete, como que a grande distância. Um dos marinheiros declarou ter esse som vindo de dentro do animal; mal acabava de o dizer, um rio de sangue começou a jorrar da boca do bicho e, pouco depois, o bravo marinheiro ressurgiu por outra saída, que peço desculpa de não nomear. Informou-nos que encostara o mosquete ao coração do mostrengo, tendo disparado dois tiros que cumpriram a sua missão; e, com efeito, o estafermo estava absolutamente morto.

Logo que o sangue cessou de lhe escorrer da boca, o nosso grupo marchou, bem alinhado, e entrou no respectivo corpo, mas a mim é que ninguém conseguiu convencer a fazer o mesmo. Ou porque a marcha fosse indecorosa (o mastodonte era do sexo masculino), ou porque receasse manchar de sangue as roupas, ou porque outra circunstância me provocasse aversão, não sei com rigor determinar, o certo é que tal relutância prevaleceu.²²⁵ Dois dos nossos homens, a muito custo, trouxeram para fora o coração. Um pequeno pedaço foi grelhado; mas a carne, muito mais rija do que a pescocreira de vaca, não sabia bem. Antes de me despedir do monstro neste relato, não posso deixar de acrescentar que um leão inteiro foi por nós encontrado no seu bucho e cuja deglutição, devemos pois concluir, ocorrera muito pouco tempo antes.

Deixámos então a colossal criatura e, à medida que avançámos na floresta, vimos muitos animais ferozes, como leões, lobos, tigres e outros mais

comuns. Não me esquecerei de referir, porém, um grande réptil avistado no terceiro dia de marcha; na cor e na forma como uma serpente, mas tão comprido que se estendia por um quarto de milha. Comprimento aliás desproporcionado em relação à largura, não superior ao tamanho de um boi médio multiplicado por seis. Esta serpente ter-nos ia certamente molestado; mas, embora resfolegando quando lhe passámos perto, felizmente manteve-se adormecida, com os olhos fechados, e não nos viu. Nesse dia matámos uma ave algo parecida com uma cotovia, se bem que muito maior, com um peso por nós estimado em cerca de duzentos quilos. Para o jantar preparámos parte de uma asa; e o seu sabor era tão agradável que eu, pela primeira vez desde há muito tempo, comi com grande apetite.

Na manhã seguinte avistámos uma pequena fogueira não muito longe do sítio onde nos encontrávamos e depreendemos dever existir nas imediações alguma habitação humana; mas, ao chegar perto, deparámos com uma bela ave acabada de expirar nas chamas. Era nada menos do que a celebrada *fénix*, tão falada e tão pouco vista. Não consentimos que tal raridade desaparecesse carbonizada e tirámo-la para dela provar, num prato do maior requinte. Primeiro arrancámo-lhe as penas e depois grelhámo-la; mas verificámos ser a carne nada deliciosa e até altamente desagradável. O capitão ordenou depois que voltássemos a atirá-la à fogueira, de modo a poder seguir o seu próprio método de propagação da espécie.

A nossa carne de porco estava agora esgotada e já nada sobrava para nos alimentarmos além dos restos da cotovia, que realmente podiam dar para um mês, se conseguíssemos evitar a sua deterioração; mas como não tínhamos sal, o extremo calor da região em breve os tornaria insuportáveis no cheiro e no sabor. Foi a altura de o espectro da morte assumir uma imagem mais horrenda do que das vezes anteriores e percermos de fome parecia-nos agora inevitável. As nossas munições haviam chegado ao fim e não podíamos ter veleidades quanto à probabilidade de encontrar vestígios de qualquer criatura humana. E se alguma encontrássemos, receávamos bem que constituísse um perigo para nós e não apoio ou consolação.

Tínhamos andado dois dias ao todo sem quaisquer provisões, quando, saindo de um bosque, vimos à nossa frente algo semelhante ao famoso *Stonehenge* de *Wiltshire* e que fazia de canteiro de abóboras; mas cada uma destas era tão volumosa que teria dado alimento para mais de dois meses. Com algumas ferramentas transportadas connosco escavámos a polpa e a

seguir descemos ao seu interior, assim nos resguardando do calor insuportável. Como alimento, não era saborosa nem alimentícia; de maneira que não nos demorámos por ali e caminhámos até chegar ao sopé de uma colina alta e íngreme. Estava tão debilitada por causa da caminhada, do intenso calor e da fome, que tive de me deitar no chão, declarando não poder continuar. Um dos marinheiros subiu agilmente a colina e, com a ajuda de uma espécie de megafone informou-nos de que lobrigara uma cidade um pouco mais adiante. A notícia animou-me e deu-me a força e a coragem necessárias para, com a ajuda do meu velho amigo e de outro companheiro, nos quais me apoiava, alcançar o cimo da colina. Mas uma vez aí chegada, sentia-me de tal modo enfraquecida que não me aguentava mais de pé e de novo fui forçada a deitar-me no solo. Tão-pouco me conseguiram persuadir a tentar descer a outra encosta, ao longo de um vale repleto de mato, até à planície no limite da qual sem dúvida se distinguiam umas casas, mas muito mais longe do que o marinheiro garantira. A pequena distância, como ele lhe chamara, parecia-me a mim umas boas vinte milhas, tudo para mais e não para menos.’

CAP. X

Em que ocorrem assombrosos incidentes.

‘Declarou o capitão que seguiria sem demora até à cidade, resolução secundada por todo o grupo; mas não sendo possível convencerem-me a acompanhá-los e não estando mesmo em condições de dar mais um passo, o meu velho amigo garantiu que não me deixaria e me serviria de sentinela. Depois de repousar um pouco, talvez eu pudesse ir até à cidade, que ele me acompanharia; e entretanto o capitão não prosseguiria viagem sem todo o grupo estar reunido.

Mal haviam partido (não sem antes agradecerem ao meu protector por se encarregar de me guardar), conciliei o sono, que de imediato me fechou os olhos e me teria provavelmente retido nos seus tranquilos domínios se não fosse uma leve pressão da mão do meu guarda. A princípio julguei tratar-se de aviso pela perigosa aproximação de um animal feroz; mas logo me apercebi ser outro e mais brando o motivo. De facto, o meu gentil admirador era o único animal feroz que tinha a recear.

Começou ele então a expôr a sua paixão nos termos mais veementes e, até, com um arrebatamento superior ao dos meus amadores precedentes; mas ainda sem qualquer recurso à força. Por meu lado protestei com mais acerbas rejeições do que antes, exceptuando a situação com aquele vilão do *Wild*. Disse-lhe que ele era o mais vil e traiçoeiro dos malandros; o facto de ter disfarçado os seus iníquos projectos com aparente virtude e amizade só os tornava mais horrendos; que, entre todos os homens, era ele quem eu mais detestava e, se forçada a prostituir-me, nunca ele usaria as ruínas da minha honra. Não quis o indivíduo continuar a suportar a linguagem da minha indignação, mas limitou-se a mudar de método; da lisonja passou à tentativa de suborno. Do interior do colete tirou várias jóias que, disse, tinha preservado, apesar dos maiores perigos, para uma situação de grande felicidade, caso eu pudesse ser conquistada por elas. Rejeitei-as com grande repulsa e por diversas vezes, até que, ao reparar, mais por acidente do que intenção, num colar de diamantes, me perpassou no espírito um pensamento, rápido como um relâmpago: era este, precisamente, o colar vendido ao maldito conde, causa de todos os nossos infortúnios. A confusão de ideias em que a surpresa me lançou impediu-me de atentar bem no patife à minha frente. A memória, porém, logo me ajudou a perceber não poder ele ser outro senão o próprio conde, o maligno instrumento da velhacaria de *Wild*. Bom Deus, como fiquei nessa altura! Como poderei descrever o tumulto de paixões que me invadiram! Todavia, não sendo felizmente a minha identidade conhecida dele, não era possível suspeitar os meus pensamentos. O interesse com que olhei as jóias imputou-o ele a uma causa absolutamente errada e, com base no erro, esforçou-se por refinar as suas expressões de sedutor. Os meus temores acalmaram um pouco e decidi mostrar-me muito liberal nas promessas; esperava convencê-lo tão completamente da minha venalidade, que o levasse a esperar, sem qualquer hesitação, pelo regresso do capitão e dos marinheiros. Os quais, tinha a certeza, não só me manteriam a salvo da sua violência, mas também o obrigariam a restituir aquilo que fora por ele tão cruelmente roubado. Mas, ai de mim! Estava bem equivocada! Percebendo novos sinais de inquietação no rosto do marido, a Sr^a. *Heartfree* apressou-se a dizer: ‘Meu querido, nada receies. Mas, para acabar o mais depressa possível com a tua ansiedade: quando ele percebeu que eu declinava as suas calorosas abordagens, mudou imediatamente de tom e, com um rosto e uma voz muito diferentes dos até aí ostentados, jurou que eu não o

ludibriaria como fizera com o capitão. A Fortuna tinha-lhe amavelmente dado uma oportunidade que estava decidido a não perder estupidamente; e concluiu, com uma bruta praga, dizendo que me possuiria nesse mesmo momento e que avaliasse eu bem o resultado de qualquer resistência. Tomou-me então nos braços e fez tão grosseiras tentativas que eu gritei com quantas forças tinha, embora quase não me restassem esperanças de ser salva. Eis senão quando, de uma moita, surgiu uma criatura. À primeira vista e na agitação em que me encontrava, não me pareceu um homem; mas, se fosse o mais feroz dos animais, eu teria ficado plenamente satisfeita que nos devorasse a ambos. Mal me apercebi que o recém-chegado tinha nas mãos um mosquete e, logo depois, uma pancada com essa arma fez tombar o violador à minha frente. O indivíduo avançou então para mim, com ar gentil, dizendo-me em *francês* estar muito feliz por a sorte lhe ter permitido socorrer-me. Estava nu, excepto no meio do corpo e nos pés, se é que posso chamar corpo a algo coberto de pelo como qualquer outro animal. De facto, a sua aparência era tão repelente a meus olhos que o comportamento amistoso e até cortês demonstrado não conseguiu inteiramente afastar o horror em mim causado pela sua figura. Creio que ele o percebeu claramente pois rogou-me que não me assustasse; fosse qual fosse o acidente que ali me tivesse trazido, eu tinha razão para dar graças a Deus por o encontrar, disse-me, pois podia estar segura de que receberia dele toda a civilidade e protecção. No meio da consternação, tive a necessária presença de espírito para agarrar o cofre das jóias que o vilão largara ao cair, e o enfiar no bolso antes de ele voltar a si.²²⁶ O meu salvador notou em seguida que eu estava extremamente fraca e pálida, aconselhando-me a descansar na sua pequena cabana, que ficava próximo. Mesmo que tivesse sido menos cortês e correcto, a situação desesperada por que eu passara devia ter-me dado confiança nele. Decerto não tinha outra alternativa a não ser confiar neste homem que, apesar do seu exterior selvagem, expressava tanta dedicação ao meu serviço. Isso era sem dúvida melhor do que ficar sozinha com alguém cuja falsidade já estava mais do que provada. Deixei-me, portanto, guiar pelo indivíduo, embora fosse de lágrimas nos olhos, pedindo-lhe compaixão pela minha inocência, que estava absolutamente à sua mercê. Disse ele que o tratamento por mim recebido e por ele testemunhado, da parte de alguém que tinha quebrado o vínculo de lealdade para comigo, justificava bem a minha suspeição. Mas pediu-me que enxugasse os olhos e logo me convenceria de

que estava agora na companhia de um homem com diferentes sentimentos. O tom afável com que estas palavras foram ditas confortou-me; e isso, juntamente com a circunstância de ter recuperado as jóias por acidente, pareceu-me fortemente revelador da disposição favorável da Providência.

Caminhámos, pois, para a sua cabana, ou antes: para a sua gruta. Era, de facto, uma habitação debaixo da terra, na encosta de um monte, com uma situação muito aprazível. Da entrada abarcava-se uma vasta planície e a cidade já antes avistada. Logo que transpusemos o limiar, convidou-me a sentar-me num pequeno banco de turfa, que fazia as vezes de cadeira, e pôs à minha frente alguns frutos, produto selvagem do país, dos quais um ou dois tinham excelente sabor. Do mesmo modo me apresentou um prato de carne estufada, cujo sabor não diferia muito da do veado. Trouxe depois uma garrafa de aguardente que, segundo disse, conservava intacta desde o início da sua estada ali, havia mais de trinta anos, como um cordial em caso de doença, sem jamais ter tido, felizmente, necessidade de a abrir. Informou-me a seguir de que era um heremita, náufrago e lançado para a costa daquela região com sua mulher, que muito amava mas cuja morte, entretanto, não pudera evitar. Por tal facto, acrescentou, resolvera nunca regressar a *França*, seu país natal, dedicando-se à oração e a uma vida de santificação, depositando todas as esperanças de voltar a ver a sua querida e virtuosa mulher nos céus, onde, estava convicto, ela intercedia agora por ele. Que tinha dado um relógio ao rei do país, pessoa muito justa e bondosa, em troca de uma arma de fogo, pólvora e outros apetrechos de caça; dessa maneira podia, de vez em quando, arranjar comida, mas, mais geralmente, defender-se dos animais ferozes, sendo ele basicamente vegetariano. Muitas mais coisas me contou que oportunamente referirei. Mas, para manter agora a minha história o mais concisa possível, direi só que me confortou grandemente ao prometer, por fim, que havia de me levar a um porto onde eu poderia ver alguns navios do comércio de escravos e tentar regressar a tudo o que mais amava, embora para tal tivesse de viajar de novo por mar, o que já tanto me fizera sofrer.

O perfil dominante que traçou dos habitantes da cidade à nossa frente tornou-me mais desejosa de a visitar, até porque queria muito reencontrar o capitão e os marinheiros, tão atenciosos comigo. Ficaria muito mais à vontade com eles do que sozinha com um homem, apesar de toda a consideração que o heremita mostrava por mim. Este, porém, dissuadiu-me de empreender tão grande caminhada até ter retemperado o espírito com suficiente repouso

no banco de turfa. Ele retirar-se-ia, disse, para o exterior da gruta, ficando lá fora a guardar-me. Aceitei esta amável proposta, mas muito tempo passou até dormir um pouco. Finalmente o cansaço foi mais forte que os meus receios e gozei várias horas de sono. Ao acordar, encontrei a minha fiel sentinela no seu posto e alerta ao meu chamamento. Essa conduta aumentou a minha confiança e reexprimi a vontade de ir à cidade, pedindo-lhe que me acompanhasse, respondendo ele ser melhor comer alguma coisa antes de me pôr a caminho, muito mais extenso do que parecia. Consenti e ele trouxe-me uma variedade de frutos ainda maior que da primeira vez, tendo eu comido em abundância. Renovei, depois, o meu desejo de partir. Ele, porém, insistiu na tentativa de me dissuadir, argumentando que eu não estava ainda suficientemente forte, que em parte alguma descansaria em maior segurança do que na gruta; e que, por seu lado, não podia ter maior felicidade do que servir-me, acrescentando, com um suspiro, ser tal essa felicidade que a invejaria a qualquer outro, mais do que todas as dádivas da Fortuna. Como imaginam, começava a ter, agora, as minhas suspeitas; mas daí a pouco ele não deixaria margem para dúvidas ao lançar-se a meus pés, manifestando a maior paixão por mim. Eu teria sucumbido de desespero, se ele não houvesse acompanhado as suas declarações com os mais veementes protestos de que nunca me solicitaria para uma atitude amorosa que não fosse da maneira mais delicada. Que preferia morrer da morte mais cruel, pela minha frieza, do que colher o maior prazer à custa das minhas lágrimas e da tristeza dos meus olhos que, disse, eram ‘estrelas sob cuja benigna influência, apenas, ele podia usufruir ou suportar a vida.’ Ia a Sr^a. *Heartfree* repetir outros cumprimentos que o *francês* lhe dirigira quando um alarido terrível, alarmando todo o Castelo, interrompeu a sua narração. É-me impossível dar ao leitor melhor ideia desse ruído do que pedir-lhe para imaginar-me possuidor das cem línguas que o poeta outrora desejou ter, e capaz de as utilizar todas ao mesmo tempo, vociferando, bradando, ralhando, chorando, praguejando, gritando, enfim: produzindo todos os sons ao alcance da voz humana.²²⁷

CAP. XI

Um horrendo tumulto em Newgate.

Poder-se-á, pois, fazer uma boa ideia do referido alarido; mas igualmente se concluirá ser o respectivo motivo altamente justificado ao saber-se ter o nosso herói (coro de o dizer) descoberto uma ofensa à sua honra e no ponto mais sensível; numa palavra: o caro leitor deve ficar informado (embora tal lhe cause o maior horror) de que ele surpreendeu *Fireblood* nos braços da amorosa *Laetitia*.

É normal o nobre touro, há muito acostumado a pastar entre numerosas vacas, contrair a opinião de que elas são todas propriedade sua e berrar bem alto se vir outro touro ao lado de uma delas, no seu território habitual; logo ameaça usar os cornos em vingança, até ficarem as redondezas completamente alarmadas com os seus roncões. Ruído não inferior e ameaças não menos terríveis acompanharam a fúria de *Wild*, ao ponto de provocar o pânico em todo o Castelo. Durante longo tempo essa fúria impediu a sua voz de chegar articulada aos ouvidos dos circunstantes. O mesmo se passa num dia de visitas à prisão, quando quinze, dezasseis, ou mesmo o dobro das mulheres, com as suas gargantas delicadas mas capazes de produzir estridentes sons, ejaculam todas à uma sobre os mais diversos assuntos: então tudo se torna sonoro, numa melodia certamente harmoniosa, mas não susceptível de transmitir alguma ideia definida a quem ouve. Por fim, no entanto, quando a razão do nosso herói começou a prevalecer sobre a paixão, esta retraiu-se um pouco ao ver faltar-lhe o fôlego, e os seguintes sons começaram a saltar-lhe por entre os dentes, ou antes: sobre as trincheiras das gengivas, algo desgarnecidas por mor de antiga batalha com uma *amazona* de *Drury*.²²⁸

* ‘————— HOMEM de honra!²²⁹ Um amigo, fazer uma coisa destas?! Como podia eu esperar tal quebra de todas as normas de honra, de ti, pessoa a quem ensinei a dar os primeiros passos na sua senda? Tivesses tu escolhido outra via qualquer para pôr em causa a minha confiança, podia-te ter perdoado, mas esta é uma punhalada na parte mais sensível, e a ferida resultante jamais terá cura, a ofensa causada não mais será sanada.²³⁰ Porque ela, realmente, não representa só a perda de um agradável companheiro, da afeição de uma esposa, mais querida da minha alma do que a própria vida. Não é essa perda que eu lamento; mas ela é acompanhada por desgraça e desonra. O sangue dos *Wilds*, que tem corrido com ininterrupta pureza

através de tantas gerações, está agora contaminado, poluído: daí as minhas lágrimas, daí o meu desgosto. Esta é uma afronta imperdoável e uma desonra perpétua'. 'Perpétua uma figa!', retorquiu *Fireblood*, 'Uma gaita para a sua honra! Se o malefício provocado ao seu sangue é toda a sua razão de queixa, seguramente que tal razão é nula, porque o meu sangue é tão bom como o seu.' 'Tu não fazes ideia nenhuma', replicou *Wild*, 'da sensibilidade da honra; não imaginas quão subtil e delicada ela é nos dois sexos; tão frágil que a mínima corrente de ar a destrói.' 'A partir das suas próprias palavras provaréi', redarguiu *Fireblood*, 'que não ofendi a sua honra. Não me disse tantas vezes que a honra de um homem consistia em não receber nenhum agravo de alguém do seu sexo e a de uma mulher em não acolher nenhuma amabilidade do nosso? Ora, meu caro Sr., se eu não lhe dirigi nenhum agravo, como é que afrontei a sua honra?' 'Mas não é verdade', gritou *Wild*, 'que tudo o que é da esposa pertence ao marido? Um homem casado, por conseguinte, tem a honra da mulher como coisa sua; e, ao ofenderem-na a ela, ofendem-no a ele. Como o seu delito me atinge no ponto mais melindroso e do modo mais cruel não é preciso repetir, todo o Castelo o sabe e todo o mundo o saberá. Vou recorrer à catedral de S. Paulo para me ressarcir, vou alijar toda a desonra que puder, obtendo desquite dela; ²³¹ quanto a ti, irás ouvir falar de mim em *Westminister-Hall* e ficarás a saber qual o método moderno de reparar tais quebras de confiança e de sanar esta afronta.' ²³² 'Vá para o d ————— o.', ripostou o outro, 'Não tenho medo de si, nem acredito numa única palavra sua.' 'Ora bem; se agora me ofendes directamente, a receita para tratamento adequado será outra.' E a tal réplica seguiu-se um passo em direcção a *Fireblood* e a esse passo um cascudo nas respectivas orelhas. Presente logo retribuído pelo jovem; e daí se gerou porfiada peleja, algo dificultada pelas correntes que lhes prendiam as pernas. Depois de uma troca de vários mimos entre as duas partes litigantes, alguns cavalheiros presentes intervieram para as separar. Cada uma delas aproveitou então a ocasião para segredar à outra que, se sobrevivessem à época seguinte do tribunal e escapassem à árvore fatal, exigiria satisfação em duelo. Após o que cada um se afastou e o Castelo recuperou a anterior tranquilidade.

O juiz e o marido da Sr^a. *Heartfree* pediram então a esta para concluir a sua história, o que ela fez, como se relata no próximo capítulo.

CAP. XII

Conclusão das aventuras da Sr^a. Heartfree.

‘Se não me engano, interrompi o meu relato justamente quando ia repetir alguns cumprimentos que o heremita me dirigiu.’ ‘Parece-me que não.’, interpôs o juiz, ‘Se bem me lembro, precisamente quando acabava de os repetir.’ ‘Muito bem’, aceitou ela, ‘estou certa de que a repetição nenhum prazer me dá. Bom; o heremita concluiu então a sua fala dizendo que, embora eu fosse, na sua opinião, a mulher mais encantadora do mundo e pudesse tentar um santo a deixar os caminhos da perfeição, a minha beleza lhe inspirava uma afeição demasiado delicada para que ele fosse capaz de satisfazer os seus desejos a troco da minha infelicidade. Portanto, eu nada tinha a recear se era capaz de ser tão cruel, rejeitando a sua honesta e sincera inclinação, ou incapaz de me submeter a uma vida solitária com alguém, como ele, que tudo faria para me tornar feliz. Porque eu, acrescentou, era tão livre ali como se estivesse em *França, Inglaterra*, ou noutro qualquer país liberal. Afastei a sua pretensão com o mesmo aprumo que ele me demonstrara e disse-lhe que, devotando ele tanto apreço à religião, estava convencida de que iria acabar com as solicitações ao saber que eu era casada – circunstância que, mesmo se não tivesse outras objecções, me impediria, de acordo com a minha honestidade, de o escutar. Sobressaltou-se ele um pouco ao ouvir isto e durante algum tempo ficou em silêncio; mas volvido um bocado, já refeito, começou a insistir na improbabilidade de o meu marido continuar vivo e na probabilidade contrária. Falou, depois, do casamento como medida apenas política; e, na sequência dessa opinião, apresentou vários argumentos que me dispenso de reproduzir, tornando-se absolutamente importuno. De tal modo que não sei onde a paixão o teria levado, não fora o repentino aparecimento de três marinheiros, todos eles bem armados; mal os vi, exultei com a mais íntima alegria, dizendo-lhe que os meus companheiros estavam de volta e que tinha agora de me despedir dele. Garanti-lhe que iria sempre lembrar-me, com grato reconhecimento, dos favores que lhe ficava a dever. Dando um profundo suspiro e agarrando-me a mão, ele beijou-me com um pouco mais de calor do que é costume em nações *européias*, dizendo-me que, de futuro, também iria lembrar-se da minha chegada à gruta como o último dia da sua vida.²³³ E acrescentou: ‘Quem me dera passar o resto dos meus dias na companhia de uma pessoa

cujos olhos tinham alumiado...’ Mas eu sei, caro Sr., que nós, mulheres, gostamos muito de repetir os cumprimentos recebidos e, portanto, omito o restante. Abreviando: os marinheiros já tinham chegado todos, e eu, com alguma compaixão ao ver a relutância dele em despedir-se, pude retomar então o caminho com os meus companheiros.

Poucos passos tínhamos dado, quando um deles se dirigiu assim aos outros: ‘D ————— s me levem, *Jack*, quem sabe se aquele indivíduo não tem uma boa pinga na gruta?’ Inocentemente, eu respondi que o pobre só possuía uma garrafa de aguardente. ‘Ah, sim?’, disse o marinheiro. ‘Tão certo como S. Jorge me ajudar, havemos de a provar.’ E se bem o disse, melhor o tentou fazer, com todos atrás, eu própria inclusive. Encontrámos o coitado no chão, prostrado e dando todos os sinais de desespero e lamentação. Disse-lhe eu em *francês* (língua que os marinheiros não falavam) ao que vinham os meus companheiros. Ele apontou a garrafa, dizendo que se servissem à vontade e de tudo o mais que tinha, acrescentando não se lhe dar se lhe roubassem também a vida. Os marinheiros passaram busca a toda a gruta e, não vendo nada que achassem valer a pena levar, apenas pegaram na garrafa, imediatamente consumindo o conteúdo, sem me oferecerem uma gota, e seguiram em direcção à cidade.

Enquanto caminhávamos, observei um a segredar para outro e olhando fixamente para mim, o que me causou mal-estar. O outro, porém, respondeu: ‘Não, d ————— s me levem, o capitão nunca nos perdoaria. Além disso, não nos faltam mulheres de côr e, a mim, tanto me faz, uma côr ou outra.’ Isto foi suficiente para me reavivar os receios; mas mais nenhuma conversa do mesmo género escutei até entrarmos na cidade, onde, depois de seis horas de marcha, cheguei em segurança.’

‘Quando o capitão me viu, perguntou-me o que acontecera ao meu amigo, referindo-se ao patife do conde. Quando lhe disse o que se passara, congratulou-me vivamente pelo meu salvamento e, exprimindo a maior repulsa por tal vileza, jurou que se o encontrasse lhe cortaria o pescoço. Mas ambos admitimos que teria morrido do golpe desferido pelo heremita.’

‘Momentos depois era apresentada ao Presidente do Conselho da cidade, magistrado principal do país, que estava desejoso de me ver. Dou-vos uma breve descrição dele. Era escolhido (conforme o costume da terra) pela sua superior coragem e prudência. O seu poder, durante o mandato, é em tudo absoluto; mas, ao primeiro desvio da equidade e da justiça, pode-lhe ser

retirado, seguindo-se um castigo deliberado pela população, cuja assembleia de anciãos se reúne uma vez por ano para apreciar o seu desempenho. Além do perigo a que estas apreciações o expõem, por serem muito severas, as respectivas funções são tão exigentes e trabalhosas que nada, excepto o irresistível amor ao poder, tão predominante no espírito do homem, as pode tornar objecto de desejo; ele é, de facto, o único escravo da população do país.²³⁴ Em tempos de paz é obrigado a ouvir as queixas de todo e qualquer habitante dos seus domínios e fazer-lhe justiça. Em ordem a esse objectivo, cada um pode pedir uma audiência, menos na hora reservada ao jantar do magistrado. Durante a refeição, ele senta-se sozinho à mesa e é servido, da maneira mais pública possível, com uma cerimónia que excede o habitual em países *européus*. Isto está assim estabelecido para criar temor e respeito por ele entre os comuns; porém, para não ganhar um conceito demasiado elevado sobre si próprio e manter uma atitude humilde, recebe no posterior um discreto pontapé, administrado por um bedel, todas as noites em privado. Além disso, traz no nariz um anel, algo parecido com o que nós pomos na orelha dos porcos, e uma corrente à volta do pescoço, não muito diferente da usada pelos nossos vereadores; adornos que suponho terem valor emblemático mas cuja relação entre forma e significado não me foi explicada. Há neste povo muito mais particularidades que oportunamente poderei descrever. No dia seguinte após o meu regresso da corte, um dos seus altos funcionários, a quem chamam SCHACH PIMPACH,²³⁵ acompanhou-me e, através de um intérprete *francês*, informou-me de que o Presidente do Conselho revelara gostar de mim, propondo-me um enorme presente caso eu me dispusesse a gozar a minha pessoa (expressão, ao que parece, usada correntemente para relações sexuais). Rejeitei o presente e nunca mais fui alvo de solicitação semelhante; como não é vergonha no país as mulheres acederem à primeira proposta, assim também nunca recebem uma segunda.

Já estava na cidade havia uma semana, quando o capitão me disse saber de uma quantidade de escravos, cativos de guerra, prestes a seguir para um porto de mar a fim de serem vendidos a mercadores que os voltariam a vender na *América*. E que, se eu quisesse aproveitar a ocasião, podia arranjar um lugar no mesmo barco, para fazer a viagem até ao continente americano, regressando depois a *Inglaterra*. Disse-me também que ele próprio faria isso e eu prontamente concordei em acompanhá-lo. Avisado da nossa intenção, o Presidente do Conselho da cidade mandou-nos chamar à corte. Sem uma

única palavra sugestiva de qualquer proposta amorosa, ofereceu-me uma riquíssima jóia, menos valiosa, comentou ele, do que a minha castidade; depois despediu-se, recomendando-me à protecção de DEUS e oferecendo-nos uma enorme quantidade de provisões para a viagem.

Deram-nos mulas para nos transportarmos e levarmos os nossos haveres e em nove dias alcançámos o porto, no qual encontrámos um navio *inglês* pronto para nos receber a nós e aos escravos. Subimos a bordo e, no dia seguinte, viajámos com vento favorável para *Nova Inglaterra*, onde esperava obter imediata passagem para a *Velha Albion*. A Providência, contudo, foi-nos mais propícia do que eu esperava. No terceiro dia da viagem, encontrámos um vaso de guerra *inglês* de regresso ao nosso país, e o respectivo capitão, pessoa de excelente índole, prontificou-se a levar-me. Assim, despedi-me do meu velho amigo, comandante do navio naufragado, que prosseguiu viagem até *Nova Inglaterra*, e daí partiria para a *Jamaica*, onde viviam os seus armadores. Fui tratada com grande consideração, tinha uma pequena cabina só para mim e jantava todas as noites à mesa do capitão, homem realmente muito galante. Começou ele por me exprimir a sua afeição; mas ao ver-me absolutamente inflexível na resolução de preservar a minha integridade para o melhor dos maridos, arrefeceu nas suas atitudes, passando em breve a ter um comportamento que muito me agradou, apenas me manifestando alguma deferência em função do meu sexo, o que, a todas nós, mulheres, é sempre agradável.

Para concluir a minha história, direi ainda que nenhuma aventura então vivi, digna de qualquer menção, até desembarcar em *Gravesend*, de onde o capitão me trouxe no seu próprio barco, até à Torre de *Londres*. Uma mera hora depois, conseguíamos finalmente o nosso reencontro. Apesar de todos os terríveis receios iniciais, espero que, com a ajuda do melhor dos homens, que DEUS tenha sempre à sua guarda, possamos agora voltar à minha antiga felicidade; assim comprovando, mais uma vez e de forma inequívoca, uma verdade de que nunca me esqueço: MAIS CEDO OU MAIS TARDE, A PROVIDÊNCIA RECOMPENSARÁ COM A FELICIDADE OS VIRTUOSOS E INOCENTES.’

Assim concluiu a Sr^a. *Heartfree* o seu discurso, já depois de ter entregue ao marido as jóias roubadas pelo conde e a oferecida pelo Presidente *africano*, esta de imenso valor. O magistrado, homem digno e de sensibilidade, ficou comovido com a narrativa, tanto pelos sofrimentos da narradora como pelos

do marido, estes também involuntariamente agravados pela sua própria intervenção. Muito satisfeito pelas acções empreendidas para salvar *Heartfree*, prometeu ainda tentar obter, com o máximo empenho, o perdão total da sentença e não só das culpas, agora comprovadamente imputáveis a uma bárbara e falsa acusação.

CAP. XIII

A história regressa à contemplação da GRANDEZA.

A relação agora concluída já nos afastou por demasiado tempo da atenção merecida pelo nosso herói, que diariamente deu as mais exaltadas provas de GRANDEZA no aliciamento dos *cavalheiros-de-indústria* e na extorsão de dinheiro aos devedores. Os primeiros tinham-se tornado ultimamente tão importantes na sua GRANDEZA, isto é: tão corruptos na sua moral, que falavam com o maior desprezo daquilo a que a gente comum chama *honestidade*. As personagens mais conceituadas entre eles eram os larápios apelidados em linguagem mais verdadeira de *saca-notas*;²³⁶ e as mais dignas de censura aquelas a quem faltava destreza na actividade a que se dedicavam. Quanto a virtude, bondade e outras qualidades que tais, eram alvo de troça e divertimento; e *Newgate* em peso era um bando de *cavalheiros-de-indústria*. Cada elemento ali presente se sentia desejoso de larapiar o bolso do próximo e estava ciente de que o vizinho do lado desejava a mesma coisa e estava pronto a satisfazer o desejo à mínima oportunidade. De modo que (e isto é quase incrível) grandes actos de patifaria eram cometidos quotidianamente tanto dentro como fora das paredes de *Newgate*.

A glória resultante das acções de *Wild* provavelmente contribuiu para acirrar contra ele a inveja dos seus inimigos. O dia do julgamento aproximava-se; e para o efeito se foi preparando, tal como *Sócrates* fizera em relação ao seu. Não numa base frágil e frívola, como a utilizada pelo filósofo; paciência e resignação não tinham, para o nosso herói, qualquer cabimento.²³⁷ Recorreu, sim, a considerável número de falsas testemunhas. Em todo o caso, como o êxito nem sempre é proporcional à prudência de quem o procura, assim também nós nos sentimos humilhados ao relatar que *Wild*, apesar da maior cautela e da mais avisada política, foi considerado culpado e condenado à morte. Tendo em conta não só os GRANDES HOMENS

que a sofreram, mas também o número mais vasto daqueles cuja honra maior foi merecê-la, não podemos propriamente classificar essa morte a não ser com o termo *digna*. De facto, até mesmo muitos dos que a ela infelizmente escaparam, parecem ter trabalhado em vão para tal fim, que a Fortuna, por razões só dela conhecidas, achou melhor negar-lhes. Sem mais intróitos, portanto: o nosso herói foi sentenciado à *forca*. Qualquer que fosse o seu destino, no entanto, podia consolar-se por ter perpetrado

— *nec Judicis ira, nec ignis,*
Nec poterit ferrum, nec edax abolere vetustas. ²³⁸

Por minha parte, admito considerar esta morte por *enforcamento* tão adequada a um *herói* como outra qualquer; e solenemente declaro que houvesse *Alexandre o Grande* sido enforcado, em nada teria diminuído o meu respeito pela sua memória. Desde que um herói tenha executado em vida suficiente quantidade de malefícios; desde que ele seja clara e sinceramente amaldiçoado pela viúva, pelo órfão, pelo pobre e pelo oprimido (únicas recompensas da GRANDEZA, ou seja: da actividade como *cavalheiro-de-indústria*), julgo pouco importar a natureza da morte que lhe cabe.²³⁹ Pode ser o cutelo, a corda, a espada. Tais designações subsistirão sem dúvida para todo o sempre, garantindo fama a quem tão gloriosa e afanosamente a cobiçou. Porque, de acordo com o nosso GRANDE poeta dramático:

Não sobrevive a fama mais aos bons que aos maus feitos
E o ávido jovem que a cúpula d' Éfeso incendiou
Em renome excede o visionário que a projectou. ²⁴⁰

O nosso herói suspeitava agora que a malícia dos inimigos o subjugaria. Por consequência agarrou-se a essa vera consolação da GRANDEZA quando em estado de aflição, uma *garrafa*. Por meio da qual se sentiu capaz de arrenegar, praguejar, ameaçar, desafiar o destino. Consolações de outro género não teve, realmente, muitas; nem um só amigo veio vê-lo. A mulher, cujo julgamento fora adiado para a época seguinte, apenas o visitou uma vez e, mesmo assim, incomodou-o, atormentou-o e censurou-o tão cruelmente, que ele proibiu o guarda de a deixar voltar a entrar na cela. O capelão de *Newgate* avistou-se frequentes vezes com ele e certamente a nossa história ganharia outro lustro se pudéssemos registar tudo quanto o bom homem

disse nessas entrevistas. Infelizmente, apenas conseguimos obter o teor de uma delas, passada ao papel pelo Sr. *Wild* pouco depois de concluída. Por isso a transcrevemos exactamente na mesma forma e com as mesmas palavras em que chegou até nós; não podemos, na verdade, deixar de a ter por uma das peças mais interessantes que a história, antiga ou moderna, jamais conservou.

CAP. XIV

Diálogo entre o capelão de Newgate e o Sr. Jonathan Wild, o Grande; no qual a morte, a imortalidade e outros graves assuntos são tratados pelo primeiro de modo mui erudito. ²⁴¹

Capelão — Bom dia, meu amigo; espero que tenha descansado bem esta noite.

Jonathan — Esta noite foi infernal, caro Senhor. Foi um pesadelo pegado, por causa do enforcamento; mal consegui dormir.

Capelão — Ora, ora. Devia estar mais resignado. Era bom que aproveitasse melhor as instruções que procurei dar-lhe, particularmente no Domingo passado, atentando sobretudo nas palavras: *Os que fazem o mal serão consumidos por fogo eterno, preparado para o demónio e os seus amigos.* ²⁴² Em primeiro lugar, veja o que significa FOGO ETERNO; em segundo lugar, quem eram O DEMÓNIO E OS SEUS AMIGOS. Depois eu continuarei a tirar algumas conclusões da passagem no seu conjunto. Uma delas, posso estar redondamente enganado mas julgo que não, aplica-se directamente a si. Pelo menos procurei convencê-lo disso: o Sr. é um desses ANJÉLICOS AMIGOS e, conseqüentemente, deve esperar FOGO ETERNO como herança no outro mundo.

Jonathan — Francamente, *doutor*, lembro-me muito mal das suas conclusões; a verdade é que adormeci pouco depois de me ter indicado o seu texto. Mas prègou essa doutrina na altura ou repete-a agora para me confortar?

Capelão — Faça-o para que tenha uma verdadeira noção dos seus múltiplos pecados e, desse modo, se venha a arrepender. Tivesse eu a eloquência de *Cícero*, ou de *Túlio*, ela não seria suficiente, aliás, para descrever os sofrimentos do inferno ou as alegrias do céu. ²⁴³ O máximo que sabemos é *que o ouvido não ouviu, nem o coração pode conceber.* ²⁴⁴ Quem é que, na mira das riquezas e dos prazeres deste mundo, abdica de tão

inestimável felicidade? Que alegrias! Que prazeres! Que delícias! Quem correrá o risco de perder tais venturas? Só de o pensar fica a compreensão humana chocada! Quem, no seu juízo todo, preferirá a infelicidade à felicidade?

Jonathan — Ah, pois! Sim, quem? Garanto-lhe, *doutor*, preferia mil vezes ser feliz a ser infeliz. Mas *****

Capelão — Nada pode ser mais claro. São *****

Jonathan — ***** Uma vez convencido
***** nenhum homem *****
vive de ***** enquanto o clero, seguramente, *****
oportunidade ***** mais bem informado *****
todos os tipos de vícios *****

Capelão — ** são ***** ateu. **** Deísta ***** Ari ***** ciniano²⁴⁵
***** enforcado ***** queimado ***** sado *****
***** Diab ***** o seu ***** fogo do – ferno **** terna da ** ção.

Jonathan — O Sr. ***** põe-me louco de medo. Mas o seu ***** é, tenho a certeza, mais misericordioso que o seu ***** . Se eu fosse a crer em tudo o que diz, seguramente morria num estado de horror inexprimível.

Capelão — O desespero é pecaminoso. Devia pôr as suas esperanças no arrependimento e nas Graças de Deus. Embora seja bem verdade que está em perigo de condenação, há ainda margem para a misericórdia divina e nenhum homem, excepto se excomungado, está privado de esperanças de reabilitação.

Jonathan — Ainda não deixei de ter esperanças de ser salvo da forca: possuo muitas boas relações. Mas se não o conseguir, não é o Sr. que me vai assustar ao ponto de eu perder a coragem; não vou morrer como um pobre alcoviteiro. D ————— s me levem! O que é a morte? Nada mais do que um encontro com os *Platões*, os *Césares*, como o poeta diz, e com todos os outros grandes heróis da Antiguidade. ²⁴⁶

Capelão — Bom, bom! Isso pode ser uma verdade. Mas a vida, apesar de tudo, é bem doce e eu preferia viver até à eternidade a ir para a companhia desses pagãos, que estão, tenho a certeza absoluta, no inferno, com o diabo e os seus amigos. Por muito pouco que pareça recluir essa situação, pode vir a encontrar-se nela quando menos espera. E, então, para que servirão os seus sarcasmos e desprantes, as suas gabarolices e jactâncias? Mais depressa pagará para que lhe dêem uma gota de água do que jamais pagou por uma garrafa de vinho.

Jonathan — É verdade, *doutor*, bem pensado. O que diz a uma garrafa de vinho?

Capelão — Não bebo com um ateu. Se a tal acesse, receio bem que o diabo nos viesse fazer companhia. É que ele sabe que o Sr. é seu apaniguado e pode estar ansioso de cobrar o que lhe é devido.

Jonathan — É sua obrigação beber com os pecadores, para os emendar.

Capelão — Não creio conseguir esse objectivo, e por isso confio-o ao diabo, que está pronto a recebê-lo.

Jonathan — O Sr. tem menos compaixão por mim, *doutor*, do que o juiz. Ele encomendou a minha alma aos céus; e a si cabe mostrar-me o caminho até lá.

Capelão — Não: os portões do céu estão fechados para todos os detractores do clero. ²⁴⁷

Jonathan — Eu apenas desconsidero os perversos, se os há, o que não o afecta a si; se o mérito fosse o único critério de promoção na Igreja, o Sr. já há muito que era bispo. Uma pessoa até fica indignada ao ver alguém com o seu saber e as suas vastas capacidades obrigado a exercê-las numa esfera inferior, quando tantos, menos aptos, nadam em dinheiro e são muito mais favorecidos.

Capelão — Bem, há que admiti-lo, existem pecadores em todas as ordens de mortais; mas não se deve generalizar demasiado a censura. Tenho de confessar que uma promoção estava nas minhas expectativas, mas aprendi a ter paciência e resignação. Aconselhava-lhe a mesma disposição; se conseguir mantê-la, estou certo de que encontrará mercê divina. Mais: garanto-lhe que a obterá. É verdade que o Sr. é um pecador, mas os seus crimes não são dos mais nefandos. Não é assassino nem cometeu nenhum sacrilégio. E se é culpado de roubo, pode resgatar-se através do sofrimento, o que muitos conseguem. É, de facto, uma felicidade para aqueles cujos pecados são postos a descoberto, serem julgados e exemplarmente punidos neste mundo. Em vez, portanto, de se revoltar contra o destino quando chegar à força, deve exultar e regozijar-se com isso. A bem dizer, pergunto-me se, para um homem sensato, não se torna mais digna de inveja do que de piedade a catástrofe de alguém morto na força. Nada é tão pecaminoso como o pecado e o assassínio é o pior dos pecados; donde se conclui que quem quer que cometa um assassínio se deve considerar muito feliz por sofrer em conformidade; e se, por conseguinte, uma pessoa que pratica um assassínio é tão feliz ao morrer em resultado disso, muito mais favorável é o seu caso, em que os crimes são menores.

Jonathan — Tudo o que diz é bem verdade; mas vamos buscar uma garrafa de vinho para nos levantar o moral.

Capelão — Porquê vinho? Deixe-me dizer-lhe, Sr. *Wild*, nada é tão ilusório como o ânimo obtido através da bebida. Se quer beber, bebamos então uma taça de *ponche*. Prefiro licor a vinho, porque em parte nenhuma das Escrituras é posto em causa e é mais saudável para o sistema urinário, de que eu tenho gravemente sofrido.

Jonathan (depois de mandar vir o *ponche*) — Peço-lhe desculpa, *doutor*, devia-me ter lembrado de que o *ponche* era a sua bebida favorita. Julgo que nunca toca numa garrafa de vinho enquanto há um resto de *ponche* na mesa.

Capelão — Devo reconhecer que o *ponche* é o meu licor preferido, tanto pelos motivos já avançados como por uma outra razão, nomeadamente prestar-se a ser bebido de um TRAGO. Confesso que fiquei um tanto ressentido consigo por ter sugerido vinho, pois julguei que conhecia os meus gostos.

Jonathan — Tem razão; e vou beber uma taça cheia com os votos de que chegue depressa a bispo.

Capelão — E eu beberei uma taça tão cheia como a sua, com votos de que a sua pena seja comutada. Vá, não desespere. Ainda há bastante tempo para pensar em morrer, tem bons amigos, que podem interceder por si e provavelmente resolver as coisas a contento. Conheci muitos indivíduos com as penas comutadas e com cadastro mais sobrecarregado.

Jonathan — Mas se acalento essas expectativas e elas saem goradas, o que será da minha alma?

Capelão — Ora, ora! Deixe lá a sua alma; isso fica a meu cuidado. Pode crer que sobre ela farei um relatório favorável. Tenho um sermão no bolso que talvez lhe faça bem ouvir. Não me gabo dos meus talentos de prêgador, até porque nenhuma pessoa se deve gabar de nenhum talento; contudo talvez não haja muitos sermões como este. Mas continuando, uma vez que não temos nada para fazer até vir o *ponche*. O meu texto é a última sequência de um só versículo: — LOUCURA dos Gregos. ²⁴⁸

A ocasião destas palavras foi, principalmente, a filosofia dos *Gregos*, que, na altura, se havia espalhado em grande parte do mundo pagão, envenenando e, por assim dizer, enchendo os seus espíritos de orgulho. De modo que nenhuma doutrina lhes parecia comparável à sua. A sabedoria dos outros podia ser muito sã e segura; mas se contrária às leis, aos costumes, às opiniões recebidas, então *fora com ela, não nos interessa*. Para os *Gregos* era LOUCURA.

Na primeira parte do meu discurso sobre estas palavras, portanto, limitar-me-ei principalmente à exposição e demonstração do grande vazio e da enorme vaidade desta filosofia, com que estes ociosos e absurdos sofistas se sentiam tão orgulhosos e inflamados. E, a propósito, farei duas coisas: exporei, primeiro, o assunto; segundo, o método desta estúpida filosofia. As primeiras coisas primeiro, ou seja: o assunto. E aqui podemos replicar, rechaçando o mundo indigno que os nossos adversários, audaciosos, nos deixaram em herança. Sim, porque esta alta questão da filosofia, estas férteis sementes de saber que tão abundante colheita de honra haviam de trazer aos seus semeadores, que tão rico haviam de tornar o solo em que se depositaram, o que eram? Um inconsistente amontoado de disparates, absurdos e contradições,

nenhum ornamento trazendo ao espírito com a sua teoria nem exibindo qualquer utilidade ao corpo com a sua prática. O que eram todos os sermões e sentenças, fábulas e moralidades de todos aqueles sábios, senão, para usar uma vez mais o termo empregue no meu texto, mera LOUCURA? Quem era o seu grande mestre *Platão* ou a sua outra grande luminária, *Aristóteles*? Meros especuladores e sofistas, ociosa e vaidosamente ligados a certas noções ridículas, só por eles próprios forjadas, e não fundadas na verdade ou na razão. As suas obras são uma estranha mistura das maiores falsidades, mal disfarçadas por uma aparência de verdade. Os seus preceitos não são tirados da natureza nem guiados pela razão: simples *ficções*, apenas servindo para esconder o descomunal horror do orgulho humano. Esperar-se-ia, porventura, que eu desse alguns exemplos dessas suas obras susceptíveis de provarem as acusações feitas; mas para isso talvez fosse indicado transcrever todas as passagens relevantes para o efeito, o que, por sua vez, significaria transcrever as obras todas, o que se tornaria difícil. Em vez de abusar, pois, da sua paciência, concluirei esta primeira rubrica com uma pequena alteração das palavras do meu texto: a filosofia dos *Gregos* era LOUCURA.

Prossigamos, agora, para o segundo ponto e consideremos o método de propagação desta doutrina simplória e vã. E aqui —

Mas então, o *ponche*, ao entrar, obrigou o capelão a interromper a leitura; e, por outro lado, não conseguimos obter do Sr. *Wild* nenhuma outra versão e continuação da entrevista.

CAP. XV

Wild ascende ao cume mais alevantado da humana GRANDEZA.

Aproximava-se o dia em que o nosso GRANDE HOMEM iria exemplificar o derradeiro e mais excelso acto da GRANDEZA própria de um verdadeiro herói. Era o dia da execução, consumação ou *apotheosis* (pois é passível de diferentes designações) que havia de dar ao nosso protagonista a oportu-

nidade de encarar a morte e a condenação aos infernos sem qualquer temor no coração ou, pelo menos, sem trair nenhum sintoma de receio no rosto. Constitui este o último acto da GRANDEZA que sinceramente se há-de desejar a todo o GRANDE HOMEM; e nada é mais lamentável do que ficar ele comprometido por uma desleixada resolução final da Fortuna. Esta porta-se, então, como um poeta preguiçoso; descuidada, conclui o quinto acto da sua peça, afastando de cena o herói por uma porta secundária e privada, depois de o ter mostrado, em todo o *drama* anterior, como actor dos mais egrégios feitos, capazes de criar, no melhor dos juízos, legítimas expectativas de um fim nobre, notório e exaltante.

Desta vez, porém, ela estava decidida a não cometer tal erro. O nosso herói era bem merecidamente seu favorito e, portanto, não corria o risco de cair no seu esquecimento durante a última fase da vida. Por isso, todos os esforços para obter a comutação da sua pena fracassaram, ficando o nome de *Wild* em primeiro lugar na lista dos condenados à morte.

A conduta dele foi verdadeiramente GRANDE e admirável desde o momento em que verificou a impossibilidade de manter esperanças de sobrevivência. Em vez de denotar quaisquer sinais de desalento ou contrição, afivelou ao rosto ainda mais patente aparato de segurança e auto-confiança. A maior parte do tempo entreteve-se a beber com os amigos e com o bom homem atrás evocado. Numa dessas ocasiões, sendo interpelado por pessoa desejosa de apurar se ele estava com medo da morte, respondeu: *‘D ——— s me levem, é só uma dança sem música.’* Noutra altura, ao ouvir alguém expressar pena pelo seu infortúnio, expressão essa usada para descrever as suas circunstâncias, respondeu com grande ferocidade: *‘Um homem não pode morrer senão uma vez.’* E de novo, quando um amigo íntimo aludiu à sua esperança de ter uma morte digna de um homem, ajeitou o chapéu na cabeça, empinando-o como que em desafio, e clamou bem alto: *‘Irra! Quem é que tem medo?’*

Para a posteridade teria sido um feliz legado qualquer conversa com princípio, meio e fim, entre o nosso herói e, especialmente, o erudito clérigo que assumiu a tarefa de o consolar; mas em vão esquadrihámos, com esse objectivo, muitos depósitos e arquivos.

Na véspera da sua *apotheosis*, a esposa de *Wild* desejou vê-lo e ele consentiu na visita. A qual se iniciou com muita, mas pouco duradoura, ternura de ambos os lados. De facto e infelizmente, algumas alusões a cenas mal

sucessivas entre ambos vieram perturbar os respectivos ânimos. Foi o caso, em particular, da pergunta dela para saber como é que, uns tempos antes, ele tinha sido capaz de se mostrar tão grosseiro e até lhe chamara cad—la. Pergunta logo seguida de outra: se tal linguagem era própria de um homem, para não dizer um cavalheiro'. *Wild* ficou fora de si; irado, jurou que ela era a mais ruim das cad—las ao admoestá-lo, numa altura daquelas, por via de uma palavra que lhe saíra da boca um pouco ao acaso e há tanto tempo. Repliquou ela, com muitas lágrimas, estar bem servida pela tolice de ter vindo visitar semelhante brutamontes; mas que, em todo o caso, uma coisa a confortava: era a última vez que ele a podia assim tratar. Realmente, ela até lhe ficava a dever uma obrigação: a crueldade dele para com ela acabava por a reconciliar com o destino que o esperava no dia seguinte. Mais: nada, senão essa brutalidade, podia ter contribuído para ela superar a vergonha de tão inevitável morte (assim qualificava a força esta fraca mulher), impedindo-a de ficar louca. E prosseguiu, fazendo uma recapitulação dos erros dele, por uma ordem precisa e lembrados com uma memória mais rigorosa do que ele poderia esperar dela. É mesmo provável que desfiasse o rol completo se a paciência do nosso herói não se tivesse esgotado; mas essa falta motivou tal paroxismo de fúria e violência que o levou a agarrá-la pelos cabelos e a pontapeá-la para fora da cela, com tanta presteza quanta lhe era consentida pelos grilhões que lhe refreavam os movimentos.

Chegou, finalmente, a manhã resolutamente aprazada pela Fortuna para consumação da GRANDEZA do nosso herói. Este tinha, ele próprio, na verdade, modestamente declinado as públicas honras que ela lhe havia destinado, tomando uma dose de láudano para se retirar silenciosamente do palco.²⁴⁹ Mas já notámos, no decurso da nossa maravilhosa história, como é impossível e ocioso lutar contra os decretos daquela dama. Se ela tiver determinado o destino de um indivíduo, seja morrer na força seja chegar a primeiro ministro, qualquer oposição é causa perdida. Portanto, incapaz de extinguir o sopro vital do nosso herói, que havia de ser apagado pela corda de cânhamo e não pela essência da dormideira, o láudano não impediu tão-pouco a visita, à hora habitual, dos cavalheiros para o efeito nomeados; os quais o informaram de que a carroça estava pronta. Nesse momento, ele deu provas da GRANDE coragem tão celebrada noutros heróis; e ciente da impossibilidade de oferecer resistência, com gravidade declarou *estar disposto a acompanhá-los*. Desceu, depois, à sala onde são removidos os grilhões que

mantêm presos os GRANDES HOMENS, conservando sempre o ar mais solene e cerimonioso. Tendo, a seguir, apertado a mão dos amigos (isto é: dos que o conduziram à árvore fatal) e bebido à saúde deles um cálice de bagaço, subiu à carroça. Aí, mal se tinha sentado, recebeu as aclamações da multidão, altamente deslumbrada com a sua GRANDEZA.

A carroça partiu então, lentamente, precedida de guardas a cavalo, empunhando lanças, ao longo de ruas apinhadas de espectadores, todos eles admirando o sublime comportamento do nosso herói, que ora suspirava, ora praguejava, uma vez cantando, outras assobiando, conforme o humor.

Quando chegou à árvore da glória, foi acolhido com um brado unânime pelos circunstantes, reunidos em grande número para assistirem a um espectáculo muito mais raro em cidades populosas do que razoavelmente se poderia esperar, tratando-se da catástrofe de um GRANDE HOMEM.

Embora a inveja fosse, por medo, obrigada a aderir ao aplauso geral, na ocasião não faltava quem denegrísse essa consagração suprema que o nosso herói estava agora prestes a atingir e tentasse evitá-la batendo-lhe na cabeça enquanto ele permanecia sob a árvore fatídica e o capelão oficiava na sua última função. Começaram também alguns então a arremessar pedras, pedaços de tijolos, esterco e toda a casta de maliciosos projecteis contra a carroça, alguns dos quais, aterrando por engano nas vestes do eclesiástico, o fizeram apressar o ritual. Até que o oficiante, obrigado a bater em retirada, se refugiou em lugar seguro numa carruagem de aluguer, onde aguardou a conclusão do espectáculo com o ânimo sugerido pelos versos a seguir transcritos:

*Suave Mari magno, turbantibus Æquore ventis,
E Terra alterius magnum spectare Laborem.*²⁵⁰

Não podemos, todavia, omitir uma circunstância que serve para mostrar a mais admirável coerência de carácter mantida pelo nosso herói até ao fim.²⁵¹ Enquanto o capelão estava ocupado com as suas ejaculações, *Wild*, no meio da chuva de projecteis, praticava a sua usual manipulação no bolso dele, extraíndo o saca-rolhas lá providentemente posto a bom recato e levando-o consigo para a eternidade.²⁵²

Quando o clérigo desceu da carroça, *Wild* teve ainda oportunidade de lançar os olhos pela multidão e de lhe dirigir uma praga com todas as letras. Mas nesse preciso instante os cavalos arrancaram e, com aplauso geral, o nosso herói pulou deste mundo para o outro.

Assim terminou *Jonathan Wild* o GRANDE, numa morte tão gloriosa como a sua vida e tão em harmonia com ela que, acaso não se houvesse verificado, teria deixado lamentavelmente incompleto e defeituoso o seu *curriculum vitae*. Morte essa que foi o único marco a faltar no percurso de vários outros heróicos protagonistas antigos e modernos, cujas histórias permitiriam à gente sensata de todas as épocas uma leitura muito mais gratificante se não ocorresse tal lacuna. Uma coisa, de facto, quase podíamos desejar, quando a Fortuna, aparentemente por desleixo, se desvia do objectivo, deixando a sua tarefa imperfeita, neste particular: que o historiador enveredasse sem reservas pela licença própria da poesia e do romance; que se permitisse algumas liberdades no tratamento da verdade; mas não deixasse de contemplar o leitor, dando-lhe o prazer de ler uma página, certamente a mais deleitosa em toda a respectiva crónica, que nunca falha na missão de transmitir uma proveitosa moralidade.

CAP. XVI

Carácter do nosso herói e termo desta história.

Vamos agora procurar sintetizar o carácter deste GRANDE HOMEM e, por assim dizer, reunindo as várias facetas do seu espírito afloradas ao longo da narrativa, tentaremos concluir para os nossos leitores uma imagem cabal de GRANDEZA.²⁵³

Jonathan Wild possuía todas as qualificações necessárias para ser um GRANDE HOMEM: como a sua paixão mais poderosa e predominante era a ambição, a natureza tinha, com consumada propriedade, adaptado todas as suas faculdades à prossecução dos gloriosos fins a que essa paixão o compelia.²⁵⁴ Ele era extremamente engenhoso na invenção de projectos, habilidoso na concepção de meios para realizar os seus objectivos e resolutivo na respectiva execução. Tal como a mais refinada astúcia e a mais destemida audácia lhe permitiam qualquer empreendimento, assim também não se sentia inibido por nenhuma das fraquezas capazes de frustrarem as aspirações das almas vulgares e mesquinhas. Tais fraquezas são abrangidas pelo termo genérico de honestidade, corruptela de honostidade, palavra derivada da designação *grega* para *burro*.²⁵⁵ Ele era totalmente isento dos vícios inferiores de modéstia e bondade, que, como costumava dizer, implicavam um

pleno reverso da GRANDEZA humana e constituíam as únicas características absolutamente incapacitantes para alguém fazer figura neste mundo. A luxúria vinha logo a seguir à sua ambição; mas quanto ao que a gente simples chama amor, não sabia o que isso era. A sua avareza não conhecia limites, mas era de espécie devoradora, desprezando a paciência; tão devoradora e violenta, de facto, que nenhuma parcela jamais o contentava e só a totalidade de qualquer coisa o satisfazia. Por muito considerável que fosse o quinhão distribuído pelos colaboradores após um saque, não descansava enquanto não inventava um meio de se apropriar de todas as migalhas do bolo reservadas aos restantes. Dizia ele que as leis eram feitas para benefício apenas dos *cavalheiros-de-indústria* e para preservação do respectivo espólio. Portanto, as mesmas leis eram pervertidas sobretudo quando aplicadas contra eles, o que acontecia, geralmente, por falta de perícia dos próprios. O perfil de carácter que mais admiração lhe merecia e mais procurava emular era o do hipócrita.²⁵⁶ Fazia sua a opinião de que ninguém podia ir muito longe na actividade de *cavalheiro-de-indústria* sem tal perfil; razão pela qual, dizia, pouca GRANDEZA era de esperar num homem que reconhecia os seus vícios, mas muita de quem professava grandes virtudes. Por isso também, embora sempre depreciasse alguém que se descobria ter praticado uma boa acção, nunca alterava o caminho por influência de uma pessoa generosa – em seu entender a generosidade era mais um rótulo do que outra coisa. Em conformidade com tal posição, ele mesmo era sempre muito liberal nas afirmações que fazia sobre a sua honestidade e pródigo na confissão da virtude e bondade próprias, apresentando-se como modelo de integridade. Nunca revelando o mínimo escrúpulo ao jurar por sua honra, mesmo perante os que o conheciam melhor, e praticando constantemente a aparência de franqueza e modéstia que tanto desprezava e recomendava aos outros, desejava a prosperidade desses outros na medida em que tirava proveito dela. E passou a escrito várias máximas relativas aos métodos de alcançar a GRANDEZA, a elas aderindo, consistente, com esse fito.²⁵⁷ Assim:

- 1 – Nunca causar a outrém maior malefício do que o necessário para realizar determinado desiderato, porque tal malefício é coisa demasiado preciosa para ser desperdiçada.
- 2 – Não discriminar ninguém por motivos afectivos, mas sacrificar toda a gente, com igual prontidão, ao interesse próprio.

- 3 – Jamais comunicar ao executante de um projecto mais do que o necessário para o efeito.
- 4 – Não confiar em quem nos enganou ou sabe ter sido por nós enganado.
- 5 – Não perdoar a um inimigo, mas ser cauteloso e dilatatório na vingança.
- 6 – Desprezar a pobreza e a aflição, aliando-se tão intimamente quanto possível ao poder e à riqueza.
- 7 – Manter permanente gravidade no rosto e comportamento, exibindo um ar de sabedoria em todas as ocasiões.
- 8 – Fomentar eternos ciúmes entre os membros do bando.
- 9 – Jamais recompensar alguém na medida do seu mérito, antes sugerir estar a recompensa acima de quem a recebe.
- 10 – Lembrar que todos os homens são patifes ou tolos e que a maior parte deles é uma mistura das duas coisas.
- 11 – Ter presente que uma boa reputação, como o dinheiro, é algo a dispensar ou, pelo menos, a arriscar com vista a trazer ao seu possuidor vantagem maior.
- 12 – Não esquecer que as virtudes, como as pedras preciosas, são facilmente falsificadas e que as pedras ou virtudes falsas constituem igual adorno para quem as usa, havendo muito pouca gente capaz de distinguir o real do artificial.
- 13 – Estar ciente de que muitos homens comprometem a sua sorte por não se empenharem a fundo numa vida de malfeitoria, do mesmo modo que, no jogo, se pode perder se não se faz batota.
- 14 – Contar com o facto de os homens proclamarem as suas próprias virtudes tal como os lojistas expõem as suas mercadorias, para melhor as venderem.
- 15 – Saber que o coração é a verdadeira séde do ódio e o rosto a dos afectos e da amizade.

Tinha o nosso herói, de resto, muitas outras máximas do mesmo género, todas elas equiparáveis a estas na pertinência e, após o seu passamento, encontradas no respectivo escritório, tal como aconteceu com as doze excelentes e famosas regras do rei *Carlos I.*²⁵⁸ De facto, nunca as promulgou em vida nem andava constantemente a apregoá-las, ao contrário de certas pessoas de grande gravidade que enchem a boca com normas de virtude e

moralidade sem, contudo, lhes concederem a mínima importância nas suas acções. Em contrapartida, o nosso herói, através de uma persistente e firme adesão às suas máximas e fazendo tudo em conformidade, veio a adquirir, por fim, um entranhado hábito de se guiar por elas. De tal maneira se converteu a esse automatismo, que acabou por vencer qualquer perigo de inadvertidamente se extraviar delas; e assim chegou a um grau de GRANDEZA poucas vezes igualado. Podemos mesmo afirmar que a eminência a que acedeu nunca foi excedida por ninguém. Na verdade, deve-se reconhecer ter havido uns tantos heróis que causaram maiores malefícios ao género humano. Entre eles, os traidores dos seus países, vendedores das respectivas liberdades ou usurpadores da sua governação, assim como os conquistadores responsáveis pelo empobrecimento, saque, incêndio, pela pilhagem e destruição de cidades, países, outros povos e criaturas humanas. Tudo isso sem terem sido afrontados ou provocados a não ser pela sua própria vanglória, definida por um poeta criador de algumas peças trágicas com as seguintes palavras:

*Um privilégio de matar,
Uma tentadora sede de bravura no mal.*²⁵⁹

Ponderemos, porém, as acções em causa à luz focada no verso *Letius est, quoties magno tibi constat honesteum*²⁶⁰, sabendo que o nosso herói, sem qualquer ajuda, pretexto ou legitimidade, assumiu a chefia de um bando. Lembremos que manteve um poder absoluto, exercendo a tirania sobre uma quadrilha de malfeitores, fora de toda a lei excepto a do seu próprio arbítrio. Recordemos como estabeleceu público negócio, desafiando não só as leis do país mas também o senso comum dos seus concidadãos. Não esqueçamos ainda que planeou inúmeros roubos para, logo de seguida, ludibriar os respectivos executantes, que em cada saque arriscavam a vida, apropriando-se ele sem perigo do que os outros esperariam arrecadar. Então o caso poderá mudar de figura: o nosso protagonista há-de aparecer-nos a uma preclara luz e talvez cheguemos a duvidar não apenas da verdade da História mas também da capacidade da ficção para com ela rivalizar.

Por outro lado, *Wild* não tinha nenhuma daquelas falhas de carácter que, embora enaltecidas por escritores medíocres, têm sido (conforme o sugerido no princípio desta história) censuradas e desprezadas pelo leitor mais criterioso. Tal é a clemência de *Alexandre* e de *César*,²⁶¹ por erro grosseiro a

eles concedida pela natureza e semelhante ao do pintor que vestisse a imagem de um camponês com roupagens de estadão ou emprestasse o nariz ou outra feição de *Vénus* a um *sátiro*. Daquele glorioso par de destruidores da humanidade, um deles veio ao mundo para usurpar o domínio e abolir a constituição do seu próprio país; o outro para conquistar, governar e escravizar todo o mundo, pelo menos o mundo por ele conhecido ou visitado no curto compasso que lhe coube de vida. Que querem tais homens saber de clemência? Quem não vê o absurdo e a contradição de mesclar tal atributo com as nobres e grandes qualidades antes mencionadas? Em *Wild* tudo era verdadeiramente GRANDE, quase sem misturas, porquanto as suas imperfeições (certamente algumas, embora pequenas, ele havia de ter) eram apenas as bastantes para lhe podermos aplicar a designação de criatura humana, espécie esta de que nenhum representante jamais atingiu absoluta excelência. Mas seguramente todo o comportamento para com o amigo *Heartfree* é prova convincente de que a férrea GRANDEZA do seu coração não era desvirtuada ou enfraquecida por qualquer escória ou impureza. Enquanto a GRANDEZA consistir mesmo em poder, orgulho, insolência e acções ofensivas contra a humanidade ou, para dizer as coisas como elas são: enquanto um GRANDE homem e um GRANDE patife forem sinónimos, *Wild* permanecerá sem rival no pináculo da GRANDEZA. Tão-pouco podemos omitir aqui, a culminar o desenho do respectivo carácter, aquilo que, sem dúvida, devia ser presente à memória de quem contemple o seu túmulo ou a sua estátua: a conformidade, já antes mencionada, da sua morte à sua vida e o facto de *Jonathan Wild* ter sido o que bem poucos GRANDES homens foram, apesar de, com toda a probabilidade, muitos outros o deverem ser – pendurado pelo pescoço até ficar morto.

Tendo assim trazido o nosso herói até ao termo dos seus dias, poderão entretanto alguns leitores (pois muitos, certamente, levam o seu interesse apenas até ao ponto de quererem conhecer o destino das personagens), gostar de saber o que aconteceu a *Heartfree*. Satisfaremos, pois, a sua curiosidade: os sofrimentos do ourives tinham, praticamente, chegado ao fim; e o bom magistrado que acompanhou o caso na sua parte final conseguiu, sem dificuldade, o perdão para ele, não ficando contente até o acusado ter obtido toda a possível reparação das ofensas recebidas, embora a responsabilidade dele próprio nos sofrimentos de *Heartfree* não impedisse o reconhecimento da sua louvável isenção ao ajuizar sobre motivos e culpas. Logrou fazer com

que as jóias fossem restituídas ao dono quando o navio de guerra regressou a *Inglaterra* e, acima de tudo, não se poupou a esforços para restaurar a reputação de *Heartfree* e persuadir os vizinhos, conhecidos e clientes deste da sua inocência. Pela altura em que a comissão de falências se deu por satisfeita, *Heartfree* era ainda detentor de uma soma considerável, pois o diamante oferecido a sua mulher era de enorme valor e recompensava, de longe, a perda das jóias adquiridas pelo conde, quando o GRANDE *Wild* providenciara no sentido de ele ser roubado do dinheiro.²⁶² O ourives pôde, então, refazer o seu negócio, e a compassiva solidariedade pelos seus imerecidos infortúnios trouxe-lhe muitos clientes entre as pessoas que tinham algum apreço por sentimentos de humanidade. Desde então, com trabalho e parcimónia, tem vindo a amealhar imensa fortuna. Ele e a mulher têm vivido, ao longo de muitos anos, numa relação do mais puro amor e de rara amizade, embora não tenham tido mais filhos. *Friendly* casou com a filha mais velha, tinha esta dezanove anos, e tornou-se sócio do antigo patrão. A filha mais nova, até agora, não se mostrou receptiva às declarações de nenhum amador, nem sequer de um jovem aristocrata que pediu a mão dela. *Heartfree*, que de bom grado teria oferecido um dote de duas mil libras, fez o que estava ao seu alcance para a persuadir a aceitar a proposta, mas ela recusou-a sem hesitação. Razões para tal não deu, a não ser afirmando ter dedicado a vida ao serviço dos melhores dos pais e estar resolvida a não deixar qualquer outro dever interferir nesse compromisso e na intenção de cuidar deles na velhice.

Hoje, *Heartfree*, sua mulher e as duas filhas, assim como o genro e os vários netos, vivem em conjunto na mesma casa e de tal modo unidos em estima e afecto, que são conhecidos na vizinhança como a *Família do Amor*.²⁶³

Acerca das outras personagens nesta história citadas em relação com o signo da GRANDEZA, resta dizer que todas elas tiveram na força um fado condizente com o respectivo sortilégio, excepto duas. Uma, a menina *Theodosia Snap*, fez um bom casamento na América, onde passou a residir por motivo de uma condenação ao degredo, regenerou-se e deu uma boa esposa. A outra, o nosso conde, já recuperado da contusão sofrida às mãos do heremita, fugiu para *França*, onde praticou um roubo que lhe valeu a prisão e a morte após suplício na roda.

Uma realidade notória deve ser admitida por todos quantos reflectem no vulgar destino dos GRANDES HOMENS: estes não só fazem jus ao aplauso recebido das multidões, como inclusive ficam muito aquém do que

deviam receber. Com efeito, quando evocamos os trabalhos e perigos, as inquietações e adversidades por eles enfrentados na estrada que os conduz à GRANDEZA, podemos seguramente corroborar um certo homem de Deus quando disse *ser possível uma pessoa ganhar o céu com metade do esforço a despendido na aquisição de um lugar cativo no inferno.* ²⁶⁴ Não há na terra, aliás, uma perfeita unanimidade, como devia haver, quanto às recompensas assim distribuídas por tão elevado preço. Grande parte da humanidade, das cortes e cidades fazem soar bem alto as trombetas que exaltam os ditos GRANDES HOMENS. Mas entretanto subsistem alguns humanos nas suas modestas moradas e até mesmo nas celas mais sombrias e esquecidas, que, inveterados, vêm a aludida GRANDEZA com maus olhos. Ousam eles afirmar que tais GRANDES HOMENS, sendo sempre os mais perniciosos exemplares da criação, são também, em geral, os seres mais profundamente infelizes e desprezíveis deste mundo.

NOTAS

- ¹ Ainda antes de fazer sobressair a simulação burlesca, o autor inicia a narrativa com uma justificação das biografias de pessoas realmente eminentes. Sendo tradicional, essa justificação admite analogias com a de diversos escritores que defendem a escrita biográfica. Um deles é Conyers Middleton, que em 1741 publicou uma *Life of Cicero*, cuja dedicatória a Lord Hervey, ridicularizada por Fielding em *Joseph Andrews* (III, vi, p. 239) não parece ter obstado à sua apreciação globalmente positiva. Cf. nota 1 de Bertrand A. Goldgar (p. 7) da ed. Wesleyan cit. no final deste volume. Todas as referências por mim feitas às obras de Fielding reportam-se à mesma série Wesleyan (publ. pela Oxford University Press), se nada for dito em contrário. Estas notas puderam, em geral, beneficiar largamente da informação, em muitos casos coincidente, dada pelos editores da narrativa citados na Bibliografia. Aproveitamento mais específico dessa informação e sugestão de leitura de referências complementares, designadamente em notas de Bertrand A. Goldgar, são devidamente assinalados com as maiúsculas BG seguidas dos números da página e da nota na respectiva edição. É minha a versão de passagens citadas sem outra indicação de tradutor.
- ² Plutarco (c. 46 a.C – após 119 d.C.) foi o autor de *Vidas Paralelas*; Cornélio Nepos (c. 99 – 31 a.C), escreveu *De Viris Illustribus*; e Suetónio (n. em 69 a.C) publicou *Os Doze Césares*, ou *Vidas dos Césares*.
- ³ Aristides é mencionado por Platão em *Gorgias* como exemplo de uma justiça alegadamente rara entre governantes e políticos em geral; Júnio Bruto era frequentemente invocado, nomeadamente pelos Augustanos do tempo de Fielding, como paradigma de virtude republicana (cf. referência a ambos em *Winter*, de James Thomson, ll. 459 e segs., e 524 e segs.), sendo colocado a par de Sócrates em *Miscellanies*, vol. I (1743), como expoente de humana sublimidade (grandeza associada a generosidade). Os outros dois citados são

o reverso dos primeiros. O espartano comandante Lisandro tornou-se conhecido pelo seu orgulho e pela apetência de elogios; o imperador romano pela perversidade.

- ⁴ Cf. passagens do Prefácio de *Miscellanies I* cit. na Introdução. A partir deste ponto da narrativa, a inversão irónica não deixa dúvidas quanto à simulação 'heróica' que acompanha a 'ilustre figura' de Wild.
- ⁵ As histórias referidas não serão apenas as vidas paralelas de Alexandre e César escritas por Plutarco. Em *Miscellanies*, vol. I, ed. H. K. Miller, Oxford, 1972, p. 188, no *Essay on Nothing*, Fielding acentua através da sua ironia que nada de positivo adveio das preocupações e penas, dos trabalhos e perigos por ambos arrostados. Sobre a uniformidade ou coerência de carácter, ver adiante, nota 251.
- ⁶ Cf. os referidos incidentes em Plutarco, *op. cit.*, respectivamente *Alexandre*, xii, e *César*, I, vii. Fielding volta a referir a 'clemência' de Alexandre e César em IV, xvi, p. 159; ver também nota 261.
- ⁷ Nestes dois últimos parágrafos do capítulo inicial, torna-se particularmente enfático o cognome 'O Grande' aplicado a Wild e identificado por J. E. Wells com Walpole (cf. o seu artigo cit. na Bibliografia), conforme se aludia na Introdução.
- ⁸ Na ed. de 1754, o autor acrescenta três parágrafos iniciais para referir, designadamente, o 'costume de todos os biógrafos' de recuar o mais possível na linha genealógica do herói, tal como os 'antigos procuravam a nascente do Nilo'. Não é possível garantir que a ironia envolva também directamente o facto de Walpole se reclamar de dezassete gerações antecedentes, visto ser tradicional nas biografias a apresentação de antepassados dos heróis. Já em *Joseph Andrews* (1742) Fielding ironizara acerca de tal costume, provavelmente porque aplicado também a pessoas cuja eminência contesta (I, ii, pp. 20-1).
- ⁹ segundo David Nokes, os trocadilhos de Fielding baseiam-se num feliz aproveitamento de termos anglo-saxónicos: em rigor, 'à espada!' devia ser '*nimad cower seax*'; e 'aliviem-nos das suas bolsas' '*nimad hira saccas*'. Cf. ed. respectiva, p. 256, nota 6. É facto registado que um Hengist, conquistador saxão da Grã-Bretanha em 461, dizimou centenas de *leaders* bretões que convidara para uma festa. Sobre a expressão '*Nemet oure saxas*' em *British History* de Geoffrey of Monmouth, cf. BG, p. 10, nota 8.
- ¹⁰ Um juiz com esse nome, Hubert de Burgh (falec. 1243), ficou conhecido na história inglesa como alguém que não perdia nenhuma oportunidade,

enquanto favorito do rei e aproveitando as funções oficiais, para aumentar a sua riqueza. Daí que a Oposição a Walpole o invocasse com frequência como precedente do primeiro-ministro.

- 11 Cf. 2 *Henrique IV*, V, v. Falstaff aparecia por vezes como figura de delinquente típico; cf. *The Life of Sir John Falstaff*, a primeira narrativa de *Lives and Adventures of the most Famous Highwaymen, Murderers, Street- -Robbers, etc.*, atribuída a ‘Capt. Charles Johnson’, possivelmente Defoe (1734). Cf. BG, p. 11, nota 1.
- 12 Um capitão James Hind (falec. 1652) figura como notório salteador nas biografias do ‘capitão Charles Johnson’ (cf. nota anterior), terminando a sua história com uma composição em verso onde é comparado a César. Cf. BG, p. 12, nota 2.
- 13 Era comum, em prisões para devedores e outras, algumas pessoas, entre as quais se contavam habitualmente solicitadores e outros profissionais, aproveitarem-se indevidamente das dificuldades dos prisioneiros, situação bem conhecida de Fielding: cf. *Tom Jones*, XV, iv; *Amelia*, I, x; e mais adiante em *Jonathan Wild* (IV, iii), a actividade de Roger Johnson (notas 208 e 209).
- 14 O apelido Snap significa, entre outras coisas, ‘dentada’ e ‘ferrolho’ ou ‘prender’, além de também apropriadamente ser usado na gíria para alguém pronto a apropriar-se de alguns lucros do crime. Cf. *A New Canting Dictionary* (1725), possivelmente usado por Fielding; e nota 236, sobre outros termos da gíria presentes na narrativa.
- 15 Expressão eufemística para dizer que a personagem sofreu pena de deportação para um campo de trabalhos forçados na América, como acontecerá a Wild (I, vii).
- 16 No contexto de uma genealogia pródiga em antecedentes criminais, a sugestão é de que o dito cavalheiro roubara ou negociara cavalos roubados.
- 17 Change-Alley ou Exchange-Alley, em Cornhill, era uma mal-afamada versão da vizinha Royal Exchange; nela convergiam agiotas, negociantes de objectos em segunda mão, jogadores e tipos sociais afins. Na segunda edição, o marido de Charity distingue-se por um humor compatível com o seu gosto de andar por Westminster Hall (principal tribunal inglês) com uma ‘pedra no sapato’.
- 18 As vendedoras de laranjas nos teatros já na Restauração tinham a reputação de viverem da prostituição. Cf., por exemplo, o ‘Prólogo a *Cleomenes*’, de Dryden.
- 19 Na segunda edição surge, a propósito, a citação de Pérsio (*Sátiras*, III, 64): ‘Venienti occurrite morbo’ (em tradução não literal: ‘Que a peste te leve’ ou ‘Aproveita a boleia da peste que aí vem’).

- ²⁰ Na sua *História* (i, 108 e segs.), Heródoto fala do sonho e das tentativas de Astiageu para levar à morte o neto, de modo a impedir a concretização do sonho.
- ²¹ Cícero (em *De Divinatione*, I, xxi) cita passagem de poeta desconhecido em que se descreve esse outro sonho.
- ²² O aspecto grotesco atribuído a Priapo tornava este capaz de exercer funções de espantinho em jardins e parques, de forma a desencorajar pássaros e ladrões; Mercúrio era tido por patrono destes últimos e, como tal, hostil a Priapo. Cf. Horácio, *Sátiras*, 1. 8. 3-5.
- ²³ Fielding não desdenha de aspectos populares de humor, mas a sua formação clacisista também o predispõe, como aqui, a outros aspectos, aptos a solicitarem compreensão mais erudita.
- ²⁴ O autor reforça o prenúncio negativo de tal nascimento com irónico rigor na fixação de um dia determinado para o início da peste de 1665.
- ²⁵ A ‘casa de forma circular ou cilíndrica’ (‘a round house’) era uma das prisões públicas ou privadas de Londres onde os guardas de cada circunscrição paroquial detinham de noite as pessoas que teriam de comparecer perante um magistrado.
- ²⁶ Titus Oates (1649-1705) foi um charlatão que ganhou fortuna, assim como notoriedade histórica (e literária: cf. a personagem de *Corah* na sátira *Absalom and Achitophel*, publ. em 1681 por Dryden, ll. 632-81) ao jurar como verdadeira a sua invenção de uma intentona, atribuída por ele a católicos, para assassinar Carlos II e o substituir no trono por seu irmão, o também católico e futuro rei Jaime II. Apesar de a sua história ter sido provado falsa, a histeria resultante levou à força muitos inocentes e depois à prisão o próprio Oates, que acabou por receber uma amnistia e uma pensão do rei seguinte, Guilherme III.
- ²⁷ A ironia advém de *th* serem as primeiras letras da palavra *thief*, ladrão.
- ²⁸ A irónica verificação de disparidade entre merecimento (inclusive no saber) e promoção social ou profissional é um tópico favorito em textos de Fielding. Cf., por exemplo, a peça *The Author's Farce* (ed. Charles B. Woods, University of Nebraska Press, 1966, e na ‘Regents Restoration Drama Series’, Edward Arnold Publishers Ltd., Londres, 1967), de 1730; ou *The Covent- -Garden Journal*, n.º 42 (26-V-1752).
- ²⁹ *A Step towards Parnassus* foi um livro que gozou de certa popularidade na Grã-Bretanha dos séculos XVII e XVIII, o qual incluía, por ordem alfabética, uma coleção de citações, caracterizações e significações sinónimas.

- ³⁰ Cf. o mencionado livro XI de *Iliada*. Os filhos de Príamo, mortos por Agamémnon ainda nesse livro, são Antifo e Iso.
- ³¹ Ao longo da narrativa, 'a arte do furto' é expressa através da palavra *priggism* (ilustrada pelo *Oxford English Dictionary* a partir desta passagem, a mais antiga que regista); e 'ladrão' é substituída por 'prig', também da gíria do mundo do crime e empregue pelo menos desde inícios do século XVII. Cf. B. G., p. 15, nota 2.
- ³² *Iliada*, *loc. cit.*
- ³³ *Ibidem.*
- ³⁴ O rei citado (1682-1718) foi frequentemente referido por Fielding e seus contemporâneos como exemplo de sinistro extremismo e ambição de conquista que ajudaram a transformar algumas virtudes em vícios. O autor conhecia a biografia de Voltaire (1731, trad. inglesa de 1732) sobre Carlos XII (apresentada como lição possivelmente aproveitável a monarcas) e juntou alguns passos dela a notas da sua própria tradução (do francês e publ. em 1740) de Gustavus Adlerfeld que também toma 'o Sueco' como assunto. Ao mesmo Carlos XII se refere longa e depreciativamente Johnson na sátira *The Vanity of Human Wishes* (ll. 191-222); em contrapartida, Swift chegou em determinado momento a pensar pedir-lhe patronagem e dedicou-lhe o seu *Abstract of the History of England*. Cf. BG, pp. XX (e nota 3) e 16 (nota 5).
- ³⁵ *The Spanish Rogue*: a narrativa picaresca *La Vida de Guzmán de Alfarache*, de Matéo Alemán (original de 1599 e trad. inglesas várias desde 1622). *The Cheats of Scapin*: adaptação, por Thomas Otway (no palco em 1676), da peça de Molière *Les Fourberies de Scapin* (1671) e muitas vezes incluída como obra complementar em representações da primeira metade do século XVIII.
- ³⁶ Não faltavam antecedentes reais à personagem do Sr. Snap. O sistema prisional de que *Newgate* era parte previa diversos meios de remuneração para directores de prisões públicas e privadas, de modo a compensá-los pelos investimentos e gastos implicados. A licença para exercer tais funções andava à volta de setecentas libras e os honorários respectivos advinham do preço cobrado pelo alojamento (variável segundo a qualidade) e por diversos tipos de privilégios concedidos aos presos. Na *Press Yard* de *Newgate* encontravam-se as celas mais caras, que envolviam um depósito inicial de quinhentas libras e uma mensalidade de cerca de noventa xelins (o que excedia a maior parte das rendas das residências da capital), só ao alcance de 'grandes personalidades'. Os privilégios requisitados podiam fazer duplicar a renda. Alguns directores prisionais ficaram conhecidos por acumularem as suas funções

com as de organizadores de quadrilhas, redes de ‘protecção’ a criminosos e de recepção de bens roubados. Um dos mais notórios foi um tal Charles Hitchen (*Under City Marshal* a partir de 1712), de quem Wild foi sub-director e associado, mas com quem entrou em litígio em 1714, criando então uma organização rival. Cf. David Nokes, *op. cit.*, p. 268, nota 23.

³⁷ Isto é: na prisão privada para devedores dirigida pelo Sr. Snap.

³⁸ Ocorrência frequente: uma pessoa presa por não pagar uma dívida também nem sempre podia pagar o alojamento na prisão, o que agravava a respectiva pena.

³⁹ Como o autor torna mais claro através de breve acrescentamento na segunda edição, um devedor de duas libras ou mais arriscava-se a ser assim detido. A injustiça de tais situações constitui um verdadeiro cavalo de batalha na ficção e restante obra de Fielding. Cf. BG, p.18, nota 8.

⁴⁰ No original, a expressão usada é ‘cousin-german’ (‘primo em primeiro grau’, mas também ‘parente próximo’). Apesar de algumas reservas ou objecções, o casamento de primos em primeiro grau era autorizado por lei e pela Igreja desde a Reforma. Mas a circunstância da consanguinidade não afecta Jonathan e Laetitia, parentes apenas por afinidade. O que sugere que a ironia aqui incide sobre as consciências mais escrupulosas que poriam entaves a esse e análogos casamentos, ou que o próprio autor se teria esquecido do verdadeiro parentesco entre as duas personagens.

⁴¹ Cf. alusão semelhante em *Tom Jones* (V, vi, p. 236), onde se diz não haver entre delinquentes a mesma geral solidariedade expressa pelos membros da maçonaria através de certos sinais de identificação – ironia acentuada em *The Jacobite’s journal* (5-XII-1747, p. 95; 12-XII-1747, p. 97; e 19-XII-1747, p. 103) e noutros textos do autor por supostas ligações entre aquela sociedade secreta e os Jacobitas adeptos do regresso dos Stuarts ao poder.

⁴² O jogo não tinha quaisquer segredos para o conde (‘he was proverbially said to *play the whole game*’), ou seja: era o que em inglês se costuma chamar um ‘*sharper*’, vigarista e batoteiro.

⁴³ Sobre o paralelismo entre o ladrão e o governante, com alguma proeminência na narrativa, ver a Introdução deste volume.

⁴⁴ Em *Tower Hill* (por decapitação, no cepo, ou vítimas do cutelo) eram executados os inculpados de crime de estado; em *Tyburn* (pela força), os criminosos comuns.

⁴⁵ A designação ‘primeiro-ministro’ aplicava-se tradicionalmente a um governante ou conselheiro de maior destaque, antes de passar (pejorativamente) a

referir-se a Walpole, o qual ficou a presidir ao Conselho em parte por frequente ausência ou incapacidade do rei Jorge I de falar Inglêss.

- ⁴⁵ Cf. *Paradise Lost*, I, l. 263: ‘Melhor reinar no inferno do que ser ministro no céu’ (*Better to reign in hell than serve in heav’n*).
- ⁴⁷ *Westminster-Hall*: sede londrina dos tribunais de lei comum.
- ⁴⁸ ‘Palácios e pinturas’ eram habituais interesses de reis, nobres e governantes; mas Fielding pode aqui, a exemplo do que já fizera mais explicitamente, por exemplo, em *Vernoniad* (1741), subentender a rica coleção de quadros reunida por Walpole na sua propriedade de Houghton, Suffolk.
- ⁴⁹ ‘Pelo menos’ faz pleno sentido no âmbito da ironia desenvolvida na narrativa e numa época em que a pena capital, embora geralmente aceite sobretudo para os crimes mais graves, suscitava pesar e repulsa (inclusive a Fielding) no caso de delitos menores. No entanto, ‘por fim’ (‘at last’) substituiu ‘pelo menos’ (‘at least’) na segunda edição, dando à frase uma significação mais óbvia.
- ⁵⁰ *In praesenti*: no presente momento.
- ⁵¹ De acordo com a lei então em vigor, um condenado como autor de certos crimes podia requerer o chamado ‘benefício clerical’; se punido com sentença que o mandava açoitar ou sofrer o ferrete na mão, tinha eventualmente recurso à substituição dessa pena por sete anos de trabalhos forçados em plantações americanas. A tonalidade satírica da passagem resulta da sugestão de que a viagem punitiva foi uma espécie de *grand tour* de habituais propósitos educativos – muitas vezes frustrados.
- ⁵² O autor prossegue aqui a alusão satírica à moda do *grand tour*, também criticada no n.º 42 do *Covent-Garden Journal* (23-V-1752, p. 242). Críticas afins podem, por exemplo, encontrar-se em Locke, *Some Thoughts Concerning Education*, 212-16 (1693) e, mais próxima de Fielding no tempo, em Pope, *Dunciad*, IV, ll. 282-336 (1743).
- ⁵³ O nome do ‘cavalheiro’ derivará de *Bagshot Heath*, lugar então muito procurado por salteadores como refúgio. Em *Beggar’s Opera* (1728), de John Gay (I, iii), também surge um ‘*Robin Bagshot*, alias *Gorgon*, alias *Bluff Bob*, alias *Carbuncle*, alias *Bob Booty*’; mas nesta sucessão de nomes satíricos, Robin e Bob (associados na gíria com ‘*rob*’, roubar), além de *Bagshot*, sugerem mais explicitamente a conotação da personagem de um criminoso com Walpole, cujo primeiro nome, Robert, tão-pouco ficou estranho à referida conotação.
- ⁵⁴ ‘Uma desgraça nunca vem só’: aforismo também presente em *Tom Jones* (III, ix, p. 144, e VI, vii, p. 293) e encontrado por Sheridan Baker (2.^a ed. do

mesmo romance, N. Iorque, 1995, p. 95, nota 1) em *Hamlet*, *Don Quixote*, *The Spectator* e outras obras. Cf. BG, p. 29, nota 8.

⁵⁵ São Lucas, 10:7.

⁵⁶ ‘Versos’ já bastante alterados em relação ao texto do sermão da Montanha de que possivelmente derivam: ‘Vê as aves do céu: não semeiam, não colhem, nem guardam no celeiro; mas o Pai que está nos céus alimenta-as’ (São Mateus, 6:26).

⁵⁷ Wild geralmente modifica segundo as suas conveniências os textos que cita; aqui, *Política* (I, v), de Aristóteles: ‘É claro, pois: por natureza uns são livres, outros escravos; e igualmente justo e adequado é que estes como escravos sirvam’. Se, no mesmo capítulo, o filósofo faz a analogia entre a norma imposta pelo senhor ao escravo e a norma da razão sobre as paixões, também é certo que ainda no referido capítulo rejeita a regra de um direito conforme a força. Ocasionalmente, Fielding atribui a Aristóteles o conceito que distingue ‘homens livres ou escravos por natureza’ e, do mesmo passo, a ‘ordem cimeira’ dos mortais, ‘capazes de amarem o seu país’, e a ‘ordem inferior’, dos que se ‘arrastam no lodoso fundo do vício e da escravidão’ (cf. *Champion*, 11-XI-1740). Mas a recorrência de tais dicotomias em textos de Fielding envolve amiúde uma irônica simplificação que não pode deixar de pôr em causa esse conceito, tão distante de uma cultura que se vai afirmando, pelo menos em território europeu, no século XVIII.

⁵⁸ Nesta passagem, Wild cita fora do contexto uma frase de Horácio (*Epístolas*, I, ii, l. 27) em que se diz ‘haver alguns humanos nascidos para consumirem os frutos terrenos’, mas no âmbito de uma exortação a um contemporâneo para não fazer o mesmo que os pretendentes de Penélope, ‘meros consumidores dos frutos da terra’. Cf. Fielding, *Enquiry*, p. 80, em que a redutora atitude citada é classificada como privilégio de um número muito diminuto de pessoas; e reflexões de Joseph, em *Joseph Andrews*, III, vi, pp. 233-34, precisamente opostas à de Wild.

⁵⁹ *Deshabillé*, (no original): roupão.

⁶⁰ ‘Artisticamente’: ironicamente usado (no original *artificially*, de duplo sentido: *artisticamente* ou *artificiosamente*).

⁶¹ Saias de balão, armadas com arcos e barbas de baleia, mostravam tendência para aumentar de proporções, apesar de se terem tornado objecto de ridicularização, nomeadamente já em textos do *Spectator* (por ex. n.os 127 e 129, de 26 e 28-VII-1711) e depois do próprio Fielding (*Journey from this World to the Next*, em *Miscellanies*, II, p. 9; *The True Patriot*, n.º 15, de 11-II-1746;

- e *Covent-Garden Journal*, n.º 37, de 9-V-1752). Cf. B.G., p. 33, nota 7.
- 62 ‘Smirk’: na gíria, um indivíduo aperaltado.
- 63 ‘Qualidade eficiente’: específica, constitutiva ou necessária (para fazer de alguma coisa aquilo que é).
- 64 ‘Pechisbeque’: liga de cobre e zinco na proporção de cinco partes para uma e imitando o ouro; em Inglês: *‘pinchbeck’*, do nome de Christopher Pinchbeck, construtor de brinquedos de Fleet Sheet (séculos XVII e XVIII).
- 65 ‘Nada, nem mesmo um piolho, é criado em vão’: apesar de ainda encontrar algum cabimento no século XVIII, por ex. em Pope (*Essay on Man*, I, ll. 245-46 e 267-68), a concepção de plenitude inerente ao tradicional esquema da grande cadeia do ser perde então quase toda a actualidade e aceitação. A observação de Fielding, na sua ironia, documenta o facto.
- 66 ‘Os que de vermelho se vestem’: alusão ao dólmen vermelho dos soldados ingleses e à atracção por fardas militares.
- 67 Abundam em obras do autor as referências satíricas a janotas ou peraltas; cf. por ex. *The Temple Beau* (peça de 1730).
- 68 ‘Pius’ e ‘pater’ são atributos regularmente aplicados a *Eneias* na *Eneida*, com excepção da parte da narrativa em que o herói esquece a sua missão por estar absorvido com Dido (Livro IV, até l. 393). O epíteto ‘casta’ é restituído a Laetitia logo a seguir, no início do cap. XI da narrativa.
- 69 A repetição da expressão inicial do cap. anterior e a ridicularização dos ‘atributos’ de Smirk, paralela à de *Bagshot* no seguinte, podem sugerir que o cap. X foi uma inserção de última hora. Cf. H. Amory, na ed. usada nesta tradução, p. 36, nota 8.
- 70 O moralismo de Wild, aqui representado, acentua a sua hipocrisia.
- 71 Imagem típica do autor, também usada, por ex., em *Joseph Andrews*, I, vi, p. 33, e *Amelia*, XI, v, p. 476; cf. ainda, mais adiante, o primeiro parágrafo de II, i.
- 72 As pequenas peças de pergaminho (‘little slips of parchment’) são os mandados judiciais. Em nota do autor na segunda edição, afirma-se ser fictício o nome John Doe.
- 73 O itálico do autor sublinha o eufemismo.
- 74 Retórica de incerteza típica do autor, frequentemente associada a situação de jogo; cf., por ex., em *Tom Jones*, VIII, xii, p. 466, frase análoga: ‘Difícil é determinar o que aconteceu ao dinheiro, a menos que o próprio demo o tenha levado’. Ver adiante, nota 225.
- 75 *Convocation*: a respectiva câmara baixa era a assembleia deliberativa da Igreja Anglicana.

- ⁷⁶ Fielding anota frequentemente e com ironia as deturpações do conceito de honra que a confundem com a vaidade, orgulho e mera aparência de respeitabilidade. A corrupção desse e de outros conceitos é submetida a irónica elucidação no ‘Modern Glossary’ de *Covent-Garden Journal*, n.º 4 (14-I-1752), p. 35 e nota 1; cf. também ‘Dialogue between Alexander and Diogenes’, *Miscellanies*, vol. I, pp. 229-30.
- ⁷⁷ Inadvertidamente e sem o mesmo sentido crítico, Wild parece ecoar as observações de Locke sobre a ambiguidade que tende a esvaziar o sentido de termos abstratos (Cf., *Essay Concerning Human Understanding*, por ex. III, v).
- ⁷⁸ Cf. *Journal of a Voyage to Lisbon*, 24 [19] de Julho, 1754: ‘Quanto mais alguém bebe, mais deseja beber; como acontece com Marco António na peça de Dryden [*All for Love*], o apetite aumenta à medida que é saciado e até ao excesso’ (Ed. de A. R. Humphereys e Douglas Brooks, ‘Everyman’s Library’, cit. na Bibliografia deste volume, p. 257). Cf. ainda paralelismo análogo em *Hamlet*, I, ii: ‘Como se o apetite tivesse aumentado/Ao ser alimentado’, cit. por Brooks, p. 304.
- ⁷⁹ A região de Bath era familiar a Fielding e a referência aos Alpes, no contexto com algum tom humorístico, pode basear-se na comparação de Pope entre alguém que busca o saber e o viajante na dita montanha (*Essay on Criticism*, ll. 220-32).
- ⁸⁰ ‘*Sic, sic iuvat ire sub umbras*’ (‘Assim, pois, me presto de bom grado a entrar no reino das sombras’), palavras de Dido, ao morrer, em *Eneida*, IV, 660.
- ⁸¹ Provavelmente numa alusão à situação de Carlos XII na sua campanha no rigoroso Inverno de 1709.
- ⁸² Referência a César, aqui de novo associado a Carlos XII e Alexandre. Cf. Plutarco, *Vida de César*, 11, em que este lamenta não ter ainda conseguido o mesmo que Alexandre; e 58, onde o biógrafo comenta a emulação de César em relação a si mesmo, como se fosse outra pessoa, a sua rivalidade com outros ‘heróis’ e a sua insatisfação por ficar aquém dos objectivos ambicionados. Cf. BG, p. 46, nota 9.
- ⁸³ Alexandre, como César (cf. nota anterior) chora porque insatisfeito consigo próprio e apesar das suas conquistas. Cf. Plutarco, *Moralia*, 466 D; e a peça de Fielding, *The Temple Beau*, II, vii, onde se faz observação análoga sobre a reacção do Macedónio.
- ⁸⁴ Frase que reflecte crescente preocupação, na época, das vantagens sociais da também progressiva diversificação das actividades económicas. Compreensão (tornada lugar comum ou, segundo Fielding em *Enquiry*, pp. 225-26,

‘axioma da vida política’) exemplarmente oposta à retórica de Wild por implicar um esperado contributo de todos os membros de uma sociedade para o desenvolvimento global.

- ⁸⁵ O paralelismo *Wild, the Great/Walpole* parece mais claramente sugerido pelo uso de maiúsculas na palavra ‘PRIME-MINISTER’ do original.
- ⁸⁶ A ‘grande realização’ ou o ‘ardil’ em preparação torna-se mais claro em II, ii, quando Wild e o conde alugam casa plenamente equipada para séde dos seus negócios.
- ⁸⁷ As ‘acções de bolsa comum’ referem-se a uma quantia previamente reunida por um grupo de jogadores que, conseqüentemente, recebem os lucros proporcionais ao respectivo quinhão.
- ⁸⁸ Em ‘An Essay on the Knowledge of the Characters of Men’ (*Miscellanies*, vol. I, p. 158), o autor define o seu conceito de generosidade (‘good nature’), inerente às *boas pessoas* aqui ironicamente desvalorizadas: ‘benevolência e amável disposição de espírito que nos torna disponíveis para sentir os infortúnios e partilhar da felicidade de outrem – levando-nos, conseqüentemente, a promover a segunda e evitar os primeiros; e isso sem qualquer contemplação abstracta da beleza da virtude e sem os apelos ou terrores induzidos pela religião’. Ver, sobre tal noção, *Champion* (27-III-1740) e o poema ‘Of Good Nature’, em *Miscellanies*, vol. I, pp. 30-5. Cf. BG, p. 50, nota 6.

Imagens de ‘heróis aquáticos’ ocorrem também, por ex., em *Joseph Andrews*, I, vi, p. 33, e na presente narrativa, I, xi, p. 28 (nota 71).

- ⁸⁹ Segundo alguns críticos, a figura de Heartfree teria sido inspirada nos seus aspectos mais positivos pelo joalheiro e dramaturgo George Lillo (sobretudo conhecido como autor de *The London Merchant*, de 1731), amigo de Fielding e cujo obituário foi por este escrito para o jornal *Champion* de 26-II-1739/40. Cf. David Nokes, ed. cit., nota 52.
- ⁹⁰ Ver atrás, nota 88, e a personagem de (por ex.) Parson Adams, em *Joseph Andrews*, a qual também ilustra esta observação do autor.
- ⁹¹ Os lugares da plateia (‘pit’) eram considerados ‘bons’ e frequentados por pessoas de diversos grupos sociais, ao contrário dos camarotes (‘boxes’), mais caros.
- ⁹² Embuste usado pelos vigaristas mais sofisticados, como diz *Sir John Fielding* em *Extracts from the Penal Laws* (1761), pp. 231-33. Cf. BG, p. 54, nota 4.
- ⁹³ Título que, em rigor, só se aplica a partir do parágrafo começado com ‘Tendo assim o nosso herói’, o que poderá indicar uma revisão do *ms*, segundo H. Amory (p. 56, nota 6).

- ⁹⁴ Na segunda edição, o autor reduz para metade o lucro da transação, que aqui é de 22% (cf. p. 57, nota 7, de H. Amory).
- ⁹⁵ ‘*Bridges-Street*’: na área de *Covent-Garden*, tradicionalmente mal-afamada, em particular, por causa da prostituição e da gatunagem.
- ⁹⁶ ‘*Rummer and Horse Shoe*’: nome de uma taverna setecentista em *Drury Lane*, também na zona de *Covent-Garden*.
- ⁹⁷ Cf. *Odisseia*, XIX.
- ⁹⁸ O controlo dos músculos faciais é um típico recurso de certas personagens de Fielding, por este frequentemente mencionado como fórmula humorística e satírica.
- ⁹⁹ De quarta-feira a sábado na última semana de Agosto, actores dos teatros da capital participavam nesses entremezes em feiras locais. Cf. BG, p. 60, nota 7.
- ¹⁰⁰ ‘*Derdaeus Magnus* ou *Deard(s)* o Grande’: William Deard(s), joalheiro setecentista do *Strand*, em Londres, amiúde satirizado por Fielding nas suas peças de teatro e no *Covent-Garden*, n.º 1, (Jan. 1752). Cf. BG, p. 61, nota 8.
- ¹⁰¹ Cf. imagem análoga em *Joseph Andrews*, I, xvi, p. 71.
- ¹⁰² ‘*Gate-house*’: prisão nas imediações da Abadia de *Westminster*.
- ¹⁰³ ‘Jack Ketch’: carrasco seiscentista cujo nome ficou como designação comum de posteriores carrascos, nomeadamente após a execução do Duque de Monmouth e outros célebres incriminados políticos.
- ¹⁰⁴ A ‘arte da política’ ou de *prosperar* (‘thriving’) é igualmente exposta no ‘*Essay on the Knowledge of the Characters of Men*’ (*Miscellanies*, I, ll. 154-55) como ‘capacidade de persuadir alguém sobre as vantagens da adesão a esquemas na realidade calculados para a sua destruição’. O termo ‘pollitricks’ é usado pelo autor em *Jonathan Wild* e, por exemplo também, em *Shamela* (1741), carta XII.
- ¹⁰⁵ O presente capítulo e a simbologia dos chapéus servem para ridicularizar facções e sectarismos políticos. Sobre possíveis alusões satíricas mais particularmente envolvidas, cf. Goldgar, p. 68, nota 1, em especial o seu artigo cit.: ‘*The Champion and the Chapter on Hats in Jonathan Wild*’, *Philological Quarterly* 72 (1993), pp. 443-50, que se refere aos n.os de 17 e 24-V-1740 do jornal da Oposição *The Champion*, dirigido por Fielding.
- ¹⁰⁶ ‘Autor francês’: Fielding combina duas passagens de Molière (em *Le Médecin malgré lui*), seguidas de perto na peça *Mock Doctor* e fundidas também numa expressão humorística, sobre motivo político, no jornal *Champion* de 24-IV-1740.
- ¹⁰⁷ *Galerus* *Kmnéh*: definições usuais, mas o autor troca *galeos* por *galerus* e o animal em causa é um cão e não um cação.

- ¹⁰⁸ Na peça de Sófocles, Teucer elogia Ajax por ter ganho um sorteio para combater com Heitor (Loeb, ll. 1284 e segs.). O ‘comentador’ da cena refere que Cresphontes pôs ardilosamente um torrão de barro na urna, em lugar da pedrinha habitual (tendo ganho Messenia), ao invés de Ajax e na expectativa de que o torrão se desfizesse, não saltando do elmo que servia de urna. ‘Fazer batota com chapéus’ é invenção humorística de Fielding, acrescentada ao episódio do elmo de pele de cão em Sófocles. Cf. comentário de Goldgar, p. 69.
- ¹⁰⁹ Tendo enviado a nota promissória do conde aos fornecedores das jóias, Heartfree vê-a devolvida porque aquele se encontra ausente em parte incerta, não a pagando; o débito recai então sobre o ourives, que era fiador.
- ¹¹⁰ Os *quakers* recusavam fazer juramentos, argumentando serem absolutamente verdadeiros e responsáveis nas suas declarações, atitude validada por lei que os dispensava de juramentos judiciais desde 1696.
- ¹¹¹ ‘Rubbers’: partida de *Whist*.
- ¹¹² ‘Peter Pounce’: personagem de avarento em *Joseph Andrews*, aparentemente inspirada em Peter Walter, usurário frequentemente satirizado pelo autor também noutros textos e ainda por Swift e Pope. Cf. BG, p. 72, nota 8.
- ¹¹³ ‘*Vauxhall*’: parque de Londres em grande moda na época.
- ¹¹⁴ ‘Sir Charles Easy’: protagonista da peça *The Careless Husband* (1705), de Colley Cibber, dramaturgo e empresário teatral muito satirizado por Fielding. Sobre Cibber, ver adiante, nota 240.
- ¹¹⁵ Impudência, descrita em termos análogos noutros textos do autor (cf. por ex. *The Covent-Garden Journal*, n.os 48 e 53, respectivamente de 16-VI-1752, pp. 264-68, e 4-VII-1752, p. 291).
- ¹¹⁶ Observação aparentemente em desacordo com a anterior descrição da ‘elegante’ casa do conde (II, ii e nota 92).
- ¹¹⁷ ‘Drawcansir’: personagem burlesca da peça *The Rehearsal* (1761), em que George Villiers, duque de Buckingham, assim satiriza as tiradas bombásticas de certos protagonistas de ‘tragédias heróicas’ da Restauração. ‘*Sir Alexander Drawcansir*’ é o nome de uma *persona* de Fielding no *Covent-Garden Journal*.
- ¹¹⁸ No seu ‘Moderno Glossário’ (cit. na nota 75) e noutros textos, Fielding ironiza em relação a um vulgar conceito de *amor*, como o faz em relação à deturpação de outras noções: o termo significaria agora ‘o nosso apetite por certo tipo de alimentos favoritos’ (*Covent-Garden Journal*, n.º 4, 14-I-1752, p. 37). Cf. também *Tom Jones*, VI, i, p. 270.

- ¹¹⁹ *Covent-Garden* (cf. notas 91 e 92) era zona pródiga em casas de prostituição e balneários de má reputação (*bagnios*).
- ¹²⁰ A Inglaterra não tinha com a Holanda um acordo de extradição e a urgência de Wild visa impedir que a Sr.^a Heartfree ficasse retida por um processo de declaração de falência.
- ¹²¹ Os baixios de *Goodwin*, conhecidos como séria ameaça à navegação, ficavam ao largo da costa de Kent.
- ¹²² Entre 1713 (Tratado de Utreque) e 1743 (Guerra da Sucessão Austríaca), França e Inglaterra viveram, contudo, um período de paz.
- ¹²³ Capítulo omitido na segunda edição e escrito em paródica imitação do estilo e do comentário de Bacon, em *Advancement of Learning*, aos provérbios de Salomão. Os doze ditados são extraídos, com pequenas alterações, de *Joe Miller's Jest*s (5.^a ed. de Julho, 1742), de modo a ironizar acerca de certos aspectos desse livro, adiante cit. Cf. BG, p. 82, nota 6.
- ¹²⁴ Referência a *Adagia* (1508), de Erasmo.
- ¹²⁵ 'Elijah Jenkins': pseudónimo do historiador e dramaturgo John Mottley, que iniciou a compilação de *Joe Miller's Jest*s em 1739, tirando partido da fama do autor Joe Miller (falec. 1738).
Edmundus de Crull' (Edmund Curll): nome do editor satirizado por Pope pela sua falta de escrúpulos e aqui infundadamente associado ao livro de Mottley para o desvalorizar. Cf. BG, p. 83, nota 8.
- ¹²⁶ Cit. de *Advancement of Learning*, II. Cf. BG, p. 83, nota 9.
- ¹²⁷ Mottley, *op. cit.*, (5.^a ed.), p. 94. Os provérbios seguintes são uma selecção e seguem a ordem apresentada nas pp. 85-103. Cf. BG, p. 83, nota 1.
- ¹²⁸ É frequente no século XVIII o uso satírico de imagens associadas às modas do vestuário e aos ídolos (alfaiates) que as ditam. Uso proeminente em Swift (cf. *Tale of Tub*, II) e que Caryle retomará no século seguinte (cf. *Sartor Resartus*). A identificação espectadores-críticos-alfaiates ocorre também em *Joseph Andrews*, III, x, p. 263.
- ¹²⁹ A ironia no original, dificilmente traduzível, deriva do trocadilho obtido com quatro sentidos da palavra 'ordinary': inferior; ementa; refeição a preço fixo; e eclesiástico ou bispo.
- ¹³⁰ Possível alusão a William Pulteney, que recebe o título de conde de Bath em Julho de 1742, depois do afastamento de Walpole do poder, e que é um dos anteriores *leaders* da Oposição que entram numa luta desenfreada pelo poder, em várias ocasiões verberada por Fielding. Este provérbio, segundo alguns comentadores, terá sido motivo determinante para a inclusão do

- capítulo. Cf. BG, p. 86, nota 5.
- ¹³¹ Bacon, *op. cit.*, II. Cf. BG, p. 86, nota 7.
- ¹³² Provérbio verificável na ‘apoteose’ de Wild em IV, xv e referido à peça *The Tempest* (I, i, ll. 28-33), de Shakespeare, que, em *Hamlet* (III,ii, ll. 343-44), apresenta uma personagem comentando outro aforismo ‘algo antiquado’. Cf. BG, p. 86, nota 8.
- ¹³³ Horácio, *Arte Política*, ll. 191-92; e observação análoga do narrador em *Tom Jones*, X, i, pp. 875-76.
- ¹³⁴ Alguns comentadores sugerem que tais ‘ocorrências’ se referem ao cometa aparecido em 20-II-1742; outros pensam tratar-se de nova alusão à luta pelo poder mencionada antes (nota 130).
- ¹³⁵ Cf. Horácio, *Epístolas*, I, x, l. 24: ‘*Naturam expelles furca, tamen usque recurret*’ (‘Podes expulsar a Natureza com violência que ela se apressará sempre a voltar’).
- ¹³⁶ Observação irónica sobre a ideia tradicional de que a Natureza distribui diferentes talentos pelos humanos para uma compósita realização global das tarefas do mundo. Cf. Pope, *Essay on Man*, ii, ll. 165-66.
- ¹³⁷ No original ‘NATURALS’: trocadilho com ‘deficientes mentais’, um dos sentidos do termo.
- ¹³⁸ Subjacente à ironia aqui aplicada e ao frequente uso pelo autor de imagens lúdicas ou da vida como jogo está a noção de que os imprevisíveis acidentes da fortuna podem corresponder a *causas segundas* num âmbito providencial. Fielding encontrava tal noção em autores que admirava, como Robert South (*Sermons Preached upon Several Occasions*, 6 vols., 1737, nomeadamente I, pp. 278 e 293) e Swift (*The Battle of the Books*, ed. por Robert A. Greenberg e William B. Piper, W. W. Norton a. Co., Inc., N. Iorque, 1793, p. 386). Sobre South ver também notas 257 e 264.
- ¹³⁹ A partir do resultado.
- ¹⁴⁰ Ironia provocada pela sugestão de subida ao patíbulo na referência à ‘exaltação final’ ou ‘apoteose’ de Wild.
- ¹⁴¹ Observação não muito diferente da anteriormente cit. de Horácio (nota 129). Cf. William Warburton, *A Critical and Philosophical Enquiry into the Causes of the Prodiges and Miracles as related by Historians* (1727), que censura o recurso ao maravilhoso na historiografia, e reflexão análoga de Fielding em *Journey from this World to the Next*, I, ix (*Miscellanies*, vol. II, pp. 44-5 e notas), sobre a polémica contemporânea relativa ao uso por Tito Lívio de monstros e prodígios. Cf. BG, p. 89, nota 9.

- ¹⁴² ‘Um certo Heródoto’: ênfase dada à importância do historiador antigo através de uma espécie de *understatement* expresso na indefinição ou ignorância aparente nas palavras iniciais. O episódio (*História*, iii, 14) diz mais diretamente respeito a Psammenius; Cresos e Cambises são testemunhas do desgosto daquele. Na peça *Tragedy of Tragedies* (1731), Fielding conta o mesmo episódio com as personagens bem identificadas. Cf. BG, p. 93, nota 5.
- ¹⁴³ ‘Nanny’ e, na segunda edição, ‘Nancy’ são ambas formas familiares do nome Anne. Cf. BG, p. 94, nota 6.
- ¹⁴⁴ Na tradição consolatória baseada em considerações filosóficas e religiosas.
- ¹⁴⁵ Em ‘Of the Remedy of Affliction for the Loss of our Friends’, o autor faz observação semelhante (*Miscellanies*, vol. I, p. 225), também elaborada, por ex., em Pope (*Essay on Man*, ii, ll. 275-82) e em Isaac Barrow, clérigo cit., com bastante apreço, por Fielding em várias passagens de textos seus (‘That the profit the World so greedily gapes after is but a possession of trifles’, no sermão ‘The Pleasantness of Religion’, *Works*, de 1741, I, pp. 5-6).
- ¹⁴⁶ Cit., com ligeira alteração, de Edward Young, *The Complaint: or, Night-thoughts on Life, Death, and Immortality* (‘Night the First’), de 31-V-1742, ll. 376-78. Sobre Young, ver adiante, nota 246.
- ¹⁴⁷ Refutação de tais ‘laboriosos escritores’ ou ‘filósofos políticos’ surge também em artigos do jornal *Champion*, com referência aos ‘antídotos contra tais escritos’, fornecidos, por ex., por Tillotson e por Clarke, reputados moralistas contemporâneos.
- ¹⁴⁸ Caracterização tradicional do ‘caminho do bem’, também usada em *Journey from this World to the Next* (*Miscellanies*, vol. II, p. 25 e nota) e ampliada na segunda edição com recurso a paráfrase de *Provérbios*, 3:17. Cf. BG, p. 97, nota 4.
- ¹⁴⁹ ‘Fanatismo’: no original ‘enthusiasm’, termo crítico muito usado nos séculos XVII e XVIII, aqui aplicado no âmbito da irônica inversão verbal adotada regularmente na narrativa. Segundo a definição de Samuel Johnson no seu *Dicionário*, ‘enthusiasm’ é ‘a vain confidence of divine favour or communication’ (vã expectativa de auxílio ou comunicação divinos); e, na definição do *Oxford English Dictionary*, ‘extravagance of religious speculation’ (extravagância na especulação religiosa). Cf. BG, p. 97, nota 5.
- ¹⁵⁰ Cf. *Crito* de Platão (43 d-44 b), texto em que se conta como Sócrates suportou com fortaleza de ânimo a próxima chegada no navio de Delos, que poria fim à suspensão temporária da pena capital a que fora condenado.
- ¹⁵¹ Isto é: o cavalheiro tentava evitar despesas e transportar ele próprio o dinheiro, não consciente do risco que corria.

- 152 Noção ilustrada em 1752 pelo autor com *Examples of the Interposition of Providence*.
- 153 A expressão em itálico é título de uma obra então muito divulgada do seiscentista John Reynolds. Cf. BG, p. 99, nota 2.
- 154 Tema favorito de Fielding, que frequentemente comparou calúnia a assassinio; cf. *Miscellanies*, vol. I, p. 14; *Champion*, 6-III-1739/40; *Tom Jones*, XI, i, p. 568; e *Covent-Garden Journal* n.º14, p. 100. Cf. BG, p. 100, nota 3.
- 155 A associação entre calúnia e envenenamento (designadamente por víboras) é tradicional e surge em vários textos do autor — por ex. *Charge Delivered to the Grand Jury* (1749) e outros passos referidos por Melvin Zirker na sua ed. de *Enquiry*, ‘Wesleyan Series’, p. 26, nota. Cf. BG, p. 100, nota 6.
- 156 ‘Pescoço’: substituído por *casaco* (‘coat’) na segunda edição, em conformidade com idêntica substituição anterior (segundo parágrafo deste capítulo, onde ‘stock’, plastrão, é usado em 1743).
- 157 ‘Acates’: o amigo fiel de Eneias na *Eneida* de Virgílio. ‘Hefastião’: chefe militar e íntimo de Alexandre da Macedónia. Fielding pode ter querido fazer aqui um trocadilho pela semelhança de sentido entre ‘Fireblood’ e ‘Hefastião’ (*Hefasto*: deus do fogo na mitologia grega). Cf. BG, p. 101, nota 8.
- 158 Observação análoga ocorre em *Beggar’s Opera* (II, v). Cf. BG, p. 101, nota 9.
- 159 Cf. último parágrafo do capítulo ii, notícia sobre a ‘devolução do mandado judicial’.
- 160 Séneca, *De Ira*, ii, 33: ‘Odeiam aqueles mesmos que ofendem’; e Tácito, *Agricola*, 42: ‘Decorre da natureza humana odiar depois de ofender’. Cf. BG, p. 102, nota 2.
- 161 Neste caso, a dissertação de Wild sobre a severidade dos credores e da pena de prisão para os devedores corresponde ao pensamento de Fielding, embora resulte algo irónica por vir do ‘herói’.
- 162 Passagem manifestamente crítica sobre a Lei da Censura Prévia aos espectáculos teatrais (*Licensing Act*) de 1737 (que impedia representação de peças satíricas como as que Fielding tinha escrito e posto no palco até essa data) e possivelmente alusiva também à suspeita de que tal lei iria ser igualmente aplicada aos livros. Cf. BG, p. 105, nota 4.
- 163 Em *Crito*, de Platão, *passim*, onde não se diz que a saída da prisão foi franqueada, mas sim que Crito está persuadido de que ele e os amigos podem conseguir a fuga de Sócrates. Cf. BG, p. 105, nota 5.
- 164 Cf. ‘A Smithfiel match’, expressão também usada pelo autor em *Joseph Andrews*, II, vi, p. 127; segundo o *Oxford English Dictionary*: variante de

- ‘Smithfield bargain’, casamento por interesse monetário. *Smithfield* era famoso como mercado de carne. *St. James* era a área da cidade onde ficava a corte.
- ¹⁶⁵ Título comum de vários manuais publicados, desde a Restauração de 1660, sobre o modo de escrever cartas comerciais e de amor.
- ¹⁶⁶ Descontada a sátira aos ‘ornamentos’ epistolográficos de Wild, a perspectiva de Fielding (que tinha alguns oponentes) é de novo defendida em *Journal of a Voyage to Lisbon*, Prefácio do Autor, com referência aos discursos de Lívio, Salústio e Tucídedes.
- ¹⁶⁷ O *Gentleman’s Magazine* começou a apresentar ‘Debates in the Senate of Magna Liliputia’, em Junho de 1738, assinados pelo ‘neto de Gulliver’ e aludindo às sessões do Parlamento, cuja transcrição era, no entanto, proibida. Em Agosto, a Câmara dos Lordes começou a ser aí designada por ‘Câmara dos Hurgos’ e a dos Comuns por ‘Câmara dos Clinabs’. Em 1742, tais relatos passariam a estar a cargo de Samuel Johnson. Entre outros, o jornal *London Magazine* iniciou uma rubrica análoga sob o título ‘Debates in the Political Club’. Cf. BG, p. 109, nota 3.
- ¹⁶⁸ Passagem pouco explícita mas provavelmente de sátira aos complicados contratos de casamento no século XVIII, com as suas cláusulas sobre os bens a assegurar pelo marido à esposa, em caso de esta lhe sobreviver (*jointures*), subvenções e outras. De acordo com a lei em vigor, o dote da noiva equivaleria, em princípio, a um terço daqueles bens, mas podia ser maior conforme certas circunstâncias (idade, condição social, riqueza, vontade de ambas as partes na celebração do casamento, por exemplo). Cf. Goldgar e Amory, pp. 110-11, nota 6.
- ¹⁶⁹ Cf. Fielding, *Pasquin* (peça de 1736), I, i e III, i; ou Dryden, *Essay of Dramatic Poesy* (*Essays*, ed. W. P. Ker, Oxford, 1900, i, p. 47). Cf. BG, p. 111, nota 7.
- ¹⁷⁰ Imagens semelhantes sobre uma calma felicidade no matrimónio ocorrem em *Amelia*, III, xii, p. 147, e VII, ii, p. 268. Cf. BG, p. 111, nota 8.
- ¹⁷¹ Sátira paródica à voga, na primeira metade do século XVIII, de diálogos matrimoniais e exemplo saliente dos fracassos amorosos do ‘herói’. Cf. BG, p. 112, nota 9.
- ¹⁷² Em *Joseph Andrews*; I, xvii, p. 85, Mrs. Tow-Wouse insulta a criada, Betty, com o mesmo termo e o narrador ironiza sobre tal tipo de agravos, nomeadamente quando dirigido a mulheres de condição humilde. Na época, o epíteto era tido como extremamente afrontoso. Cf. BG, p. 117, nota 4.

- 173 O sentido da frase torna-se mais claro com citação de *Tom Jones*, II, vii, p. 106: ‘Só uma situação exclui o prazer no estado matrimonial: a indiferença’. Cf. BG, p. 118, nota 5.
- 174 ‘*Corvinus*’ (corvo): personagem da peça *Volpone*, de Ben Jonson; ‘Camilla’: princesa que ajuda Turnus contra Eneias (*Eneida*, VII, 808 e segs.); ‘*Lady Betty Modish*’: personagem de coquete na peça de Colley Cibber, *The Careless Husband* (1704), que se afirma resolvida a ‘curar’ o amante do seu bom humor (Acto III). Cf. BG, p. 118, nota 6.
- 175 ‘Hymen’, deus do casamento, tem por emblema tradicional uma tocha (cf. Ovídio, *Fasti*, ii, 558).
- 176 Os presos por dívida em qualquer parte da Grã-Bretanha podiam, por *habeas corpus*, ser transferidos para a prisão de *Fleet*, circular no exterior e mesmo alugar casa nas imediações, se dessem certas garantias ao respectivo superintendente. Cf. BG, p. 119, nota 7.
- 177 ‘Certos GRANDES HOMENS’: criminosos – que, por conveniência, mantêm a morada em segredo; ‘a maior parte deles’: políticos que gozam de imunidade. Os membros dos Comuns não podiam ser presos em processos civis durante a legislatura; os pares do reino nunca podiam ser detidos nesse tipo de processos. Situação satirizada pelo autor no *Champion* (17-VII e 1-IX-1740). Cf. BG, p. 120, nota 2.
- 178 Obra de John Reynolds composta por trinta ‘histórias trágicas’, completada em 1635 e de que o autor possuía um exemplar (cf. Frederick G. Ribble e Anne G. Ribble, ed. cit. na Introdução, nota 2, p. 268) que lhe serviu de modelo para a elaboração de um volume similar (cit. na nota 149), e da qual o *London Evening Post* fez sair prestações semanais em Setembro de 1739. Cf. BG, p. 121, nota 3.
- 179 Concepção análoga à expressa no *Champion* de 22 de Janeiro de 1739/40.
- 180 O advogado de Wild visa, sem sucesso, evitar que o seu cliente seja enviado a tribunal e tenta que o mandado judicial sirva antes para resgatar a Sr.^a *Heartfree*. *Homine Replegiando*: ordem para libertar alguém, sob condição de se apresentar às autoridades caso tenha de prestar declarações. *Capias in Withernam*: ordem para deter o advogado de defesa, sem direito a fiança, até que ele faça aparecer o seu cliente, caso este se afaste da área de jurisdição do xerife. Cf. BG, p. 122 e 123, nota 6.
- 181 *Quomodo*: meio ou maneira.
- 182 Também por ex. em *Tom Jones*, XII, vi (pp. 640 e segs.) e *Champion*, 3 e 8-V-1740, o autor usa esta imagem, muito destacada pelos comentadores que

têm defendido as conotações da expressão ‘Grande homem’, na narrativa, com o primeiro-ministro Walpole. Em sátiras correntes na época, manipulação política era frequentemente identificada com encenação teatral. Durante algum tempo, em 1748, Fielding foi responsável por um espectáculo de fantoches em Pantton Street.

¹⁸³ As opiniões variam quanto à possibilidade de a passagem se referir ao conflito (público) entre Walpole e Lord Townshend, ou entre Pulteney e Walpole – ou ainda ter apenas carácter genérico.

¹⁸⁴ ‘*Nemo mortalium omnibus horis sapit*’ (Plínio, *História Natural*, xl): ‘Nenhum mortal é sempre sensato’.

‘*Ira furor brevis est*’ (Horácio, *Epístolas*, I, ii, 62): ‘A ira é uma loucura breve’. Cf. BG, p. 126, notas 2 e 3.

¹⁸⁵ De acordo com a legislação, pessoas falidas que não comparecessem perante as autoridades encarregadas de ajuizar do caso, ou desviassem dinheiro, ou outros bens, num montante de vinte libras ou mais, com vista a defraudar credores, ficavam sujeitas à acusação de felonía e, como tal, eram punidas sem atenuantes. Cf. BG, p. 126, nota 4.

¹⁸⁶ Em *Joseph Andrews*, II, ix, pp. 137-38, Fielding usa uma análoga expressão jocosa, acrescentando ser a massa cinzenta ‘de pouquíssima utilidade em pessoas de vocação heróica’.

¹⁸⁷ *Mittimus*: mandado de captura escrito e assinado por um juiz de paz e com o selo deste, dirigido ao responsável de uma prisão ordenando que ficasse detida a pessoa enviada e designada.

¹⁸⁸ A prisão de *Newgate* estava dividida em três zonas, *Press-Yard and Castle*, *Master’s Side* e *Common Side*, havendo ainda algumas sub-divisões. *Press-Yard* era a parte menos desagradável; para nela ser admitido, um detido pagava vinte guinéus, mais onze xelins por estadia, por semana, num quarto suficientemente grande para que duas ou três pessoas pudessem nele andar com relativa largueza. Discricionariamente ou por falta no pagamento, o responsável podia enviar o detido para o *Common Side*, onde estavam os piores delinquentes e as condições eram as mais insalubres. Em *Amelia*, I, iii-iv, Fielding aponta com bastante realismo as condições de *Newgate*, em particular no que respeita aos devedores. Cf. BG, p. 127-28, nota 7.

¹⁸⁹ Em 1754, ‘injustiça’ foi substituída por ‘justiça’, o que confere à passagem uma flagrante ironia.

¹⁹⁰ Pressupõe-se que o local era *Bridewell* ou outra casa de correcção. Quando uma freguesia não era devidamente abonada, inclusive por ordem de dois

juízes de paz, para garantir a subsistência de uma criança bastarda, o pai desta, se conhecido, era preso; e a mãe era enviada para uma casa de correcção pelo período de um ano.

- 191 'Blueskin': alcunha de Joseph Blake, membro do bando de Wild na vida real, condenado por assalto em Outubro de 1724 (e executado no mês seguinte), depois de detido e entregue pelo seu chefe. No respectivo julgamento, feriu este no pescoço com um canivete, alegando súbito impulso, pois, 'caso contrário, ter-se-ia munido de arma mais afiada'. Cf. BG, p. 131, nota 2.
- 192 'Possíveis surpresas': armadilhas legais.
- 193 O tema do justo magistrado é retomado em IV, vi e xi e noutras obras do autor. Em *Covent-Garden Journal*, 7-I-1752, por ex., a ideia aqui expressa toma Platão (*República*) por referência fundamental: o bem dos cidadãos e não o bem próprio deve ser a preocupação dominante. O perfil do bom magistrado é igualmente saliente em 'An Essay on the Knowledge of the Characters of Men', *Miscellanies*, vol. I, p. 151. Cf. BG, p. 132, nota 4.
- 194 No original, 'Sir, or Right Honourable', este último o título usualmente conferido aos membros dos Comuns. O autor prossegue, no presente debate, a sátira contra ordens e títulos honoríficos não apoiados em merecimentos.
- 195 Os cavaleiros da Ordem da Jarreteira tinham uma pena no seu distintivo.
- 196 Nesta e noutras passagens seguintes, 'Castelo' passa a ser metáfora da prisão de *Newgate* no seu todo e não se refere apenas à parte antes referida com esse nome (cf. nota 188).
- 197 Os capelães de *Newgate*, frequentemente alvo de depreciação na época, costumavam registar e publicar as declarações dos condenados nos últimos dias de vida destes. *The Behaviour, Confession and last dying Speeches* de Wild foi, de facto, publicado pelo capelão Thomas Purney. A sátira que amiúde envolvia também estas publicações era principalmente motivada pela deficiente qualidade dos registos assim como do próprio desempenho espiritual dos *ordinaries*, também criticado, por ex., em *Moll Flanders* (1722), em *An Enquiry into the Causes of the Frequent Executions at Tyburn* (1725), de Bernard Mandeville, e noutros textos da época. Naquele romance de Defoe, contudo, a acção de alguns dos capelães é vista a uma luz bem mais favorável. Cf. BG, pp. 135-36, nota 3.
- 198 Opinião refutada em *Joseph Andrews*, I, xii, p. 82, por outro clérigo (Parson Adams), que reflecte posições cristãs partilhadas por Fielding.
- 199 *Hicks's Hall*: local onde decorriam as sessões do tribunal de Middlesex.
- 200 Algum exagero parece implicado aqui. A aplicação da pena capital por

falências fraudulentas (ver atrás, nota 181) tornou-se excepcional no século XVIII. Cf. BG, p. 138, nota 8.

²⁰¹ *'Ut Lapsu graviore ruant'* (expressão de Claudiano. *In Rufinum*, i, 23): a fim de o precipitar em ruína ainda maior. A circunstância de se ser alçado a posição destacada para subseqüentemente sofrer derrocada proporcional é interpretada pelo autor citado numa perspectiva providencialista. Em *Amelia*, I, iii, pp. 30-1 e nota 3, a disposição da personagem do Capitão Booth é igualmente ilustrada com referência à mesma obra de Claudiano, que pondera sobre a experiência da injustiça no mundo num espírito semelhante ao de Boécio em *Consolação da Filosofia*.

²⁰² Cf. atrás, nota 191.

²⁰³ Referência a lei de 1718, que passou a considerar crime receber por bens roubados, embora conhecendo o facto e não detendo o responsável do roubo ou não participando a informação. Cf. Irwin, *op. cit.*, na Bibliografia, pp. 6-8. O juiz em causa, Sir William Thompson, presidiu depois ao julgamento de Wild. Cf. BG, p. 139, nota 2.

²⁰⁴ 'Castelo': cf. nota 196.

²⁰⁵ A exaltação da liberdade foi um dos factores da aproximação entre Fielding e a Oposição 'Patriótica' ao governo de Walpole. O poema 'Liberty', incluído em *Miscellanies*, Vol. I, partilha com o poema homónimo de James Thomson e outros do mesmo ideal. Depois do afastamento de Walpole e da luta desenfreada pelo poder entre alguns oposicionistas, o autor moderou um tanto essa exaltação, como se pode ver, por ex., em *A Charge delivered to the Grand Jury* (1749), no *Enquiry*, pp. 19-20; *Covent-Garden Journal*, pp. xl-xlii e n.os 2, 47, 49, 55 e 58; e ainda *Journal of a Voyage to Lisbon*, Julho 21 [16]. Cf. BG, p. 140, nota 4.

²⁰⁶ Para Thomas Baston (autor de *Thoughts on Trade and a Public Spirit*, obra de 1716 existente na biblioteca de Fielding, como consta da p. 31 da ed. de Frederick G. Ribble e Anne G. Ribble cit. na nota 2 da Introdução), como para outros observadores da época, era sabido que os responsáveis de uma prisão como *Newgate* procuravam recuperar por todos os meios o dinheiro gasto com a licença necessária para exercerem as suas funções (bem acima das 4000 libras por 1725). Era usual extorquirem dinheiro aos presos e pactuarem com os criminosos à custa de contrapartidas, deixando que as prisões se tornassem uma espécie de santuários para Wild e afins. Cf. BG, p. 140, nota 5.

²⁰⁷ Cf. *Amelia*, I, iii, p. 25.

- ²⁰⁸ O Roger Johnson da vida real, nascido em 1695, atingiu especial notoriedade em várias acções: ganhou dinheiro fingindo do clérigo; escapou da forca acusando a mãe de crime; voltou a escapar à pena capital depois de condenado por burla; capitaneou o barco de Wild, utilizado para o contrabando de bens roubados; foi libertado da prisão através de um golpe armado conduzido pelo mesmo Wild (em Fevereiro de 1725); e, enquanto na prisão, desempenhou os papéis que Fielding aqui lhe atribui. Cf. Nokes, *op. cit.*, p. 276, nota 99, e BG, p. 143, nota 3. Na narrativa, porém, Johnson e Wild entram em conflito aberto.
- ²⁰⁹ Se, como pretendem alguns comentadores, este discurso é um somatório alusivo das queixas e acusações da Oposição contra Walpole, ilustrando, como todo o capítulo, o antagonismo entre o primeiro-ministro e o oposicionista Pulteney, Fielding não se identifica aqui com nenhuma das partes e submete ambas à sua ironia. Por outro lado, a presente descrição das facções políticas em *Newgate* corresponde à realidade da situação: na década de trinta, os presos participavam muito directamente na defesa dos seus interesses, nomeadamente elegendo representantes que tentavam manter a ordem, cobravam contribuições para a compra de certos bens, olhavam pelas condições de higiene, etc. Cf. BG, p. 144-45, nota 4.
- ²¹⁰ A figura do velho de ar grave cuja autoridade se impõe no meio de distúrbios e facciosas perturbações torna-se recorrente e emblemática em Fielding. Em alguns textos do autor, é referido o mesmo tipo de figura em Virgílio e Maquiavel: *Tom Jones*, XII, vi, p. 641 (com alusão a *Eneida*, i, 148-53) repete passagem análoga no jornal *Champion* de 15-I-1739/40 (onde, por sua vez, se cita ilustração similar em Maquiavel, *Discursos*, I, liv, 9, igualmente apoiada em Virgílio); e *Covent-Garden Journal*, n.º 8, de 28-I-1752, p. 65. Segundo certas interpretações, haveria afinidades entre as ideias aqui propostas pelo ‘velho de ar grave’ e as doutrinas de Bolingbroke e seus discípulos (Lyttelton, Dodington e Cherterfield – amigos e patronos de Fielding), favoráveis a uma alargada coligação de grupos políticos. Mas, mais genericamente, tais ideias convergem num conceito aparentemente simples e assumido pelo autor, sobre a necessidade de sacrificar ambições individuais para se poder promover o bem comum. Cf. BG, p. 145-46, nota 5.
- ²¹¹ Observação também presente em Platão, *República*, 571a-576c, passagem em que se discute o perfil do tirano.
- ²¹² Ver as notas 193 e 210 e as passagens a que se referem.
- ²¹³ Por mais de uma vez, os narradores ou personagens de Fielding advertem

que uma personagem, tal como uma pessoa real, não consegue geralmente furtar-se a algumas inconsistências. Em *Joseph Andrews*, II, ix, p. 136, Parson Adams cita Homero para lembrar isso e, em *Tom Jones*, X, i, p. 526, os leitores são exortados a não condenar alguém por não ser absolutamente isento de defeitos.

- ²¹⁴ *'Ministeriais'*: palavra e itálico parecem justificar conotação com Walpole.
- ²¹⁵ Cf. I, XIV e nota 83.
- ²¹⁶ Uma de muitas farpas, em obras do autor, contra hipócritas e lisongeadores. Cf. adiante, nota 256.
- ²¹⁷ Quando a *Opera* de John Gay (1728) está a chegar ao fim, a personagem do *Player* lembra que esse fim deverá ser feliz para satisfazer o gosto reinante; e outra personagem, o *Beggar*, incita a multidão a exigir a comutação da pena capital prestes a ser aplicada a Macheath.
- ²¹⁸ A mesma questão percorre II, xiii.
- ²¹⁹ Este juiz de paz mostra-se escrupuloso e não discrimina as pessoas segundo a respectiva condição ou riqueza, no que contrasta, por ex., com os satirizados Sequeezum (*Rape upon Rape*, peça de 1730) e Thrasher (*Amelia*, 1751).
- ²²⁰ Em 'A Sea-Piece' (*Amelia*, III, iv), encontra-se a descrição de uma tempestade marítima algo semelhante às incluídas neste capítulo.
- ²²¹ Ou seja: um corpo luminoso visível nos céus durante alguns momentos.
- ²²² Reacção similar à dos capitães do *Lovely Peggy*, em *Amelia* (III, iv, p. 111), e do *Queen of Portugal*, em *Journal of Voyage to Lisbon* (Julho, 24). Personificação afectiva dos barcos é tradicional entre os marinheiros.
- ²²³ Capítulo posto de parte na segunda edição e descrito pelo autor no Prefácio de *Miscellanies*, Vol. I, nas palavras: 'visivelmente concebido como burlesco de extravagantes relatos de viagens' (p. 11). Alguns dos episódios apresentados inserem-se numa longa tradição desse tipo de burlesco, também já explorado por Luciano de Samósata (cf. *A Verdadeira História*), satirista por quem Fielding tinha especial apreço. As aventuras da Sr.^a Heartfree neste capítulo envolvem alguns motivos luciânicos, designadamente animais e plantas de proporções gigantescas, assim como a destruição de um monstro por homens infiltrados no respectivo corpo. No jornal *Champion* de 20-III-1739/40, em preâmbulo à série de artigos de uma das suas máscaras jornalísticas, Joe Vinegar, o autor expressa várias opiniões sobre a veracidade de muitos viajantes; e, nesses artigos, desenvolve uma irónica lamentação sobre o céptico acolhimento encontrado pelos respectivos relatos. Também no Prefácio de *Journal of a Voyage to Lisbon* Fielding critica severamente

Plínio e outros autores que se comprazem com as falsidades dos seus escritos de viagens.

- ²²⁴ *Felo de se*: suicida, ou criminoso por atentar contra si próprio.
- ²²⁵ Frequentes em obras do autor, expressões de incerteza como esta contrariam possíveis poses de onisciência, oscilando entre uma resolução predominantemente retórica, como aqui, e a criação de uma ambiguidade no desenvolvimento da respectiva história. Ver nota 74.
- ²²⁶ Fielding parece ter esquecido que o conde tirara as jóias do cofre e as escondera no forro do colete.
- ²²⁷ Imagem análoga ocorre em *Eneida*, vi. 625-27 (quando a Sibila descreve os tormentos sofridos no mundo dos mortos pelos que em vida haviam cometido grave ofensa) e em *Geórgicas*, ii, 43. Essa imagem das múltiplas línguas é também utilizada em *Joseph Andrews* (II, xiii, p. 160) com referência a Homero (*Iliada*, ii. 489). Cf. BG, p. 169-70, nota 3.
- ²²⁸ ‘Trincheiras das gengivas’: expressão adaptada de Homero (*Iliada*, ix. 409; *Odisseia*, x. 328) com efeito burlesco. ‘*Amazona de Drury*’: prostituta (em registo de simulação heróica).
- ²²⁹ O alarido mencionado (final do capítulo anterior) tornou inaudível o início desta fala.
- ²³⁰ Cf. metáforas de intensificação similar na p. 104.
- ²³¹ Wild alude aqui aos edifícios conhecidos por *Doctors Commons*, anexos à catedral de São Paulo. Neles estava instalado o tribunal eclesiástico que decidia sobre casos de divórcio e emitia licenças de casamento, assim como julgava situações de adultério, já não punidas com prisão.
- ²³² *Westminster-Hall...afrota*: tribunal onde Wild se propõe exigir indemnização pela ofensa.
- ²³³ ‘Costume em nações europeias’: contrariamente ao sugerido por alguns comentadores, a Fielding não passa decerto despercebido esse tipo de cumprimento em França e noutros países da Europa; ele pretende apenas sublinhar aqui a particular efusão do heremita.
- ²³⁴ Cf. *Liberty (Miscellanies, Vol. I, p. 39)*, ll. 64-5; imagem do ‘King-Spirit’ em *Journey from this World to the Next (Miscellanies, Vol. II, pp. 26-8)*; e o rei dos ciganos em *Tom Jones (XII, xii, pp. 668-71)*.
- ²³⁵ ‘SCHACH PIMPACH’: rei dos proxenetas. ‘Shach’ é ortografia inglesa usual no século XVIII para Xá (soberano).
- ²³⁶ ‘Saca-notas’: segundo *A New Canting Dictionary (1725)*, um tipo de *pick-pocket* na gíria designado por *file* (termo usado no original) que actuava em

colaboração com um *'bulk'* ou *'bulker'*. Este segundo elemento da parelha (conhecida por *'divers'*) encostava a vítima a uma parede enquanto o primeiro lhe roubava a carteira. Os *'divers'* eram considerados a trigésima quinta ordem de patifes. Cf. BG, p. 176, nota 8.

- ²³⁷ Xenofonte, em *Memorabilia*, IV, iv, 4 e IV, viii, 4, apresenta Sócrates a rejeitar as subtilezas do tribunal e a afirmar ter baseado a sua defesa na ponderação do bem e do mal realizados ao longo da vida. Cf. BG, p. 176, nota 1.
- ²³⁸ Reivindicação de imortalidade poética feita por Ovídio no final de *Metamorfoses*, XV, 871-72 ('Que nem a ira de Júpiter, nem o fogo, nem a espada, nem a acção deletéria do tempo jamais conseguirão destruir'), em que 'Jovis' é ironicamente substituído por 'Judicis' (em caracteres romanos para marcar a diferença) de modo a sugerir restar a Wild a consolação de ter perpetrado o que a ira de nenhum juiz podia alterar. Cf. BG, p. 177, nota 3.
- ²³⁹ Frase em que parece haver algum reflexo de *Êxodo* 22:22 ('Não afligirás a viúva ou o órfão') ou alguma da respectiva ressonância em Zacarias, 7:10 ('Não oprimirás a viúva, o órfão, o estrangeiro ou o pobre'). Cf. BG, p. 177, nota 4.
- ²⁴⁰ O 'GRANDE poeta dramático' é Colley Cibber (novamente alvo da sátira do seu contemporâneo), e as linhas transcritas, inteiramente de sua autoria, são tiradas do final do terceiro Acto da também sua adaptação de *Ricardo III* (1ª ed. 1700). As alterações de Cibber a peças de Shakespeare constituem um dos motivos da referida sátira (ver, por ex., a peça de Fielding *The Historical Register*, de 1737, III, i). Cf. BG, p. 177, nota 5; e, sobre Cibber, referência na nota 114.
- ²⁴¹ A confusa e errónea doutrina do capelão, que transparece do diálogo lacunar do presente capítulo, corresponde à predominante reputação negativa dos clérigos das prisões na época (ver nota 197). Swift (em *A Tale of a Tub*, por ex.) também usara lacunas semelhantes com efeitos satíricos.
- ²⁴² O texto correcto de Mateus 25:41 é: 'Afastai-vos de mim, malditos, e que vos consuma o fogo eterno, preparado para Satã e os seus anjos.'
- ²⁴³ O pedantismo do capelão vai a par da sua ignorância. Túlio e Cícero são a mesma pessoa.
- ²⁴⁴ De I, Coríntios 2:9: 'Os olhos não viram, os ouvidos não ouviram nem o coração dos homens sentiu o que Deus tem para recompensar os que O amam'.
- ²⁴⁵ Os termos sugeridos, 'ariano' e 'sociniano', que implicam heterodoxia anti-trinitária, eram por vezes aplicados indiscriminadamente, tal como 'ateu' e 'deísta', a pessoas consideradas demasiado 'liberais' ou críticas. Tais rótulos

são aqui motivados pela ira do interlocutor de Wild ao ouvir este criticar o mundanismo de alguns clérigos.

- ²⁴⁶ Na peça de Edward Young, *The Revenge* (1722), a personagem de Alonzo diz ao aproximar-se o fim do quarto Acto: ‘A morte junta-nos à grande maioria/ É um encontro com Platão e César’. Alonzo é um estereótipo do ‘grande homem-conquistador’ e a passagem citada é completada com a afirmação: ‘É ser grande para sempre’. Não surpreende que a obra seja satirizada por Fielding (ver peça *The Tragedy of Tragedies*, de 1731). Cf. BG, p. 181, nota 4; e referência a Young na nota 142.
- ²⁴⁷ Cf. nota 245.
- ²⁴⁸ De I Coríntios 1:22-23: ‘Pois os Judeus pedem um sinal e os Gregos buscam a sabedoria. Mas nós prégamos Cristo crucificado – para os Judeus um obstáculo e para os Gregos loucura’. Passagem esta muito invocada em sermões, nomeadamente para sublinhar que a demonstração da imortalidade escapava aos filósofos. Ao omitir a mensagem cristã de esperança que podia apelar ao arrependimento de Wild e ao enunciar, deturpando-as, as últimas palavras da passagem, o capelão defende literalmente que a filosofia grega é loucura ou que os Gregos antigos eram loucos. Cf. BG, p. 184, nota 1.
- ²⁴⁹ Láudano: ópio diluído em álcool. Wild terá tomado uma dose excessiva que, por isso, vomitou. Cf. Nokes, nota 112.
- ²⁵⁰ Citado, com ligeira alteração (na segunda linha do original lê-se ‘*magnum alterius*’) de Lucrécio, *De rerum natura*, ii, 1-2: ‘É agradável, quando no vasto mar as águas são agitadas pelo vento, contemplar de terra a tribulação alheia’.
- ²⁵¹ ‘Coerência de carácter’ (no original ‘*conservation of character*’): definida em *Tom Jones*, VIII, i, p. 405, como desempenho de uma personagem segundo critérios de probabilidade muito judiciosamente ponderados e fundamentados num exigente conhecimento da natureza humana. Cf. BG, p. 188, nota 5; e I, i da presente narrativa, quinto parágrafo.
- ²⁵² Cf. BG, p. 188, nota 6, onde se regista um possível antecedente real deste episódio, que Fielding refinou e se tornou dos mais conhecidos da sua narrativa.
- ²⁵³ Nesta síntese final do carácter do ‘herói’, Fielding adopta convenções habituais da tradição biográfica e historiográfica. Alguns comentadores têm sugerido certos paralelismos verbais com textos de Maquiavel (*Vida de Castruccio*) ou de Clarendon (sobre Carlos I, em *História da Rebelião e das Guerras Civis em Inglaterra*), mas também tem sido destacado o carácter genérico e tradicional das semelhanças. Cf. BG, p. 189, nota 7.

- 254 O autor parece aqui aflorar a questão da paixão dominante, que subverte o senso de alguns humanos. É o que se verifica com o capitão Booth, protagonista de *Amelia*, e leva o narrador a comentar, logo no início deste romance (p. 16), sobre ‘os infortúnios em que alguns homens inteligentes por vezes se deixam enredar ao afastarem-se dos critérios da prudência, seguindo cegamente os impulsos de uma paixão predominante’. A mesma questão é tratada por Pope em *Essay on Man*, II. O tema da ambição é frequente em Fielding e ocupa lugar central, por ex., em *Miscellanies*, Vol. II, pp. xxvi- -xxviii. Cf. BG, p. 190, nota 8.
- 255 A derivação de ‘honostidade’ (*honosty*) associa de modo burlesco o termo derivado e a palavra grega para *burro*, ‘önos’ (*onos*).
- 256 Objecto saliente da sátira de Fielding, a hipocrisia é focada com especial atenção, por ex., em *Miscellanies*, Vol. I, pp. 168-69, ‘Essay on the Knowledge of the Characters of Men’. Cf. nota 216.
- 257 Independentemente dos seus possíveis antecedentes maquiavélicos (bastantes genéricos), Fielding podia encontrar tal tipo de máximas por ex. em sermões de Robert South (1737) e em relatos da vida de notórios criminosos. Para uma referência mais completa, cf. BG, p. 191, nota 3; e sobre Robert South, ver também notas 138 e 264.
- 258 As doze ‘excelentes e famosas regras’, então atribuídas frequentemente a Carlos I, têm, de facto, origem anterior, em *Table-Observations, or Rules for Conduct at Table* (c. 1615). A sua popularidade pode ser atestada, por ex., pela circunstância de O. Goldsmith lhes ter feito referência em ‘The Deserted Village’ (l. 232) e em ‘Description of an Author’s Bedchamber’ (l. 12). Cf. BG, p. 192, nota 5 (que inclui o enunciado das doze regras).
- 259 Segundo H. K. Miller, a citação resulta de sobreposição de duas passagens de obras de autores diferentes: a) *Sophonisba* (I, i), uma peça de Nathaniel Lee (*Dramatick Works*, de 1734, iii.15), já satirizada por Fielding em *Tragedy of Tragedies*; e b) *Mustapha*, peça de Roger Boyle (*Dramatic Works*, de 1739, i.384), em que um eunuco diz à imperatriz Roxolana: ‘Menos dúvida tenho quanto à vossa justa vontade/Do que sobre o privilégio para matar, à vossa disposição aqui’. Cf. BG, p. 193, nota 7.
- 260 Frase adaptada de Lucano, *A Guerra Civil*, ix.404 (‘A virtude rejubila quando paga caro para subsistir.’) e significando: ‘A virtude rejubila se por ela temos de pagar caro’. Cf. BG, p. 193, nota 8.
- 261 Cf. abomináveis exemplos de ‘clemência’ manifestada por ‘grandes’ homens em I, i, e nota 6.

- ²⁶²Na segunda ed., a frase é corrigida para: ‘...a perda das jóias que haviam ficado na posse da menina *Straddle*’. A Sr.^a Heartfree recuperara as jóias que o conde escondera (IV, x).
- ²⁶³‘Família do Amor’ (no original ‘Family of Love’, expressão também usada pelo autor na peça *The Author’s Farce*, I, vii, no jornal *Champion*, 26-II-1740, e em *Tom Jones*, XIV, vii, p. 765). A mesma expressão fora nome de uma seita iniciada na Holanda e florescente em Inglaterra nos séculos XVI e XVII, cujos membros defendiam ser a religião principalmente a vivência do amor e mantinham absoluta obediência aos governos estabelecidos, ainda que tirânicos. Cf. BG, p. 195, nota 3.
- ²⁶⁴‘Homem de Deus’: provavelmente Robert South (cit. nas notas 134 e 253); a máxima parece ser paráfrase do seu ‘Discourse Preached at Christchurch, Oxon’, em *Twelve Sermons Preached at Several Times*, 3.^a ed., iv (1722), p. 541, segundo sugestão de Frederick Ribble. A mesma observação é feita por Ben Jonson em *Timber, or Discoveries*, ed. C. H. Herford e Percy e Evelyn Simpson (Oxford, 1954), vii, p. 509. Cf. Goldgar, p. 195, nota 4.

Bibliografia breve

A) Edições de *Jonathan Wild*

A maior parte das edições reproduz o texto da segunda edição (1754), em que Fielding alterou ou suprimiu algumas passagens e excluiu os capítulos II, xii ('Of Proverbs') e IV, ix ('A very wonderful Chapter indeed...') da primeira edição (1743), ao mesmo tempo que tornou mais genérica a sátira contra Walpole enquanto representante de falsa grandeza. A opção mais comum corresponde à valorização da última revisão e vontade do autor; mas a versão original, mais extensa, é apresentada, por exemplo, nas colecções 'Shakespeare's Head' e 'The World's Classics' (que inclui em apêndice as variantes da edição seguinte), assim como na série Wesleyan das *Complete Works of Henry Fielding* (Oxford U. Press), vol. III de *Miscellanies*, ed. de Bertrand A. Goldgar e Hugh Amory (1977), que serviu de base a esta tradução. (Foi meu propósito 'redescobrir' o texto de 1743 precisamente porque não expurgado, mesmo considerando-o algo secundarizado pelo de 1754).

Uma boa edição relativamente recente e disponível em *paperback* é a de David Nokes, 'Penguin Books', Harmondsworth, 1982, que segue a segunda versão mas regista em notas algumas variantes relativas à primeira e inclui ainda *The True and Genuine Account of the Life and Actions of the Late Jonathan Wild...*, de Defoe, além de útil informação em apêndice. Durante muitos anos, a única edição acessível foi a de A. R. Humphreys (notas de Douglas Brooks), 'Everyman's Library', Dent, Londres, 1973, com várias reimpressões, e que inclui também *The Journal of a Voyage to Lisbon* (primeira publicação, sem notas nem Introdução, em 1932).

B) Secundária, com especial referência a *Jonathan Wild*

- Bell, Ian A., *Literature and Crime in Augustan England*, Routledge, Londres, 1991 (examina as relações entre a delinquência e a informação errada ou errónea sobre o crime no tempo de Wild).
- _____ *Henry Fielding: Authorship and Authority*, Longman, Londres e N. Iorque, 1994 (investiga o modo como Fielding expressa os seus conceitos sobre autoridade na literatura e na sociedade).
- Braudy, Leo, *Narrative Form in History and Fiction: Hume, Fielding, and Gibbon*, Princeton (U. Press), 1970 (observa pontos de contacto entre narrativas ficcionais e historiográficas no século XVIII).
- Digeon, Aurélien, *Le texte des romans de Fielding*, Hachette, Paris, 1923 (analisa o texto das narrativas ficcionais e, em particular, das duas primeiras edições de *Jonathan Wild*).
- George, M. Dorothy, *London Life in the Eighteenth Century*, Kegan Paul, Londres, 1925, reimp. em 'Penguin Books', Harmondsworth, 1966 (ainda um excelente conspecto contextual).
- Hatfield, Glenn H., *Henry Fielding and the Language of Irony*, Chicago, (U. Press), 1968 (dos raros estudos sobre a linguagem de Fielding).
- Howson, Gerald, *Tief-Taker General: The Rise and Fall of Jonathan Wild*, Hutchinson, Londres e N. Iorque, 1970 (biografia do Jonathan Wild da vida real).
- Irwin, William Robert, *The Making of 'Jonathan Wild': A Study in the Literary Method of Henry Fielding*, Archon Books, Hamden, Conn., 1966, primeiro publ. por Columbia U. Press, 1941 (estudo de fontes e processos de composição de *Jonathan Wild*).
- Nunes, João Manuel de Sousa, *Fielding: da Sátira ao Romance*, Instituto de Cultura Inglesa, Faculdade de Letras de Lisboa, 1987 (inclui um confronto das variantes principais das duas primeiras edições de *Jonathan Wild*).
- Pagliaro, Harold, *Henry Fielding: a Literary Life*, Macmillan Press, Londres, 1998 (sobre a carreira literária de Fielding).
- Paulson, Ronald, ed., *Henry Fielding: a Collection of Critical Essays*, 'Twentieth-Century Views', Englewood Cliffs, N. Jersey, Prentice-Hall, 1962 (útil colectânea de estudos).

- Rawson, C. J., *Henry Fielding and the Augustan Ideal Under Stress: Nature's Dance of Death and Other Studies*, Routledge and Kegan Paul, Londres, 1972 (com um bom conjunto de observações sobre *Jonathan Wild*).
- Uglow, Jenny, *Henry Fielding*, 'Writers and their Work', Northcote House em associação com The British Council, Plymouth, 1995 (síntese introdutória à obra de Fielding como dramaturgo, jornalista e romancista).
- Varey, Simon, *Henry Fielding*, 'British and Irish Authors', Cambridge (U. Press), 1986 (com um capítulo sobre *Miscellanies* e *Jonathan Wild*).
- Wells, J. E., 'Fielding's Policial Purpose in *Jonathan Wild*', *PMLA*, XXVIII, pp. 1-55, N. Iorque, 1913 (artigo influente sobre a dimensão política de *Jonathan Wild* e a sátira a Walpole na narrativa).
- Wendt, Allan, 'The Moral Allegory of *Jonathan Wild*', *ELH*, 24, pp. 306-20, N. Iorque, 1957 (interpretação da narrativa com base nos esclarecimentos de Fielding no Prefácio de *Miscellanies*).

